

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

O Movimento das Tendências na Relação Escola-Família-Matemática.

Michela Tuchapesk

Orientador: Antonio Carlos Carrera de Souza

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática-Área de Concentração em Ensino e Aprendizagem da Matemática e seus Fundamentos Filosóficos-Científicos para a obtenção do Título de Mestre em Educação Matemática.

Rio Claro (SP)
2004

Comissão Examinadora

Antonio Carlos Carrera de Souza

Antonio Vicente Marafioti Garnica

Carlos Roberto Vianna

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha mãe, Rosa,
que me fez aprender Matemática e sentir
os prazeres da profissão de professor.

Oferecimento

Ofereço ao meu pai, Carlos, meu porto de segurança, de bondade
e de sabedoria. Aos meus irmãos, Carlinhos (*in memoriam*)
e Felipe, por sempre estarem me protegendo. E ao Paulo,
pelo companheirismo e amor.

Agradecimentos

A Deus, pela força e pela proteção, indicando-me os melhores caminhos a seguir.

Aos meus pais, Carlos e Rosa, e aos meus irmãos, Carlinhos (*in memoriam*) e Felipe, pelos constantes apoios e amor dedicados em todos os momentos da minha vida.

À minha avó Mariquinha, que sempre cuidou de mim com todo amor e carinho.

Ao Paulo, que esteve comigo em todos os momentos deste trabalho, como namorado, como amigo e como professor, tornando cada etapa percorrida mais agradável e feliz.

Ao Carrera, pela sua orientação, pelo respeito às minhas idéias e por indicar o caminho da Educação Matemática.

A toda a minha família, tios, tias, primos e primas e minha cunhada, Alessandra, pela alegre convivência. Em especial, ao meu primo Juliano, pelo apoio “técnico” nesses dois anos.

Aos colaboradores dessa pesquisa: alunos, suas famílias, professores de Matemática e coordenadores da escola.

Às minhas queridas amigas Audria, Renata e Ana Flávia pela agradável convivência e pelas confidências nesses dois anos.

A Paula Malheiros, pela amizade e pelo apoio desde o início.

Aos professores e amigos da PGEM, em especial a Norma, Heloisa, Regina Bathelt, Patricia Linardi, Raquel, Rose, Elisangela, Chateau, Edílson e Emerson.

Aos membros do grupo História Oral e Educação Matemática, Vicente, Carlos Vianna, Carrera, Gilda, Silvia, Heloisa, Emerson, Helenice, Ednéia, Luzia, Ivete, Rosinete, Ivani, Marisa e Zionice.

Ao patrocínio do CNPq, pelo apoio financeiro.

À Ana, à Elisa e a todas as meninas das pós-graduação, pelo auxílio técnico e burocrático.

Resumo

A presente pesquisa tem a História Oral como método de investigação. Seu objetivo constitui-se em compreender as interações que ocorrem entre a Escola, a Família, a Matemática. Para isso, utilizamos alguns procedimentos como as “Autobiografias Temáticas”, as quais nos possibilitaram selecionar os alunos participantes desta pesquisa, no caso, alunos do primeiro ano do Ensino Médio; as “Entrevistas Semi-Estruturadas” que apresentam integralmente os depoimentos dos alunos, das famílias, dos professores de Matemática e dos coordenadores da escola e as “Tendências de Conservação, de Mudança e de Movimento” que, através dos discursos dos participantes e da teoria estudada, proporcionaram algumas reflexões sobre as questões que norteiam a nossa pesquisa. Tais procedimentos de pesquisa foram percorridos a partir dos princípios teóricos da História Oral, os quais também nos permitiram tecer considerações referentes à Memória e à História do Presente. Desse modo, através da História Oral, tivemos a possibilidade de tecer considerações referentes às táticas e às práticas das relações entre a Escola, a Família e a Matemática, pautadas nos discursos dos próprios integrantes da escola, do ensino de Matemática e da família. Assim, podemos apontar que, ao darmos o direito à voz a esses sujeitos, estamos permitindo que o grupo (não só representado pelos alunos, pelos professores, pelas famílias e pelos coordenadores participantes desta pesquisa) encontre a sua voz e que esta possa levá-los a uma nova visão da história local e regional e, ainda, que possa ajudá-los a criar um entendimento mais profundo das condições sociais e culturais que os afetam.

Palavras-chave: Escola, Família, Educação Matemática, Tendências, História Oral.

Abstract

The present research has the Oral History as investigation method. Its purpose is to support in understanding the interactions that happen among the School, Family and Mathematics. For that, we used some procedures as the "Thematic Autobiographies". These made it possible to select the participant students of this research, as, students of the first year of the Senior High School; the "Semi-Structured Interviews" that shows the students' depositions integrally, the families, the mathematic's teachers and school coordinators and the "Tendencies of Conservation, Change and Movement" that through the participants' speeches and of the studied theory, they provided some reflections about the matters that orientate our research. However, these research procedures are led by the theoretical beginnings of the Oral History, which also allowed us to knit considerations regarding to Memory and History of the Present. This way, through the Oral History, we had the possibility to knit referring considerations to the tactics and practices of the relationships among the School, the Family and the Mathematics, ruled in the speeches of the own school members, of the teaching of Mathematics and the family. This way, we can point that, when we give the right the voice to these subjects, we are allowing that this group (not only represented by the students, teachers, families and coordinators that participated of this research), find your voice and that it can take you to a new vision of the local and regional history and, it can also help you to create a deeper understanding of the social and cultural conditions that affect you.

Words- key: School, Family, Mathematical Education, Tendencies, Oral History.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1 - Autobiografias Temáticas.....	14
Capítulo 2 - (Entre)vistas e textualizações dos atores da escola: visitando uma história do presente.....	35
Capítulo 3 -Tendências: Um mosaico de vidas entrelaçadas.....	225
Capítulo 4 - (Re)significando a teoria de História Oral.....	249
Referências Bibliográficas.....	259

ÍNDICE

Introdução.....	10
1. Trajetória.....	10
2. Mapeando a Pesquisa.....	12
Capítulo 1 – Autobiografias Temáticas.....	14
1. Por quê?.....	14
2. O que é?.....	15
3. Bastidores.....	16
4. Vantagens e aspectos limitantes.....	21
5. Apresentação das autobiografias temáticas.....	22
5.1. Karine.....	23
5.2. Vitor.....	25
5.3. Monique.....	27
5.4. Graciella.....	29
5.5. Ketilin.....	31
5.6. Juliana.....	33
Capítulo 2 - (Entre)vistas e textualizações dos atores da escola: visitando uma história do presente.....	35
1. Textualizações dos alunos.....	48
1.1. Ketilin.....	48
1.2. Juliana.....	56
1.3. Vitor.....	64
1.4. Karine.....	74
1.5. Graciella.....	81
1.6. Monique.....	87
2. Textualizações das famílias.....	97
2.1. Irene – mãe da Karine.....	97
2.2. Ana e João – pais do Vitor	103
2.3. Edna – mãe da Juliana.....	114
2.4. Iraciara – mãe da Monique.....	123
2.5. Maria – mãe da Graciella.....	136
2.6. Raimundo – pai da Ketilin.....	143

3. Textualizações dos Professores.....	154
3.1. Sérgio.....	154
3.2. Ariane.....	166
3.3. Helena.....	178
4. Textualizações dos Coordenadores.....	193
4.1. Santoro.....	193
4.2. Soninha.....	211
Capítulo 3 -Tendências: Um mosaico de vidas entrelaçadas.....	225
1. Tendências de Conservação.....	227
2. Tendências de Mudança.....	242
3. Tendências em Movimento.....	244
Capítulo 4 - (Re)significando a teoria de História Oral.....	249
1. Tecendo considerações sobre a História Oral.....	251
Referências Bibliográficas.....	259

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem, como método de investigação, a História Oral. Trata-se de um estudo que busca investigar, através de um diálogo teórico e prático, as interações que ocorrem entre a Escola; a Família e a Matemática.

Com o intuito de identificar o porquê da escolha deste tema, bem como a opção de abordá-lo através da História Oral, apresento, em seguida, o caminho percorrido para investigar essas questões.

1. Trajetória

O interesse por estudar a literatura relacionada à interação escola-família despertou quando cursei uma disciplina, como aluna especial do mestrado no Departamento de Pós-Graduação em Educação na UFSCar¹, faculdade na qual completei o curso de Licenciatura em Matemática, no ano 2001. Essa disciplina, num primeiro momento, investigou através de diversas bibliografias o papel da família e da escola na construção do fracasso e do sucesso escolar dos alunos, procurando a interação entre esses elementos, no sentido de poder contribuir para melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem.

Após esse contato com a teoria, através de leituras e de discussões na sala de aula, as quais teciam historicamente as funções da escola e da família ao longo do tempo, a disciplina propôs a participação em uma pesquisa-intervenção, realizada junto aos professores de uma escola pública de Ensino Fundamental e às famílias dos alunos deles, e com o intuito de também auxiliar os professores da escola no desenvolvimento de atividades voltadas para o estreitamento das interações escola-família.

Tal intervenção fazia parte de um estudo, que já se vinha realizando, das professoras Reali e Tancredi (2000), com o objetivo de obter informações a respeito do que os professores pensam sobre as famílias de seus alunos e vice-versa.

Desse modo, em conjunto com outros integrantes que cursavam a disciplina, participei deste trabalho, subsidiando as interações com os professores de Matemática da escola

¹ Universidade Federal de São Carlos

pesquisada, (da mesma forma, havia outros grupos de alunos que auxiliavam as interações com os professores de outras áreas, como Português, Geografia,...), de modo que conversávamos e discutíamos durante os HTPCs (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo) a interação escola-família e a importância do ensino de Matemática. Essa atividade junto à escola e aos professores possibilitou um maior conhecimento das percepções e das crenças deles, no que diz respeito à interação escola-família, gerando um aprofundamento nessas questões.

No entanto, enquanto futura professora, os problemas relativos à aprendizagem de Matemática e às práticas de **sala de aula** já faziam parte dos questionamentos e das reflexões em disciplinas pedagógicas, bem como nas experiências em **sala de aula**, proporcionadas pela disciplina Prática de Ensino.

Entre outras questões, o que me motivou a analisar essa interação foram as indagações levantadas durante minha experiência como monitora do ensino fundamental, numa escola particular, e como professora da rede de ensino público. Em tais ocasiões, pude presenciar os problemas apontados pelos alunos, no que diz respeito à aprendizagem de Matemática. Suas dificuldades estavam associadas a uma rejeição natural pela matéria, denotada como difícil, trabalhosa e sem ligação com a realidade, e a um forte constrangimento em relação a alguns assuntos específicos, já estudados em séries anteriores, como, por exemplo, frações, divisões com dois algarismos, em meio a outros conteúdos apontados pelos alunos durante as aulas.

Assim, essas vivências aumentaram minha determinação em pesquisar este tema, o que me levou a aprofundar-me no referencial teórico desta pesquisa, estudando e pesquisando sobre o problema geral do fracasso escolar no Brasil através de alguns autores como Patto (1993), Abramowicz e Moll (1997), Aquino (1997); sobre o problema específico do fracasso escolar em Matemática, através dos autores, Baldino e Carrera (1999), Imenes (1989), Pereira (1995), e sobre as dificuldades relacionadas às táticas e às práticas de sala de aula, na visão de autores como Foucault (1979).

Em vista disso, optei por investigar a relação entre a escola, a família e a Matemática que se dá numa determinada escola estadual da cidade de Rio Claro e num determinado período, no caso, de julho a novembro de 2002. Assim, tendo como objetivo compreender uma relação do presente, que faz parte de um problema histórico, optamos pela História Oral como método de investigação deste estudo, visto que aqui aponto um problema histórico a estudar e busco suas considerações em fontes orais.

Contudo, ressalto que apresento a minha maneira de fazer História Oral, pois, segundo literaturas específicas, não há um único modo de fazê-la, a começar pelo processo de

entrevista (responsável pela obtenção das fontes orais), que opera dentro de sistemas de comunicação culturalmente específicos. Assim, ao longo da pesquisa, busco explicitar claramente meus pressupostos, objetivos e métodos, sem me convencer de que esta é a única forma de investigar os fatos encontrados.

Com efeito, partindo do princípio de que o historiador, em suas pesquisas, não busca responder a uma pergunta, mas sim tecer considerações sobre uma determinada questão ou tema abrangente, apresento, neste momento, o tema norteador desta pesquisa que enfoca: **Escola, Família e Matemática.**

O interesse por desenvolver estudos através da História Oral ganha fôlego no mundo atual, por estarmos nos questionando sobre a própria concepção de História. Assim, considero relevante, desde já, apontar que, tomando a História Clássica como Ciência e adotando, como referencial, as fontes utilizadas, entendemos que existem três procedimentos de pesquisa distintos que dão origem à História Documental, à História Monumental e à História Oral. Esta última possui uma metodologia específica, que difere tanto da documental quanto da monumental, pois se apóia na criação de documentos orais de pessoas.

Portanto acredito que esta pesquisa traz uma contribuição social e educacional, na medida que a investigação, no debate teórico e prático, fará repensarmos as formas de relação que vêm ocorrendo entre a escola, a família e a Matemática, proporcionando um maior e melhor relacionamento entre a comunidade escolar, a familiar e a Matemática.

2. Mapeando a Pesquisa

Esta dissertação compõe-se de quatro capítulos, os quais estão dispostos, de acordo com o percurso real da pesquisa.

O primeiro capítulo diz respeito às “**Autobiografias Temáticas**”, instrumento que utilizamos para selecionar os participantes desta pesquisa, no caso, alunos do primeiro ano do Ensino Médio. Ressalto que, embora os teóricos utilizem o termo autobiografia, eu optei por utilizar a expressão “autobiografias temáticas”, visto que os alunos elaboraram a autobiografia a partir de um tema proposto. Assim, o capítulo traz considerações teóricas e metodológicas, baseadas em alguns autores como Queiroz (1988), Gattaz (1996), Pereira (2000), Goldemberg (2000). Apresenta os bastidores da aplicação das autobiografias, ocorridos nas salas de aula, bem como mostra, integralmente, as “autobiografias temáticas” dos seis alunos participantes deste estudo.

No segundo capítulo, dando continuidade ao percurso da pesquisa, teço considerações

sobre as **Entrevistas** realizadas com os alunos, com as famílias, com os professores de Matemática e com os coordenadores da escola. Além de uma abordagem teórica, pautada em autores como, Fontana e Frey (2000), Ludke e André (1986), Silverman (1999), Goldemberg (1999), Queiroz (1988), Thompson (1998), apresenta-se o caminho percorrido durante a elaboração e a aplicação dos questionários, os quais, inclusive, se transcrevem integralmente no corpo do capítulo. Posteriormente, apresenta-se as dezessete entrevistas textualizadas, isto é, transcritas na forma de relato pessoal, em primeira pessoa, buscando, com isso tornar os textos mais agradáveis e legíveis.

O terceiro capítulo traz as **Tendências**, isto é, a partir dos depoimentos dos participantes (trechos contidos nas textualizações) e de considerações teóricas, tecem-se algumas discussões sobre a escola, a família e a Matemática, as quais, pautada na idéia de Philippe Ariès e dos sujeitos da pesquisa, são classificadas como **Tendências de Conservação**, denotadas pelas práticas e discursos que se conservam ao longo dos anos, **Tendências de Mudança**, indicadas pelos depoimentos que se modificam e **Tendência em Movimento**, a que ainda pode regredir, tornando-se uma tendência de conservação, como pode avançar, manifestando-se como uma tendência de mudança.

Conseqüentemente, o quarto e último capítulo diz respeito à **História Oral**. Como foi apontado anteriormente, os capítulos desta dissertação foram dispostos, respeitando o percurso real da pesquisa, e o leitor irá perceber que a opção pela História Oral surge no decorrer do estudo, após o exame de qualificação. Assim, o capítulo traz algumas considerações a respeito da opção em utilizar como método de investigação, a História Oral, apresentando algumas discussões referentes à História Oral, à Memória e à História do Presente. Para isso, referimo-nos a alguns autores, como Meihy (1996), Gattaz (19996), Thompson (1998), Souza e Souza (1998), Thomson (2000), Souza (2004), Joutard (2000), Garnica (20003), Portelli (2000), Ansart (2001), Ariès (1980), Meyer (2000).

CAPÍTULO 1

AUTOBIOGRAFIAS TEMÁTICAS

1. Por quê?

Disposta a observar e a entender a relação entre a escola, a família e a Matemática, que se dá numa determinada escola pública estadual da cidade de Rio Claro, vi a necessidade, de num primeiro momento, entrar em contato com alguns alunos dessa escola, já que estes seriam possíveis pontes para uma aproximação *a posteriori* com suas famílias.

Em vista disso, determinei abranger a clientela escolar num todo, já que, segundo minha experiência, há diferenças econômicas, culturais e sociais entre os alunos que estudam nos três períodos escolares. Dessa forma, optei por trabalhar com estudantes da manhã, da tarde e da noite. Diante disso, a escolha foi necessariamente por alunos do Ensino Médio, visto que os cursos noturnos são, em sua maioria destinados a estudantes, desse nível de ensino.

No caso, optei por trabalhar com os alunos do primeiro ano. E, assim, após um contato presencial com o diretor e os coordenadores, os quais permitiram minha participação para realizar este estudo, conversei com os professores de Matemática e, por fim, diante da opção dos próprios docentes, foi escolhida uma classe de cada período para iniciar uma primeira aproximação com os estudantes.

Diante do grande número de participantes (visto que cada classe tem cerca de trinta a quarenta alunos e pesquisar a relação escola-família-Matemática implicaria considerar os professores, coordenadores, alunos e suas famílias) optei por escolher, no máximo, dois alunos de cada sala, escolha que me conduzia, necessariamente, a obter contato com dezessete participantes (6 alunos, 6 famílias, 3 professores, 2 coordenadores). Em vista disso, num primeiro momento, a autobiografia surge como forma de escolher os alunos.

Desse modo, a seguir, apresento algumas considerações sobre o uso das autobiografias, a fim de explicitar, através do ponto de vista de alguns autores, sua relevância, segundo a literatura.

2. O que é?

Tendo esta pesquisa, como método de investigação, a História Oral, os autores que aqui dissertam sobre as autobiografias trazem na sua bagagem literária, aspectos específicos do uso da autobiografia nas pesquisas e nos estudos da História Oral. Porém, ressalto que há outras literaturas, fora deste contexto, que apresentam considerações sobre as autobiografias, mas estas não serão citadas neste estudo.

Dentro do quadro amplo da História Oral, há algumas formas de informação captadas oralmente. São elas: a história de vida, as biografias, as entrevistas, os depoimentos orais e as autobiografias. Segundo Queiroz (1988), todas fornecem material para a pesquisa sociológica, entretanto diferem em sua definição e suas características.

Ressalto que optei por, inicialmente, trabalhar com as autobiografias, devido a suas características, as quais permitem que o próprio narrador, no caso o aluno, decida o que vai relatar; dê o encaminhamento que mais lhe convenha, selecionando e construindo individualmente seu texto; que ele próprio ordene e dê racionalidade a seus atos e decisões passadas, o que implica uma intermediação mínima, por parte do pesquisador.

Nessa direção, Queiroz (1988) afirma que a autobiografia consiste em o narrador contar sua própria existência, e, ainda no seu sentido restrito, ela existe sem nenhum pesquisador: o narrador, sozinho, manipula os meios de registro, quer seja a escrita quer seja o gravador. Ele também, por motivos pessoais, dispõe-se a narrar sua existência e a dar o encaminhamento que melhor lhe parece.

O autor ainda ressalta que, ao tratar-se de um estudo sociológico ou antropológico, o uso da autobiografia se faz no sentido de buscar como se encontram, no registro relevante, as relações do indivíduo com seu grupo, com sua sociedade. Inclusive, “não se trata de considerá-lo isoladamente, nem de compreendê-lo em sua unicidade; o que se quer é captar, através de seus comportamentos, o que se passa no interior das coletividades de que participa” (p.24).

De acordo com Gusdorf *apud* Gattaz (1996);

O autor de uma autobiografia impõe-se como tarefa contar sua própria história. Trata-se, para ele, de reunir os elementos dispersos de sua vida

pessoal e de agrupá-los em um esquema de conjunto, tentando conseguir uma expressão coerente e total de seu destino. (p. 256).

Aponta, ainda, que numa autobiografia, “a narrativa traz o testemunho de uma pessoa sobre si mesma, o debate de uma existência que dialoga com ela própria, na busca de sua fidelidade mais íntima” (p.527).

Assim, evidencio que, para obter as autobiografias dos alunos, foi necessário num primeiro momento, conversar e expor a eles o objetivo desta pesquisa, já que era sobre o tema desta que os estudantes deveriam escrever. Porém ressalto que, feita esta observação, os alunos se colocaram a elaborar sua autobiografia sem a minha intervenção, ou seja, relataram e encaminharam individualmente as questões que consideraram pertinentes, ou não.

Conseqüentemente, através dessas autobiografias, pude conhecer como estão operando as relações dos alunos com a escola e com sua família, o que me propiciou selecionar os textos mais condizentes com as questões que permeiam este estudo.

Em vista disso, ressalto que, tendo esta pesquisa o objetivo de conhecer e entender a relação escola-família-Matemática, tive como pressuposto encaminhar as autobiografias às questões que permeiam este estudo. Para isso, conduzi sua elaboração norteadas por um tema: **A minha relação com a Matemática e a da minha família com a escola**. Assim, venho, neste momento, nomear estas autobiografias de “**Autobiografias Temáticas**”, já que, através delas, apresento a vida dos alunos a respeito desse tema do meu interesse.

3. Bastidores

A fim de trabalhar com autobiografias, necessariamente precisei conhecer as condições de produção das mesmas, ou seja, o quadro social da instituição pesquisada, o meio de origem dos alunos, a escola, o meio social de chegada, para, então, aplicá-las e analisá-las.

Dessa maneira, com intuito de o leitor compreender melhor como foi o processo, apresentarei o contexto da aplicação das autobiografias, o contexto da escola, das classes, a conversa com os professores de Matemática e com os coordenadores escolares.

Assim, minha pesquisa desenvolveu-se na E. E “Prof. João Batista Leme”, situada no bairro Vila Alemã da cidade de Rio Claro. Como já foi dito anteriormente, a opção pela escola deveu-se ao fato de ela ser estadual, fornecer o Ensino Médio e trabalhar nos três períodos, manhã, tarde e noite.

A escola possui, em média, 2.800 alunos, cursando a maioria o Ensino Médio; apenas algumas salas do período da manhã ainda comportam alunos da 8ª série do ensino fundamental¹. A escola atende a alunos de Rio Claro e de Ajapi (distrito afastado 19 Km de Rio Claro). Atualmente, lecionam 110 professores entre efetivos e ACTs (professores Admitidos em Caráter Temporário). O espaço físico da escola ocupa um quarteirão; seu prédio possui dois andares com as salas de aula, que são amplas, mas pouco conservadas, com janelas quebradas e carteiras antigas, distribuídas tradicionalmente em fileiras. O pátio da escola sempre se encontra limpo; latas de lixo são distribuídas por toda a escola; a higiene dos banheiros é igualmente boa. Por atender quase exclusivamente ao Ensino Médio, não é oferecida, aos alunos, a merenda escolar, mas há, na escola, uma cantina para o uso dos alunos, dos funcionários e dos professores. A escola possui uma biblioteca que fica aberta durante os intervalos das aulas, e uma sala de informática.

Num primeiro contato com a escola, coloquei minha intenção de pesquisa para o diretor e para a coordenadora, tendo ambos aprovado minha intervenção, com a condição de receber um retorno das conclusões da minha pesquisa.

A segunda etapa incluiu um primeiro contato com os professores de Matemática da escola. Para isso, pedi permissão à coordenadora para participar de um HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo), visto que era a forma mais fácil de encontrar todos os professores juntos. Nesse encontro, apresentei o meu projeto de pesquisa, ressaltando que os alunos fariam uma “autobiografia temática”, na qual eles iriam relatar sobre sua relação com a Matemática e a relação da sua família com a escola. Ressaltei, que a partir das autobiografias, iria selecionar dois alunos de cada sala para entrevistar, como também entrevistaria seus pais, o professor de Matemática e os coordenadores da escola. Além disso, explicitiei que gostaria de trabalhar com uma sala de cada período, de modo que estaria abordando, em meu estudo, toda a clientela que atualmente frequenta a escola.

Dessa forma, deixei que os professores manifestassem o interesse em disponibilizar a sala para minha pesquisa, e consegui a colaboração de três professores, um de cada período escolar. Quanto à aplicação da autobiografia, foi colocado para esses professores que ela não precisaria ser aplicada, necessariamente, em uma aula de Matemática: por exemplo, eu poderia fazê-la numa aula em que determinado professor da sala selecionada faltasse. Dessa forma, os alunos poderiam desligar-se do contexto da aula de Matemática, não se limitando a escrever apenas sobre a sua relação atual com a Matemática e, sim, sobre sua vida escolar.

¹ Atualmente, a tendência das escolas estaduais é atender separadamente aos alunos do Ensino Fundamental e do Médio. Porém, para que essa separação não se dê bruscamente, algumas escolas do Ensino Médio ainda comportam alunos do último ano do Ensino Fundamental.

Em junho de 2002, a turma do 1º ano do ensino médio do período da tarde foi a primeira a escrever a “autobiografia temática”. Dos 36 alunos que freqüentam as aulas, apenas dois faltaram. A autobiografia foi feita na aula de Matemática, a professora foi muito atenciosa e receptiva: primeiramente, apresentou-me à classe como aluna do Mestrado da Unesp; depois eu me apresentei, colocando sucintamente a minha pesquisa para eles, e, com a ajuda da professora comecei a distribuir as folhas nas quais os alunos iriam escrever.

Na folha, os alunos teriam que preencher alguns dados como: nome da escola, nome do aluno, nome dos pais ou do(s) responsável(is), endereço residencial e o telefone para contato. Além disso, como já foi dito anteriormente, havia um tema: *A minha relação com a Matemática e a da minha família com a escola*, que se encontrava como o título da “autobiografia temática”, a ser escrita pelos alunos.

Abaixo do tema, havia um pequeno texto para auxiliá-los, que dizia: *Escreva sobre sua relação com a matemática, desde o início de sua vida escolar até hoje, incluindo as coisas boas e ruins. Escreva, também, sobre a relação da sua família com a escola. Por exemplo, de que forma ela apóia (ou não) seus estudos? Comprando livros, ajudando no dever de casa, participando das reuniões escolares, etc.*

Obs: Redija com uma boa letra.

Posso dizer que, por meio do tema, estabeleci o que os alunos deveriam relatar da sua vida, o que implicou que os alunos se ativessem apenas ao tema sugerido. Isso significa que eles não relataram toda sua vida, o que acontece, por exemplo, na história de vida.

Em voz alta, fiz a leitura da folha, para que os alunos compreendessem melhor a tarefa a realizar, enfatizando que deveriam escrever livremente, não se preocupando com os erros de português ou outras regras que norteiam um texto. Comentei que as meninas deveriam imaginar que estavam escrevendo em seu diário, e que os meninos escrevessem imaginando que estivessem conversando com um amigo. Ainda ressaltei a observação feita abaixo do texto, pedindo que escrevessem com uma boa letra para facilitar minha leitura.

Enquanto eu explicava, a classe permanecia atenta e em silêncio; dois alunos chamaram-me na carteira, pois haviam escrito o seu nome no espaço destinado ao nome da escola, e, assim, queriam saber se havia algum problema. Um aluno manifestou que não gostava de escrever, outro perguntou se a tarefa iria durar toda a aula, e sabendo que sim, vibrou, pois não teria aula de Matemática.

Após dez minutos, dois alunos entregaram suas redações. Havia escrito apenas dois ou três parágrafos. Nesse momento, falei para a classe, mais uma vez, que redigissem com calma, usassem toda a folha (frente e verso) e não tivessem preguiça.

Mesmo assim, a maioria, limitou-se a escrever pouco, e, quinze minutos antes de acabar a aula, todos já haviam entregado suas “autobiografias temáticas”. A maioria dos alunos, quando terminou de escrever, levantou de suas carteiras e começou a conversar com demais colegas; no final da aula, a professora precisou chamar a atenção de todos, pois a classe fazia muita bagunça.

Um dos estudantes não tirava o walkman do ouvido, e, quando foi entregar a redação, perguntou-me se era realmente necessário colocar o nome do seu pai. Eu disse que sim, ele escreveu, mas pediu que eu não lesse o nome de seus pais.

Terminei agradecendo a todos e avisando que, na primeira semana de agosto, estaria de volta para conversar com apenas dois alunos daquela turma, já que não seria possível conversar com todos. Ressaltei que, nessa conversa, os alunos falariam sobre as idéias colocadas nas autobiografias e também sobre algumas questões que envolviam minha pesquisa.

No mesmo dia, também em uma aula de Matemática, a turma do 1º ano do ensino médio da noite elaborou as “autobiografias temáticas”. Estavam presentes 34 alunos.

A autobiografia foi feita após o intervalo. Dessa forma, os alunos demoraram um pouco para entrar na sala, e após entrarem, também demoraram a voltar a seus lugares. O professor precisou chamar algumas vezes a atenção deles, para conseguir arrumar toda a sala. Logo, ele me apresentou, disse que eu estava lá por concessão do diretor e da coordenadora. Assim, eu me apresentei, situei minha pesquisa, de forma breve, mas explicitando detalhadamente a atividade que estaria aplicando.

Enquanto explicava, entreguei as folhas (com a ajuda do professor) nas quais os alunos deviam escrever sua autobiografia. Nessa hora, usei a frase: “Me escrevam o que vocês sentem pela Matemática, qual o sentimento que vocês têm por ela”.

Uma aluna logo respondeu: “Sentimento pela Matemática?! Eu não tenho sentimento nenhum” (demonstrando que “odiava”).

Respondi a ela: “Pois escreva isso que você sente”.

Realizei os mesmos procedimentos da classe anterior; assim como a turma da tarde, após uns quinze minutos, alguns alunos já entregaram suas autobiografias e novamente pedi que não tivessem preguiça e escrevessem bastante, utilizando todo o papel, frente e verso.

Após alguns dias, voltei à escola a fim de aplicar a autobiografia para o 1º ano do ensino médio do período da manhã. Foi aplicada na aula de Português, pois a professora de Matemática encontrava-se atrasada em uma atividade que estava realizando nessa sala. Assim,

o professor de Português, marido da professora de Matemática, cedeu sua aula para a aplicação da autobiografia.

A classe é formada por 23 alunos, e todos estavam presentes. Diferente das outras classes, todos residem em Ajapi². Os alunos prestaram atenção, enquanto eu explicava os procedimentos da autobiografia, e, durante todo o tempo em que estive presente, a turma apresentou-se muito comportada.

O professor de Português deixou que eu mesma me apresentasse, e comecei por explicar que era aluna do Mestrado em Educação Matemática da Unesp e, assim, dei início à apresentação da minha pesquisa e de por que precisava da colaboração deles para concluí-la.

Enquanto entregavam as “autobiografias temáticas”, percebi que esta classe foi a que mais escreveu, e, mesmo aqueles que logo entregaram, respeitaram os demais, permanecendo sentados e sem bagunça. Assim, como nas demais classes, antes de a aula terminar, todos os alunos já haviam acabado de escrever a autobiografia.

Uma vez que a análise da autobiografia não fornece base empírica suficiente para se levantarem interferências, precisando, portanto, ser completada por material, de outra maneira, e visto que o pesquisador, quando quer abranger de forma ampla a realidade que estuda, necessita de dados colhidos de fontes as mais variadas, decidi selecionar 6, das 91 autobiografias, duas de cada período escolar; com esses alunos selecionados realizaríamos entrevistas individuais semi-estruturadas.

Assim, tendo em mãos as “autobiografias temáticas”, partimos para a leitura e para a escolha das mesmas. O critério de escolha levou em conta aquelas que apresentaram aspectos interessantes da vida cotidiana, familiar e escolar; que relataram opiniões relevantes sobre a relação da sua família com a escola; que declararam de alguma forma, sua relação de “sucesso” ou de “fracasso” na aprendizagem de Matemática e, principalmente, que se mostraram interessadas em dissertar e conversar sobre o tema sugerido. Vale lembrar que a construção de documentos (no caso, as “autobiografias temáticas”) implica obter uma interpretação destes, como também implica o pesquisador escolher o modo de produzi-los.

² Ajapi é um distrito que fica a 19 km da cidade de Rio Claro; a maioria dos seus moradores trabalham nas granjas e nas fábricas de costura. Há apenas uma escola no município, e só fornece o Ensino Fundamental. Assim, os alunos interessados em cursar o ensino médio necessariamente têm que estudar nas escolas de Rio Claro. Mesmo sendo pequena, a cidade possui alguns pontos de comércio, postos de bancos e pequenos supermercados.

Além disso, com a finalidade de ampliar as informações para a pesquisa, as questões colocadas na entrevista também surgiram a partir das autobiografias. Desse modo, o próximo capítulo trará uma discussão mais detalhada sobre o uso da entrevista nesta pesquisa.

4. Vantagens e aspectos limitantes

A “autobiografia temática” dos alunos proporcionou-me algumas vantagens, no decorrer do percurso metodológico desta pesquisa. Uma delas foi evitar escolhê-las aleatoriamente, já que, a partir da leitura das mesmas, pude obter uma primeira aproximação e o conhecimento dos possíveis participantes deste estudo, para, então, selecioná-los.

Além disso, os textos autobiográficos foram utilizados como pré-requisito para elaborar o roteiro individual, personalizado (pois cada um continha questões específicas a respeito das colocações do texto) para cada entrevista, realizada, posteriormente, com os alunos e com seus pais, já que, nas autobiografias, o tema referiu-se à relação de cada família com a escola. Dessa forma, durante as entrevistas, pude retomar e explorar os temas que apareceram nos relatos.

Este procedimento inclusive evitou que os questionários-base para a entrevista ficassem sem “substância”, tendo em vista que estas entrevistas, primeiramente, se deram com alunos do primeiro ano do ensino médio, ou seja, estudantes de catorze e quinze anos de idade que, nessa faixa etária, costumam dar respostas breves, as quais poderiam deixar-me sem subsídios para efetuar uma compreensão mais detalhada do assunto em questão.

Assim, considero que as “autobiografias temáticas” foram muito úteis para obter um primeiro levantamento de questões e de problemas, dada a inexistência de conhecimentos a respeito dos participantes desta pesquisa.

Entretanto, apesar de os textos autobiográficos proporcionarem algumas vantagens, é preciso atentar-se para alguns aspectos limitantes desse instrumento.

Por exemplo, autores como Gusdorf *apud* Gattaz (1996), ressaltam que, muitas vezes, num texto autobiográfico;

Os esquecimentos as lacunas e as conformações da memória não são consequência de uma necessidade puramente material resultado do acaso; pelo contrário, provêm de uma opção do escritor que recorda e quer fazer prevalecer determinada versão revisada e corrigida de seu passado, de sua realidade pessoal (p. 257).

Além disso, Pereira (2000) indica que a possibilidade de estrutura própria, por parte do narrador, impede a intervenção do pesquisador que, se baseada no diálogo, permite explorar melhor certos elementos que se tornam lacunares nos textos autobiográficos.

Nessa mesma direção, Howard Becker *apud* Goldenberg (2000), acrescenta que as autobiografias não revelam a totalidade da vida de um indivíduo, mas apenas uma versão selecionada, de modo a apresentá-lo como o retrato de si que prefere mostrar aos outros, ignorando o que pode ser trivial ou desagradável para ele, embora de grande interesse para uma pesquisa.

Paralelamente, Gusdorf *apud* Gattaz (1996), reforça que as fontes disponíveis nas autobiografias nos informam muito mais sobre os resultados do que sobre os processos, o que nos leva, muitas vezes, a explicações simplistas e lineares.

Tendo em vista tais considerações, julgo pertinente afirmar que, através das “autobiografias temáticas”, os aspectos limitantes citados acima foram vencidos, pois elas foram “completadas” com as entrevistas, que cumpriram a função de desvelar as condições de lacunas, esquecimentos, processos, entre outros fatores citados acima, e que ainda permitiram uma melhor compreensão das questões que se abordam na pesquisa em questão.

Com isso, após tecer algumas considerações teóricas e metodológicas a respeito do uso das autobiografias numa pesquisa que tem a história oral com método de investigação, apresento, a seguir, as autobiografias, bem como os questionários formulados a partir delas, dos seis alunos escolhidos para participar desta pesquisa.

5. Apresentação das Autobiografias Temáticas

Com o objetivo de apresentar os alunos que foram escolhidos para participar da entrevista, seguem abaixo suas autobiografias temáticas e o roteiro das entrevistas, formulado a partir do texto de cada aluno. Vale lembrar que o procedimento teve a finalidade de aumentar as informações da pesquisa a respeito de cada aluno, no que se refere a sua relação com a Matemática e à relação de sua família com a escola.

Além disso, paralelamente ao roteiro, os alunos responderam a um segundo questionário (em anexo), comum aos seis alunos, que aborda questões relevantes quanto às indagações encontradas nesta pesquisa.

5.1 Karine

A minha relação com a Matemática e a da minha família com a escola.

Escreva sua relação com a matemática, desde o início de sua vida escolar até hoje, incluindo as coisas boas e ruins. Escreva também, a relação de sua família com a escola. Por exemplo, de que forma ela apóia (ou não) seus estudos: comprando livros, ajudando no dever de casa, participando das reuniões escolares, etc.

Obs: Redija com uma boa letra!

Gostava de matemática me saía bem, aí começou as continhas de dividir e eu parava de estudar, não conseguia de maneira alguma entender, lá, aí todo dia minha mãe senta comigo e explicava, com contas, palitinhos, aí ela reunia eu, minha colega e meu primo que tb tinham dificuldade, pegava minha lava de buíxa e dava aulas para nós. Soltei gostar de matemática após, adoro resolver problemas, principalmente aquelas equações e exponenciais mesmo que saiam toda a folha. Mas é só aparecer um assunto que não entendo que estou eu dizendo que detesto matemática. Pra mim: A Matemática é uma delícia qd se entende, mas qd não entende... nas provas vou bem, qd tiro nota baixa, volto e vejo que errei por distração, um sinal ou um número errado.

Meus pais sempre fizeram de tudo para meu bom rendimento escolar. Minha mãe sempre deixava de fazer coisas dela p/ levar eu, minhas colegas a fazer pesquisa (museu, biblioteca, sair fotografar pontos da cidade), entrevistas ela ia comigo entrevistar a diligada, o prefeito, em brincadeiras me ajudava com as idéias, lá não posso me queixar minha mãe me ajuda muito, me incentiva. Meu pai tb é que está o dia todo no trabalho, não dá p/ fazer tudo que minha mãe faz, mas sempre que estou com dúvida ele senta tenta explicar meu irmão tb me ajuda muito, ele é inteligente pra caramba.

Meus pais compram livros, apostilas, revistas quem eu sempre bem informada, nem deixam eu fazer serviços, k, p/ estudar, Ah! e torcem p/ que eu faça uma boa faculdade...

- 1) Você se recorda em que série aprendeu as contas de dividir? Saberá dizer qual o motivo de não conseguir entendê-las? Você acha que é uma dificuldade sua ou atribui o fato ao modo como a professora ensinou?
- 2) Você coloca que sua mãe todos os dias ensinava você, sua amiga, e seu primo, que tinha dificuldade, usando uma lousa e palitinhos, a fazer as contas. Assim, você diz ter voltado a gostar da Matemática. Atribui isso à dedicação de sua mãe? Sua mãe ensinava de uma forma diferente da professora?
- 3) Nessa época, sua mãe conversava com a professora sobre sua dificuldade? Contava a ela como ajudava você em casa?
- 4) Sua mãe ainda continua ajudando-a? Até que série ela estudou?
- 5) A partir daí, você voltou a gostar da Matemática; mas diz que, toda vez que não entende um assunto novo, volta a detestá-la. Quando isso ocorre, é sua mãe que a ajuda a compreender?
- 6) Atualmente, você se dedica aos estudos sozinha, ou ainda estuda com sua mãe?
- 7) Você escreveu: “A matemática é uma delícia, quando se entende, mas, quando não entende...”, como ficaria a frase completa?
- 8) Atualmente, a quem ou a que, você atribui o fato de, às vezes, não entender a Matemática: a uma dificuldade sua com a Matemática, à forma como o professor explica ou à Matemática mesmo?
- 9) Diz que sempre vai bem nas provas, mas também tira notas baixas por distração. Qual a atitude da sua mãe, quando você tira essas notas baixas?
- 10) Você diz que sua mãe sempre a ajudou e a incentivou muito em seus deveres escolares (como fazer pesquisa, tirar fotos, etc.), assim como seu pai e seu irmão também ajudam. Você acha que essa colaboração da sua família é essencial para o seu bom desenvolvimento escolar?
- 11) Na sua sala de aula, há outros amigos que também possuem essa colaboração da família? Você acha que eles têm um bom desenvolvimento escolar?
- 12) Seus pais compram livros, revistas e apostilas para incentivá-la a ler? Eles também lêem bastante?
- 13) Você coloca que seus pais não deixam você fazer serviços domésticos para estudar; dessa forma, quando você está em casa, quanto tempo dedica aos estudos?
- 14) Seus pais cursaram a faculdade? Eles a orientam sobre qual curso universitário deve fazer? Qual faculdade você quer cursar?

5.2 Vitor

A minha relação com a Matemática e a da minha família com a escola.

Escreva sua relação com a matemática, desde o início de sua vida escolar até hoje, incluindo as coisas boas e ruins. Escreva também, a relação de sua família com a escola. Por exemplo, de que forma ela apóia (ou não) seus estudos: comprando livros, ajudando no dever de casa, participando das reuniões escolares, etc.

Obs: Redija com uma boa letra!

Judo é uma maravilha no começo, mas com o decorrer se torna, a maioria das vezes, algo extremamente ruim. A matemática proporciona a maioria das vezes este caso, pois, no começo a matemática é algo fascinante, mas a medida em que nós vamos passando de uma série a outra a matemática torna-se a complicar, não só ela mas todas as matérias, só que o grau de complexação da matemática é superior às das outras. Mas tudo na vida tem seu lado bom e seu lado ruim, apesar de ter um pouco de dificuldade possui momentos bons, não só com a matéria mas com os professores, no meu ponto de vista para alcançar um bom aprendizado deve-se haver um laço com o professor como aluno para que haja um ótimo clima para que se compreenda a matéria. Agora não é só a escola que deve cooperar com os alunos mas também seus pais. Cabe ao pai é a mãe conduzir seu filho para o bom e o mal caminho. Os pais devem se juntar e seus filhos para que haja um apoio, uma comunicação entre eles. Minha família não mantém uma relação muito forte com a escola, devido ao caso dos dois trabalharem, mas sempre que possível eles entram para me ajudarem, eles apoiam muito nos meus estudos, compram meu material didático. Para um filho conseguir um bom desempenho na escola os seus pais e mestres devem agir entre si para fazer que cada vez mais nós possamos ter o prazer de comparecer à escola para aumentar mais o nosso nível de aprendizado, tem de haver um laço harmonioso entre os pais, filhos e escola para que se obtenha um ótimo grau de excelência. Muitos sofrem por não podermos estar onde estamos, por isso, damos nós o valor que necessita a escola, pois sem ela seriamos um "zé herqueim".

- 1) Quando escreveu a frase: “Tudo é uma maravilha no começo, mas, com o decorrer, se torna, a maioria das vezes, algo extremamente ruim”, em que você estava pensando? Lembrou-se de algum fato que já aconteceu com você?
- 2) Por que você diz que, no começo a Matemática é algo fascinante? Em que você pensou, ao dizer que ela é fascinante?
- 3) Você diz que, com o decorrer, se torna... ruim. O que se torna ruim? A explicação, a compreensão, a Matemática, a sala de aula,...?
- 4) Por que você diz que com o passar das séries, a Matemática complica? Você encontra dificuldade na Matemática hoje, e não encontrava antes? Por que você acha que hoje é mais complicado?
- 5) Você diz que o grau de complicação da Matemática é superior ao das outras matérias. Diz isso pois tem mais dificuldade em Matemática? Em relação aos seus amigos de classe, você observa que o mesmo acontece?
- 6) Você se recorda de alguns momentos bons que teve com a matéria da Matemática? E com os professores de Matemática?
- 7) Por que você diz, que para alcançar um bom aprendizado, deve haver um laço entre o professor e o aluno? Você acha que professor e aluno devem ser amigos? Você tem ou teve professores que ficaram amigos dos alunos?
- 8) Quando você, por algum motivo, não gosta do professor, conseqüentemente também não gosta da matéria?
- 9) Por que você diz que não é só a escola que deve cooperar com os alunos, mas também seus pais? Poderia explicar o que seria, para você, cooperar com os alunos? Poderia dar um exemplo?
- 10) Seus pais sempre o conduziram para um bom caminho. O que seria um bom caminho?
- 11) Você diz que sua família não possui uma relação muito forte com a escola (pois seus pais trabalham); mas o que seria manter uma relação forte com a escola? Dê um exemplo.
- 12) De que forma seus pais ajudam, além de apoiá-lo nos estudos e comprar material didático? Eles costumam estudar Matemática com você? Conte-me como eles te ensinam.
- 13) Por que você acha que se os pais e os professores interagissem, os alunos teriam mais prazer em ir à escola e aumentaria o nível de aprendizagem?
- 14) Você tem prazer em participar das aulas de Matemática?
- 15) Seus pais costumam conhecer seus professores?
- 16) O que você quer dizer com a escola e os pais possuírem um laço harmonioso? Hoje em dia, você acha que a escola e os pais possuem esse laço?
- 17) Você dá valor à escola e afirma que, sem ela, seríamos um Zé Ninguém. Poderia explicar o que é um Zé Ninguém?
- 18) Seus pais valorizam a sua escola? De que forma percebe isso?

5.3 Monique

A minha relação com a Matemática e a da minha família com a escola.

Escreva sua relação com a matemática, desde o início de sua vida escolar até hoje, incluindo as coisas boas e ruins. Escreva também, a relação de sua família com a escola. Por exemplo, de que forma ela apóia (ou não) seus estudos: comprando livros, ajudando no dever de casa, participando das reuniões escolares, etc.

Obs: Redija com uma boa letra!

Minha relação com a matemática sempre foi muito boa, pois desde da minha primeira série, minha mãe me ensinava o que aprendeu dos seus oito anos na escola, ela me explicava devagar e com jeitinho, assim aprendi a gostar dessa matéria.

Bem, com passar dos anos, na 5ª série, por exemplo, minha mãe não me ensinava mais, nem precisava mais também, pois eu tinha muita facilidade com a matemática, nunca tirei nota negativa em nenhuma prova ou trabalho, o mínimo era 7,0.

Não vou ser falsa, às vezes, algumas coisas da matemática são meio chatinhas, mas mesmo assim, não gostando muito do que aprendo, pego logo o jeito de fazer as contas, os problemas.

Bom, gosto muito de matemática e se eu não fosse estudar pra ser uma técnica de computador, seria uma professora de MATEMÁTICA!

- 1) Você escreve que sua relação com a Matemática sempre foi muito boa. Quais foram suas recordações quando escreveu essa frase?
- 2) Sua mãe, até a quinta série sempre a ajudou a estudar Matemática. Quando você diz que ela te ensinava devagar e com jeitinho, atribui a esse modo de ensinar o fato de hoje gostar da Matemática? Conte-me um pouco como ela ensinava a você.
- 3) Você recorda se, naquele tempo, você estudava bastante em casa?
- 4) Na escola, quando a professora ensinava, você compreendia?
- 5) Sua mãe conversava com frequência com suas professoras do “primário”?
- 6) Além de ajudar em casa, com os deveres escolares, sua mãe também gostava de participar das atividades escolares, como as reuniões? E seu pai?
- 7) Atribui a facilidade que você tinha na quinta série à sua dedicação nos estudos desde o primário? Assim como você, seus amigos também sentem facilidade?
- 8) A Matemática é a matéria em que você tem mais facilidade? É a sua preferida? Se for, qual é o motivo?
- 9) Sempre teve “bons” professores de Matemática? O que seria para você um bom professor?
- 10) Quando você diz que algumas coisas da Matemática são meio chatinhas, poderia me contar que coisas são essas de que você não gosta muito? Você acha que não precisaria aprender essas coisas, ou que elas deveriam ser ensinadas de uma forma diferente? Que forma seria essa?
- 11) Conte-me como é sua aula de Matemática.
- 12) Você coloca que seria uma professora de Matemática. Por que sente esta vontade? Sua família apoiaria essa profissão?

5.4 Graciella

A minha relação com a Matemática e a da minha família com a escola.

Escreva sua relação com a matemática, desde o início de sua vida escolar até hoje, incluindo as coisas boas e ruins. Escreva também, a relação de sua família com a escola. Por exemplo, de que forma ela apóia (ou não) seus estudos: comprando livros, ajudando no dever de casa, participando das reuniões escolares, etc.

Obs: Redija com uma boa letra!

Desde que entrei no primário sempre tive o apoio de meus pais, eles sempre estiveram presentes no meu dia-a-dia e nas minhas atividades escolares, mas por um motivo nem sempre puderam me ajudar com a matemática, é que eles não estudaram o bastante para poder me auxiliar nos estudos. Mas nem por isso tive o desempenho afetado, sempre que vinha da escola com as lições de casa eles procuravam me ajudar no que sabiam e o que não sabiam fazer não deixavam para trás, pediam aos meus professores para tirar minhas dúvidas.

Hoje, já não preciso tanto de que me ajudem, pois já estou num grau mais avançado e sei me virar. Mas agradeço toda a confiança que depositaram em mim.

- 1) Você diz que sempre teve o apoio da sua família. Que tipo de apoio eles davam nas suas atividades escolares?
- 2) Recorda-se de os seus pais sentarem com você e ajudá-la nos deveres escolares? Quem lhe ensinava mais sua mãe ou seu pai? Conte-me como era.
- 3) Você coloca que, nem sempre, seus pais puderam ajudá-la por falta de escolaridade, mas que mesmo assim, seus desempenhos não foram afetados. Por que diz isso?
- 4) Você acha fundamental, para o desempenho escolar do aluno, que os pais ajudem nas tarefas escolares?
- 5) Na sua classe, você percebe que outros alunos também recebem algum tipo de ajuda escolar dos pais?
- 6) No texto, você coloca que, quando seus pais não sabiam ajudá-la, pediam aos seus professores. Isso significa que eles procuravam seus professores e conversavam a respeito das dúvidas que você tinha?
- 7) Quando diz que eles não a podiam ajudar com a Matemática (pois não tinham muito estudo), significa que você tinha dificuldade com a aprendizagem de Matemática?
- 8) Se tinha dificuldade, a atribui a quê (aos professores, à matéria ou assunto, a você)?
- 9) Você quase não aborda sua relação com a Matemática. Fale-me sobre sua relação com essa matéria.
- 10) Você diz que, atualmente, não precisa da ajuda dos seus pais, pois sabe “se virar”. Você atribui isso a uma facilidade sua em relação aos estudos (da Matemática), ou atribui a quem, a partir de uma certa idade, os alunos não precisam mais de ajuda?
- 11) Você agradece toda a confiança que seus pais depositaram em você. Por que isso é tão importante? Que tipo de confiança é essa? Confiam na sua capacidade de estudar sozinha?
- 12) Além de a família ajudar seus filhos nas tarefas escolares, que outra ajuda você acha que cabe aos pais, relacionada a um melhor desenvolvimento dos filhos na escola? Por exemplo: confiança, segurança, compreensão, carinho?

5.5 Ketilin

A minha relação com a Matemática e a da minha família com a escola.

Escreva sua relação com a matemática, desde o início de sua vida escolar até hoje, incluindo as coisas boas e ruins. Escreva também, a relação de sua família com a escola. Por exemplo, de que forma ela apóia (ou não) seus estudos: comprando livros, ajudando no dever de casa, participando das reuniões escolares, etc.

Obs: Redija com uma boa letra!

Desde quando comecei a estudar matemática, achei que seria difícil, mas eu estava enganada e é muito difícil e complicada. Com o passar do tempo, consegui entender e hoje me considero "não uma das melhores, mas pelo menos acho que "boa" eu sou.

A maioria das vezes não somos nós os alunos ruins, mas sim o professor que às vezes não consegue passar o conteúdo ao aluno.

Meus pais sempre colaboraram com a escola não deixando eu faltar (só em casos de necessidade), me ajudando quando tenho dificuldades, participa das reuniões e sempre procura saber do meu comportamento na sala de aula.

Acho que para melhorar as aulas de matemáticas que são "conservativas" deveriam passar menos lições, ser de um modo mais fácil fazendo com que o aluno entenda rapidamente. Também é necessário professores "bons" na sala de aula.

- 1) Por que você considera a Matemática como muito difícil e complicada? Em que você pensou quando escreveu isso?
- 2) Você afirma que já teve dificuldade com a Matemática. Conte uma situação-exemplo disso.
- 3) Você diz que, com o passar do tempo, conseguiu entender. Poderia especificar depois de quanto tempo começou a entender? Por que acha que começou a entender? O assunto era mais fácil?
- 4) Quando você achava a matéria difícil e complicada, você colocava isso para sua família? E o que eles faziam para ajudá-la?
- 5) Alguma vez seus pais foram conversar com seus professores de Matemática sobre isso?
- 6) Por que, hoje em dia, você se considera uma “boa” aluna? O que seria uma “boa” aluna para você?
- 7) O que seria uma boa aluna para seus pais? Eles falam para você ser uma boa aluna?
- 8) Você já teve algum professor que não conseguia explicar de um modo que você compreendesse? Se isso ocorreu, o que fez para solucionar o problema? E os outros alunos da classe compreendiam?
- 9) Quando isso aconteceu (se aconteceu), você colocou para seus pais esse problema? E eles fizeram algo a respeito; como, por exemplo, ir falar com o professor?
- 10) Você acha que, se, nesse caso, os pais fossem conversar com o professor, a situação poderia melhorar?
- 11) Quando você diz que seus pais não a deixam faltar na escola, é porque você gostaria de faltar? O que eles alegam para que você não falte?
- 12) Seus pais costumam estudar com você, quando tem dificuldade?
- 13) Por que seus pais se preocupam com seu comportamento na sala de aula?
- 14) Você diz que as aulas de Matemáticas são cansativas, pois têm muita lição para fazer. Conte-me como é sua aula de Matemática.
- 15) Como você imagina uma aula de Matemática gostosa?
- 16) Você coloca que deveria ter um modo. Pelo qual o aluno entendesse mais rapidamente. Você costuma demorar a entender? Sempre foi assim? É uma dificuldade sua, ou você percebe que seus amigos também sentem dificuldade?
- 17) Você tem “bons” professores? O que seria um bom professor?

5.6 Juliana

A minha relação com a Matemática e a da minha família com a escola.

Escreva sua relação com a matemática, desde o início de sua vida escolar até hoje, incluindo as coisas boas e ruins. Escreva também, a relação de sua família com a escola. Por exemplo, de que forma ela apóia (ou não) seus estudos: comprando livros, ajudando no dever de casa, participando das reuniões escolares, etc.

Obs: Redija com uma boa letra!

Desde a infância quando eu ainda fazia os primários, eu sempre gostei de matemática, não sei se foi por que eu me deu bem com todos os professores de matemática, eu eu gosto mesmo da matéria, mas a única vez que eu odiei matemática foi na sexta série, a professora além de ser muito chata não explicava nada, e quando explicava eu não entendia nada, mais graças a Deus, depois que eu pedi ajuda para o meu tio me ensinar pelo menos um pouco de que eu não entendia, eu comecei a entender e passei na matéria de matemática.

A minha família me apóia muito em relação a escola, a minha mãe por exemplo fala para mim ir para a escola acima de tudo mesmo se estiver com problemas, é para mim estar sempre estudando, Sempre que tivesse que comprar livro, a minha família nunca recusou, e mesmo que não tivesse dinheiro, sempre dava um jeito e comprava. Quando eu era mais nova e tinha alguns problemas de aprender minha família e minha mãe principalmente, sempre estava lá me ajudando no dever de casa e ela sempre participou das minhas reuniões. Eu acho que se eu tivesse família melhor, estragaria, pois a minha família me apóia em "tudo" o que eu faço.

- 1) Você lembra como eram as aulas de Matemática até a sexta série? Recorda-se como os professores desenvolviam o conteúdo e como eles interagiam com os alunos?
- 2) Você afirma que gosta mesmo da Matemática. Poderia dizer por que gosta dessa matéria? É a matéria de que mais gosta?
- 3) Você sempre tirou boas notas em Matemática até a sexta série?
- 4) Você se recorda da professora da sexta série? Quais as atitudes dela que levaram você a dizer que ela era chata e não explicava nada? Todos os alunos da classe sentiam a mesma dificuldade em compreender o que ela ensinava?
- 5) Você ou os alunos da classe colocavam, para a professora, a dificuldade que estavam encontrando?
- 6) Você colocou essa situação para seus pais? Qual foi a atitude deles?
- 7) Você sempre pede ajuda a seu tio, quando não entende algum assunto na aula de Matemática? Ele é professor de Matemática? Costuma dar aula particular de Matemática, ou ele gosta de Matemática?
- 8) O modo de o seu tio explicar a matéria era diferente do modo da professora? Você saberia dizer por que com ele você começou a entender a matéria?
- 9) Depois da sexta série, você ainda sentiu ou sente alguma dificuldade na Matemática?
- 10) Você acha que a compreensão de um assunto matemático depende muito da forma como o professor ensina?
- 11) Você diz que, quando era mais nova, tinha alguns problemas em aprender. Que tipo de problemas? Poderia me contar?
- 12) Quando você diz que sua família, a apóia em tudo que você faz, como você explicaria esse apoio que parece ser tão importante para você? Dê alguns exemplos.
- 13) Você coloca que se dá bem com todos os professores. Poderia explicar qual o sentido da expressão “me dou bem”?

CAPÍTULO 2

(ENTRE)VISTAS E TEXTUALIZAÇÕES DOS ATORES DA ESCOLA: VISITANDO UMA HISTÓRIA DO PRESENTE

Nesta etapa, os sujeitos da pesquisa (os seis alunos selecionados a partir das autobiografias temáticas, seus pais, professores de Matemática e os dois coordenadores da escola pesquisada) participaram, individualmente, de uma entrevista semi-estruturada. Parte dessas entrevistas foi realizada na escola e outra parte, na casa dos familiares, visto que os seis alunos, uma mãe, um pai, e os coordenadores optaram pela escola, e três mães e um casal (pai e mãe) preferiram conversar na própria residência.

O local da entrevista, combinado através de um primeiro contato por telefone, foi escolhido pelos participantes com a finalidade de que se sentissem mais à vontade em nossa conversa que procuramos desenrolar de forma amigável e informal. Para que isto ocorra, é fundamental que o pesquisador fique a sós com o entrevistado, pois, segundo Thompson (1998), “a completa privacidade proporcionará uma atmosfera de total confiança em que a franqueza se torna muito mais possível”. (p.265)

Desse modo, quando as entrevistas ocorreram na escola, a coordenadora cedeu gentilmente sua sala para que eu e o entrevistado conversássemos com privacidade. Da mesma forma, na casa das famílias, a entrevista ocorreu em ambientes (a sala de estar, por exemplo) que propiciavam desenvolvê-la em particular com os entrevistados.

De acordo com Fontana e Frey (2000), a entrevista é, ainda, uma das mais comuns e poderosas formas de compreender o que certo indivíduo pensa sobre determinado assunto. Porém os autores ressaltam que a palavra escrita ou falada tem sempre um resíduo de ambigüidade. Assim, em uma pesquisa onde os dados são adquiridos através de entrevistas, o pesquisador é considerado o principal condutor na obtenção dos resultados. É relevante ressaltar esse fator, visto que consideramos a entrevista uma forma de buscar informações possivelmente reais sobre o que procuramos compreender.

Segundo Ludke e André (1986), parece-nos claro que o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa feito atualmente em Educação aproxima-se dos

esquemas mais livres, menos estruturados. As informações que podemos obter, e os sujeitos que se quer contatar, no nosso caso, professores, coordenadores, alunos e pais, são mais convenientemente abordáveis através de um instrumento mais flexível, caso da entrevista semi-estruturada, que proporciona maior flexibilidade para possíveis esclarecimentos sobre a rotina de trabalho da escola, bem como da família.

Tais autores ainda consideram muito importante que o entrevistado esteja bem informado sobre os objetivos da entrevista e sobre o fato de que as informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa, respeitando-se sempre o sigilo em relação aos participantes.

Em vista disso, no início de cada entrevista procurei apresentar aos participantes os objetivos da minha pesquisa e da entrevista, como também a sua importância para o desenvolvimento deste trabalho que pretende conhecer o pensamento deles a respeito do assunto abordado.

Vale lembrar que, ao começar a entrevistar os alunos, após apresentar a pesquisa, eu os convidava a relembrar sua infância, insistindo que me contassem o que faziam quando crianças, antes de frequentarem a escola; depois, pedia que me contassem como foi o seu primeiro dia de aula, do que mais gostavam e do que menos gostavam na escola. Assim, fazendo-os retomar o passado, e relembrar fatos agradáveis, ou não, de sua vida, eu tentava desinibi-los e deixá-los mais à vontade e confiantes para conversarmos sobre os temas que permeiam especificamente a pesquisa.

A forma de registro, nestas entrevistas, foi a gravação direta, com a vantagem de registrarmos todas as expressões orais, e de ficarmos livres, para prestar-se toda a atenção ao entrevistado.

Uma das vantagens da utilização de fitas (gravação) é a possibilidade de registrar a fala do sujeito, tendo em vista que “simplesmente é impossível lembrar (...) importâncias como pausas, partes sobrepostas e ‘inbreaths’ ”. (Silverman, 2000, p.829). Além disso, as fitas são registros públicos, disponíveis para a comunidade científica, o que não acontece com as notas de campo. Goldenberg (1999) tem essa mesma posição quanto à gravação e completa que, através dela, é possível que outros pesquisadores tenham acesso aos dados e que o próprio pesquisador possa retomá-los no futuro.

Entretanto Queiroz (1988) ressalta que toda fita é frágil, mesmo sendo poupada de uso, ou usada com economia, ela necessita de cuidados para possuir uma maior durabilidade. Assim, o autor aponta que a transcrição é o único modo de se conservar o relato por um longo tempo. Paralelamente, afirma que “Volta-se ao que se acreditava evitar com o gravador, isto é,

à intermediação escrita entre o narrador e o público, para a utilização do relato, e às possíveis deturpações dela decorrentes”. (p. 17)

Inclusive, de acordo com Queiroz (1988), a constatação acima contribui para desfazer a ilusão de que se deveria manter a narrativa o mais próximo de seu registro, evitando, assim, a intervenção do pesquisador e a ocorrência de cortes que prejudicariam o total conhecimento do dado recolhido.

Vale ressaltar que, diante dos avanços tecnológicos ocorridos de 1988 ao presente ano de 2004, a fragilidade da fita K7 foi superada pelos recentes equipamentos de gravação oral e visual como, por exemplo, os gravadores de MD (Minidisc), as novas câmeras de vídeo e a fotografia digital.

Com o término das entrevistas, parti para a transcrição literal das fitas gravadas, utilizando, para isso, o transcriber, aparelho cedido pela universidade e que facilita as transcrições. Posteriormente, parti para a textualização, ou seja, as entrevistas de todos os participantes foram transcritas na forma de relato pessoal, em primeira pessoa, de modo que busquei uma familiarização com o texto, procurando torná-lo mais legível, evitando repetições enfadonhas, não obstante tivesse em vista manter suas características pessoais. Diante disso, parti para a transcrição, ou seja, as perguntas foram incorporadas à fala do depoente e a narrativa foi reorganizada.

Vale ressaltar que a entrevista, nesta pesquisa, surge como processo de constituição do sujeito, à medida em que os participantes se mostram integralmente nas entrevistas, e não em trechos.

Finalmente, parti para a conferência e a legitimação, momento em que o depoente leu seu texto, fez as devidas correções ou alterações, adicionou ou vetou frases, e ainda assinou as páginas do texto (entendido como um documento dele), como forma de autorizar-me a usufruir da entrevista.

Álbum de Recorte...

Alguns participantes retiraram e/ou alteraram trechos das entrevistas. Como explicar tais cortes, feitos pelos depoentes no momento em que lêem a entrevista transcrita? Retiram aquilo que não querem que os outros saibam? Qual será o motivo da retirada de tais trechos? Por que a Karine corta alguns trechos da entrevista da sua mãe? Trechos que diziam respeito a ela.

Outra questão a abordar sobre trechos retirados e alterados pelos depoentes é que, no caso desta pesquisa, os entrevistados se preocuparam apenas em retirar e alterar as falas do papel, esquecendo-se de que tais falas constam nas fitas K7 (gravadas no momento da entrevista), e que na maioria dos trabalhos em História Oral, as fitas, contendo o depoimento oral, são

entregues aos Centros de Memória. Ou seja, nota-se que as pessoas só se preocupam em alterar o papel, e esquecem-se das fitas gravadas.

No caso, o pesquisador deve se preocupar com a alteração dessas fitas, porém como o procedimento é demorado e requer, muitas vezes, a ajuda de um técnico para apagar as falas contidas na fita K7 e/ou de vídeo, geralmente o pesquisador opta por fazer esse processo após o término da pesquisa, pois seria trabalhoso colocar, nas fitas, a voz dos sujeitos referentes às falas inseridas no papel.

Assim, devido ao trabalho despendido para editar uma fita e, partindo do princípio de que só é considerado importante o depoimento no papel, outras mídias não são consideradas tão relevantes, ressalto que, nesta pesquisa apresento o documento que foi autorizado, ou seja, as entrevistas lidas e assinadas pelos participantes.

Por alguns teóricos, como Gattaz (1996), as fitas gravadas e armazenadas em uma biblioteca pública, são consideradas o principal documento em História Oral.

Ao mesmo tempo, Garnica (2003) aponta que, mesmo diante de uma tecnologia que evolui diariamente, o suporte escrito continua sendo mais confiável, pois é menos perecível e mais duradouro que as fitas dos gravadores. E, ainda que o documento seja a gravação, a de-gravação é necessária, tanto pela facilidade de manipulação do material, quanto pela durabilidade. “E com a de-gravação um novo documento começa a ser elaborado pelo historiador: a transcrição do depoimento, tentativa de aprisionamento do oral”. (p.30)

Com isso, consideramos que as fitas, contendo as entrevistas, são documentos que podem ser acessados por outras pessoas, proporcionando diferentes perspectivas, de modo que podemos considerá-las fontes inesgotáveis. Já as fitas transcritas – transcrições – são tidas como fonte esgotável, pois trazem a perspectiva do pesquisador.

Contudo as entrevistas não só contribuíram para uma maior conhecimento e entendimento da relação escola-família-Matemática, mas também serviram como fonte de conhecimento prévio das famílias a entrevistas, já que, a partir da leitura das entrevistas feitas com os seis alunos, formulamos o roteiro de perguntas aplicado aos pais, isto é, formulamos a entrevista dos pais com base na fala (entrevista) e ainda na escrita (autobiografia) de cada filho.

Tal procedimento de obter informações básicas sobre o entrevistado, por meio de leitura ou de outras maneiras, vai ao encontro dos estudos de Thompson (1998), que considera esse um dos primeiros passos a pensar e a realizar, para que se possa “definir o problema e localizar algumas das fontes para resolvê-los”. (p. 254)

Assim, o processo possibilitou formular perguntas que, no momento da entrevista com as famílias, contribuíram para que nos aprofundássemos em questões importantes para esta pesquisa, uma vez que já possuíamos informações sobre a forma de pensar e agir a respeito da educação escolar dos filhos, e sobre o modo como interagem com a escola.

Este modo de formular as questões colocadas na entrevista é ressaltado por Thompson (1998) quando cita que deve haver uma elaboração cuidadosa da forma das perguntas, pois

segundo o autor “fazer perguntas da melhor maneira é evidentemente importante em toda entrevista”. (p. 257).

Vale ressaltar que, além do roteiro individual e específico de cada família, também foi proposto um questionário geral, que abordava questões pertinentes à educação familiar, à escolar e à sua interação.

Segue abaixo o questionário geral, aplicado a todas as famílias, e os respectivos roteiros “personalizados”, formulados a partir das entrevistas realizadas com os alunos. Seguem também os questionários aplicados aos coordenadores e aos professores. Logo após, apresento as transcrições, um total de dezessete depoimentos, divididos em seis alunos, seus pais, três professores de Matemática, e dois coordenadores.

Roteiro de Perguntas Pais

- 1) Vocês estudaram? Até que série? Se pararam de estudar, qual foi o motivo?
- 2) Qual a profissão de vocês?
- 3) Costumam incentivar seus filhos a estudar? De que formas incentivam?
- 4) Consideram o estudo importante? Por quê?
- 5) Você conversa com seu filho sobre a escola dele? Pergunta a ele o que aconteceu durante as aulas e durante os intervalos?
- 6) Você procura se informar, com seus filhos, sobre as notas escolares deles? Costuma conferir as notas que tiram nas provas? O que comentam, ao saber da nota? Vocês vêem as provas? Exigem notas boas?
- 7) Se a nota for abaixo da média, como vocês reagem (ou reagiriam) a isso?
- 8) Vocês saberiam responder qual a matéria de que seu filho mais gosta?
- 9) Em casa, vocês costumam mandar seus filhos irem estudar, ou fazer as tarefas escolares? Quando eles têm dificuldades em efetuar alguma tarefa escolar, vocês ajudam? Conte uma situação dessas.
- 10) Como vocês se relacionam com a escola? Vocês acham importante os pais participarem das reuniões escolares? Vocês participam?
- 11) Você acha que é importante, para o sucesso escolar (na Matemática), a escola e a família se relacionarem mais? De que forma?
- 12) Qual a sua opinião sobre a escola e a família interagirem mais. Ou seja, o que acha de a escola conhecer mais as famílias, e as famílias conhecerem mais a escola, seus professores, saberem o que seus filhos estudam?
- 13) Como você acha que essa interação poderia ajudar no desenvolvimento escolar do seu filho?
- 14) Costumam participar, ou já participaram, de eventos ou festas (festa junina, festa da primavera,...) que a escola proporciona para as famílias?
- 15) Qual o conhecimento que vocês têm de Matemática? Falem um pouco sobre o contato de vocês com a Matemática.

- 16) Na sua opinião, qual seria o motivo para um aluno (ou um filho) sempre ir mal (fracassar) em Matemática? Você acha que seria importante o apoio familiar para evitar ou enfrentar uma situação de fracasso escolar? Vocês costumam ajudar seus filhos, quando eles têm dúvida nessa matéria? Você acha que, se os pais interagissem mais com a escola, poderiam ajudar mais ainda com as tarefas matemáticas? Por quê?
- 17) Qual a opinião de vocês a respeito dos alunos virem obrigatoriamente de uniforme escolar? Essa é uma das regras da escola; conhecem outras?
- 18) Seus filhos estudam em uma escola estadual. O que vocês pensam sobre as escolas particulares? São melhores ou piores? Em que sentido? Por ex: possuem melhores professores, melhores recursos (livros, computadores), etc.?
- 19) Gostariam de que seus filhos estudassem em uma escola particular? Por quê?

Roteiro Pais da Karine

- 1) A Karine diz que você ensinava todos os dias a ela, a uma amiga, e a um primo que tinha dificuldade, usando uma lousa e palitinhos, fazer as contas e, assim, ela diz ter voltado a gostar da Matemática. Você se recorda disso? Poderia me contar como ensinava?
- 2) Nessa época, você conversava com a professora sobre a dificuldade dela? Contava a ela como ajudava sua filha em casa?
- 3) Quais são as repostas da professora diante dessas questões colocadas?
- 4) Quando vai a reunião escolar, costuma conversar a sós com a professora sobre o andamento da sua filha na escola?
- 5) Se a professora coloca pontos negativos sobre sua filha na sala de aula, como reage, quando chega em casa? E se os pontos foram positivos? Costuma elogiá-la?
- 6) Você acha importante os pais manterem um diálogo com os professores? Por quê?
- 7) Qual sua atitude quando ela tira notas baixas?
- 8) Sua filha me disse que você sempre a ajudou e incentivou muito em seus deveres escolares (como fazer pesquisa, tirar fotos, etc.), assim como seu pai e seu irmão também ajudam. Você acha que essa colaboração de vocês é essencial para o bom desenvolvimento escolar dela? Vocês percebem isso?
- 9) Como se sente quando não consegue ajudar sua filha nas dificuldades dela?
- 10) A Karine coloca que vocês comprem livros, revistas e apostilas, para incentivá-la a ler. Vocês também lêem bastante? Por que acham importante ela tomar contato com essas leituras?
- 11) Costuma dispensar sua filha de alguns serviços domésticos, para que ela estude. Para você, o estudo está em primeiro lugar?
- 12) Qual a importância de a Karine fazer uma faculdade? Você e seu marido incentivam (e orientam) qual curso universitário ela deve fazer?

Roteiro Pais da Ketilin

- 1) Sua filha coloca que vocês não a deixam faltar na escola. O que alegam para que ela não falte? Por que acham tão importante ir à escola regularmente?
- 2) Ela coloca também que vocês ajudam, quando ela tem dificuldade. Poderia me contar uma situação dessas?
- 3) Fala também que seu pai sempre a ajuda a estudar Física. Nesse caso, é por que ele tem mais afinidade com essa matéria?
- 4) Quando vão às reuniões escolares, costumam conversar a sós com a professora sobre o andamento da sua filha?
- 5) Contam para a professora que ajudam sua filha quando tem dificuldade? Contam as dificuldades encontradas por ela, quando está em casa, fazendo o dever ou estudando?
- 6) Quais são as respostas da professora diante dessas questões colocadas?
- 7) Sua filha coloca que vocês sempre procuram saber do comportamento dela em sala de aula. Qual o motivo disso? Procuram saber com ela, ou com a professora?
- 8) Se a professora coloca pontos negativos sobre sua filha na sala de aula, como reage quando chega em casa? E se os pontos foram positivos? Costuma elogiá-la?
- 9) Ketilin coloca que seu pai fica sempre “em cima dela”, em relação aos estudos, (principalmente de Física) Qual o motivo dessa atitude?
- 10) Seus pais, avós de Ketilin, também agiam dessa forma com vocês, a respeito do estudo?
- 11) Sua filha pontua que, quando não tira notas boas, procura disfarçar e não contar a vocês. Qual seria o motivo de ela esconder suas notas ruins? Vocês costumam ficar bravo com notas baixas? O que falam quando isso ocorre?
- 12) A Ketilin conta que na 6ª série, não se deu muito bem com a Matemática por causa da professora. Vocês se recordam desse fato? Lembram se ela reclamava para vocês a respeito disso?
- 13) Recordam se fizeram algo para modificar aquela situação? Foram falar com a professora? O que foi conversado com a professora? Perceberam alguma melhora da Ketilin depois disso?
- 14) Recordam se houve outra situação, em outra série, em que vocês quiseram conversar com algum professor dela?
- 15) Consideram importante os pais manterem um diálogo com os professores? Por quê?
- 16) Ketilin coloca que segundo vocês, ela foi a filha que não deu trabalho. Vocês concordam? Por que ela afirma isso?
- 17) Quando não sabia explicar alguma coisa para ela como se sentia?
- 18) O que acha das reuniões escolares? Considera-as importantes? Por quê? O que, na maioria das vezes, se discute nessas reuniões?
- 19) Quando vai a essas reuniões, costuma conversar com os outros pais?
- 20) Qual assunto você acha que deveria ser discutido nessas reuniões, e não se discute?
- 21) Você acha que deveriam participar das reuniões apenas os pais cujos filhos não estão indo bem na escola, como aqueles que possuem dificuldade ou os “bagunceiros”?

- 22) Ketilin coloca que foi com a sua mãe que ela aprendeu fração. Vocês se recordam desse fato? Poderiam me contar?
- 23) Sua filha conta que uma vez (na 6ª série) seu pai veio escondido falar com a professora. Qual motivo o levou a fazer isso? Segundo ela, a conversa deu resultado, pois a professora começou a explicar mais. Recorda o que conversaram e como?
- 24) Para vocês, qual o perfil de uma boa aluna?

Roteiro Pais do Vitor

- 1) O Vitor coloca que vocês sempre o conduziram para um bom caminho. Na concepção de vocês o que seria conduzir para um bom caminho?
- 2) Ele diz que vocês não possuem uma relação muito forte com a escola, pois trabalham. Vocês gostariam de manter mais contato com a escola dele? Por quê?
- 3) O Vitor coloca que vocês sempre o apóiam. Poderiam me contar de que forma apóiam os estudos dele?
- 4) Na visão dele, se os pais e os professores interagissem, os alunos teriam mais prazer em ir à escola e aumentaria o nível de aprendizagem. Vocês concordam com isso? Por quê?
- 5) Alguma vez, vocês tentaram conversar com algum professor dele com o propósito de conhecer o comportamento e o desenvolvimento dele na sala de aula?
- 6) De que forma vocês valorizam o estudo para ele?
- 7) Vocês observam se o Vitor estuda em casa? Observam se ele sempre faz as tarefas escolares?
- 8) Se ele tem alguma dúvida, vocês costumam ajudá-lo? Conte-me uma situação dessa.
- 9) Caso contrário, como se sentem, não conseguindo ajudá-lo nas dificuldades dele?
- 10) Como vocês imaginam que é o comportamento do Vitor na sala de aula?
- 11) A senhora costuma “ficar no pé” dele, para que ele estude mais? Quais são seus argumentos para que isso ocorra?
- 12) O Vitor coloca que, quando seu pai estudava, se esforçava bastante e tirava as melhores notas da escola. O senhor gostava de estudar? Poderia me contar mais um pouco sobre isso?
- 13) Vocês já pensaram em voltar a estudar? Por exemplo, fazer o supletivo?
- 14) Vocês acham que cobram muito o estudo (ou o trabalho) dos seus filhos? De que forma?
- 15) Como vocês vêem a relação de respeito entre professores e alunos e vice-versa?
- 16) O Vitor coloca que, de vez em quando, sua mãe vê o caderno dele. Qual o motivo de a senhora ter esse procedimento?

Roteiro Pais da Graciella

- 1) A Graciella diz que sempre teve o apoio da sua família. Que tipo de apoio vocês davam nas atividades escolares dela?
- 2) Ela recorda de os seus pais sentarem com ela e ajudá-la nos deveres escolares: Quem lhe ensinava mais, a mãe ou o pai? Conte-me como era.
- 3) Ela coloca que, nem sempre, vocês puderam ajudá-la, pela falta de escolaridade, mas, mesmo assim, os desempenhos dela não foram afetados. Por que vocês acham que ela diz isso? O que vocês faziam, quando não sabiam ajudá-la?
- 4) Vocês acham fundamental para o desempenho escolar do aluno que os pais ajudem nas tarefas escolares?
- 5) A Graciella diz que, atualmente, não precisa da ajuda de vocês, pois sabe se virar. Vocês acham que ela atribui este fato a uma facilidade dela em relação aos estudos (da Matemática), ou vocês pensam que, a partir de uma certa idade os alunos não precisam mais da ajuda dos pais?
- 6) Ela conta que vocês sempre foram falar com os professores dela, quando ela estava com alguma dificuldade. Conte-me um pouco sobre isso.
- 7) A Graciella fala que seu pai a ajudava mais nas contas, pois ele sabia bem. A Graciella perguntava a ele, ou ele se preocupava em tirar as dúvidas dela? Conte-me como ele ensinava.
- 8) A Graciella coloca que sua mãe sempre a ajudava a procurar recortes, dados como tarefa escolar para casa na 1ª e 2ª série. Poderiam me contar um caso desse.
- 9) Ela conta que já sentiu vontade de parar de estudar para trabalhar. Como vocês agiram diante disso? Se esta fosse mesmo a vontade dela, vocês concordariam?
- 10) Ela agradece toda a confiança que vocês depositaram nela. Que tipo de confiança davam a ela?
- 11) Além de a família ajudar os filhos nas tarefas escolares, que outra ajuda vocês acham que cabe aos pais, relacionada a um melhor desenvolvimento do filho na escola? Por exemplo, transmitir confiança, segurança, compreensão, carinho?

Roteiro Pais da Monique

- 1) A Monique coloca que você sempre foi uma mãe presente, mesmo quando trabalhava, sempre estava presente. Quais foram suas atitudes que a levaram a dizer isso? Você se achava presente também nos assuntos escolares?
- 2) A Monique fala que não se sentiu prejudicada na escola pelo fato de os pais serem separados. Você também percebe isso? Você se preocupou com esse fato?
- 3) Ela diz que você faz o possível, e até o impossível por ela. Poderia me contar um pouco mais como é a relação de vocês, a respeito da escola?
- 4) A Monique contou que suas notas abaixaram, pois faltou muito no semestre passado, por causa de sua amiga que se atrasava. Qual foi sua atitude diante disso? E qual foi a atitude do pai dela?
- 5) Poderia me contar como é a relação da Monique com o pai, a respeito da escola?

- 6) A Monique fala que você quer que ela faça uma faculdade, por causa do futuro e do trabalho dela. Fale-me um pouco sobre essa importância que você dá ao estudo e à faculdade.
- 7) Ela fala que você costumava ajudá-la na 1ª e 2ª série a fazer as continhas de mais e menos. Poderia me contar como fazia?
- 8) Ela escreve que, até a quinta série, você sempre a ajudou a estudar Matemática. Ela diz que você ensinava devagar e com jeitinho. Conte-me um pouco como você ensinava.
- 9) A Monique fala que você não gostou muito, quando ela quis estudar à noite para trabalhar. Você preferiria que ela não trabalhasse? Por que achava perigoso ela estudar à noite?
- 10) Nas reuniões escolares a Monique fala que os professores sempre falam bem dela. Você costuma elogiá-la por isso? E quando falam que ela conversa muito, qual atitude toma?
- 11) Ela já colocou para você a dificuldade que está tendo em Física e Química? Você se preocupa com isso? Pensa em fazer algo para ajudá-la, ou não se preocupa, pois ela sabe “se virar”?
- 12) A Monique escreveu que gostaria de ser professora de Matemática. Qual a sua opinião a respeito disso?

Roteiro Pais da Juliana

- 1) O que fez vocês voltarem a estudar?
- 2) Segundo a Juliana, vocês dizem que o estudo deve sempre estar em primeiro lugar na vida dela. Por que dizem isso?
- 3) Quando a Juliana fala que tirou uma nota ruim, qual é a reação de vocês? O que costumam falar para ela, a respeito disso?
- 4) A Juliana fala que sua mãe sempre ajudou em suas dificuldades; principalmente no primário, ensinava-a a fazer as continhas. Você poderia me contar uma situação dessa?
- 5) Qual motivo leva você a vir conversar com os professores da Juliana, mesmo em horário fora da reunião?
- 6) Da 1ª a 4ª, série você se recorda como descobriu que a Juliana não gostava de Matemática? Poderia contar o que fazia para ajudá-la?
- 7) Sua filha falou que foi a senhora que sempre incentivou que ela colocasse as dúvidas para o professor na sala de aula. Por que acha esse procedimento importante?
- 8) Nessa época, a Juliana fala que tinha dificuldade em resolver problemas. Você se recorda disso? Lembra-se de como a ajudou a entender os problemas?
- 9) Ela fala que pensa em fazer faculdade, e que vocês sempre a apóiam. Por que acham importante fazer faculdade?
- 10) A Juliana coloca que, na 6ª série, ela teve dificuldade com Matemática por causa da professora. Você se recorda de ter ido falar com a professora? Como foi essa conversa?
- 11) A Juliana fala que seus pais apóiam tudo que ela faz. Como vocês explicariam esse apoio, que parece ser tão importante para ela? Dêem alguns exemplos.

Roteiro de Perguntas Professores

- 1) Qual a sua formação? De que forma você aprimora sua formação? Através de cursos, especializações, ou outros meios? Há quantos anos ministra aulas de Matemática?
- 2) Como é a sua aula de Matemática? Você considera a Matemática uma matéria difícil ou fácil de aprender? Por quê? Como você avalia o conhecimento de Matemática do seu aluno?
- 3) Qual o nível de conhecimento matemático dos alunos, quando chegam ao 1º ano do Ensino Médio? Qual seria o motivo para um aluno sempre ir mal (ser fracassado) em Matemática? Você possui alunos fracassados? Quais atitudes você toma para minimizar tal fracasso? Como é a relação dos seus alunos com a Matemática? É uma relação de dificuldade ou de facilidade?
- 4) Você saberia dizer qual o conhecimento de Matemática que os pais dos seus alunos possuem? Pouco, médio, bastante? Você acha que seria importante o apoio familiar para evitar ou enfrentar uma situação de fracasso escolar? Que tipo de apoio? Você acha importante os pais conversarem com os filhos sobre a escola? Por exemplo, a respeito das aulas, dos amigos, dos professores, das dificuldades, etc.?
- 5) Quando você passa tarefa para casa, os alunos costumam trazê-la resolvida? Você acha importante esse procedimento de o aluno levar tarefa escolar para casa? Por quê? Qual sua opinião sobre os pais ajudarem os filhos em casa, quando eles estão com alguma dificuldade? Você acha que, se os pais interagissem mais com a escola, poderiam ajudar mais ainda com as tarefas de Matemáticas? Por quê?
- 6) Você acha importante a escola promover reuniões com os pais? Por quê? Conte-me o que acontece nessas reuniões? Sempre ouvimos que os pais que precisariam comparecer à reunião não comparecem. Você concorda com isso. Qual o tipo de alunos cujos pais deveriam comparecer à reunião? Nas reuniões escolares, quais são os questionamentos levantados pelos pais a respeito dos seus filhos? E a respeito da escola?
- 7) Nesta escola, existem mecanismos para os pais conversarem com os professores fora do horário da reunião escolar? Com que frequência isso ocorre? Qual o principal motivo que leva os pais tomarem essa atitude? Atualmente, qual tipo de relacionamento/envolvimento existe entre a família e a escola?
- 8) Qual a sua opinião sobre a escola e a família se envolverem mais? Ou seja, a escola conhecer mais as famílias, e as famílias conhecerem mais a escola, seus professores, saberem o que seus filhos estudam? Como você acha que esse envolvimento poderia ajudar no desenvolvimento escolar do aluno?
- 9) Você acha que uma relação positiva entre a família e a escola é importante para o sucesso escolar do aluno (na Matemática)? Na sua opinião, os alunos que tiram boas notas, respectivamente, são aqueles cujos pais costumam exigir boas notas? Que tipo de relacionamento você mantém com seu aluno, fora e dentro da sala de aula?
- 10) Na sua opinião, a escola e a família são agências sociais que se completam na formação do aluno? Na sua opinião, as famílias indicam que gostariam, ou não gostariam, de se envolver com a escola, principalmente no que diz respeito ao processo de ensino/aprendizagem? Atualmente a escola oferece espaço e informações às famílias para que possam se aproximar? Para você, a escola deve dividir suas

responsabilidades, no que diz respeito à educação e à socialização do aluno?

11) Qual sua opinião a respeito de os alunos virem obrigatoriamente de uniforme escolar? Poderia me falar se a escola possui outras regras? O que acha dessas regras escolares?

12) Qual concepção você tem de escola? Na sua opinião, atualmente a escola pública favorece qual grupo social? O que você pensa sobre as escolas particulares? São melhores (ou piores) em que sentido? Por exemplo, possuem melhores recursos (livros, computadores), os alunos são mais aplicados, as famílias se preocupam mais, etc.? Você gostaria de dar aula em uma escola particular? Por quê?

Roteiro de Perguntas Coordenadores

1) Qual a sua formação? Há quantos anos é coordenador escolar?

2) Qual a sua opinião sobre a escola e a família se envolverem mais? Ou seja, a escola conhecer mais as famílias, e as famílias conhecerem mais a escola, seus professores, coordenadores, saberem o que seus filhos estudam? Como você acha que tal envolvimento poderia ajudar no desenvolvimento escolar do aluno?

3) Você acha importante os pais conversarem com os filhos sobre a escola? Por exemplo, a respeito das aulas, dos amigos, dos professores, das dificuldades, etc.? Considerando que a escola possui alunos com problemas na aprendizagem, levando-os inclusive ao fracasso escolar, você acha que o apoio familiar é importante para evitar ou enfrentar uma situação dessas? Que tipo de apoio?

4) O que pensa sobre os pais ajudarem os filhos em casa, quando estes estão com alguma dificuldade? Você acha que, se os pais interagissem mais com a escola, poderiam ajudar mais ainda com as tarefas escolares? Por quê?

5) Você acha importante a escola promover reuniões com os pais? Por quê? Conte-me o que acontece nessas reuniões. Sempre ouvimos que os pais que precisariam comparecer à reunião não comparecem. Você concorda com isso? Qual o tipo de alunos cujos pais deveriam comparecer à reunião? Nas reuniões escolares, quais são os questionamentos levantados pelos pais a respeito dos seus filhos? E a respeito da escola?

6) Nesta escola, existem mecanismos para os pais conversarem com os professores ou coordenadores fora do horário da reunião escolar? Com que frequência isso ocorre? Qual o principal motivo que leva os pais a tomarem essa atitude? Atualmente, qual tipo de relacionamento/envolvimento existe entre a família e a escola?

7) Que tipo de relacionamento o coordenador mantém com os alunos, com os pais dos alunos e com os professores?

8) Na sua opinião, a escola e a família são agências sociais que se completam na formação do aluno? Segundo sua experiência, as famílias indicam que gostariam, ou não gostariam, de se envolver com a escola, principalmente no que diz respeito ao processo de ensino/aprendizagem? Atualmente a escola oferece espaço e informações às famílias, para que possam se aproximar? Para você, a escola deve dividir suas responsabilidades no que diz respeito à educação e a socialização do aluno?

9) Qual sua opinião a respeito de os alunos virem obrigatoriamente de uniforme escolar? Poderia me falar se a escola possui outras regras? O que acha dessas regras escolares?

10) Qual concepção você tem de escola? Na sua opinião, atualmente a escola pública favorece qual grupo social? O que você pensa sobre as escolas particulares? São melhores (ou piores) em que sentido? Por exemplo, possuem melhores recursos (livros, computadores), os alunos são mais aplicados, as famílias se preocupam mais, etc.? Você gostaria de trabalhar em uma escola particular? Por quê?

1. Textualizações dos alunos

1.1 Ketilin

Desde os três, quatro anos, de idade eu vou à escola. Minha mãe trabalhava como merendeira nesta escola, assim eu já estava acostumada com o “Batista Leme”, pois às vezes minha mãe me trazia aqui. Na quinta série, mudei de escola, mas no 1º grau voltei para o “Batista”. Quando eu era criança, estudava numa escola chamada “Parquinho” e tudo o que eu desenhava nessa escolinha ainda está guardado. O que eu mais gostava naquela época era ir para o parquinho da escolinha brincar. Então, da 1ª a 5ª série, estudei no “Batista Leme”; sempre gostei muito de estudar nesta escola, pelo fato da minha mãe trabalhar aqui. Eu convivia aqui, gostava da escola e me sentia bem, e minha mãe sempre me trazia, mesmo quando eu não tinha aula. Da 5ª até a 8ª série fiz em outra escola, depois voltei para cá, não via a hora de voltar, pois aqui eu me sentia em casa.

Minha mãe só estudou até a 4ª série, depois começou a trabalhar e meu pai acabou o Ensino Médio; meu irmão também estuda, já meus avós nem estudaram. Meu irmão vai bem na escola, mas não gosta muito de estudar, já repetiu o ano e está na 5ª série, eu só tenho esse irmão. Ele não gosta muito de ir à escola e tem que brigar para ele fazer lição: meu pai pega muito no pé dele, está sempre olhando seus cadernos. Eu nunca dei trabalho, se tinha lição sentava e fazia, a maioria das vezes eu perguntava para minhas amigas e para a vizinha, pois não tinha como meus pais ajudarem, pois não tinham muito estudo. Minha prima, que morou em casa, sempre me ajudou, mas agora ela se casou. Agora, eu tento de ajudar meu irmão, mas ele não aceita e fica falando que estou errada, mas a ajuda do meu pai ele aceita.

Minha mãe dá aula de teclado, sempre foi o sonho dela, ela apenas fez cursos, pois não tinha condição de se formar professora de teclado, e meu pai trabalha como guarda residencial, mas atualmente está desempregado. Ele trabalhava como guarda-noturno de uma firma; ele até fez curso de guarda, e isso é o que ele gosta de fazer.

Costumo conversar com minha família sobre o que aconteceu na escola; sempre quando chego da aula, meu pai pergunta: “E aí como foi na escola hoje?” Aí eu conto tudo, se foi professor substituto, se não foi, e meu pai sempre me ajuda com a matéria de Física.

A respeito de contar minhas notas, se a nota for boa, eu conto; se não for boa; eu não conto. Quando a nota é boa, ele diz: “Ah! que bom!” Se a nota é ruim, eu nem conto direito, aí ele quer olhar os meus cadernos. Na matéria de Física, ele está sempre perguntando: “E suas notas de física?” Meu pai sempre fica em cima. Eu penso: “Como vou contar para ele

minhas notas que não foram altas?” Assim, se minha nota não é boa, eu tento disfarçar e não contar.

Sempre fui bem em Matemática; uma vez só que tirei nota baixa, pois eu não ia com a cara da professora da 6ª série. Não gostava da maneira da professora ensinar, eu não entendia o que ela falava, e a professora não se encaixava comigo. Minha amiga do lado também não entendia a maneira dela explicar, ela brigava muito na aula, tinha que ficar em silêncio, e eu não entendia as palavras que ela usava, eu pedia para a professora explicar de novo, e, mesmo assim, não adiantava. Mas os outros alunos da classe iam bem, mas eu e minha amiga não entendíamos, quebrávamos a cabeça para conseguir entender, sentávamos a tarde toda para estudar e entender do nosso jeito. Pessoalmente, a professora era briguenta, ela era muito irritada e brava, nossa classe era bagunceira, e ela gritava muito; assim, eu não conseguia entender o que ela explicava, eu ficava quieta e nem virava para o lado, pois tinha medo de perguntar para ela.

Sabendo disso, meu pai queria falar com a professora, mas eu não queria que ele fosse, eu dizia não, pois pensava que depois todo mundo ia ficar pegando no meu pé, eu não queria nem imaginar se isso acontecesse. Todo mundo ia tirar sarro de mim, que eu era burrinha. Mas a vontade dele era de vir conversar com ela. Assim eu disfarçava para ele, dizendo que estava entendendo tudo, mas, na verdade, eu não conseguia entender.

Já na 7ª série eu entendia tudo: por causa do jeito que a professora explicava, eu conseguia entender. Ela era um amor, um anjinho, ela falava baixo, falava meigo: “Por favor, gente vamos prestar atenção em mim”. Dava aula e depois brincava no meio, dava uma aula diferente, ela dava conta para os alunos ao ar livre, ela cativava a gente, a outra professora da 6ª série não, aí eu fui bem.

Se perguntassem aos meus pais que matéria eu mais gosto, eu acho que eles diriam que é da Matemática e de Português. Quer dizer, meu pai saberia, minha mãe eu acho que não, minha mãe não pega muito no meu pé, ela não tem tempo, gosta mais de música e fica o dia inteiro naquilo, ela fica tocando o dia todo.

Meus pais nunca precisaram me mandar estudar, meu pai sempre falou que eu fui a filha que não deu trabalho. Mas o que eu não dei trabalho o meu irmão deu, meu pai fica no pé do meu irmão e todo dia tem que conferir o caderno dele. Se eu tinha alguma dificuldade, chamava meu pai para ajudar; às vezes ele não sabia, aí ele dizia: “Ai filha, isso eu não sei”.

A respeito da família e a escola se relacionarem, acho que é importante a participação dos pais na escola. Acho que é, pois quando tem reunião e não dava para meu pai vir, aí ele vinha outro dia para conversar com a professora, para saber como estou indo. Para saber como

eu estava na escola. Eu falava para meu pai: “Ah! Estou enjoada já, você fica pegando no meu pé”. Eu acho que meu pai não precisaria vir aqui na escola. Eu acho que é preciso quando o aluno dá trabalho, como meu irmão, que toda semana meu pai precisa ir à escola, pois assim ele fica sabendo o que está acontecendo. Nesse caso, vai ajudar se meu pai for falar com a professora sobre meu irmão, pois aí ele vai saber o que ele está fazendo, vai ficar ciente daquilo que está acontecendo, para ele tentar melhorar meu irmão, para a professora falar que ele não faz isso, não faz aquilo. Mas o aluno que nem dá trabalho, eles nem precisariam que os pais viessem à escola, porque na reunião eles sempre falam as mesmas coisas, tudo a mesma baboseira e você fica sentado escutando, eu acho que nem precisaria, pois a maioria dos pais trabalha. As mães reclamam: “Ai! Tenho que ir à reunião”. Mas se for uma pessoa que dá trabalho, que não faz lição, que xinga e que vai para diretoria, aí precisa.

Acho que esta relação de pais e professora se envolverem ajuda os alunos a se desenvolverem na escola. Eu tenho prova disso, pois minha professora de ciências, ela era magrinha, e um anjinho, quietinha e tinha um menino da minha classe, que estava desandando, como dizem os meninos, ele era aquela pessoa que não ligava para nada, dormia na sala, não fazia lição, fazia aquela bagunça, e ela sozinha com a ajuda da mãe dele, pois ele não tinha pai, conversava muito com a mãe dele, com ele, e elas mudaram ele, e eu vi a prova disso, pois na 5ª série ele era um demônio, e, depois na 7ª série ele era outra pessoa, então eu acho que essa relação contribui para melhorar o aluno com certeza.

A maioria das vezes meus pais não vêm nas festas da escola, eles falam: “Ah! Festa? Já não chega reunião?”, a maioria das vezes eles não vêm não.

Sempre gostei de estudar Matemática, agora este ano está difícil...Ah muita coisa! O professor explica bem, ele sabe explicar, sabe pôr na sua cabeça, mas passa muita lição, ah muita lição, ah! Pelo amor de Deus, aqueles exercícios de quase uma folha inteira, aqueles problemas de X do vértice e não sei lá o quê, então às vezes cansa aquela aula, fico cansada, já enjoou e é muita conta, mas eu gosto e também tem que pôr a cabeça para funcionar muito, de tanto que já penso, penso, penso.

Para mim, o primeiro motivo que leva um aluno ir mal em Matemática é o professor, pois ele tem que saber cativar o aluno, conversar com ele, brincar, pedir para ele fazer lição, e não qualquer coisinha levar para a diretoria, sabe? que nem acontece várias vezes. Sabe, tem que cativar, se o aluno não entender, você explica, pois Matemática é uma coisa difícil de entrar na cabeça, muita conta e número; o professor tem que ajudar bastante, ser compreensivo, não ser só grosso, e dar pancada, não, ele tem que ajudar, pois é difícil a Matemática. É, eu acho bem difícil.

Um outro motivo seria porque o aluno não gosta de número, aí não adianta. Neste caso, o aluno não gosta de pensar, tem preguiça. Mas, por exemplo, se eu fosse preguiçosa, meu pai seria a primeira pessoa a me “puxar a orelha”. É, pode até ser que um aluno seja preguiçoso porque o pai não “pega no pé”, não liga para o filho, não está nem aí, a professora também não pega no pé, porque às vezes a professora tenta fazer de tudo e o aluno reage mal, briga e fala: “Aí larga do meu pé, só eu, só eu”. Isso acontece na minha classe, aí o aluno não vai bem e os pais não ajudam.

Acho que seria super-importante o apoio dos pais para o aluno evitar o fracasso. Inclusive, os pais têm que ficar ali vendo o que o filho não entendeu, ajudando, se a pessoa falar: “Pai, não consegui entender!” Aí conversa com a professora, fala para ela dar mais atenção a ele, dar uma ajudinha a mais para ele, assim o professor vê o aluno que tem mais dificuldade.

Uma das regras da escola é o uniforme, não entra sem uniforme; ela foi imposta, pois se perguntasse, ninguém colocaria esta regra. Existem outras regras como: não pode sair durante as aulas para beber água, tem tanto regra nesta escola, só pode chegar atrasado uma vez por semana, não pode chupar chicletes, pirulito na aula, só pode vir de calça jeans ou saia jeans até o pé. Tem dia que você não agüenta e dá raiva vir só de calça jeans. E quando é calor, agora deixaram vir com a saia para baixo do joelho, e eles implicam mesmo, acho que não precisaria ser só jeans, poderia ser outra cor, concordo que tem que ser comportado, pois se não tivesse regra, ia vir com cada roupa curta e decotada, mas não precisaria ser só jeans. A camiseta, tudo bem, obrigatória, mas o jeans azul não. Acho importante vir assim com a camiseta, mostrando que está vindo para a escola, é bem bonito. Aí todos os alunos parecem iguais, pois senão, na classe, tem o rico e o pobre e aí o rico viria com as roupas mais novas e aí o pobre iria se sentir mal, vindo com a roupa mais surrada. Mas, que nem, só com a calça jeans não é todo mundo que fica igual, pois um vem com a calça velha, o outro vem com a nova, e assim mostra que um é diferente do outro. Então, se querem todo mundo igual, então põe uma calça como uniforme também, e aí vem todo mundo igual, que nem “par de vaso”.

Sobre as escolas particulares, eu acho que depende muito da pessoa, se a pessoa tem aquela inteligência, quer saber, ele pode estudar numa escola estadual que ele vai aprender, agora se o aluno é burrinho, aí não adianta ele ir para uma escola particular, que ele não vai aprender do mesmo jeito. A escola particular, para quem tem condição, é muito boa, pois você vai ter mais atenção, lá o ensino é melhor, tem uma moça perto de casa e ela estuda em uma escola particular e ela fala que você aprende coisa que nem imagina, que nem tem coisa que ela aprendeu antes de mim, mas eu aprendi aqui, mas ela fala que tem mais atenção, mas eu

acho que não tem diferença; para mim, eu ficaria aqui mesmo, não acho que lá tem melhores professores. Tem uma professora que dava aula no “Objetivo” e dava aula para mim, e ela falava que o que ensinava para eles ensinava para nós, mas lá é mais chique, ensina no computador. Vamos supor: quem mata aula e está com a blusa do “Batista” no shopping, aí chega outro aluno com a blusa do “Koelle”, eles são mais chiques, têm um estilo mais chique, pois têm dinheiro. A fisionomia da pessoa é diferente da gente, mas acho que a capacidade dá na mesma.

Acho que a Matemática é muito difícil, porque você começa fazer uma coisa, por exemplo: X do vértice, depois Y do vértice, aí começa a juntar tudo, de uma coisinha pequena vai ficando uma contona grande, tem que pensar muita coisa ao mesmo tempo, e começa a complicar a cabeça, e ela fica difícil, pois tem que pensar muito, e a maioria das pessoas têm preguiça de pensar, e têm que dar muita atenção, pois qualquer coisinha você pode errar, que nem na prova requer muita atenção, qualquer menos vezes menos errado, fica tudo errado. Penso em Matemática, penso em conta, tem que pensar muito, e complica, enjoa, começa a fazer uma conta e cansa, complica, às vezes a gente desanima, “ai não quero mais fazer esta conta”, e, entendendo já é difícil, imagina sem entender. E você tem que prestar muita atenção, não pode distrair, se eu me distraio e começo a rir, por exemplo, aí tenho que pensar tudo de novo.

Na 6ª série tive dificuldade com a Matemática, e ainda uma situação de dificuldade que tenho até hoje é a fração. Aquele um dividido por dois. A minha mãe tenta me explicar fração de outra forma, ela fica, um chocolate ou uma banana, dividido no meio, minha mãe sempre me ensinou fração, a única coisa que ela sempre conseguiu me ensinar foi fração, pois, na música, também tem, então ela vai bem, ela me explica, mas na escola não ia. Meus professores também tentaram explicar do mesmo modo da minha mãe, aí no começo eu entendo, mas depois que passa do um meio e eu não entendo, não sei, acho que eu não me encaixo com a fração.

No começo, quando era continha de mais, a matemática era fácil, de menos também era fácil, de vezes começou a complicar, de dividir complicou mais; aí, quando eu aprendi mesmo matemática, e comecei a entender como é que era, como que fazia - acho que foi na 3ª série que eu comecei entender mais - porque daí encaixou mesmo na cabeça, porque daí começa, contas de vezes, duas vezes tanto, aí igual a tanto. No começo que eu não sabia direito, eu fiquei meio perdida, mas depois que eu conseguia fazer, eu comecei a entender, então quatro elevado a dois é quatro vezes quatro, aí eu comecei a entender. O que me levou a entender foi a professora, pois eu lembro que ela pegou bastante no meu pé. Bom, a

professora e eu, porque eu lembro que eu estudava o dia inteiro, porque no começo eu não entendia, então ela ficava. 2x2, Ketilin? Dá quatro (ela fazia os gestos da professora com as mãos), ela começou a me explicar, sabe, ela explicava para classe inteira, eu mesma ficava meio perdida, depois comecei a crescer e, aí, começou a entrar mais na minha cabeça, entendi por causa da minha dedicação e da professora.

Eu falava para a minha família que eu não agüentava mais aqueles números, que faziam uma complicação na minha cabeça. Aí meu pai sentava comigo na mesa e ficava o dia inteiro falando, aí eu não gostava de falar porque, senão ele sempre fazia isso, ficava me explicando, explicando, aí eu falava: “Ah! Está bom! Deixa eu ir brincar!” Aí minha mãe perguntava: “E aí, como é que você está na escola?” Eu dizia: “Estou ótima!” Pois senão ele sentavam na mesa comigo e ficavam explicando tudo de novo. Meu pai veio até na escola falar que eu estava com dificuldade, ele veio escondido falar com a professora, aí ele chegou em casa, eu vi a cara dele e falei: “Pai o que você aprontou?” A professora ficou quase a aula inteira na minha carteira, que vergonha, tá pensando que eu sou burra. Briguei com ele, e ele ria da minha cara, ele foi falar para ela que eu não entendia fração, que minha mãe explicava com banana, e mesmo assim, eu não entendia, não encaixava direito. Eu lembro que a professora ficou umas duas semanas explicando para mim, ela ia à lousa, mas eu sabia que era para mim, porque ela ficava olhando para mim, ela me dava mais atenção, até eu conseguir fazer; aí eu comecei a entender. E, na classe, ninguém ficou me criticando, pois meu pai não foi na frente de todo mundo, ele foi num outro horário.

Para mim, ser uma boa aluna...bom, eu faço lição, tento me esforçar para aprender e tirar uma nota boa, não sou uma anjinha na sala, não fico assim dura, sem falar nada, porque a aula de Matemática já é aquela coisa, então tem que ter uma diversão. Então eu brinco, dou risada com todo mundo, faço todo mundo rir. Eu faço toda minha lição, na hora de perguntar eu pergunto, mas na hora de brincar eu brinco. Eu falo para o professor de Matemática: “Pelo amor de Deus, não passa lição hoje, que eu não quero fazer lição, estou enjoada de fazer tanta lição, essa conta, eu não entendi nada”. Ele vem, explica para mim, eu acho que eu sou uma boa aluna. Nunca fui na diretoria, nunca fiz bagunça para ir à diretoria, nunca briguei na escola, nunca dei trabalho para o meu pai, meu pai nunca foi chamado na escola. Por isso, eu me considero uma boa aluna.

Já meus pais queriam que eu fosse uma aluna mais dedicada, que eu ficasse na mesa lendo livros, que eu ficasse lá o dia inteiro escrevendo, estudando; eu já não tenho paciência de estudar para prova, eu não tenho paciência, tabuada até hoje eu conto no dedo, eu não consigo decorar, eu sempre faço as minhas provas assim O professor explica na lousa, eu

entendo, eu não vou estudar em casa, eu faço do jeito que ele ensinou, não sou de ficar estudando, lembrando. Para os meus pais, bons alunos ficam o dia inteiro estudando. Falam que sou uma boa aluna para os meus tios, sei que eles me vêem como uma boa aluna.

Eu já tive professores que explicavam e eu não entendia; aí, para eu conseguir entender, eu perguntava para um outro professor de Matemática me explicar; eu sentava e quebrava a cabeça para entender do meu jeito como fazia a conta, eu fazia eu mesma entender do meu jeito. Eu acho que os pais vindo conversar com os professores ajudam os filhos no desenvolvimento escolar, pois se não fosse meu pai vir falar com a professora, eu não teria aprendido fração, e depois disso, eu melhorei um pouco.

Meus pais não me deixam faltar na escola; às vezes eu quero faltar, falo que não estou bem, que enjoei da aula do professor, que eu não agüento mais. Mas aí, eles falam: “Você não quer ser alguém na vida? Você tem que entender a matéria!”. Que nem Biologia, eu não entendo, e a professora é meio irritada e, no primeiro dia de aula, ela deu suspensão para a sala toda, acho que fiquei meio implicada com ela. Eu entendo a matéria, mas não vou com a cara dela. Sexta-feira tem as duas primeiras aulas com ela, aí eu falo: “É aula de Biologia eu não agüento mais, tudo ela grita, fala que não somos educados”. Mas meus pais nunca deixam eu faltar, só se eu estiver muito ruim, caso contrário, faça chuva ou sol eu venho para escola. Venho arrastada, mas eles não deixam eu faltar.

Meus pais se preocupam com meu comportamento, querem saber se eu faço bagunça na sala de aula, se eu respondo para os professores, se eu fico quieta, se sou mal educada. Aí eles me dão uma prensa, eles sempre falam que tenho que respeitar os mais velhos, mesmo que você não fez nada, sempre abaixe a cabeça, é falta de educação. Tem que respeitar a professora, meu irmão já não é assim. Meu pai não é de bater, ele senta e conversa, porque ele fala que bater não vai adiantar nada e meu irmão só vai pegar ódio dele; se precisar, ele bate, mas ele conversa bem mais.

Atualmente minha aula de Matemática é assim: o professor chega na classe, faz a chamada e coloca a lição, aquele monte, monte de lição, aí ele fala: “Agora vou explicar”. Ele explica e fala: “Vocês entenderam?” E aí passa um monte de lição. E os meninos sempre brincam com ele, ele também brinca com os alunos, a aula dele não é cansativa, mas ele dá muita lição. Às vezes fazemos os exercícios em dupla, ele sempre corrige todos, e explica todos; se você não entendeu, ele explica, manda os alunos ir à lousa, e se você fala “Não, eu não sei”, ele faz você ir à lousa e diz: “Vem, que eu te explico”. Às vezes ele dá ponto negativo, se você não quer ir à lousa. Ele é muito bom, ele dá bastante trabalho, em dupla e

individual, para ver se a gente está sabendo mesmo. Ele sempre faz assim, ensina uma matéria nova, dá trabalho sobre ela e depois dá prova.

Nunca tive uma aula de Matemática bem diferente, mas acho que a aula de Matemática seria mais gostosa se tivesse menos lição, se o professor conversasse com a gente, passasse menos exercício. Isso cansa muito, deveriam conversar mais, queria que fosse mais conversado e explicado, porque cansa ficar fazendo, fazendo exercício.

Sempre falo que deveria ter um modo que o aluno entendesse mais rapidamente. Porque, às vezes demoro a entender, passa umas duas aulas e eu não entendo. No começo, começa aquela continha, depois vai agrupando e aumentando as contas, duas, três, aí quatro, você faz quatro contas para fazer dar um gráfico, aí crescente, decrescente; é muita coisa na sua cabeça, então deveria ter um modo de falar que você soubesse fazer mais rápido que nem fazer menos com menos. O resultado dá menos ou dá mais? E quando você está conseguindo fixar uma coisa, aprende outra, aí você não consegue fixar nem uma nem outra.

Tem algumas coisas que ele explica que eu entendo na hora, e minha colega pega devagar; tem coisa que ela pega rápido e eu não. Então depende do assunto, eu entendo, dependendo do assunto, ela entende, aí ela tenta me explicar, eu peço explicação, para o professor, aí eu entendo. Na minha classe, só tem um menino que pega rápido, escreveu na lousa ele já faz, mas varia de aluno para aluno.

Acho que, para todos os alunos, um bom professor não deve ser chato, nem ser implicante e não ficar gritando, porque isso enjoa, você pega raiva, mas eu tenho bons professores, gosto de quase todos.

Os que eu não gosto é porque geralmente eles ficam “dando azia”, mudou de lugar, ela já grita e manda você voltar, você vai levantar, ela manda sentar, grita muito com os meninos, não pode fazer nada que ela fica enjoada. Sabe, à noite, ela deve estar cansada, pois deve dar aula o dia todo. O professor tem que se relacionar bem com o aluno, pois vai ótima a classe, se o professor se relacionar bem; se ele for um implicante e um chato, pode esquecer, a aula dele sempre vai ter alguém que vai implicar.

E se o professor passa bem a matéria, mas é um chato, mesmo assim parece que a matéria não vai, você pega implicância com o professor, você entende a matéria, mas você pega tanta raiva dele ser nervosinho. Se você gosta, a aula é até mais gostosa, a matéria vai que é uma beleza. Que nem o professor de Física, ele é um amor, ele explica tanto, mas dele ser irritado, e não explicar se tiver um aluno conversando. Ninguém da minha sala consegue entender a matéria dele, a hora que ele explica sua cabeça vai lá para o Japão, você nem fica prestando atenção no que ele está explicando.

1.2 Juliana

Passei minha infância em São Paulo, fui na escola pela primeira vez com quatro anos, e sempre estudei junto com minha irmã, pois, como faço aniversário em outubro, minha mãe me colocou atrasada na escola, e assim fiquei sempre na mesma série. Me lembro que a professora ensinava todo o abecedário e os números, e me lembro que eu era puxa-saco da professora, a professora sempre levava na sala do diretor, e eu gostava desta parte, não via a hora de ir, assim ele sabia mais da nossa vida e a gente conhecia mais ele. Eu lembro que só minha classe, o prézinho, que ia visitar o diretor na sala dele. Na minha infância, lembro que eu brincava muito com meus primos de esconde-esconde e também de boneca.

Eu fiz a sétima em três escolas, comecei a estudar em São Paulo, aí vim para o “Marasca” e depois fui no “Zita”, e ficava até ruim, pois aqui eu fui aprender coisa que eu já tinha aprendido lá. Eu pensei que fossem diferentes as escolas daqui em relação às de São Paulo, mas não muda muita coisa, porque também eu estudava em escola pública lá. Lá não precisava ir de uniforme, só a camiseta, e aqui tem que vir de jeans também; isso eu estranhei porque eu não ia de jeans. Mas agora eu já me acostumei; eu acho importante usar uniforme para identificar a escola, eu acho muito importante. Lá em São Paulo, todos os alunos também obedecem indo de uniforme. Eu acho bom ter que vim de calça, eu não me importo. Quando eu falo para minha mãe que cansa ir só de calça de jeans, ela sempre fala: “Não, você tem que usar, se é a regra da escola sempre tem que ir”. Ela também acha importante. Meu pai sempre fala que também tenho que ir porque é a regra da escola. Aqui os professores têm mais afinidade para chegar na gente; lá eles são mais enturmados entre eles, aqui eles chegam mais, conversam.

Meus pais trabalham, tenho mais duas irmãs que estudam, meu pai é empilhador e minha mãe é merendeira na escola “Vitori Machado”. Uma irmã estuda comigo na minha classe, e a outra está na sétima. E meu irmão acabou o terceiro colegial. Ele trabalhava no Mc'Donalds; agora ele pediu a conta e está procurando outro serviço.

Minha mãe estudou até a quinta série e meu pai até a sétima; mas eles estão estudando de novo, agora estão fazendo supletivo à noite. Meu pai voltou a estudar porque, para procurar serviço, estava difícil, pois ele tinha só até a sétima, e hoje pede estudo. Minha mãe é merendeira já, faz é por vontade dela, porque ela sempre quis voltar a estudar, nunca queira ter parado de estudar. Foi por causa da minha vó que ela parou, para ajudar a cuidar dos irmãos dela, que ela é a mais velha, e ela sempre sentiu vontade de voltar estudar. Meus pais

incentivam até demais a gente estudar, eles sempre falam que o estudo tem que estar sempre em primeiro lugar, que, com o estudo, eu chego melhor, o futuro vai ser bem melhor para mim. Quando eu tinha dificuldade em alguma lição, minha mãe sempre ajudou, minha mãe que sempre me deu mais força; meu pai também ajuda, mas minha mãe ajudou mais. Hoje em dia, eu sempre ajudo eles, ela sempre pede para eu ajudar ela, aí eu falo “Isso eu já aprendi”. Ela gosta bastante de estudar, eles estão fazendo o supletivo da 5ª a 8ª série.

Eu sempre conto para minha mãe o que acontece na escola; desde pequena, eu sempre conto o que acontece aqui, para meu pai também.

Ele sempre estão querendo ver minha nota, eu sempre tive nota azul, notas boas, sempre quando eu tirava um C ou D, meu pai falava “Tem que melhorar”, ou se tirava um A, ele falava que estava bom e que tinha que continuar assim. Minha mãe sempre compareceu às reuniões, sempre viu meu boletim e eu nunca escondi meu boletim, minha mãe e meu pai sempre viram. Não tenho receio de mostrar minhas notas, se elas são ruim. Já tive nota ruim, e aí contei para meu pai. Ele sentou e conversou, ele falou que, se eu não fui bem neste bimestre, eu posso ir melhorando no outro, prestando mais atenção. Aí eu prestei mais atenção e tirei nota azul. Até hoje meu pai fala que quer ver minhas provas, mas não é tanto quanto antes, porque acho que agora eu estou no 1º colegial. Eu às vezes mostro as provas que eu tirei nota ruim, eu falo “Ah! pai, Tirei nota ruim nesta prova”, aí ele fala: “Tem que melhorar mais”.

Já tirei nota baixa em Matemática, até com a professora do 1º colegial agora, a professora até assustou que nós tiramos nota baixa, porque sempre fica eu e minhas amigas prestando atenção na aula. Nesse dia, acho que a professora explicou, porque Matemática se você não prestar atenção no primeiro dia, você fica ruim nos outros dias. Aí nós não prestamos atenção, aí a professora falou que estranhou nós tirarmos nota baixa, mas depois nós recuperamos. Eu contei para minha mãe que tirei esta nota ruim, ela falou: “Nossa, Matemática, você tirar ruim?” Eu falei “É, né, mãe?”, mas ela nem pegou no meu pé.

Meus pais diriam que a matéria que eu mais gosto é Português. Eu nunca fui ligada muito em Matemática, eu acho, assim, que Matemática é bom, mas eu gosto mais de Português. Eu já falei para ele que a matéria que eu mais gosto mesmo é de Português.

Minha mãe sempre fala. Tem lição? Vai fazer, então. “Ela sempre fala; se eu tenho dificuldade, eles sempre me ajudaram, desde que eu tinha dificuldade; assim, às vezes, eles ajudavam, eu pedia para a minha mãe: “Vem cá me ajudar!” Minha mãe sempre ia lá ajudar, tanto minha mãe quanto meu pai. Eu tinha mais dificuldade com Matemática mesmo; aí fazer continha, assim, não era comigo. Aí minha mãe sempre ficava lá comigo; ela falava: “Ah!

Isso aqui é assim!” Aí ela explicava direito, eu entendia; se eu não entendia, eu perguntava de novo o que eu não entendia com o professor. Aí minha mãe sempre explicava e eu sempre entendia. Ela explicava as continhas de mais e menos, e eu entendia o que ela explicava. Depois da quinta à oitava, o que ela podia, ela ajudava, mas não tinha como ela ajudar muito, pois ela fez só até a 6ª série. Mas eu me recordo da minha mãe sempre me ajudar nas lições de casa, e eu gostava, era mais minha mãe, mas meu pai também ajudava, às vezes meu irmão mais velho também ajudava. Eu sempre pedia, ele ia lá ajudava, mas nem tanto quanto minha mãe e meu pai. Às vezes, eu ajudava minha irmã da sétima; ela não pede muito, mas às vezes ela fala: “Me explica isso aqui?” Aí eu vejo que já aprendi, e ajudo ela. Mas ela pede mais para minha mãe também.

Minha família sempre foi a favor da escola, eles sempre falaram “Estudo em primeiro lugar”. Minhas irmãs e meus pais sempre foram a favor da escola. Minha mãe sempre quis que a gente estudasse, ela ficou até feliz que meu irmão acabou o 3º colegial. Ela quer que, no futuro, a gente faça uma faculdade. Ela sempre nos dá força, minha mãe e meu pai. Minha mãe não deixaria eu parar de estudar, eu até já falei que eu queria trabalhar, mas sem parar o estudo, mas ela falou: “Ah! Não, vai pensar em estudar primeiro, depois você pensa em trabalhar”.

Minha mãe sempre veio nas reuniões da escola, mas este ano está difícil, porque ela está trabalhando, e nunca dá para ela vir. Mas, depois que passa a reunião, ela vem aqui conversar com os professores do “Batista”. Ela vem nas reuniões porque ela se interessa, se preocupa com meus estudos, quer saber o que eu estou estudando, se estou boa nas notas. Acho que isso é bom, né. Eu acho importante ela vir na escola, porque eu sempre falo minhas notas, mas se eu não tivesse coragem de falar, até seria bom ela vir aqui perguntar, se interessar. Quando ela vem nas reuniões, ela chegava em casa e sempre falava o que acontecia nas reuniões; se ela não falasse, eu perguntava. Eles sempre falavam coisas positivas; ela falava que os professores falavam que estou boa, às vezes falava que eu conversava demais; aí, ela mandava eu parar. Ela sempre vinha com o boletim, e eu sempre ficava esperando com medo, ainda mais no último ano. Eu falo “Meu Deus do céu, será que eu repeti?” Aí minha mãe chegava e falava “Você passou”, e ficava naquela felicidade.

A família se relacionar com a escola é importante para o sucesso escolar; acho que é bem importante minha mãe querer saber das coisas, igual eu tinha falado, ver que ela se interessa por mim. Eu estou vendo que minha mãe se interessa por mim, acho que é importante sim, eu sinto mais vontade de vir à escola. Eu acho que muitos filhos param de estudar por causa dos pais não ligarem. Aconteceu isso com uma amiga minha, né, ela sempre

gostava de ir para a escola, mas a mãe dela sempre incentivou ela a parar, e o ano passado ela não parou. Agora, este ano, ela não está mais estudando, a mãe dela sempre falava para ela parar, ela parou porque a mãe dela ficava em sozinha casa, porque só era ela de menina, e a mãe dela ficava sozinha em casa, e queria que ela ficasse em casa fazendo companhia para ela. Lá em casa, nunca ninguém quis parar de estudar. Meu irmão, por exemplo, ele parou no 3º colegial, mas ele tinha parado o 3º colegial no meio em São Paulo, e ele veio antes para cá. Então ele parou antes o 3º e não terminou aqui. Aí, depois, minha mãe veio, incentivou ele a estudar de novo, aí ele foi, estudou e terminou.

Acho que ficaria até melhor os pais conhecerem mais a escola, os pais saberem onde os filhos estão estudando, a escola saber qual a família do aluno, se incentivam ou não, acho que é bom essa relação, e iria ser melhor ainda, acho que o aluno ia querer estudar mais, os pais iriam incentivar mais os alunos a estudar, e a escola ia ficar sabendo se a família é boa para o aluno mesmo. Se o aluno está com problema, vai saber o que é mesmo, porque ele está com problemas se é na família. Acho que é fundamental para a escola, a escola e a família se conhecer. Eu acho que minha família me ajuda bastante, minha família é ótima, me ajuda sempre na escola, eu não tenho que reclamar nem da minha mãe nem do meu pai. Eu acho que, através dessa relação, os filhos se interessariam mais, e até os pais incentivariam os filhos a estudar mais. Seria melhor. Minha mãe e meu pai sempre foram a favor de conhecer mais a escola onde eu estou estudando, meus pais seriam a favor de se relacionarem mais com a escola.

Minha mãe sempre participou das festas, fazia prato de doce para levar; meu pai também ia com minha mãe, se aqui tivesse uma festa e eu chamasse eles, acho que eles viriam.

Eu sempre gostei de Matemática. No começo, até eu tinha dificuldade em Matemática; aí, depois, eu fui melhorando. Muitas amigas minhas sempre gostavam de Matemática, e fui a que menos gostava, isso da 1ª a 4ª série. Eu não gostava muito de problemas, eu tinha dificuldade em entender os problemas, igual às professoras falam, tem que entender o que está escrito, né, eu sempre tive dificuldade para ler o que estava escrito, assim, sabe. Depois eu fui gostando mais de Matemática, fui entendendo, eu acho também que isso ajuda; se a gente gostar da matéria, acho que ajuda mais, a gente aprende mais. Minha mãe falava: “Ah! Você não gosta de Matemática”. Aí, ela foi me ajudando, foi sabendo o que eu tinha mais dificuldade, e aí eu fui perguntando mais para os professores de Matemática as coisas que eu tinha mais dificuldade, assim, porque antes eu era muito tímida, eu não perguntava para os professores, isso que me atrapalhava um pouco. E minha mãe sempre falava: “Quando você

tem dificuldade, pergunte para os professores”. Aí eu comecei a perguntar. Nessa época, na prova, eu tirava nota baixa por causa dos problemas, mas nunca nota vermelha, porque tinha bastante continhas e eu gostava de continhas. Eu não gostava de resolver problemas, porque eu não entendia muito, e tinha vergonha de perguntar como que eu fazia para entender. Acho que era até preguiça de ler, né, aí eu fui entender mais. Eu falava “Nossa, se eu gosto tanto de Português, vamos ler, né”. Aí eu comecei a me interessar mais por Matemática e fui gostando. Minha mãe sempre me ajudava nos problemas, ela falava “Pega os números, divide, ou multiplica assim”. Aí eu fui entendendo sabe? Quando chegou na 5ª em diante, eu comecei a levar bem melhor a Matemática, se tem problema, eu leio, faço. Porque, antes, eu não conseguia entender os problemas, mas, depois que eu consegui entender, aí acabou minhas dúvidas. Eu consegui entender, porque eu fui perguntando para a professora a primeira vez, como que entendia o problema, aí ela falou “Você pega os números, multiplica ou divide”. Aí, eu comecei a entender melhor.

Se meus pais se interagissem mais ainda com a escola, eles poderiam colaborar mais ainda com minhas dificuldades (tarefas) em Matemática, porque eles veriam onde eu estou com problemas, e ajudariam mais e eu entenderia mais até. Sempre quando tem lição de casa, eu faço e, se eu tenho dúvida, eu pergunto para a professora, porque meus pais não conseguem me ajudar muito. Vindo na escola, o pai fica sabendo com a professora aonde seu filho está com problema e aí, se der, ele ajuda o filho em casa. Mas eu sempre conto para os meus pais onde eu estou com problemas. Aí, minha mãe fala: “Pede ajuda para o professor”. Então, aí, eu sempre peço, quando eles falam assim; eles sempre falam para eu sempre estar me informando com o professor.

Na minha opinião, o motivo para um aluno sempre ir mal em Matemática, acho que é não prestar muita atenção na aula, igual eu fazia, né, eu não prestava muita atenção na aula, eu acho que é só prestar mais atenção. Esses alunos não prestam atenção e depois ficam jogando a culpa no professor que não ensina. Se prestar e não entender, aí acho que sempre tem que perguntar para a professora, porque a professora nunca vai adivinhar. E, nessa hora, eu acho que a família ajuda mais, aí incentiva mais ele a prestar atenção, a saber que o que eles tem dúvida devem perguntar, os professores perguntam: “Têm dúvida?” O aluno tem que falar que têm dúvida, é importante que os pais incentivem o filho a perguntar na escola quando tem dúvida.

Eu acho que eu não me daria bem numa escola particular, porque eu sempre estudei em escola pública; se eu estudasse desde pequena numa escola particular, acho que seria melhor, né, mas eu sempre estudei em escola pública, acho que eu vou até o fim em escola

pública, né? Depois eu vejo se vou fazer faculdade. Mas eu sempre ouvi que as escolas particulares são melhores, os professores diziam; o ano passado, estavam fazendo inscrição para quem queria ir para uma escola particular, minha amiga mesmo passou, ela fez uma provinha que a escola nossa pagou 60% e ela passou. Minha colega de classe do ano passado está fazendo escola particular agora, ela fala que é mais reforçado, assim, sabe? Lá você aprende mesmo, mas eu acho que não muda muito o ensino, acho que os professores daqui também são bons. Eu acho que melhores elas não são não, dizem que, as particulares são bem melhores, o ensino é bem melhor, né? Eu sempre estudei em estadual, eu não me interessaria em ir para uma particular, só se estudasse desde pequena, porque aí eu acostুমaria com o ensino da particular, porque eu estou acostumada com o da estadual, porque dizem que o ensino do particular é melhor, mais reforçado. Se desse, acho que eu até queria estudar em uma escola particular, iria porque falam que o ensino é bem melhor, é mais forte, é isso que eu ouço falar, eu acho que é verdade porque eu tenho colega que estuda lá, e falam que o ensino é bem mais reforçado. Eu gostaria de ter um ensino bem mais reforçado, para que no futuro eu não tivesse dificuldade no trabalho.

Eu penso em fazer faculdade, e minha mãe sempre me incentiva a fazer faculdade, eu acho que o aluno tem que se esforçar, né, para conseguir alguma coisa, ele tem que se esforçar, eu quero fazer tal coisa e eu vou me esforçar para fazer isso, acho que ele chega, sim, se ele se esforçar bem. Acho que a escola estadual também dá base para um aluno entrar numa faculdade, depende do esforço do aluno.

Quando eu estava na 5ª série, eu estranhei porque era sala ambiente. De 1ª a 4ª série era mais fácil, porque tinha só uma professora e a gente conhecia a professora. Então, o ensino ficava bem melhor, mas sempre foi assim, matéria de Matemática eu sempre fui boa, mas no começo foi igual, eu falei por causa dos problemas, como eu já falei. Na aula de Matemática, a professora ia à lousa explicava, mandava a gente fazer e depois ela corrigia. Na 5ª série e 6ª, tinha livro, minha professora tinha o livro e ela passava na lousa, nós tínhamos um livro próprio que nós tínhamos que fazer, ela tirava as dúvidas, e ela explicava também. As aulas eram na sala-ambiente: a sala de Matemática tinha uns números, a gente até se divertia porque era uns números que ficavam rindo, a gente falava “Nossa, a gente é criancinha”, mas era até gostosa, eu acho que a gente aprendia mais. A professora tinha um livro que ela seguia e nós também tínhamos o livro, mas escrevíamos no caderno; a professora seguia o livro, aí a professora explicava, ela lia, falava para a gente abrir a página, a gente tentava fazer, se não conseguia ela explicava de novo na lousa, aí, depois, ela corrigia.

Eu gosto da Matemática, porque eu acho ela interessante, ensina a fazer conta, essas coisas assim, até problemas mesmo. Hoje, nós, eu e minhas colegas, sempre gostamos da aula de Matemática, acho que até a professora ela ensina mesmo, a gente gosta do ensino dela.

No começo da 6ª série, eu tinha dificuldade, mas depois eu fui tomando afinidade com a professora. Na 6ª série, escrevo que odiei a Matemática por causa da professora, não é que eu odiei; que nem, a professora distribuía os livros, e chegava na nossa vez, porque sempre sentava em dupla, e acabavam os livros, e aí ela dava o livro dela, e o dela já tinha a resposta, os exercícios feitos, e nós não queríamos, porque a gente queria estudar, e não dava porque a gente ficava vendo a resposta. Tinha vez que ela até trocava, porque a gente brigava com ela, porque a gente não gostava, porque ela sempre dava o livro com resposta. A gente até mudou de lugar, fomos sentar lá atrás porque daí tinha livro. Acho que ninguém gostava dela, né, porque, ela assim sempre ensinava, só que, por causa da bagunça mesmo da classe que ninguém prestava atenção sabe, ela começava a brigar, mas acho que é normal mesmo o professor brigar, porque, por exemplo, os alunos estão bagunçando, não deixa ela dar aula, aí sempre tem isso do professor brigar. Mas ela também não explicava muito bem, porque na 7ª eu aprendi bem mais do que na 6ª série. Quando tinha prova na 6ª série, eu tirava notas ruins, mas depois eu recuperava e prestava mais atenção, eu até mudei de lugar, para ela dar o livro certo mesmo. A história do livro me incomodou tanto, porque a gente, querendo ou não, ficava vendo as repostas, e aí não aprendia a fazer, mas sempre que ela estava explicando lá na frente eu entendia, se tivesse prestando atenção, ela explicava de novo e perguntava qual era a dúvida.

Escrevo que a professora era chata e não explicava nada, por causa disso, se nós tinha dificuldade ela ia lá explicava para um aluno só, até eu falei para você que eu tinha vergonha de falar, e ela era chata; então, eu nem queira que ela viesse falar com a gente. Quando a gente começava a falar com ela, ela mudava de assunto e ia falar com outros alunos. Todos os alunos da classe não gostavam dela, pois a gente começava a conversar e todos os alunos falavam que não gostavam da professora de Matemática porque ela não ensinava nada para gente.

Na classe, eu até era a mais tímida, mas tinha quem falava que estava com dificuldade, aí ela ia lá e explicava para esse aluno, a gente tinha raiva por causa disso.

Eu falava para minha mãe que eu não gostava muito da professora de Matemática, que ela era chata. Minha mãe foi lá na escola falar com a professora que eu estava com dificuldade e aí essa professora, no finalzinho, começou a ir à carteira, ir à lousa, e aí a professora melhorou um pouco porque todos os alunos começaram a falar. Minha mãe foi

falar com a professora e aí vieram outros pais falar com a professora. Quando minha mãe foi falar com a professora, a professora falou para ela que ela estava pensando que a gente estava aprendendo bastante coisa, pensou que todo mundo estava aprendendo que não tinha dificuldade.

Quando falo de um tio que sempre me ajudou, estou falando do meu tio Nadir, meu tio é inteligente para caramba, mas ele é de São Paulo, assim nem dá mais para falar com ele, de vez em quando só que ele aparece em casa, ele sempre me ajudava, meus primos e eu estávamos tudo na mesma série. Aí, quando eles não entendiam, eles falavam: “Eu vou lá falar com meu pai!” Aí eu falava: “Deixa eu ir lá também!” Aí eu ia lá e eu falava: “Me ajuda em Matemática?” Ele fez faculdade e sempre foi inteligente, mas ele não é professor de Matemática, ele é Pastor de uma igreja lá, ele gosta de Matemática, mas a afinidade dele é com História, e aí ele me ajudava, mas muita vezes eu pedia para minha mãe e meu pai, mas o que minha mãe e meu pai não me ajudava eu ia lá e meu tio ajudava, pois ele morava pertinho. Porque eu estava com medo de repetir na matéria de Matemática, e meus pais não sabiam como me ajudar. Aí eu fui lá e pedi para o meu tio, aí ele começou a me explicar e fui melhorando.

O modo que meu tio explicava era diferente do modo da professora, que nem assim, ele explicava e a gente não entendia, aí ele falava em qual ponto você não entendeu, a gente falava: “Neste daqui!” Aí ele explicava direitinho, acho que era por isso que eu entendia mais, acho que era a forma dele explicar, acho até que é porque eu gostava do meu tio e da professora não. Porque, se a gente não gosta do professor, a gente não liga para a matéria. Da matéria de Matemática eu gosto sempre gostei. Mas eu não associo o professor chato à matéria ser chata. Por exemplo, a professora de História todo mundo acha ela brava, mas a História é legal como ela conta, o jeito dela, apesar dela ser brava, a matéria é legal.

Com meu tio comecei a entender a matéria porque ele explicava bem os pontos que eu estava com dúvida.

Agora, quando eu tenho dúvida, eu pergunto para a professora, eu acho que eu não tenho mais dificuldade, quando eu faço lição, a gente faz entre as colegas, e aí gente pergunta qual você não entendeu, e às vezes a gente tira as dúvidas entre as colegas mesmo, aí elas explicam, aí, se a gente não entendeu, a gente vai lá e pede explicação para a professora. Porque agora eu aprendi que, quando eu tenho dificuldade, eu tenho que perguntar para o professor.

Acho que, para compreender um assunto matemático depende, da forma que o professor ensina, porque cada professor tem seu jeito de explicar, e a gente, prestando

atenção, consegue entender bem, mas, se o aluno não entendeu, o professor tem que explicar melhor.

Acho que me dou bem com todos os professores, porque assim tem que ter uma amizade mesmo, ter uma afinidade melhor com o professor. Eu acho que a gente aprende bem melhor, sabe? Por exemplo, a gente não gosta da professora, então a gente fica assim até meio enciumado de aprender a matéria, a lição. Se você fica assim, não gosta dessa professora, e todo mundo fica falando, então a gente fica até com dificuldade de aprender. Eu acho importante se dar bem com o professor, eu sempre procuro conversar com o professor, o professor pergunta assim da nossa vida, eu sempre estou contando. Mas, às vezes, eu adoro a matéria e não gosto do professor. Lá em São Paulo, eu me dava bem com os professores, porque sempre estudei na mesma escola, mesma turma, então a gente se dava bem e era bem melhor assim. A escola era numa vila e todo mundo morava lá, alunos e professores, então era bem melhor. Aqui eu também converso com os professores, mas nem tanto como eu conversava em São Paulo. Tem uns professores que só estão lá para dar aula e lição, mas tem outros que conversam com a classe, a professora de Matemática é uma professora amiga.

Sobre o apoio da minha família, eles me apóiam bastante, me dando compreensão, carinho, se eu estou precisando de alguma coisa, minha mãe vai lá. Ela faz tudo o que ela pode, minha mãe e meu pai, eu não tenho o que reclamar deles. Eles tentam me compreender, se estou com algum problema, eles querem saber qual o problema, para tentar me ajudar. Se não puderem ajudar, eles me dão apoio, isso que é bom, e assim eu sou bastante amiga da minha mãe.

1.3 Vitor

Vou à escola desde os seis anos, comecei a ir a partir do pré; antes dos seis anos, eu ficava em casa com minha mãe. Lembro que eu gostava de brincar de videogame. Comecei a estudar primeiro na EMEI de Ajapi, e depois fui para a escola “José Fernandes”. Só no 1º grau que eu vim para o “Batista”. Me recordo que, na pré-escola, eu era briguento, mas não que meu pai fosse chamado na escola por causa disso. Eu lembro que eu protegia meus amigos, mas a gente não chegava a se bater.

Tenho mais dois irmãos, minha mãe é costureira e minha irmã seguiu a carreira dela; meu irmão trabalha em uma loja de Rio Claro e meu pai é horteiro. A horta fica no caminho de Ajapi para Rio Claro. Eu sou o filho mais novo, meu irmão parou de estudar na 6ª série e agora quer voltar a estudar à noite, e minha irmã parou de estudar na 6ª série e não voltou

mais. Meu irmão já completou até o Ensino Médio e fez um curso de elétrica; minha irmã não voltou porque não teve mais interesse.

Aquele tempo era até a 4ª série; então, meus pais estudaram tudo (até a 4ª série). Meus pais incentivam muito para eu continuar estudando, por exemplo, minha mãe deixou meu irmão parar de estudar e depois ele cobrava dela, quando ele ficou mais velho ele falava: “Por que você deixou eu parar de estudar? Podia bater em mim quando eu falava que não queria estudar!” Pois ele se arrepende. Se eu quiser parar de estudar, hoje em dia meus pais batem em mim. Quando eu acabar o Ensino Médio, vou acabar o Senai, que começarei a fazer o ano que vem, e depois vou fazer faculdade, pretendo fazer a faculdade de Ciência de Computação.

Eu não converso muito com a minha família, não sou de conversar com eles; com meu pai eu quase não converso, com a minha mãe, às vezes, eu falo um pouco, por que minha mãe fala muito. Mas, não costumo contar para ela as coisas que acontecem na escola.

Eles perguntam sobre minhas notas, mas dificilmente eu tiro vermelha, só uma vez que eu fiz uma “caca” e aí fiquei com vermelho. Eu esqueci de entregar o trabalho. Era matéria de Geografia. Depois disso, eu melhorei nessa matéria. Eles pedem para eu tirar nota boa; se eu tirar nota ruim, o bicho come. Eu levo xingo, não posso mais mexer no computador, porque a coisa é meio feia lá em casa, pois minha mãe é meio bravinha. Mas eu só conto a nota se ela perguntar, e ela não costuma perguntar.

Nunca tirei nota abaixo da média em Matemática, nem em outra matéria, só aquela vez em Geografia. Eu não gosto de estudar, se tem prova, eu não estudo. Vou bem, pois eu presto atenção na aula. Português eu não estudo e tirei nota máxima nas duas últimas provas. Na aula, eu faço bagunça e presto atenção ao mesmo tempo. Eu não consigo ficar quieto na sala, eu sou meio bagunceiro, mas, na hora que tem que prestar atenção, eu presto. Eu acho que tenho facilidade de aprender as coisas, mesmo em História que tem que decorar um monte de coisas, na prova eu acerto bastante. Matemática eu tiro só S. É que nem um B ou C. S de satisfatório. A melhor nota é PS, plenamente satisfatório. Já tirei PS. Se eu estudasse em casa, acho que tiraria mais PS, porque tem algumas coisas que eu não lembro mais, mas também eu não tenho muito tempo, pois trabalho à tarde e quase toda noite vou à igreja.

Não gosto de estudar em casa, pois dá preguiça, e eu não estudo, mas se eu estudasse minha mãe começaria a ficar no pé e mandaria eu estudar mais ainda. Eu nem pego no livro em casa. Outro dia, foi um amigo em casa. Aí, ela falou: “Belo estudo que vocês estão fazendo!” Porque nós estávamos no computador. Ela cobra, mas não fala nada.

Meus pais saberiam dizer que a matéria que eu mais gosto é Geografia. Minha mãe me manda estudar, mas eu não vou. Ela manda eu pegar no livro. Se eu estou em casa, eu estou

deitado, ou no computador, ou fico lá fora e ela não gosta que eu fique parado, ela manda eu fazer alguma coisa, estudar eu não faço. Ela não fica brava, pois já acostumou, e meu pai não fala nada, ele nem liga.

Lição de casa eu não faço. Eu faço na escola. Chego na escola, bate o sinal, aí abre o portão, aí eu faço, ou copio. Se tenho alguma dificuldade, nunca pergunto para os meus pais, se eu falasse eles iam falar que estou falando grego. Esses dias, cheguei para minha mãe e perguntei sobre uma matéria e aí ela falou “Eu só aprendi até a 4ª série e aquele tempo era diferente”. Então, não adianta eu mostrar isso para eles. Fui mostrar a matéria porque eu achei interessante aquela matéria, acho que era sobre Fx, acho que foi Fx, então fui mostrar para ela, mas ela nem aprendeu.

Minha mãe não pode participar muito da escola e da reunião, pois ela trabalha e meu pai também trabalha, então eles não têm muita relação com a escola. Eu acho um pouco ruim um pouco bom eles manterem pouco contato com a escola, pois, se eles não trabalham não têm dinheiro, e se não vêm aqui, não dá para saber como vai o filho e não dá para colaborar. Acho importante o pai saber do filho, porque, pelo menos, o pai tem um orgulho na vida. Eu gostaria que meus pais viessem à escola. Acho que os professores iam falar coisa boa de mim. E, dessa forma meu pai ia saber que vou bem, e isso para ele seria um orgulho.

Acho importante os pais participarem da reunião, mas não é o caso da minha família, mas é importante para o pai saber como o filho vai à escola, porque o pai e a escola formam uma relação, então os dois juntos, não sei explicar como, mas fica uma escola melhor, que nem tem algumas escolas em São Paulo que tem droga. Se os pais entrarem num acordo junto com a escola, conseguem expulsar o traficante da frente da porta. Dá para fazer um monte de coisas. Para mim, se os pais e as escolas não tiverem essa relação, a escola não progride.

Se os pais entrassem num acordo junto com os diretores, aí dava para fazer alguma coisa boa, porque a escola não vai progredir, se o pai e a mãe não tiverem do lado do filho para apoiar. Pois os pais, deixando de conversar com os filhos, conseqüentemente vem a droga, e o filho vai se perder. Por isso que eu acho que o pai tem que dialogar com o filho e participar junto com a escola, porque na escola também tem perigo, na escola é o lugar que o filho passa mais perigo. A escola e a família dialogando mais poderiam melhorar a violência, as drogas, e até o ensino.

Penso que, se meus pais participassem mais da escola, eu iria melhorar, porque eu tenho alguns defeitos na escola, e, conversando, eles saberiam meus defeitos e aí daria para tentar corrigir. Por isso eu acho que o pai e a escola têm que estar sempre juntos. Na escola que eu convivi oito anos em Ajapi, os professores eram a mesma coisa que fosse pai e mãe da

gente. Oito anos estudando juntos. Vejo bastante diferença desta escola para a de Ajapi. Lá era bem melhor. A gente não conhece bem os professores daqui, mas lá a gente conhecia perfeitamente os professores, dava para saber quando eles estavam com problemas, quando estava bravo. E quando a gente percebia que estava bravo a gente nem mexia, e, quando estava bonzinho, a gente fazia as baderninhas nossa e eles nem ligavam. Vejo que o ensino de lá era melhor, pois quando o professor fica mais chegado com o aluno fica melhor o ensino, você aprende mais, lá eu sentia isso. Tem alguns aqui que a gente já pegou bastante amizade, mas não é a mesma coisa. Lá meus pais também não conversavam com os professores, mas eles conheciam meus pais, pois Ajapi é bem pequeno. Na outra escola, meus pais até participavam das festas Juninas, eles sempre iam comigo.

Nem sempre eu gostei de estudar Matemática, mas minha relação com ela até que é boa, para quem não gosta muito dessa matéria, como eu. Matemática não é o caso de gostar dela, é o caso do professor, de vez em quando a gente tem professor ruim e bom, então depende o caso, eu não gosto da matéria por causa do professor. Para mim, a Matemática é boa, se não fosse o professor. É isso que eu acho. Um professor bom é um professor que convive com o aluno, que vê a dificuldade dele, tem professor que passa a lição na lousa, senta e manda a gente fazer lição, ou só lê para a gente entender. Mas, por mim, isso aí não é certo, pois, sem a explicação do professor, a gente não vai conseguir entender quase nada da matéria. Então, para mim, professor bom é aquele que ajuda o aluno, entra no meio para ajudar e tirar dúvida.

O professor ruim não faz nada, passa lição na lousa e senta. Tenho professores bons aqui. Tem os bons, mas de vez em quando eles são ruins. Outro dia, a professora passou um exercício para lermos e depois fazermos, aí nós fomos na casa de um colega para fazer em grupo porque ela pediu, fomos para fazer e ninguém conseguiu porque estava difícil e ninguém tinha entendido direito, não sabíamos o que era vértice do ângulo, o que era bissetriz, uma coisa assim. Aí não deu para fazer o exercício direito. Eu não gosto quando o professor manda a gente ler e fazer, o professor explicando fica bem mais fácil a matéria.

Minha aula de Matemática é boa. Agora a professora entrou numa apostila da PUC, então temos que reunir em grupo e fazer os exercícios que estão lá: ela manda a gente sentar, ler e fazer e não explica nada, para ela ver se a gente entende. É assim a aula de Matemática. Se estou com dúvida, ela explica. Gosto e não gosto dessa aula. Porque, se explicar, aprende melhor, mas tentar descobrir também é mais gostoso. Não sei, mas eu gosto de descobrir as coisas, enquanto eu não descobrir eu não sossego. Acho que aprende mais tentando descobrir e com o professor lá na frente explicando, eu preciso dos dois.

Eu nunca tive dificuldade com a Matemática. Eu nunca tive muita dificuldade, eu consigo pegar rápido as coisas. Não é que as meninas são melhores para aprender, mas elas se dedicam mais no estudo, estudam mais. Diante da classe, eu me acho bom aluno, eu não tiro nota ruim. Na minha classe, só tem aluno tranqueira. Aluno tranqueira é aquele bagunceiro, que não presta atenção e não deixa os outros aprenderem. Eu não sou assim, só bagunço um pouquinho, e dá para o professor agüentar um pouquinho.

Quando tenho dúvida, peço explicação para um amigo, eu sempre pergunto para uma amiga da minha classe que é muito espertinha em Matemática, isso durante a aula mesmo, mas pai, mãe, tio nunca perguntei. Nunca precisei de professor particular, graças a Deus! A maioria das dúvidas tiro com essa amiga durante a aula.

Eu acho que meus pais gostariam de voltar a estudar, pois as coisas, no tempo deles, não era tão evoluída como é hoje. Por mim, eu gostaria que eles voltassem a estudar e assim seria bem mais fácil, pois eu teria uma ajuda também em casa. Eu sinto que eles têm vontade de voltar a estudar, porque a minha mãe é esperta e meu pai também. Quando ele ia à escola, devido à condição financeira aquele tempo, que não era boa, ele se dedicava bastante, só tirava as melhores notas da escola, ele conta isso para mim, ele se esforçava, porque também, se tirasse nota ruim, os pais naquele tempo também eram muito ruins e davam o coro nele. Então, eu acho que eles gostariam de voltar a estudar.

Se um aluno sempre vai mal em Matemática, o professor que não é o motivo, porque ele explica, agora, se o aluno não prestar atenção, ele nunca vai aprender. Tem um pouco de culpa dos dois lados, o professor de vez em quando falha e o aluno também, mas a maioria das vezes é o aluno. Porque ele não se aplica na aula, meu ponto de vista é este, porque eu acho que, para aprender, tem que se aplicar. Se você não presta atenção na matéria, você não vai para frente. Tem que se aplicar na aula. A culpa pode ser do professor, porque tem muito professor que não é competente, tem professor bom e tem professor que não é competente. Aquele que não é competente passa lição, fica sentado e manda o aluno fazer. Eu tinha uma professora assim na outra escola, que passava lição e mandava fazer. Eu ia mal na aula dela por causa disso. Ela só explicava para o pessoal da frente, para as alunas queridinhas dela, nós que sentávamos no fundo ficava boiando. Não sei porque ela não explicava para nós, ela era meio esquisita. Então, para um aluno ser fracassado, ou ele não se esforça muito, ou o professor não ajuda.

Mesmo que um aluno fracassado tenha apoio da família, não necessariamente a família pode contribuir para diminuir suas dificuldades, depende do caso. Se o aluno for muito bagunceiro, não vai adiantar nada, porque, se o pai e a mãe for na reunião, o professor

vai falar que ele está indo mal, e o pai e a mãe em casa ou vão dar um castigo, ou vão bater nele, e o aluno vai perder mais ainda o interesse, ele não vai querer se aplicar. Para mim isto é fatal para o aluno não aprender: falar que está indo mal na escola, e aí ou ele vai apanhar, ou vai ficar de castigo. Para mim, o aluno não vai para frente.

Depende muito do pai, mas muitos pais não têm essa visão de ajudar o filho, pai cobra muito. Minha mãe, quando eu tirava nota B na outra escola, ela queria que eu tirasse A, ela achava que eu fui mal. Eu acho que pai cobra muito essas coisas, eles nunca estão satisfeitos com a nota da escola, só se tirar nota alta mesmo. Acho que isso é bom, né, se meu pai não me cobrasse, eu viria para a escola de vez em quando, meu pai colabora bastante.

Acho bom ter que vir de uniforme, porque a pessoa que não é da escola entra aqui para fazer bagunça. Nas escolas em São Paulo, deve ter sempre isso por causa de traficante, que entram no meio dos alunos, se confundem, passam a droga e vão embora. Então eu acho bom ter esse uniforme por causa disso. Lembro de algumas regras da escola, como não pode jogar truco, não pode passar ali em frente da vice-diretoria, tem que dar a volta, eu não sei por que isso, só não sou a favor de que não pode jogar truco. Não pode jogar no intervalo, mas a gente joga, de vez em quando, escondido, mas de vez em quando liberam. Meus pais nem sabem dessas regras. Agora não sei se eles concordam com o uso do uniforme, devem concordar, porque eles têm o mesmo ponto de vista que eu, porque eles vêm o noticiário todo dia.

Para mim, a escola estadual é bem melhor que a particular. Porque a particular, para mim, eu nunca queria ter ido, e também nem tenho condição de pagar uma particular, e tem uma colega minha que estuda no “Baiê” e teve que prestar um prova que tem que pagar para entrar na escola. Aqui não precisa e o que eles estão aprendendo lá nós já aprendemos aqui. Para mim, estudar em escola particular é dinheiro jogado fora, pois, para mim, é o mesmo ensino de uma escola para outra, depende do aluno. As pessoas que estudam lá vão com o pensamento assim, aqui é uma escola boa, então eu vou aprender bem. Agora tem aluno que vem aqui e pensa aqui é normal, eu vou aprender qualquer coisa. Por mim, se o aluno se esforça à escola, pode ser qualquer uma, que ele vai aprender. Eu não acho que as particulares possuem melhores professores, depende. Nessas escolas também pode ter algum professor ruim, então eu acho que não compensa. Nossa professora de Física disse que o Newton fez escola estadual e foi um grande físico; se o aluno for bom em qualquer lugar ele vai aprender.

Quando escrevo que tudo é uma maravilha no começo, mas no decorrer se torna algo extremamente ruim, estava pensando na Matemática: no começo foi fácil, e agora, pelo amor de Deus, agora é bem difícil de entender, mas eu passo. Que nem quando eu aprendia montante na 5ª série era fácil, mas depois eu fui aprender relações trigonométricas no

triângulo retângulo, eu tive um pouco de problema, então eu tive um pouco de dificuldade, depois eu fui bem. Da 1ª a 4ª série, era bom e fácil. Da 5ª a 8ª série, começou a complicar um pouquinho, a gente está acostumado a ver aqueles números normais, depois vem aquele binômio, trinômio, equação, inequação, aí começa a complicar um pouco a cabeça da gente. Antes a gente pensava mais, porque tinha vontade, quando estamos no pré, a vontade nossa é de ir para escola aprender. Eu lembro que passava em frente e falava vamos para escolona, então a gente tinha mais vontade. Depois que começa a conviver na escola, perde a vontade, tudo fica normal, aí perde um pouquinho a vontade de aprender, mas dá para aturar.

Escrevo que, no começo, a Matemática é algo fascinante, porque, no começo, você vai descobrindo as coisas, descobri coisas que nem imaginava que iria ter na Matemática. Por exemplo, nunca pensei que Matemática fosse ter aqueles números x , pegar um triângulo, tirar a hipotenusa e fazer o teorema de Pitágoras. Eu não pensava ver isso, eu acho gostoso fazer isso, eu acho melhor eu descobrir do que o professor explicar, mas, no caso, fica bem mais fácil ele explicando. E quando você descobre alguma coisa, você pensa: “Nossa que legal!” Quando eu aprendi montante, eu cheguei em casa e peguei aqueles folhetos, porque, para tirar os juros, tinha que fazer o montante, eu fazia toda hora lá em casa.

Mas, com o decorrer do tempo, ela vai ficando ruim, a matéria, a Matemática, a sala de aula, o assunto, tudo. A explicação começa a ficar mais complicada, vem um professor que a gente não está acostumado. A sala de aula é a mesma da 8ª série, mas não é a mesma coisa, mas eu gostei bem mais desta escola do que da outra. Gostei mais, porque tem gente nova, eu estava acostumando a ver aquelas caras. Muitas vezes, o que vai ficando ruim é a explicação, depende da matéria que o professor vai dar, vai complicando, aí complica tudo, a cabeça fica meio embaralhada. Depende da explicação e da matéria. Tem matéria que é mais difícil. Física é uma matéria difícil, que eu não consigo aprender, é muito difícil de eu entender Física. O professor de Física explica bem, mas sou eu que não entendo. Não sei por que, algumas coisas eu entendo, mas outras eu não sei fazer.

Acho que hoje a Matemática é mais complicada do que antes, porque é uma matéria um pouco mais avançada do que a matéria da 8ª série; então, fica mais complicado de aprender, o Fx mesmo eu não conseguia entender. Se você não souber equação, não consegue fazer Fx , tem que saber o teorema de Pitágoras também em Física. De vez em quando, cai o triângulo retângulo, você tem que saber tirar a tangente, então depende das coisas que você aprendeu antes. Então acho que é por isso que vai complicando, porque, se você não lembrar o que você aprendeu lá atrás, você não consegue fazer o que você vai aprender; por isso que é

difícil a Matemática com o decorrer do tempo. E cada vez mais acho que os assuntos estão complicando, tem alguns mais fáceis, outros mais difíceis, depende da matéria.

O grau da complicação da Matemática é bem superior ao das outras matérias. Eu tenho mais dificuldade em Matemática, até em Física vou um pouco melhor do que em Matemática. Mas eu vou bem nas provas, não tiro vermelho, a dificuldade é que cada vez fica mais difícil. Eu tento diminuir minha dificuldade, mas, às vezes, não dá. Fico quietão lá sentado com os olhos esticados na lousa para ver se eu aprendo, mas, de vez em quando, não dá. Não sou muito chegado na aula de Matemática. Eu gosto de aprender, mas não gosto muito da aula, eu não sei por que, mas eu não gosto. É por causa do professor, de vez em quando; não é sempre que o professor é ruim, mas, de vez em quando, dá uma forçada. Atualmente estou gostando da professora. Mas, quando lembro que vou ter aula de Matemática, eu não curto muito não, mas quando é de Geografia, eu dou um pulo de alegria, gosto de Geografia e sempre gostei.

Para a aula de Matemática ficar mais gostosa, deveria sempre ter atividade em grupo, separado em grupo, sentar os espertos e os fracos, juntar esses dois. Quando eu estava na 7ª série e fazia grupo, sentava esperto com esperto, e burro com burro, caía eu e mais três, e eu não era espertinho naquele tempo em Matemática, eu não gostava e caía sempre no mesmo grupo, e aí um grupo continuava sendo fraco e outro sendo mais forte. Tem que misturar os grupos. É mais legal trabalhar em grupo, porque é mais gostoso, aprende mais, de vez em quando você descola uma conversinha com outro, dá uma distraída, é bem melhor. Aprende bem mais. Quando é em grupo, tiro dúvidas com meus amigos, eu gosto mais de grupo por causa disso, quando tem alguma coisa que você não sabe, tem alguém do grupo que deve saber. Mas, naquela época, eu era mais fraquinho, porque eu não gostava de Matemática aquele tempo por causa da professora, porque no começo eu não tinha muita amizade com ela, então ela era meio ruim com nós. Ela era brava, não podia nem falar na classe, se desse um suspiro, ela mandava ir para fora. Depois, quando passou o tempo, ela começou a pegar amizade conosco e aí foi. Aí eu melhorei, ela deixou conversar na classe. E quando a professora age daquela forma, o aluno não vai bem, o aluno tem que gostar do professor e da matéria, este é meu ponto de vista: se o aluno não gostar do professor, nunca vai aprender a matéria. Para o aluno gostar do professor, ele deve conversar bastante com o aluno, ajudar, fazer mais o que o aluno goste, por exemplo, trabalhar em grupo. Quando tiver aquele aluno que só quer conversar, é só colocar ele do lado da carteira do professor, se ele fizer o grupinho do lado da carteira do professor, o grupo não fala mesmo. Eu não sinto medo dos professores, tenho respeito. Mas, se o professor responder para mim, eu não deixo quieto. Outro dia, uma professora me chamou de safado, sendo que era o outro que estava conversando. Aí eu falei

safado não, né, tem que ter um pouquinho de respeito, aí ela falou safado é o jeito que eu chamo vocês, eu amo você, sou uma mãe. Eu falei: “Saí fora!”

Eu já conversei com a minha mãe sobre isso. Ela falou: “Você tem respeito com os professores?” Eu falei: “Se ela tiver comigo, eu tenho com ela, porque eu não vou aceitar ter falta de educação comigo, sendo que eu não fiz nada”. Aí ela falou: “Tudo bem”. Ela também tem essa opinião.

Agora eu não lembro de nenhum momento bom que tive nas aulas de Matemáticas. Mas, um dia uma professora de Matemática começou a ser mais liberal com a gente na classe, aí foi um dia bom. Ela deixou a gente conversar um pouquinho mais, de vez em quando a gente acabava de fazer lição e nem podia falar. Aí ela falou, quando acabar a lição, se o de trás, ou o do lado tiver acabado, você pode virar e conversar baixinho. Aí a aula ficou mais gostosa.

Escrevo que, para alcançar um bom aprendizado, tem que haver um laço entre o professor e o aluno, pois o professor tem que ser amigo, tem que ser pai, ser mãe, tem que ser conselheiro, porque o professor ajuda bastante o aluno na vida dele e, se não tiver essa harmonia entre os dois, é quebrado o elo entre os dois, tem que ter harmonia, se não tiver, o aluno não aprende e o professor não sai beneficiado. Um professor consegue ficar amigo dos alunos conversando bastante com eles, ajudando na matéria quando eles precisam, quando o aluno precisar, ele tem que estar junto, como se fosse um pai e uma mãe; quando um filho precisa, o pai ou a mãe tem que estar do lado.

Teve um dia que eu fiquei sem vontade de aprender por causa de uma professora; ela deu uma mancadinha comigo, ela me chamou de safado, aí eu deitei e dormi na classe e não olhei mais para a matéria dela. Na outra escola, a professora de História era nanica e metida a besta, porque ela xingava tudo mundo na classe: você colocava o pé na classe, ela xingava. A professora de Artística também, ela xingava de cachorro, vagabundo, sem a gente fazer nada. Aí, nós começamos a fazer o mesmo, ela provocava tanto, que um dia eu xinguei ela também, porque ela tinha xingado eu. A Margarete veio falar comigo, era a diretora, ela mandou eu ter um pouquinho mais de respeito e, se ela me xingasse, era para eu ir à diretoria e tomar conta. Aí ela nunca mais me xingou. Não gostava dessa aula, nem fazia lição.

Acho que não é só a escola que deve cooperar com os alunos, mas os pais também devem cooperar, como ajudar ele a vir bastante na escola, dando bom motivo para o filho vir à escola, falando para o filho que, se ele vier na escola, a educação dele vai ser melhor, porque tem umas pesquisas que falam que, daqui a cinco anos, se você não souber computação, você vai ser considerado analfabeto. Então deve incentivar o filho a aprender. Minha mãe, por

exemplo, me incentivou várias vezes a fazer aula de computação, mas eu não quis, porque eu tenho computador, sei mexer bastante, então não estou interessado em fazer. Quando eu não quero vir na escola, só falta ela pegar o chinelo para bater em mim; então ela ajuda bastante nisso. Ela fala que, se eu faltar, eu vou ficar burro e o problema será meu e depois eu que não venha cobrar ela, e ela está certa, porque, se a gente não vem na escola, fica burro e não aprende.

Não costumo ler jornal, leio internet. Jornal da TV eu costumo assistir, assisto propaganda eleitoral política, assisto jornal de vez em quando. Minha mãe também não assiste, minha mãe e meu pai não assistem propaganda eleitoral, mas jornal eles assistem.

Acho que meus pais sempre me conduziram para um bom caminho, por exemplo, escola, sempre eles estão atrás da gente, pedindo para vir à escola. Se eu faltei na escola, ou foi por motivo de doença, ou porque eu tive que sair; faltar na escola por preguiça, eu nunca faltei.

Para mim manter uma relação forte com a escola seria vir em todas as reuniões, participar de festas, participar de gincanas, da colaboração, e interagir na escola com os professores. Se as reuniões fossem à noite, meus pais tentariam vir, é porque meu pai trabalha até as cinco e meia, e minha mãe, até as seis horas. Geralmente os horários da reunião são às sete ou sete e meia da manhã. Já teve duas reuniões este ano e meus pais não compareceram. Eles não vêm, porque estão trabalhando e nós não temos carro, senão eles viriam.

A única forma que meus pais me ajudam é me incentivando a vir na escola. Nem sempre meus pais fazem o que eu quero, mas o que dá certo eles compram.

Para mim, se os pais e os professores interagissem, os alunos teriam mais prazer em ir para a escola e aumentaria o nível de aprendizagem, pois os pais e os professores é que nem se fosse Deus e Jesus, os dois são um só. Então, o pai e a escola, os dois se unindo, vão formar um só para cooperar com a vida do aluno. O aluno sem escola não é nada e sem pai também não é nada. Então, a escola e os pais podem ser considerados um só. O aluno precisa dos dois juntos para ele se dar bem.

Nesta escola, pelo que eu vi, é pouco o número de pais que vieram na reunião; eu acho que ela não mantém laço harmonioso com os pais. Mas tem bastante pais que interagem com a escola. Falo isso, porque, na outra escola que eu estudava, todos os pais participavam, até enchia a escola de pais. A escola se enchia só de pais. Porque era pertinho da nossa casa.

Dou valor para a escola e sempre falo que, sem ela, seríamos um Zé Ninguém, porque, sem estudo, eu não ia ter serviço, não ia ter capacidade de conseguir um bom trabalho, eu ia fazer uma entrevista para emprego e seria reprovado por falta de aprendizado. Que nem se, no

seu currículo, não tiver computação e outros cursos, a chance de você pegar um emprego é pouca, tem que ter estudo, senão a gente é um Zé Ninguém. Meu irmão já passou por dificuldade, ele poderia ter pegado um emprego bom, mas teve que ficar num depósito de material de construção. Mas, depois que ele estudou - ele fez curso de elétrica - aí ele conseguiu emprego de elétrica numa loja.

Meus pais valorizam minha escola e eu percebo isso, pois minha mãe, de vez em quando, pega meu caderno, mas o jeito que eles valorizam eu não saberia explicar, eu sinto que eles valorizam.

Nunca li nada a respeito da escola e a família possuem um laço harmonioso e interagem mais, mas é de mim mesmo, eu sinto isso, eu não copio de ninguém.

1.4 Karine

Vou à escola desde o cinco anos; antes disso, eu ficava em casa com minha mãe e minha avó. Minha avó me incentivava, desde pequenininha, a escrever meu nome, o nome dos meus pais, nome de frutas. Na infância, eu gostava de brincar de boneca, de casinha, brinquei até os 11 anos, gostava de brincar de escolinha, eu era sempre a professora, era louca por uma lousinha e minha mãe comprou, eu brincava com minhas priminhas menores, e ficava ensinando continhas, ensinando as letras. Na maioria das vezes, eu era a professora, nessa época eu já estava na escola.

Comecei o pré em uma escola, o primário e o ginásio fiz em Ajapi, na escola “José Fernandes”. Aí acabei a 8ª série e vim para a escola “Batista”, pois em Ajapi não tem Ensino Médio. Eu sempre gostei de escola, gostava de estudar, queria sempre ser a melhor aluna. Queria sempre tirar nota boa, sentar lá na frente, era puxa saco das professoras. Para mim, ser uma boa aluna é participar bastante, ver que está entendendo mesmo, poder explicar para as outras pessoas. Sempre fui assim, eu tinha mais facilidade, aí eu pegava, sentava com um grupinho que tinha menos, sempre explicava. Eu acho que tirar boas notas é ser uma boa aluna, se a nota for decente, se não for comprada pelo professor. Meus pais acham que sou uma aluna boa, e eu também me acho.

Minha mãe, quando eu era pequena, tinha uma loja; assim, eu ficava mais com a minha avó em casa. Meu pai sempre trabalhou em um escritório numa firma, sempre viajou, meu irmão sempre foi bom aluno, apesar de que não gostava de estudar, mas sempre foi bem, passou no “Baiê”, fez curso para fora. Eu tenho só ele de irmão e ele é nove anos mais velho do que eu. Atualmente minha mãe fica em casa, e meu pai ainda trabalha. Minha avó sempre

morou comigo, e eu sou bem amiga dela e da minha mãe, elas conhecem bem a minha vida. Minha mãe fez até a 6ª série, meu pai acabou o colegial, meu irmão fez o ensino técnico e parou, e eu pretendo fazer faculdade.

Costumo contar para minha mãe o que acontece na escola, conto algum assunto que eu aprendi que me chamou a atenção. Semana passada, eu aprendi sobre efeito estufa e aí eu contei para o meu pai. Ele sentou, folheou meu livro, a gente começou a conversar, aí ele falou: “Eu acho que vocês, jovens, deviam mexer mais com o povo para ver se eles têm mais consciência”. A gente conversa bastante.

Meu pai sempre pega meu boletim, é sempre ele ou minha mãe quem assina, sempre vê, às vezes mesmo que a nota não seja muito baixa, ela já começa pegar no meu pé, mas é de brincadeira, pois eles vêm que eu me esforcei. Não tenho muita nota baixa, mas já fiquei para recuperação, aí eles perguntaram o que aconteceu. Em Matemática o ano passado eu não estava muito bem, no final da sétima ou começo da 8ª não me lembro, aí eles ofereceram um professor particular, mas por fim voltou ao normal, eu nem precisei. Eles sempre estavam vendo minhas provas, mas agora vêm com menos frequência, não cobram tanto para que eu tire boas notas, nem ficam me pressionando, apenas me incentivam.

Sempre gostei de Matemática, adorava fazer aquelas contas enormes, mas na época que eu aprendi continha de dividir, eu tinha maior dificuldade, aí minha mãe pegava eu, minha prima, e um primo que era um ano mais velho, mas também tinha dificuldade em contas de dividir, e ficava a tarde inteira explicando as contas, pegava palitinho, bala. Apesar de ter estudado só até a 6ª série minha mãe tem bastante cuca, mas ela é bem inteligente, e nossa, ela explicava, dava aulinha aí eu entendia, aí comecei a gostar de Matemática, quando chegou na 7ª e 8ª série deu aquela desanimada, mas hoje eu to bem de novo.

Acredito que aprendi as contas de dividir por causa da minha mãe, porque não entrava na minha cabeça, eu não conseguia mesmo, aí entrou com dois números na chave, aí que complicou. E minha mãe sempre me ajudava. Conta, o que você pedir ela faz, o ano passado, na 7ª série que tem problemas, equações, aí não dava para ela ajudar, mas enquanto dava para ela ajudar ela sempre me ajudou.

Meus pais sempre quiseram que eu fosse procurar por professores caso eu tirasse nota baixa, e também em algumas matérias que eu estivesse com dificuldade, que nem agora eu estou me enroscando com física, estou tirando nota boa, mas: Sabe quando é aquela decoreba? Eu vou bem nas provas, mas eu vejo que não estou entendendo, estou apenas decorando, acho que agora eu vou mesmo procurar um professor para mim. Ainda mais agora que tem

estagiária, temos duas aulas de física, uma com a professora, outra com a estagiária, então confunde mais ainda a cabeça, acho que vou procurar um professor.

Acho que meus pais não saberiam dizer qual a matéria que mais gosto. Nem eu sei! Só sei que gosto menos de História e Geografia.

Depois da escola, quando chego em casa, estou sempre cansada, aí eu falo para minha mãe que vou dar uma deitadinha e peço para ela me chamar para estudar, aí ela fica me chamando de quinze em quinze minutos: “Vai Kari, vai estudar”. Toda noite ela fica: “Já estudou? Tem muita tarefa para fazer?” Sempre procurando me ajudar. Se estou fazendo lição e tenho alguma dificuldade ela sempre senta comigo. Aí eu falo: “Ah! mãe não adianta, você não vai conseguir fazer”. Então eu peço mais para o meu pai e meu irmão me ajudarem.

Eu entrei nesta escola este ano e, nos primeiros meses, meus pais sempre perguntavam se a escola estava boa. Meu pai falou: “Começa no “Batista”, depois a gente muda, se não for boa. Aí eu entrei, gostei e achei que está legal. Eu sempre mostrava meus livros e eles gostavam, mas no começo, perguntavam bastante como era a escola, eu falava que estava entendendo e que a matéria estava sendo bem explicada.

Acho importante os pais participarem das reuniões, porque eu vejo muitos colegas de sala que os pais nem imaginam como o filho é na sala de aula. Na minha classe, todo mundo é de Ajapi, então eu sei que tem pai que acha que o filho é um santinho, bom aluno, quando na verdade não é isso. Então, eu acho que precisa ter essa relação, para os pais ficarem por dentro e conversarem com os professores, para ver como o filho está, ou, às vezes, o filho chega em casa e não fala que tem dificuldade, e, se os pais não têm diálogo com o filho, precisam ter com o professor, pelo menos.

Eu acho que, quando os pais não acompanham os filhos na escola, os filhos são mais desligados, pois a maioria dos filhos gostam de ser paparicados e chamar um pouco de atenção. Tem uns alunos que, mesmo os pais não dando tanto importância, pegam e vão firme; mas outros têm dificuldade e, assim, os pais deveriam ficar mais em cima. Mesmo que os pais participassem mais da escola, soubessem o que o filho aprende e por que aprende, e ainda os professores conhecessem mais as famílias, eu acho que não teria muita mudança no desenvolvimento do aluno na escola, depende da cabeça de cada um, pode ter um pai que até bate no filho e faz de tudo para ele estudar e, mesmo assim, ele não estuda e não adianta. Põe o filho de castigo, mas, se o filho não tem vontade e não se interessa, não vai adiantar, então eu acho que vai de cada um, do interesse da pessoa, eu acho muito bom existir uma relação dos professores com os pais, mas eu acho que não invoca tanto assim, precisa ter um bom contato. Se todos os pais viessem nas reuniões bimestrais, seria uma ótima coisa, mas de uma

sala de quarenta alunos, aposto que não vem nem a metade, da minha mesmo veio neste bimestre sete ou oito pais.

Eu acho que, quem faz a escola são os alunos. Para haver a violência na escola, quem faz é os alunos, e esta educação vem de casa. Eu acho bom ter contato entre a família e a escola, mas depende da cabeça de cada um. Minha cabeça é guiada pela cabeça dos meus pais; então, eu acho importante um bom relacionamento com os pais, em casa, primeiro, e, depois, uma boa relação com a escola. Aí sim ajudaria um aluno a encarar a sociedade, e ele estaria mais preparado.

Aqui ainda não teve nenhuma festa para os pais; se tivesse, pode ser que minha mãe viesse, mas meu pai não porque trabalha. Se fosse à noite não sei se eles viriam. Nas escolas de Ajapi meus pais sempre foram, até minha avó, meu irmão com a namorada, eles gostavam de ir. Uma vez teve homenagem aos pais e lembro que meu pai foi; agora, aqui, nunca teve comemoração, mas antes meus pais participavam.

Bom, eu gosto de Matemática, quando tem aquelas contonas e tudo dá certo; mas, quando eu não entendo, nossa, eu detesto, eu falo: “Detesto Matemática! Para que aprender isso aqui?” Sabe, não é que eu não entenda, igual na 7ª série eu entendia, mas aí, na hora de fazer a prova, eu tirava nota baixa, sei lá se eu estudava só um tipo de exercício e aí caía um diferente e eu não sabia fazer este. Eu acho que um dos fatores que leva o aluno a não aprender é o professor, que nem História: eu adorava História, aí mudou a professora e eu não entendia nada e não gosto mais até hoje, e ainda hoje a professora de História não me faz entender, mas Matemática eu estou entendendo.

Acho que, para o aluno entender, o professor tem que explicar bem, deixar os alunos à vontade. Se os alunos estiverem entendendo, tudo bem, se não, tem que explicar de novo, passar bastante exercício, e pedir para os alunos fazerem. Inclusive, já tive professores que eu detestava como pessoas, mas eles eram bons professores; então, eu não relacionava isso com a matéria, mas eu não gostava deles, como já tive caso ao contrário também. Mas, por exemplo, se tem um bom professor, mas que é bravo e irritado, e se você não estiver entendendo a matéria, você não vai perguntar para ele explicar de novo, você fica na sua. Mas eu sempre fui de perguntar bastante: se eu não entendo, eu sempre pergunto, mas a maioria da classe não faz isso; se pegar um professor meio irritado, você fica meio com receio de falar com ele. Não digo do professor ser muito simpático e bonzinho, porque assim a classe cai em cima; mas, se ele for sério e mostrar competência, sendo que está ali para explicar quantas vezes você quiser, aí tudo bem. Ele mostra competência explicando bem, mostrando que você pode tirar suas dúvidas quando quiser.

Na minha opinião, um aluno sempre vai mal em Matemática, porque, ou ele é um aluno que não tem interesse mesmo, eu não sei explicar muito bem, mas outro dia a gente estava conversando sobre isso, mas não sobre a Matemática, mas sim sobre todas as matérias. Que nem uma amiga minha, ela tem vontade de aprender, mas parece que não entra na cabeça dela. Então, ou é porque não tem vontade de aprender, ou, não sei se é porque não se esforça muito e acaba não aprendendo. Nessa hora, acho importante o apoio dos pais para evitar o fracasso, pois, assim, se uma pessoa quer aprender e não entra na cabeça, ela vai ficar meio que isolada pensando: “Poxa, eu não entendo, só eu que tenho essa dificuldade”. E se você não tem uma família, para te incentivar, uma base familiar, para trazer um parente ou um colega que saiba, que diga: “Ah! Filha, traz alguém em casa para te ensinar”. Eu acho que esse apoio vale muito.

Eu sempre achei legal usar uniforme. Se liberar, a turma vem de shortinho, roupa decotada. Eu acho que a escola não é lugar para ficar desfilando; então, eu acho o uniforme legal. Tem bastante regras nesta escola, tem um folhetinho que os pais recebem com as regras da escola. Eu não me importo de cumpri-las, já vi o pessoal reclamando que no verão fica muito calor vir de calça, mas é aquela coisa, nem todo mundo tem em mente vir com bermuda até o joelho. Aí começam a vir com shortinho, mais curto, mais ousado. Eu sempre gostei de vir de uniforme; no outro colégio mesmo, não era obrigado uniforme, mas a maioria das vezes eu ia com o uniforme representando a escola. Meus pais concordam com o uniforme e com as regras da escola. Mas, por exemplo, se tivesse uma regra que proibisse chupar chicletes, eu não cumpriria, pois acho que essas regras são absurdas.

Antes, eu queria fazer o Ensino Médio numa escola particular; mas agora, eu tenho bastante primos e amigos que estudam lá, e eu pego o material e vejo que tem coisas que eles sabem até menos que eu. Acho que a única preocupação minha é que, nas escolas particulares, os alunos exigem mais do professor, porque eles pagam. Agora aqui na estadual, o problema é esse, se o professor chegar e ficar sentado no canto dele, se não tiver um aluno mais cabeça que peça para explicar, a maioria não tem interesse, e, na outra, os alunos cobram mais porque pagam. Mas aqui também é bom, que nem lá, tem vários laboratórios de física e química, também tem uma diferença do material, mas acho que depende do aluno: se ele for esforçado, ele consegue passar no vestibular estudando numa estadual. Conheço aluno que fez escola particular a vida toda e ainda faz anos de cursinho para passar no vestibular. Então, depende muito do empenho do aluno.

Aprendi as contas de dividir na 2ª série. Não me lembro porque não compreendia, só lembro que minha mãe me explicava. Não sei se a classe toda também tinha essa dificuldade,

recordo que uma amiga e meu primo também tinham. Aí, minha mãe me ajudou bastante e eu compreendi, não me lembro, mas acho que minha professora também usava palitinho, ou outros recursos para explicar. Eu lembro que tinha um tipo de brinquedo que você colocava as bolinhas para lá e para cá, para entender a divisão.

Acho que compreendi essas contas por causa da dedicação da minha mãe. Isso me marcou bastante, acho que marcou tanto assim porque eu não entendia mesmo. Lembro-me que, da forma que minha mãe explicava, eu entendia, mas eu me recordo que gostava daquela professora.

Acho até, nesta época, minha mãe chegou a falar com a professora, pois a escola em Ajapi é bem pequena, lá sim existe um bom relacionamento entre pais e professores, todo mundo conhece todo mundo. Minha mãe fazia parte da APM (Associação de Pais e Mestres), e sempre, quando eu tinha algum trabalho que eu não conseguia terminar, ela ia lá e falava com a professora, creio que ela foi falar para a professora.

Hoje minha mãe não ensina muito, pois ela teve pouca estrutura, devido aos poucos estudos. Mas hoje eu estudo sozinha, às vezes pergunto para o meu pai ou meu irmão, e às vezes, quando temos muita dificuldade, nós fazemos grupinhos de amigos, e um ajuda o outro.

A Matemática é uma delícia quando se entende, mas, quando não entendo, eu detesto. Não sei por que, às vezes, não entendo a Matemática. Mas a Matemática é bem complicada mesmo, tem tanto coisa, função, equação, estatística, acho que tem bastante assunto, bastante área na Matemática, e eu acho que acaba confundindo um pouco. Agora, se for muito bem explicada, aí você entende. Porém, às vezes tem algumas contas e problemas, que, se tivessem algum contato com a sua vida, ficaria mais fácil. Mas o fato de eu não entender, às vezes, não me deixou desmotivada. Eu gosto da aula de Matemática, não vejo problema em ter aula.

Vou bem nas provas, mas, quando vou mal, meus erros sempre são distrações. Nessa hora, meus pais falam para eu ficar mais atenta no que faço, que falta prestar mais atenção.

Minha mãe sempre me ajudou muito nos trabalhos escolares, vários trabalhos assim enormes, minha mãe sempre estava junto. Ela saía comigo, ajudava a fotografar todos os lugares antigos para os trabalhos de História; aí teve um trabalho que teve que fazer entrevista, pois era um texto jornalístico. Ela tem amizade com a delegada, aí ela conseguiu uma entrevista para mim; outra vez, fizemos uma entrevista com o prefeito.

Acho que essa dedicação dela contribuiu para o meu bom desempenho escolar. É bom ter uma mãe que sempre está junto, incentivando. Quando pediam para fazer maquete, meu

pai sempre ajudava a cortar o isopor; disso eu não posso reclamar, pois meus pais ajudam bastante. Na verdade, a escola proporcionava até uma recreação comigo e com meus pais.

Que nem na escola, sempre tinha gincana, e minha casa era o ponto dos alunos da minha classe: fazíamos fantasias, minha mãe ia atrás de pano, nós costurávamos, pintávamos. Minha mãe sempre gostou mais que meus amigos fossem em casa. Todos em casa me ajudavam, sempre era uma bagunça, minha mãe sempre se envolveu bastante, às vezes até demais. Eu falava: “Aí mãe, não precisa, chega!” Penso que isso me estimulou a gostar da escola.

Na minha sala tenho mais amigos que a família também ajuda, incentiva. Acho que acontece isso mais com as meninas da sala, porque os meninos chegam nesta idade e querem ficar mais independentes, não gostam que os pais fiquem lhe beijando, lhe agradando. Acho que acontece mais com as meninas, mas tenho também amigos que o pai e mãe incentivam; mas tem aqueles que os pais não estão muito junto, mas ele tem um bom empenho, como eu disse tem aluno que vai bem, e o pai não precisa ficar ajudando, ou cobrando.

Eu vejo meu pai lendo bastante; minha mãe não lê muito, mas ela sempre foi de comprar livros. Estes dias mesmo, eu separei alguns livros lá em casa de literatura infantil que ela comprava e tinha quase uns 50 livros e revistas que eu doe para a escola. Aquela revista “Lição de Casa” eles sempre compravam para mim, e elas sempre me ajudaram a estudar. Quando o Brasil fez 500 anos, minha mãe comprou toda a coleção,

Às vezes, meus pais nem me deixam fazer serviço de casa para estudar, mas eles sempre falam: “Faz isso, faz aquilo”. Mas, se eles vêem que estou estudando, eles não me pedem. Mas, se não estou estudando, minha mãe pede para eu ajudar na casa, ela pergunta: “Você tem muita lição?” Eu digo: “Não”. Aí ela fala: “Ah! Então, você pode me ajudar nisso”. Mas sempre me pergunta se vou ter prova ou lição, antes de me pedir alguma coisa. Mas eu tenho uma amiga que trabalha fora e outra que a mãe e o pai trabalham, então elas fazem o trabalho delas. Mas, mesmo assim, eu costumo me dedicar mais aos estudos quando eu tenho prova.

Eu quero fazer faculdade, e meus pais sempre até me orientam. Meu pai fica: “Por que você não faz isso? Você já sabe o que vai fazer?” Eu sempre falo que ainda não tenho certeza, às vezes falo que não gosto do que ele sugere, mas eles deixam mais para eu optar mesmo, não ficam me pressionando.

Meu pai já viu comigo apostilas, revistas de faculdades, e sempre estamos discutindo o que é legal, o que terá um bom campo de trabalho...

1.5 Graciella

Vou à escola desde a pré-escola, com cinco, seis anos. Antes disso, eu ficava em casa, quem cuidava de mim era minha mãe, mas como ela trabalhava, quem cuidava de mim era minha avó. Depois, minha avó faleceu e, aí, minha mãe saiu do emprego dela para cuidar de mim. Aí, eu não lembro muito bem, né, o que eu fazia aquela época. Eu lembro mais da pré-escola. Do prezinho, eu lembro que a gente brincava muito lá, era mais brincar; só no pré III, a gente começou a ler e a escrever. A recordação gostosa que eu tenho dessa época é que, antes, a gente não precisava ficar estudando, estudando, se matando, era mais brincadeira, não ligava, o tempo passava rápido. A parte que era mais gostosa, naquela época, era mexer com massinha. Não me recordo muito da professora do prezinho, mas lembro que ela era um pouco brava. Eu lembro que, na rua, eu brincava de pular corda, elástico, pega-pega, esconde-esconde, brincava de Barbie.

Meus pais não tiveram a oportunidade de estudar. Minha mãe, ela era do interior, ela veio para cá e aí ela começou a estudar lá, onde eu fazia a pré-escola, na Emei “Vitori Machado”. Aí, ela começou, mas logo ela teve que parar para cuidar da gente, né, que, depois que minha avó faleceu, não tinha com quem ela deixar a gente. Então, ela teve que parar. Agora, meu pai estudou até o quarto ano do 1º grau e parou por aí; ele começou a trabalhar. Eu acho que minha mãe estudou até o primeiro ano só (primeira série só). Eu tenho uma irmã mais nova, que tem trezes anos e se chama Célia. Meu pai é aposentado, mas ele está procurando emprego, né; minha mãe, ela costura em casa.

Meus pais incentivam muito meu estudo; se eu parar de estudar, minha mãe me mata. Bom, ela não ajudava muito na lição, no dever, porque ela não sabia muita coisa. Mas qualquer dúvida que a gente tinha, ela conversava com a professora, eu lembro disso. Bom, eu não tinha muito problema na escola assim, né; então, quando tinha reunião de pais, ela vinha, conversava com os professores, desde a primeira série foi presente mesmo. Se eu comentasse com ela que eu não estava entendendo alguma matéria, alguma coisa, ela até ia procurar os professores fora da reunião. Aí eu via que os professores se empenhavam mais.

Até conto para minha mãe o que aconteceu na escola, tipo assim, se acontece coisa ruim, eu conto, boa, eu conto. Por exemplo, estes dias eu fui sorteada num curso de informática. Aí eu contei para ela. Também coisas ruins que acontecem aqui na escola, com os professores assim, que os alunos desrespeitam assim, né, que nem estes dias atrás pegaram um menino com arma aqui na escola, eu contei para ela, eu acho que era um aluno da noite. Quando contei da informática, ela ficou feliz, né, vamos atrás né, eu ganhei um desconto.

Quando contei da arma, logo quis saber o que aconteceu com ele, se os policiais vieram pegar ele, o que aconteceu. Eu sei que o diretor chamou a polícia e eles vieram, e o aluno tinha acabado de roubar uma loja, mas eu sei meio por cima, pela conversa dos outros, eu não sei muito bem assim. Eu converso mais com a minha mãe, porque meu pai, quando ele trabalhava, ele não tinha muito tempo, né, ele me ajudava mais nas contas, porque ele é bom nas contas. Mas agora, como eu estou no 2º grau, ele não tem experiência, porque ele não passou pelo segundo. Aí, então, ele não sabe nada do que eu estou aprendendo, ele estudou até a 4ª série, depois que eu acabei a 4ª, ele continuou explicando um pouco, pois da 5ª série para lá é mais recordação, então ele continuou me ajudando assim, e, dúvida nossa, eu perguntava, ele explicava direitinho, só assim mais Matemática, né, porque das outras matérias ele, não tinha muita noção.

Em relação às minhas notas, eles não me perguntam muito, porque eles vêm nas reuniões, aí eles procuram saber. Mas, quando eu tiro nota ruim assim, eu conto logo para eles. Aí minha mãe já pergunta: “Mas tem jeito de recuperar?” Aí eu falo: “Tem, sim”, ou então eu falo que não, se não tiver. E nota boa eu também conto; aí, minha mãe fala: “Graças a Deus!” Mas eles não exigem boas notas, eles querem mais, assim, que eu me esforce. Eles falam para eu prestar atenção na aula, se eu não entendi alguma coisa, para eu perguntar para o professor. Mas não, assim, de ficar em cima, vai estudar; nem quando eu era mais nova, eles faziam isso.

Já tirei nota baixa em Matemática. Bom, como foram poucas as vezes, porque eu sempre recupero, aí eles não se preocupam muito não, eles falam assim: “É que você não prestou atenção, não estudou”. Mas conto numa boa minhas notas baixas, porque eles não pegam muito no meu pé.

Eu acho que eles não saberiam dizer qual a matéria que mais gosto, eu acho que meu pai falaria que eu gosto de Português porque eu sempre falo isso; mas, assim, se você perguntar para eles, acho que não viria na cabeça deles.

Em casa, meus pais perguntam primeiro se eu tenho alguma atividade, assim, lição para fazer. Eles perguntam: “Já fez a lição?” Agora, se eu não tenho, eu não faço, se eu tenho, eu vou fazer. Mas ela não pergunta diariamente, mas eu faço a lição sozinha, eu faço a lição em casa, mas eu já fiz na aula também, porque, às vezes, a gente esquece ou a mãe não lembra também, né? Antes da 5ª a 8ª, minha mãe pegava mais no meu pé; eu lembro que na segunda série, eu tinha bastante recorte de jornal que a professora mandava fazer. Aí minha mãe me ajudava, procurava jornal ia comprar revista, procurava as palavras junto comigo, ela sempre perguntava, porque sempre tinha, né, então ela sabia que ia ter, então ela sempre perguntava, e

me ajudava também. Mas, quando eu tinha dúvida de Matemática, era sempre para o meu pai que eu perguntava, ele me explicava mais à noite, quando chegava do trabalho. Quando eu tinha lição de sexta-feira, eu deixava mais para o fim de semana, ele ficava só tirando algumas dúvidas coisas básicas, só algumas coisas que ele não lembrava. Aí eu procurava no outro dia, na aula, o professor para me ajudar.

Eu acho que minha mãe acha a escola importante, se não ela não me incentivaria; meu pai também, eles nunca falam para mim deixar a escola; então, é sinal de que eles querem que eu seja alguma coisa, que eu aprenda, que eu vá para frente, né? Mas não tem muito incentivo assim, é mais eles falarem que eu preciso estudar aqui, para eu ser alguém, assim. Mas eu já me revoltei dizendo que não queria mais estudar. Que nem, eu queria trabalhar, né, aí eu falei: “Nossa, vou parar a escola, não sei oquê”. Aí eles falaram: “Mas nós dois damos tudo para você, porque você quer largar a escola?” Mas foi coisa assim de um dia, mas eles nunca falaram: “Ah! Então larga!” Nunca! Acho que eles não deixariam.

Acho importante os pais participarem das reuniões escolares, porque é através das reuniões que eles ficam sabendo dos altos e baixos, as notas, como que está indo à escola, comportamento também, porque, às vezes, a gente é santinho lá em casa e vem para a escola e é o maior bagunceiro, ou então ao contrário. Aí eu acho que ajuda.

Bom, eu acho que, se a escola e a família interagissem mais poderia até melhorar o ensino, porque, aí, a escola, assim de alguma forma, ia saber do que eu gosto do que eu não gosto, o que eu faço o que eu não faço, e aí eles iam poder me ajudar mais. Acho que essa interação poderia contribuir para o aluno ir melhor na escola, nas matérias, com certeza eu acho que ia ajudar os alunos nisso.

Eu vim este ano para cá fazer o colegial, mas, até hoje, a escola não fez nenhuma festa que os pais pudessem vir, mas, se fizesse festa, meus pais não gostam muito de vir. Mas, se eu falar para eles vir, pedir, acho que eles vinham, sim. Antes, no primário, eu não lembro que tinha muita festa não, eu lembro que, no pré, tinha festa das mães, dos pais, formatura, e aí minha mãe, meu pai iam, depois eles não costumavam ir, mas tinha raramente festa, mas eles não gostam muito de sair.

Bom, eu sempre gostei de Matemática, né, mas o que interfere são os professores: às vezes tem um professor bom, que a gente gosta, e incentiva a gente, a gente começa a gostar mais da matéria. Agora, quando vem outro professor que a gente não gosta, a gente acaba perdendo o interesse, eu acho.

Para ter interesse, eu acho que o professor tem que ser mais, assim, ajudar a gente mais na sala, se tiver alguma dúvida, vai à carteira, explica quantas vezes for preciso, assim.

Hoje minha aula de Matemática é legal, eu acho que é uma das aulas mais legal. A professora explica a matéria, aí não entendemos, aí ela explica de novo para todo mundo, ela não explica só para um; aí, às vezes, a pessoa não entendeu de novo, ela vai lá explicar, aí, às vezes, a pessoa não entendeu de novo, ela vai à carteira e explicava certinho, ela é muito legal. Já tive professores que passavam a matéria na lousa, explicavam uma vez, aí a gente tinha dúvida, aí eles não queriam voltar atrás. Se o professor é legal, a gente fica até mais alegre, chega até com vontade, assim, de estudar; agora, se o professor é bravo, não dá nem vontade de entrar na aula dele, a gente já pensa: “Nossa, essa aula de novo?” Hoje a aula de Matemática é uma das melhores.

Quando tenho dúvidas, peço ajuda para o meu pai. Se ele se relacionasse mais com a escola, com certeza ele poderia me ajudar mais ainda. Assim, como ele não estudou, né, ele tem até vontade de voltar a estudar, mas, assim ele não tem assim um recurso para isso. Se ele for estudar, ele tem que deixar de fazer alguma coisa ou outra, mas se a escola desse essa oportunidade, seria bem melhor. Porque tem momentos que a gente precisa da ajuda dos pais, mas, às vezes, a gente tem que seguir. Tem dúvida, assim, a gente procura saber, sei lá tem que se virar um pouco, né, não é tanto ficar na barra da saia da mãe. Várias vezes precisei da ajuda do meu pai. Eu acho que os filhos precisam desse apoio dos pais, porque, se não forem os pais, por exemplo, você tem uma lição de casa, se não for o pai ou a mãe para a ajudar, você não tem como fazer.

Na minha opinião, o motivo para um aluno sempre ir mal em Matemática, é ou o aluno não se esforçar muito, ou o aluno ter algum problema e precisar de ajuda, ou os professores não incentivarem o aluno. Eu acho que tem um monte de fatores que levam o aluno a ser fracassado. Ter apoio da família é bastante importante, porque é a família que é a base. Assim, por exemplo, se você tem uma dúvida, a primeira pessoa que você vai procurar é sua família, né, ou a pessoa que está mais próxima, ou um colega também. Minha família sempre me ajudou, mas eu tenho amigos que os pais trabalham muito e não têm muito tempo para eles.

(Como a entrevista aconteceu em um horário fora do período escolar, a aluna se vestia apenas com roupas e acessórios pretos). Eu costumo sempre ser diferente no modo de me vestir. Mas acho que é importante usar o uniforme, né, porque, assim, para identificar o aluno, às vezes pode entrar gente de fora, assim, e você não sabe se é aluno ou não. Às vezes vêm para bagunçar, ou para fazer alguma coisa de ruim, né, aí acho que é importante uniforme. Eu só acho, assim, que o uniforme deveria mudar, que nem, a blusa é pólo, eu não gosto muito, incomoda, é muito quente; calça jeans também eu não gosto. Minha mãe fala, assim, que não

precisa ter uniforme inteiro, só a blusa estava bom; meu pai já é o contrário, ele não acha, assim que é preciso ter uniforme na escola, acho que é porque, desde quando ele estudava um pouco, ele não tinha uniforme; então ele acha que não tem necessidade. Existem outras regras na escola, tem um corredor ali que não pode passar, porque é mais sala dos professores, eu não gosto muito porque esta escola é grande, mas também tem muito aluno e teria que ter mais espaço, e só com um corredor às vezes fica difícil. Também não pode subir para aula antes de bater o segundo sinal, não pode vir sem uniforme, mas são regras que dá para cumprir normalmente.

Eu acho que não tem escola uma melhor que a outra; eu acho que é o aluno que faz a escola. Que nem escola pública, eles falam que é pior que a escola particular, mas eu não acho assim que seja tão ruim, porque é só o jeito que a escola trata o aluno assim. Que nem, se eles dessem aulas de outras coisas, né, iria ficar mais interessante, que nem informática, sei lá, aula de desenho, aí ia ficar parecida com a particular, não precisava ser assim: só porque é paga, é melhor. Ouço minhas amigas falarem que as escolas particulares são melhores, tipo tem colegas lá no “Koelle” que falam que esta escola, o “Batista”, não é boa, só tem aluno bagunceiro. Eu não acho que seja verdade, não, acho que é bem pelo contrário, acho que tem muitas escolas particulares, às vezes, que só porque o aluno paga, ele pode fazer o que quiser, né, e aqui não, né, você tem que seguir as regras certinho. Eu acho que os professores são a mesma coisa, não tem diferença. Eu acho que, se eu pudesse, eu não iria estudar em escola particular, eu não tenho muito interesse em estudar em escola particular, porque eu acho que é a mesma coisa.

Eu sempre tive o apoio da minha família, que nem, eles falam assim, que, se eu estudar bastante, eu vou conseguir ser alguém, que a minha vida vai ser melhor que a deles, porque eles não tiveram oportunidade; assim, eles falam isso. Eu penso em fazer faculdade, às vezes até não vou fazer, mas a gente sempre pensa, a gente tem um sonho, assim, quem sabe, eu não presto o vestibular e não passe, mesmo uma faculdade pública assim, né, quem sabe. Nossa, eu gostaria muito de tentar a faculdade, mas, primeiro, eu penso que eu tenho que terminar o colegial.

Como Matemática era o forte do meu pai, ele sempre me explicava; às vezes, ele não lembrava alguma coisa, ele tem as coisas dele de quando ele estudava ainda, ele ia lá pegava, recordava; se ele soubesse, me passava tudo que ele sabia, ele tem tudo guardadinho.

Eu sempre falo que meus desempenhos não foram afetados pela pouca escolaridade dos meus pais, porque, por eles não terem estudado, eu consegui estar aqui até hoje, mas eu também tive, assim, os professores, algumas colegas, as mães de algumas colegas minhas, não

é porque eles não souberam me ensinar tanto assim, não quer dizer que eu não tenho outros recursos.

Acho que é fundamental para o desempenho escolar dos alunos que seus pais ajudem nas tarefas escolares, porque é na tarefa escolar que o aluno vai testar o que ele aprendeu e o que ele não aprendeu. Às vezes, se ele não souber e o pai ajudar, ele aprende melhor com os pais do que com a professora.

Na minha classe, até tem uns alunos que a gente percebe que recebem ajuda dos pais, que nem tem o Ricardo da minha sala, a Mônica, a gente percebe que já vem de raiz, que os pais educaram, incentivam eles a estudar. E eu conheço a Mônica e ela fala bastante que os pais delas ajudam, e ela é uma boa aluna. Eu não falo muito com o Ricardo, mas parece que ele é igual à Mônica pelo que eu sei assim; ele é bastante esforçado, assim acho que os pais dele devem ajudar também.

Eu escrevi que, quando meus pais não sabiam me ajudar, eu pedia para os professores, porque eu, lembro, assim que tive uma vez na 3ª série eu não estava indo bem em ciências, aí minha mãe não sabia nada de ciências, nem meu pai. Um dia, ela foi lá na escola porque teve reunião, ela sempre assim esperava a reunião que, às vezes, ela não tinha condição de ir lá na escola, ela não tinha tempo, aí ela procurava perguntar para professora o que estava acontecendo. Que nem teve uma prova, né, que eu lembro, mas não sei que série que foi, eu fui mal, aí minha mãe procurou a professora para ver se tinha recuperação, e ela não ia dar recuperação, mas depois que minha mãe procurou ela, ela deu recuperação da prova, ela me ajudou bastante, ela explicou melhor a matéria, voltou tudo.

Quando digo que meus pais não podiam me ajudar com a Matemática, pois eles não tinham muito estudo, não significa que eu tinha mais dificuldade com a Matemática, tem coisa que a gente não aprende muito bem, a gente tem dúvida, né, então a gente procura alguém que saiba. Mas, às vezes, meu pai não sabia, nem minha mãe, então não tinha jeito, né, tinha que esperar no outro dia, e tirar dúvida na sala, mas não é porque eu tinha muita dificuldade.

Quando eu falo que eu não aprendia bem, eu acho que era mais assim: às vezes, eu não prestava atenção, ficava mais distraída, às vezes eu ficava conversando na sala de aula, mas tem vezes que era o professor, que eu não conseguia entender mesmo o que era, parece que ele falava outra língua, não sei. Eu não costumo perguntar quando estou com dúvida, eu vou na mesa dele depois que ele terminou de explicar, porque eu sou, assim, muito tímida, né, aí eu não sou assim de falar no meio de todo mundo; ou então eu tiro a dúvida com uma colega que entendeu. Mas, às vezes, eu não tiro a dúvida.

Eu acho que a Matemática é uma das matérias mais importantes assim, em tudo, você vê Matemática, até às vezes você no mercado precisa fazer uma conta lá, somar tudo, em tudo você vê Matemática, acho que é importante você aprender, é uma matéria gostosa eu acho. É fácil assim de aprender quando você se esforça, acho que é assim.

Eu acho assim que hoje eu tenho facilidade em Matemática e agora eu não preciso tanto dos meus pais. Eu acho que é mais por mim, eu quase não tenho dúvida agora, porque agora eu aprendi, né, a prestar atenção, a perguntar se eu tenho dúvida, ou não. Às vezes, antigamente, a gente ficava meio no cantinho com vergonha, mas agora, não, agora eu sei me virar.

Agradeço a confiança que meus pais depositaram em mim, porque eles sempre confiavam em mim dizendo: “Vai, você consegue!” Hoje em dia eu vejo que eu consigo mesmo, assim, acho que foi importante, assim, acho que, se hoje eu consegui, acho que é porque eles me incentivaram. Eu lembro em prova, tinha prova, tinha que estudar, aí eu dizia para minha mãe: “Eu não entendi nada, nossa, eu vou tirar nota baixa. Ela falava: “Ai, estuda mais um pouco, aí você consegue!” Eu lembro disso.

Acho, assim, que os pais devem ter bastante diálogo com os filhos, não é só estudo, estudo. “Ai, filho, não sei o que lá, você foi bem, então, vamos dar uma volta, sei lá, se distrair, você merece”. Às vezes, a gente foi bem, assim, na prova, e, às vezes, o aluno quer isso, não como recompensa, mas os pais deviam falar assim: “Você merece”. Não tenho muito esse negócio de lazer com meus pais, mas, às vezes, assim, eu quero sair em algum lugar, eu contei para eles que eu fui bem, mostro a prova, aí eles falam: “Ah! Então, vai”. É também uma confiança que eles me dão, eu não tenho muito assim diálogo com meus pais, não tenho muita coisa para conversar com eles assim, mas, assim, o básico eu converso, mas eles não conversam de tudo comigo. Eu queria que meus pais entendessem tudo, mas eles já são de idade: às vezes, eles foram educados pelos pais deles de outra forma, então eles acham que, hoje em dia, também tem que ser assim - meu pai tem 61 anos e minha mãe, 50 anos.

1.6 Monique

Desde o prezinho, eu vou para a escola; antes disso, eu ficava na minha casa e era minha avó que cuidava de mim: eu ficava em casa, assistia bastante televisão; quando não assistia televisão, eu brincava. Minha mãe e meu pai trabalhavam fora. No prezinho, eu gostava de ficar brincando no parquinho, (risos) às vezes brigava, quando pegavam meu brinquedo preferido. Eu gostava da professora, ela era muito legal, tratava bem os alunos,

ensinava bem também, eu gostava dela. Me recordo com muita saudades, era gostoso. Eu lembro do SESI, que a professora dava muito desenho, tinha coisa de teatro, trabalho com coisa de cola, lá eu recordo. Eu não lembro direito, mas meu pai queria pôr eu no SESI, eu não sei como que fala, eu fiz o pré III e daí meu pai quis colocar eu no SESI, no 1º ano, com seis anos e meio, e tinha que ter sete anos. Então, daí, eu voltei um ano, então eu fiz o prezinho de novo, e lá era mais gostoso, porque lá tinha mais atividade, mais brincadeira era maior, né, a professora dava bastante coisa, eu gostava mais.

Meu pai estudou até a 4ª série e minha mãe até a 8ª série. Meu pai está trabalhando na empresa Uniroi. Minha mãe trabalhou na Uniroi, depois ela foi para a Brastemp e agora ela saiu, saiu das duas, ela esta desempregada porque ela quis, ela está como doméstica agora em casa. Minha mãe sempre foi presente, sempre estava lá; mesmo quando trabalhava e acontecia alguma coisa, minha avó contava para ela e ela sempre estava lá. Meu pai, eu não lembro, porque, quando ele se separou da minha mãe, eu devia ter uns seis sete anos. Por isso que eu saí do Sesi, era para eu estar lá, e minha mãe, naquele tempo, não estava trabalhando, e não estava tendo condição de pagar o Sesi. Aí eu tive que sair, aí eu vim para a escola, agora minha avó morreu e moramos só eu e minha mãe em casa. Sou filha única, só tenho mais irmãos por parte de pai. Eu tinha dois irmãos, um morreu ano passado, agora só tem um mais velho: meu pai quando casou com a minha mãe, já tinha sido casado, era divorciado e já tinha dois filhos. Hoje, só sou eu e minha mãe. Minha mãe! Nossa! Até meu pai fala bem para caramba da minha mãe. Ela sempre está presente, não deixa me faltar nada, tudo o que eu preciso ela faz; quando ela não pode, ela conversa comigo, fala que não dá, ela faz sempre o possível e até, às vezes, o impossível ela faz por mim. Meu pai, na medida do possível, ele sempre esta fazendo, ele é um pai presente, mesmo não estando junto, ele sempre vai em casa. Minha mãe é muito ciumenta, não deixa eu sair com ele, mas ele sempre quer levar eu para sair, mas é minha mãe que não deixa, é só eu telefonar para ele que ele vem em casa, minha mãe não é brigada com ele, eles têm um amizade superboa. Hoje meu pai tem outra mulher, mas ele não é casado, é amigado só. Eu não tinha muito contato com os outros filhos do meu pai, estou tendo mais contato agora que eu conheci meu sobrinho, mas não tem aquele contato forte, converso, falo. Não me senti prejudicada na escola por causa da separação do meu pai e da minha mãe, eu acho que é porque eu era muito pequena e acabei acostumando a conviver só com a minha mãe e minha avó. Aí meu pai sempre ia em casa, sempre eu via ele, acostumei, eu nem lembro quando meu pai vivia junto com a minha mãe, só lembro deles separados.

Eu costumo contar para minha mãe o que acontece na escola. Às vezes, se é muito marcante, eu fico triste, às vezes, eu fico quieta, aí ela vem pergunta para mim, eu demoro um pouco para falar, mas depois eu acabo falando, conversando, contando para ela. Não lembro de nenhum fato, mas é coisa, assim, boba, eu não lembro direito.

Sobre minhas notas eu sempre falo com meu pai, eu sempre mostro meu boletim para ele, quando eu tiro uma nota superboa eu falo: “Olha, pai, tirei esta nota”. Eu conto para ele, ele sempre fica superfeliz. Eu nunca tive nota assim muito baixa, eu sempre tive notas boas, ainda que o bimestre passado caiu um pouco minhas notas porque eu faltei muito, porque eu chegava atrasada na escola, por causa da minha colega. Eu passava na casa dela e ela não estava pronta, aí eu ficava esperando e a gente se atrasava, aí eu chegava já tinha entrado a segunda aula e não podia mais entrar. Eu contava para minha mãe, ela ficava brava e falava: “Você não passa mais lá, não”. Aí eu não passava mais, aí eu comecei a vir mais cedo. Quando eu estou com uma notinha meio baixa, minha mãe fala: “Podia ter feito melhor”. Meu pai fala: “Ah está bom, esta ótimo!” Só se eu tirar uma nota negativa, uma nota vermelha, eu sei que ele vai ficar bravo, mas eu nunca tirei para saber, ele ia ficar meio bravo, mas ele sempre está apoiando, falando: “Que bom!” Ele só ficou bravo por causa das minhas faltas falou para mim parar de faltar tanto, ele falou: “Você faz que nem sua mãe falou, você não passa mais lá”. Se você quiser passar, você passa, e se ela estiver demorando, você fala que você vai e fala para ela que você foi. Eu comecei a fazer isso e ela começou a se arrumar mais rápido. Mas eles não exigem boas notas, ela fala só que não quer que eu apareça com nota negativa lá, só isso, mas se eu tirar uma nota média, ela não vai ficar brava comigo. Eu falo: “Ai, mãe, eu não entendi direito, não deu para estudar muito. Ela vai falar: “Ah! Tudo bem, Monique”, e meu pai é a mesma coisa.

Mas, nunca tirei nota abaixo da média em Matemática, nunca tirei; se eu tirasse, meus pais não iam gostar muito, eles iam perguntar o que aconteceu, né, porque minha mãe e meu pai estão acostumados com eu tirar nota boa, se eu chegar com uma nota baixa lá, eles vão estranhar e perguntar por quê.

Meus pais saberiam dizer a matéria que eu não gosto, porque eu não falo muito da matéria que eu gosto, eu falo que eu não gosto de Física e Química, mas só minha mãe ia saber, meu pai, não. Física eu estou aprendendo este ano, e é uma aula só e eu não estou conseguindo entender direito, o professor explica muito rápido. Química eu não gosto mais ou menos, este ano que começou e também é uma aula que não dá para aprender direito, a professora passa muito rápido, mas, se tiver uma explicação melhor, eu acabo gostando. Não é por causa do professor que eu não entendo, é porque é pouca aula, então não dá muito

tempo dele poder explicar melhor; então ele tem que explicar muito rápido, eu acabo não entendendo direito, ele já explica e já quer fazer exercício, não dá para entender, ele não explica direito, e estudando sozinha eu não consigo entender. Porque o ano passado teve um pouquinho de Física e Química nas aulas de Ciências, e eu conseguia aprender melhor. Só que este ano, que é só Física e está tendo só uma aula, eu não estou conseguindo, porque, quando a professora ela começava com Física, eu não lembro se eram quatro aulas de ciências que tinha, eu acho que eram quatro aulas que tinha, ou três aulas, e quando ela começava explicando aquilo e ficava até o final, explicando, explicando, aí ela dava uma prova; daí eu fazia a prova e estava tudo certo, essa professora tinha mais tempo.

Em casa, minha mãe não costuma me mandar ir estudar, ela nunca fez isso, porque ela está acostumada que, quando eu tenho prova, eu estudo, mas quando eu não tenho nada, eu fico assistindo televisão, ela não fala nada, até para a prova eu sempre fui estudar sozinha.

Eu só pedi para minha mãe me ajudar quando eu estava no comecinho, na 1ª série; desde a 2ª, 3ª série, eu não pedi mais para ela ajudar, porque, antes, eu não sabia fazer as contas assim de mais, essas coisinhas assim, aí eu pedia para ela. Ela ensinava para mim, dava conta para eu fazer em casa, mas depois nunca mais pedi. Às vezes, quando eu tinha alguma dificuldade eu chegava para a professora e falava: “Ai, professora eu não entendi direito”. A professora explicava tudo, aí eu acabava pegando, mas era muito difícil eu não entender, eu não estou entendendo agora este ano de Física, mas eu sempre entendia.

Na sala de aula, quando o professor não está passando, explicando nada, eu fico conversando; às vezes, o professor até me chamava um pouquinho a atenção: “Ah! Pára de falar, né, que eu vou começar a explicar, né?” Aí eu parava, mas eu sempre fiquei quieta na hora da explicação; quando os outros vinham falar comigo, eu falava para esperar um pouquinho porque eu queria aprender, entender, porque, se eu fico conversando, eu acabo não entendendo. Eu não pergunto para o professor; se eu não entendo, chega na hora do exercício que ele dá, eu chamo o professor e falo: “Eu não estou entendendo aqui, como faz aqui?” Eu chamo ele na carteira.

Minha mãe quer que eu faça uma faculdade, por causa do meu futuro, do meu trabalho. Hoje está exigindo muito estudo, então ela quer que eu faça uma faculdade. Ela sempre falou para mim que estudo é importante que, se ela pudesse voltar no passado, ela faria o segundo grau, porque ela não fez. Ela fala para mim não perder a oportunidade, e fazer uma faculdade porque o estudo está sendo muito importante agora, por causa do meu futuro, do meu trabalho, ela sentiu essa falta. Meu pai fala para eu não desistir e tentar, sim, fazer uma faculdade, porque é difícil fazer uma faculdade por causa da prova, mas ele fala sempre

assim, me apoiando, para eu fazer. Meus pais não me deixariam de jeito maneira parar de estudar, porque agora eu vou trabalhar, eu estou estudando de noite para poder trabalhar, mas, se não tivesse o horário noturno, e eu precisasse parar para trabalhar, ela não ia deixar de jeito maneira. Ela nem queria porque, mesmo eu estudando de noite para trabalhar no começo do ano, ela não queria, ela queria que eu estudasse de tarde, mas sem pensar em trabalhar, queria que eu ficasse só estudando. Eu que quis vir para a noite, de tanto eu insistir, insistir, ela acabou deixando, cedendo. É que eu fiz a guardinha mirim e estou esperando para ser chamada, e fui eu que quis fazer a provinha da guardinha, porque eu queria trabalhar.

Eu estudei da 7ª a 8ª série de manhã e da 5ª a 7ª série de tarde; por isso que ela não queria que eu estudasse a noite, ela estranhou, né, também porque a turma fala que é perigoso, mas ela até acostumou agora, porque, quando eu cheguei à noite, eu não conhecia ninguém, ninguém que eu conhecia ia estudar de noite, então eu tinha que vir sozinha, então ela estava achando isso perigoso.

Minha mãe sempre veio às reuniões escolares, mas antes, quando ela trabalhava, era minha avó que vinha; agora, sempre foi ela que veio depois que ela saiu do trabalho. Ela fica feliz porque os professores nunca falam nada assim, né, só falam que eu converso muito, só isso que falam, mas falam que eu sou boa de nota, sou boa aluna, e ela fica supercontente. Acho bom ela participar das reuniões, para ela saber como eu estou indo né, como eu estou indo na escola, para os professores falar para ela se estou sendo uma boa aluna, se eu não estou sendo, se eu estou prestando atenção ou não, é bom que ela fique sabendo. Alguns pais não vêm na reunião, porque o filho não fala, porque a própria pessoa sabe como é na escola e não fala para o pai, para não levar bronca, ou às vezes o pai também não pode e não tem quem venha, né, é difícil. Eu acho importante o pai saber como o filho anda na escola, para ser um pai que sempre está presente, e vendo o que o filho faz ou o que o filho deixa de fazer na escola. Se estiver alguma coisa fazendo de errado, dá uma puxadinha de orelha nele, né. Agora, se estiver bom, fazendo as coisas certas, incentivar para continuar, e sempre saber o que o filho está fazendo.

Eu acho que não interfere no desenvolvimento escolar do filho a mãe vir falar com a professora; eu acho que depende do aluno, porque tem que aluno que é bagunceiro, mesmo que a mãe sempre venha na escola, que sempre fique mantendo contato, ele continua sempre a mesma coisa; eu acho que não depende só da presença da mãe, depende da pessoa mesmo, tem gente que dá uma bronca e até ajuda, mas tem gente que não.

Acho que não interfere no desenvolvimento escolar do aluno, a escola e a família interagirem mais, não sei, acho que até uma faixa etária de idade é bom, até a 4ª série, mas

acho que depois da 5ª, no 2º grau, assim, não é muito necessário, porque é o momento que o aluno, a pessoa está se desenvolvendo, amadurecendo e crescendo, e está querendo caminhar sozinho. Aí não precisa do pai ficar sempre no pé, sempre atrás do filho na escola, eu não gostaria de um pai assim, para mim não tem necessidade. Eu sempre fui bem na escola, eu lembro que minha mãe sempre me ajudou e me incentivou, mas sempre que eu lembro, eu sempre fui bem na escola sem minha mãe ficar me pressionando: “Você tem que tirar nota boa”. Eu acho que vem de mim mesmo, eu acho que depende do aluno.

Eu tenho umas colegas que não vão bem na escola, mesmo com a mãe conversando com os professores, as suas mães sempre estão falando com as professoras e elas continuam indo mal. Sabe, estudar elas até tentam estudar, mas acabam não aprendendo, não sei, elas são aplicadas e dedicadas, mas elas não conseguem aprender, e a mãe conversa com a professora, com o diretor, conversa com a filha, mas acaba, mesmo assim, não aprendendo. Não sei se elas precisariam prestar mais atenção na aula, pois elas estão na minha classe e eu vejo que elas não prestam muita atenção na aula, ou então, se prestam atenção, acabam não entendendo, não entra. Às vezes, elas são quietas até demais, não perguntam nada, ficam sem entender, não entendem e também não perguntam para tentar entender, e, às vezes, é porque conversam demais e acabam não prestando atenção. Na maioria das famílias que eu conheço, os pais estudaram até a 8ª série. E, também, os pais trabalham e têm muitos filhos, e a mãe tem que dar atenção para os irmãozinhos menores. Às vezes, não porque elas não querem, elas querem melhorar, elas até tentam, mas elas não conseguem, que nem eu tento entender Física, e não consigo.

Agora, para eu entender Física, falta o professor explicar, dar o exercício, dar aquele exemplo e dar um exercício para os alunos fazer e tentar fazer sozinho. Porque, ele dá um exercício, um exemplo, depois ele passa outro exercício, só que totalmente diferente daquela conta, então não dá para entender, eu acho que deveria ter mais aulas.

Minha mãe ia nas festas escolares. Quando eu estava no pré, teve festa junina, ela foi, tudo; quando eu estava no Sesi, meu pai foi, só que depois não teve mais festa nas escolas, teve até uma festa no primário e minha mãe foi, tudo, contribuiu. Se aqui tivesse, acho que ela não viria, porque acho que ela não gosta mais, antes ela participava porque eu era criança ainda, mas, da 5ª à 8ª, ela não ia mais.

Eu sempre fui bem em Matemática, sempre aprendi rápido, sempre gostei, né, a turma sempre falava: “Ai, não sei por que existe Matemática, eu não gosto”. Eu sempre gostei, as minhas colegas que não conseguiam aprender eu tentava ensinar a elas, sempre me dei bem. No comecinho, quando eu tinha alguma dúvida em Matemática, eu sempre pedia para minha

mãe; meu pai nunca me ajudou porque eles eram separado. Eu pedia na 1ª série, quando eu estava começando a aprender conta, aprender a ler, eu pedia para ela, ela me ensinava, mas, da 5ª à 8ª, eu não pedia mais.

Na minha opinião, às vezes, um aluno vai mal em Matemática porque não gosta, quando a gente não gosta, acaba não querendo aprender, ou também porque não consegue aprender, acha difícil não consegue, acho que é isso. Porque a maioria dos professores de Matemática explicam bem pra caramba, mas as pessoas não gostam, têm aquela birra com a Matemática, acabam não querendo aprender. Não sei por que têm esta birra, acho que é porque acham que é muito difícil, tem tudo aquilo, acabam não querendo aprender, ou também não conseguem aprender, tentam, tentam e não conseguem. Pode fazer de tudo que não consegue, porque a gente fica com birra de Matemática. Mas pode ser que ele mude, por exemplo, se ele sempre foi mal, de repente tira uma nota boa, aí começa a acertar, começa a aprender, daí a pessoa vai querendo aprender mais. Ninguém nasce não gostando de Matemática, talvez seja desde a 1ª série que ele não conseguiu fazer conta direito. Fazer conta de mais e menos acho que qualquer um sabe fazer, mas na hora que começa conta de dividir, né, que a maioria das pessoas que eu conheço tem dificuldade. Então, na 1ª série que não consegue, acaba não gostando, não querendo aprender, mas eu não tive dificuldade em aprender as contas de dividir.

Eu acho bom usar uniforme para não ficar entrando qualquer um na escola; se não tiver o uniforme, qualquer marginal vai entrando na escola. Minha mãe e meu pai gostam de ter que usar uniforme e não querem que eu desobedeça. Mesmo na outra escola que eu estudava, que não era tão necessário usar blusa de uniforme, minha mãe queria que eu usasse, ela falava que era melhor que ficar usando qualquer roupa para ir à escola, é melhor ter aquela roupa certa para ir à escola. Eu acho bom, eu gosto de usar. O benefício que eu vejo é só de não entrar qualquer pessoa, mas vir só de calça jeans me chateia, porque, às vezes, eu quero vir de calça preta, uma coisa assim diferente, e não pode, tem que ser só calça jeans. Só isso que chateia, mas se o diretor acha isso, cada um tem um pensamento, mas eu não gosto muito, mas nem por isso eu me revolto.

Há outras regras da escola, por exemplo, só pode entrar uma vez por mês na segunda aula, mas eu não lembro muito das regras da escola, sei que não pode passar naquele corredor no recreio, eu acho meio estranha esta regra, porque à noite tem muita gente, fica apertado, um se batendo no outro e fica aquele corredor vazio lá, podia estar passando.

Eu acho que as escolas particulares são melhores, os professores ficam no pé do aluno para ele aprender mais mesmo, se não aprender fica com nota negativa e repete mesmo de

ano. Eu acho ótimas as escolas particulares. Quem me contou foi uma amiga minha que estuda no Objetivo; ela sempre estudou em escola estadual, depois, no 2º grau, ela foi para uma particular e estava difícil dela aprender, porque, o estudo é muito esforçado, é muito em cima mesmo. Na estadual, eles não pegam tanto no pé, eles passam que nem um resumo, e lá ficam passando até o que não precisa. Eu acho que lá é mais forte do que aqui, mas ela nunca falou do professores, né, se eles são mais fortes, ela sempre falou do ensino. Eu gostaria de estudar numa particular, por causa do estudo, para aprender mais, por causa da faculdade; ela entrou por causa disso, porque ela vai prestar faculdade, e lá eles vão ensinando para fazer uma faculdade, lá tem que estudar mais.

Quando escrevo que minha relação com a Matemática sempre foi boa, relatei com as minhas notas, né, pois nunca tirei nota negativa, sempre tirei nota boa, eu sempre recordo mais que eu sempre estava ajudando minhas amigas que não conseguiam, até eu dava umas colinhas para elas, eu sempre ajudei e nunca tive problema com a Matemática. A aula de Matemática passa rápido, é gostosa, o professor vai explicando, já vai passando exercício, eu já vou aprendendo, né, eu gosto, sempre gostei. Eu só reclamo por causa do professor, eu não gosto muito do professor, só isso, mas não com a matéria. Não gosto do professor, porque, às vezes, ele pega muito no pé, ele fala muito, ele reclama muito, não com a matéria ele reclama com aluno, de aluno, qualquer coisa que o aluno faz, ele fica reclamando, não pode conversar, não na hora que ele está explicando, mas na hora que está fazendo exercício, ele não quer que converse, ele não quer que faça nada, mas ele explica muito bem, a maioria da classe sente isso que eu sinto.

Ah! Com certeza, eu atribuo o modo que minha mãe me ensinou a estudar no primário, ao fato de hoje eu gostar de Matemática: quando eu não entendia alguma coisa, ela ficava lá e explicava. Eu chegava da escola e, às vezes, não entendia alguma coisa, daí ela pegava eu, e falava: “Olha, Monique, é assim que faz”. Ensinava para mim como que fazia a conta, depois dava para mim fazer sozinha, aí ela chegava do serviço, mesmo chegando do serviço cansada, ela tinha um tempinho para mim, ficava lá explicando para mim, eu gostava muito do jeito dela ensinar.

Eu me recordo que, aquele tempo, eu fazia lição para casa só, mas não ficava estudando, só estudava para a prova mesmo; hoje em dia, é assim também, só estudo para a prova, ou então tem um exercício, aí eu estudo também. Eu estudo no dia da prova mesmo, porque, se eu estudo antes, eu acabo não lembrando; então eu estudo no dia que vai ter a prova, eu fico só à tarde estudando, depois do almoço, assim, eu pego e fico estudando, sempre eu dei conta. Para estudar para a prova de Matemática, eu pego os exercícios que vão

cair e fico fazendo. O professor não fala quais exercícios vão cair, ele fala os capítulos, aí eu vou estudando os exercícios que ele deu daquilo e vou fazendo de novo, eu faço umas duas vezes cada exercício. Se não consigo resolver, daí eu peço para Deus para ele não deixar cair aquilo que não estou entendendo, porque, se eu chego na escola, o professor não explica no dia da prova.

No primário, eu entendia com a professora, só que, às vezes, minha mãe explicava mais, quando tinha uma prova, uma coisinha assim, para eu ir melhor ainda na escola. Minha mãe não conversava muito com a professora, porque ela trabalhava, então ela não tinha tempo, quem conversava mais era minha avó, mas só nas reuniões também.

Às vezes, minha mãe queria ir à reunião, ela reclamava: “Ai, eu queria tanto ir à reunião, mas ainda bem que tem sua avó, sua avó vai”. E minha avó contava para ela o que os professores falavam, assim ela ficava mais satisfeita. Sempre falavam bem de mim, mas sempre falavam que eu conversava muito. Minha mãe não ficava brava, ela só falava para eu não conversar tanto na hora da explicação, assim, mas não dava bronca nada.

Matemática é a matéria que tenho mais facilidade. Português também, mas a Matemática é a minha preferida, por causa das contas, gosto de fazer conta. Agora, eu não estou gostando muito da Matemática, por causa de parábola, função, é meio chatinho por causa de fazer os gráficos, só por causa disso, porque eu não gosto de desenhar, mas eu estou entendendo, mas eu não gosto de fazer os gráficos, eu não gosto de desenhar, eu gostava de desenhar quando era pequena, quando eu era menor até o primário, depois eu não gostei mais de ficar desenhando, só por causa disso. Eu entendo como faz o gráfico, mas eu não gosto de desenhar.

Para mim, um professor é aquele que explica bem a matéria, que sempre está ali tentando fazer os alunos entender mesmo, bom de explicar. Se o professor é chato, eu acabo não gostando da pessoa, do professor, não da matéria; se o professor for um bom professor de ensinar, eu vou gostar do professor nisso de ensinar, mas se ele for muito chato, pegar muito no pé, acabo não gostando dele, mas não da matéria.

Eu acho que o professor, para ser bom, tem que sempre explicar primeiro, depois dar um exemplo e aí um exercício. Eu queria saber a utilidade de algumas contas, né, eu queria aprender as utilidades disso.

Algumas coisas da Matemática são meio chatinhas, por exemplo, equação e gráfico; equação até que foi bom, eu aprendi rápido, gostei, mas gráfico, agora, esses negócio de função, eu não estou gostando. O professor devia explicar a utilidade delas, né, para que estou aprendendo, onde vou usar isso um dia, explicando por que estou aprendendo isso.

Eu gostaria de ser professora de Matemática, porque as minhas amigas não entendiam muito e eu sempre expliquei para elas, sempre estava ali explicando, então eu gostaria, não porque eu tenho paciência, porque eu não tenho muita paciência, não, para lidar com os alunos, mas para explicar porque eu gosto de explicar, a matéria.

Minha mãe fala que, se eu quiser ser professora de Matemática, se for isso mesmo que eu queira, para ela tudo bem.

2. Textualizações das Famílias

2.1 Irene - Mãe da Karine

Eu estudei até a 6ª série, meu marido fez até a 8ª e depois ele fez o colegial, e depois ele foi fazendo os cursos no Senai. Eu parei na 6ª série porque nós somos bastante irmãos, nós não morávamos aqui, nós éramos dez irmãos, ficávamos muito na casa da minha avó. Nós morávamos perto de Corumbataí, mas, naquela época, só tinha ônibus de manhã e, à tarde, era o trem. Eu parei de estudar, porque, como nós somos dez, assim as outras também queriam estudar, então nós, mais velhos, nós cinco mais velhos não tivemos condição de estudar por outras partes, porque o 4º ano, também naquela época, não tinha em Ajapi. Você vinha fazer aqui na rua um, da minha casa tinha 18 km para vir em Ajapi, nós fizemos até o 4º ano lá, aí, depois do 4º, tinha que vir aqui em Rio Claro. Nós tínhamos que morar aqui para estudar, então as mais velhas pararam de estudar para as outras estudarem. Mas eu queria ter continuado a estudar, aí eu parei e fui trabalhar, eu trabalhava na loja da Clarice, eu fui criando os filhos dela, eu trabalhei lá até as vésperas do meu casamento.

Eu senti bastante falta do estudo, Oh! Principalmente hoje, porque, 40 anos atrás, uma mulher não entrava nem num banco, eram os homens que faziam tudo. Cheguei a ter uma loja, mas hoje não tenho mais. Me recordo da escola no tempo em que estudei, a gente desde aquela época ia de uniforme, cantávamos o hino na entrada, fazíamos fila para entrar e para sair, eu acho que isso está faltando, tem tantas datas que hoje as escolas não comemoram. Era aula de segunda a sábado na minha época, a gente entrava, o trem chegava dez e meia, acho que a gente entrava às onze e saía às quatro e meia. Era tudo diferente, não tinha transporte, não tinha nada, eu sei que saíamos logo de manhã para o estudo porque vínhamos a pé, andava umas quatro horas a pé. Eu tinha cinco anos e meio, seis, porque eram várias pessoas que vinham juntas, eu era a caçulinha da turma, depois ocorreram alguns anos, aí tinha o caminhão que fazia a linha do leite, que dava carona uns sete quilômetros, e, à tarde, meu pai também vinha pegar uns sete quilômetros a gente, a gente andava uns oito, ele vinha buscar de jipe, e depois ele tinha uma charrete, e pegava uns empregados dele para ajudar a levar os filhos dos outros também. Aquela época eram só quatro matérias, Matemática, Geografia, História, Ciências, eu gostava de todas. Hoje mudou o sistema, mudou tudo, tudo é diferente hoje. Os pais não sabem ensinar certo a matéria em casa.

Eu incentivo a Karine e meu filho a estudarem. Tem que estudar, primeiro lugar é estudar, as outras coisas depois, eu acho. O Fábio não quis tentar a faculdade porque ele dá a

vida lá para o sítio; eu queria muito e falo, falo, hoje, cansei de falar, eu fico insistindo. Quero que ele faça faculdade. Eu acho o estudo importante, hoje ele esta trabalhando lá, ele fala ganhei isso, se ele estivesse numa firma, não tinha ganhado isso. Você não sabe as coisas como é de hoje para amanhã, e, se você precisar ir num lugar, você não tem um estudo suficiente. Nossa, eu passei por isso, como faz falta. A gente não sabe o dia de amanhã.

Eu sempre converso com a Karine, sou a mãe chata, então eu pergunto das matérias se entendeu todas, se não entendeu, para não trazer dúvida para casa, para tirar dúvida na sala de aula, porque eu acho a coisa mais feia ficar falando em esquina: “É, porque aquela professora não ensinou”. Ela passou a matéria, se a minha filha estava na sala e ela fez, com certeza foi passada na lousa, a sua também deveria ter feito; agora, se não entendeu, tudo bem, então não é culpa da professora, é culpa da criança. Não tenha vergonha de perguntar, você não entendeu, porque se você trazer esta dúvida, lógico que os pais não vão saber resolver, a criança tem que tirar dentro da sala de aula. Eu pergunto todo dia para a Karine.

Eu pergunto sobre as notas, eu sou chata, eu pergunto mesmo se ela fala: “Eu não entendi, não consegui”, então vamos ver uma professora, porque eu acho que a criança tem que pegar desde o início do ano, não adianta a criança querer recuperar no fim do ano, já tá cansada. Você pode ver na sala de aula, pega outubro às crianças ficam supercansadas, tem que pegar o ritmo desde o início, senão não consegue, eu não sei, vamos arrumar alguém, tem tanta professora aposentada, que gosta de fazer alguma coisinha, dar aula, assim, aula particular, alguma coisa, vamos pegar uma coleguinha. “É, mas minha mãe não pode pagar”. “Vamos ver junto um grupinho quanto ela faz, eu pago”. É sempre grupo, sempre uma porção de criança, toda vida estes três anos de pré, e os oito anos lá, todos eles iam na minha casa, o que meu marido, meu filho, podiam ajudar em Matemática, eles ajudaram. Eu conversava com as professoras, com a coordenadora, eu sou amiga de todas. Sempre incentivei que a Karine estudasse com os colegas em casa, e também eu tinha contato com a família das amigas dela.

E, hoje, uma das melhores salas é esta que veio para cá. Até várias vezes seu “Cazu” (o diretor) me chamou na escola, para perguntar por que eu fazia isso. Eu falava: “Não está certo minha filha saber e as outras não”. Elas tinham que perguntar para a professora, mas, como eu acabei de falar para você, alguns tinham vergonha. Aí eu pegava uma lousa, um quadro, ia com a maior calma, eu tentava explicar.

Eu não exigo nem exigia que a Karine tirasse sempre a melhor nota, mas ter uma boa nota, também não ser a última porque, sendo sempre uma das primeiras, se tirou uma nota baixa, a criança já fica nervosa, quero ser a primeira, quero ser a primeira, mas tem que ser

uma aluna boa. Se ela tirar uma nota baixa, eu quero saber por que não sabe a matéria, vamos arrumar alguém que saiba explicar. Eu sempre conversei com os professores, mas, do pré até agora, ela sempre teve nota boa, a professora falava: “Você vem perguntar, mas quem é para vir perguntar não vem”.

Sempre mando ela estudar em casa. Ah! E ela vai sozinha, até hoje é costume falar, tá o material na bolsa, ela fala: “Mãe, tá na hora da senhora parar”. Mas ela faz, levanta numa boa para vir para aula, ela mesma vai estudar, desde pequena, eu vejo ela fazendo as lições em casa. Ela sempre perguntou quando estava com dúvida, e o que eles (o marido e o filho) sabem, eles param o que está fazendo e vai ajudar ela. O importante é saber que o certo é os pais explicarem, e não fazerem para os filhos as tarefas. Nem todos vão para a reunião, não vai nem saber, se chega na escola, você pergunta que ano seu filho está, sabe falar o nome do filho, mas não sabe falar se está na 5ª, se está na 6ª, se está na 8ª e nem em que sala que está. Ocorre muito, nossa! Sei disso, porque eu estou sempre lá na escola, na reunião eu sempre estava lá na secretaria, chegava a moça e perguntava: “Mas em que sala seu filho está?” “Eu não sei”. Eu estava na escola todo dia, porque eu levava lanche para Karine e o portão da escola era sempre aberto para as pessoas, sempre atende a gente muito bem lá, estava lá ajudando, chega época que falta funcionário, nós varriamos, fazíamos salgadinho para vender, para ajudar a escola, organizava festa, doações.

Acho que é ótimo participar das reuniões para acompanhar a vida do filho, eu acho muito importante isso. Você pode notar que o pai e a mãe que procura, tudo bem que lá as pessoas todos trabalham, durante o dia, ou o filho está com a avó, com uma tia, ou sozinho em casa, porque os pais todos trabalham, lógico não dá para ir numa reunião, trabalha em firma não dá para ficar saindo, concordo com isso, mas à hora do almoço, qualquer hora que você for lá, a escola sempre teve o portão aberto. Então, se você não foi na reunião, vai no dia que der, vai saber, e não precisa esperar a reunião, para saber, uma vez por mês, por bimestre.

É importante os pais acompanharem, não acontece isso, tem que orientar, mostrar o certo.

Você pode notar, os pais que não precisam vêm na reunião, aqueles que precisam não vêm. Os que precisam vir são pais de crianças que estão precisando de nota, que não fazem lição, que conversam muito na sala de aula. Então o pai que participa, a criança não faz isso. E, nas reuniões, depois que os professores fazem a parte deles, eles perguntam quem tem alguma dúvida. Pelo menos até hoje, nas reuniões que eu fui, o professor fala assim: “Alguém tem alguma dúvida?” Como numa reunião que eu estava aqui, eu falei que a minha dúvida eu

queria saber por que a Karine tinha aquela falta, eu não sabia que tinha falta a mais, porque era aula dupla.

Eu acho que, para o filho ir bem na escola, a escola e a família têm que se relacionar mais. Eu tem que partir dos pais, porque, às vezes, o aluno não tem culpa, o culpado são os pais. Porque eu acho que o pai tem que conversar, saber como foi, não precisa conversar muito, assim meia dúzia de palavra, perguntar como foi a aula naquele dia, se entendeu a aula, qual problema teve, como que foi, se tem vergonha de perguntar. Eu tenho direito de ir à escola, de perguntar. Chega para a professora: “Minha filha não entendeu isso, mas ela ficou com vergonha de perguntar. Como que é?” Eu acho, assim, que seria bem melhor, porque eu ia antigamente na escola, todos os alunos sabiam por igual, certo, sei lá, nem conversava na sala de aula naquela época, e, hoje, quebram a carteira, fazem um monte de bagunça.

Você tem que conversar, você tem que largar sua novela, e se você tem só este horário, você dá preferência para a criança, e olhar o caderno.

Então, se a escola fizer reunião e os pais vierem; você pode não conhecer o pai, mas a avó que está em casa e começa a vir. Aí fica conhecendo a família, mas desde que venha na escola, porque, como o professor vai manter contato, se não conhece? Como ocorreu várias vezes de ficar falando das crianças; como eu conhecia os pais, falava “Está faltando isso, isso”. Você pode chamar os pais na escola, porque estão faltando pais, e tem os horários para você vir, ajudar na biblioteca, um monte de coisa, tem aqui no “Batista” também.

Vamos supor, assim: faltou entender alguma coisa de Matemática, se o pai esta acompanhando, não precisa ser o primeiro aluno, mas ele vai ser um bom aluno, pode crer que ele vai ser um bom aluno.

Acho que tenho pouco conhecimento de Matemática, para mim é pouco. Então eu sei fazer do meu tempo, para mim falta ainda, lógico, mais, menos, divisão com três números eu sei do meu jeito. É isto que ocorre, o que dificulta é que não consegue explicar para os alunos, se os pais está junto sabe que é outro método, porque a criança está chorando, cansada, vai pedir ajuda, não adianta vir com violência, ele está pedindo uma ajuda. Que nem, se você não sabe uma coisa e vem pedir ajuda para mim, é porque você está precisando de ajuda, você não está conseguindo sozinha. Eu sempre larguei certas coisas para ajudar a Karine, na 5ª, na 4ª, eu tinha muita dó, eu tinha pena, o que eu pude pegar de criança eu peguei, e trouxe, e ajudei; mas nas equações, coisas assim, meu filho e meu marido que ajudavam.

Se os pais interagissem mais com os filhos, poderiam até colaborar com as dificuldades nas tarefas de Matemáticas, e você pode ver que os pais que acompanham, os alunos são bons, não precisa ser em 1º lugar, são ótimos alunos e fazem tudo mais fácil, até

para os próprios pais. O pai participar da escola parece que o aluno fica uma criança mais solta, não sei, acaba aprendendo melhor as coisas. Porque a criança sabe que chega, depende do horário como que é, almoça, eu vejo a Karine, toma banho, faz lição, depois tem a tarde. O dia que ela não vem para a academia, nossa, a Karine faz um monte de coisa, e ela nunca está atrasada na lição.

Eu acho que um aluno, quando não é bom na escola, tem problema em casa. Não é o professor, porque ele é o mesmo da minha filha, da sua, da fulana. É o aluno que tem algum problema, ele é fraco, ele não consegue entender muito bem, então, se os pais estão acompanhando na escola, ia tomar providências. Mas o aluno que vai mal, tem problema em casa. Porque, tem família que age assim, que acha que a educação é a escola que tem que dar para o filho, os professores estão lá para dar aula; não leva na escola, não conversa com filho, só sabe falar tá na hora, vai para a escola, não pergunta do material, deixa de conversar. A educação vem de casa. É muito importante o apoio da família para evitar o fracasso.

Não sei se a Karine levou para casa algum papel, com as regras da escola, para os pais assinarem. Se levou, com certeza meu marido ou minha sogra alguém viu e assinou, mas eu não lembro. Mas eu sei que tem que usar uniforme, não pode roupa curta, bermuda, chegar atrasada.

A respeito das escolas particulares: já vi muitos alunos de escolas particulares, indo para estadual e tirando notas baixas, mas acho que as particulares dão mais oportunidades de conhecimentos para seus alunos. Eu estou contente com esta escola, mas a gente ia pôr a Karine numa escola particular, mas os horários de ônibus não dá certo. Eu ia colocar porque tinha um grupinho que vieram para a escola particular, mas meu marido está afastado faz 10 meses. Eu acho que esta escola está boa, se não estivesse eu já teria trocado.

Me recordo que, no primário, eu ensinava a Karine e alguns amiguinhos a fazer as contas, usando palitinhos, lousa. Eles não sabiam, aí eu ensinava. Eu ensinava de cabeça, pegava palito, o que estava perto, ensinava do meu jeito, com carinho e paciência.

Nessa época, fui conversar com a professora, pois a Karine tinha dificuldade. Daí ela abriu um livro, explicou para mim, porque eu sabia de um jeito e estava certo, só que a continha era montada diferente; daí, ela explicou para mim, daí eu expliquei para a Karine em casa.

A professora falou que eu estava certa de ir perguntar; também eu vi, se aquele dia não dava, qual era o dia que dava para ela explicar. Ela achou que todas deviam fazer como eu fiz, que as professoras estão lá, as portas estão abertas. Nas reuniões, eu sempre pergunto e as professoras sempre são atenciosas.

Se a professora colocar coisas negativas da Karine, eu tenho que ver se minha filha está errada, porque já ocorreu uma vez, mas eu vou conversar com calma, a gente senta, conversa.

E se falar coisas boas, é lógico que elogio minha filha. Elogio ela e até os amiguinhos dela, quando eu chegava na reunião eu perguntava dos amiguinhos também.

Acho que essa colaboração que minha família sempre deu para Karine foi essencial para o bom desenvolvimento dela na escola. Até para ela, por isso que hoje os professores falam que ela tem facilidade, pelo menos foi o que os professores falaram para mim. Se os pais vêm acompanhando os filhos desde pequenos, porque alguns acham que é só mandar os filhos para a escola, mas tem que ensinar. Porque se você conviver com a escola, você sabe, a escola também tem problema, falta material, mesmo o governo mandando, falta, e você, podendo ajudar, não precisa ser a melhor folha, mas desde que você tenha as coisas para fazer, é muito importante para a criança, e vai ter um pouco de tudo e não vai faltar, incentiva até a criança que não gosta da escola.

Eu fico chateada quando não consigo ajudar alguma dificuldade da Karine; eu sinto falta do estudo nessa hora. E isso ocorre com muitos alunos, tem pai que não sabe nem ler nem escrever; então por isso que, às vezes, o aluno vai mal, e não é: ele mora longe, em sítio, não tem como vir para a cidade, e, às vezes, o pai e a mãe é bom, não tem defeito, mas só que eles não sabem ler nem escrever e não tem como ajudar. Mas o filho precisa de apoio em casa, porque, com quarenta minutos de aula, em casa tem que ajudar.

É importante tomar contato com as leituras, porque daí aprende tantas palavras, aprende a não escrever errado, é muito bom ler, ajuda no estudo desde pequenininha. Depois, a criança sempre está aí, não está na rua; é importante, desde pequeno, comprar joguinho, montar palavrinha, livro. Então, se os pais participam, a criança vai bem no estudo.

Para mim o estudo está em primeiro lugar. Se não dá para varrer a casa hoje, varre amanhã bem varridinha, mas ela ajuda, mas tem dia que não dá. Que nem eu não parti de uma família rica, mas meus pais sempre deram apoio, graças a Deus, por isso que acho que vem da família. A minha mãe também não teve estudo, mas quem deu aula para minha mãe fui eu e minha irmã; minha mãe sabia fazer conta, nossa, minha mãe fazia de tudo para meu pai, aprendeu a escrever.

Eu acho importante a Karine fazer faculdade. Tem que fazer, para isso que eu luto, trabalho para que ela faça, e, mesmo assim, quem faz faculdade ainda não pára por aí, tem muito que estudar, e quero que ela faça uma boa faculdade, para ser uma ótima profissional.

2.2 Ana e João - Pais do Vitor

Bom, eu (a mãe) estudei até a 3ª série, a gente morava numa granja, era longe daqui de Ajapi. Para fazer a 4ª série, era aqui e, como era longe, o caminho ficava difícil. O meu irmão, porque eu tenho mais um irmão, como ele era, assim, digamos homem, então vinha sozinho por estas estradas. Por opção minha mesmo, eu não quis vim, meu pai queria que eu viesse, meu pai gostaria que eu tivesse estudado, só que eu não quis, então, eu parei na 3ª série. Eu tinha que vir a pé, então eu não quis, por opção minha mesmo. Eu parei e trabalhei muitos anos na granja; depois, por motivo de saúde mesmo, eu não pude continuar. Aí, então, eu fui trabalhar com costura; hoje é o serviço que eu faço, eu gosto muito, sabe, então, por opção minha mesmo, estou na costura, eu gosto de fazer, é um serviço que, vamos supor, digamos assim, me deixa feliz, me deixa contente, eu faço o que eu gosto, é uma oficina de costura. A gente costura para as marcas, as grifes, assim, a zoomp, a gente costura para eles também, a gente costura assim roupa mesmo, confecção de criança, de adulto, homem, mulher. *Eu (o pai) terminei a 4ª série, no meu tempo, seria o 4º ano. A gente terminava o 4º ano e pegava o diploma, né? Eu sempre tive vontade de estudar, mas nunca tive condições; eu tive que parar de estudar para trabalha. Eu, se pudesse eu tinha continuado. Eu iniciei um curso de datilografia, mas eu tive que parar porque não tive condições. Hoje, eu sou motorista. Nós temos o Vitor, a Renata e o Marcel.* A Renata também trabalha comigo (a mãe), ela fez até a 6ª série e não teve mais quem convencesse ela a continuar. Hoje ela tem 26 anos e, com certeza, já se arrependeu. Ela parou na 6ª série e, como ela mesmo diz hoje, ela não devia ter parado. Hoje, como se diz, ela é mãe e dona de casa, e trabalha também, né? Ela tem uma filha com 8 anos e tem um bebezinho agora. O menino mais velho também fez até a 6ª série, não quis ir mais, quis trabalhar porque queria ter o dinheiro dele. Tudo bem, depois que ele casou, complicou um pouco, porque para ela (a filha), a gente trabalha aqui, tem mais opção, né, porque ela trabalha com costura, a costura não paga tão mal, e dá para você sobreviver você sendo a mulher, né? Agora, para ele, que era o chefe da casa, a mulher dele não podia trabalhar. Depois veio o menino, aí ele achou falta do estudo dele, aí, quando ele parou, eu falei para ele: “Você nunca chega para mim e cobra. Fala: ‘Mãe eu não estudei por causa da mãe’”. Ele falou: “Eu nunca vou cobrar, eu prometo”. Depois de homem feito, casado, ele falava: “Ai, mãezinha, se a mãezinha tivesse, não precisava muito, me dava um carrerão só que eu ia, né? Eu falei para ele: “Ah! Mas agora é tarde, né, Marcelo? “Aí ele fez, ele terminou o 3º colegial, aí, então, a opção foi o supletivo, que era mais prático para ele, era de noite, né? Ele também é motorista, mas, como se diz, ele está mais preparado, ele cobrou de

mim, e eu falei: “Não cobra, não, a culpa não foi minha”. Agora, o Murilo, ele não tem vontade de parar, como se diz, as condições da gente é pouco, mas o sonho dele é faculdade. Eu falei para ele: “O quanto eu puder, eu ajudo, né?” Vou fazendo o que eu posso, depois ele vai fazer o Senai o ano que vem, para ter o servicinho para ganhar um pouquinho mais. “Você ganhando para a sua faculdade, o resto a gente dá um jeito, né?”, eu falei assim. “Você tendo uma profissão que ganhe um pouquinho mais, você vai ter condição de fazer uma faculdade, porque tanta gente casada aqui em Ajapi, mulher com filha moça, trabalha o dia todo e de noite vai lá para Araras fazer faculdade”. Para quem ainda é moço, não precisa ter pressa de casar, como teve os irmãos, e vai fazer a faculdade que ele quer, porque, como diz ele, o sonho dele é voar mesmo.

(Pai) Sempre foi falado para eles continuar. (mãe) Sempre a gente fez o que pôde e o que não podia, falei, briguei com os outros dois, discuti, expliquei para eles assim: “Não é porque eu casei cedo, eu casei muito cedo, mas por falta de orientação, não que eu me arrependa de ter casado, eu tenho 30 anos de casada, mas eu casei, eu tinha 16 anos, eu podia ter continuado namorando, comprado um terreno, construído uma casa. Não, eu casei, fui morar numa casa de granja, sabe, de patrão, sabe quando você mora num sítio, então, você tem um salário-base para ter a casa, como seria, né? Então, eu poderia ter namorado, nem que fosse 10 anos, quantos pessoas namoram hoje 10 anos, e ter casado já com uma vida mais organizada. A gente não teria sofrido tanto, né? Eu casei cedo, ainda quando eu tinha 10 meses de casada, meu primeiro filho nasceu; depois, logo em seguida, eu fiquei grávida de novo. Aí eu tinha que trabalhar e tinha as crianças pequena. Depois de 10, 11 anos, que nasceu o Murilo. Aí, então, as coisas estavam mais calmas, mais tranquilas. O Murilo tem onze anos de diferença dos outros; a gente também já nem sonhava mais com filho, aí ele apareceu. Então foi uma vida meio assim, meio corrida, a gente nem viveu, porque eu não vivi minha adolescência, né, minha adolescência toda foi cuidando de criança e trabalhando, né? Então eu não queria que eles fizessem o mesmo, mas não teve como: minha filha fez 16 anos, ela casou, ainda ela casou com menos que eu, ainda porque ela fez 16 anos em abril e em junho ela já estava casando. O meu menino também, quando ele fez 20, ele casou. E eu falo para ele agora, né, para o outro: “Depois que você casar, tudo se torna mais difícil, porque hoje você tem o pai e a mãe. Ele está estudando, faz um biquinho ali, trabalho aqui, se o dinheiro dá para pagar o estudo, a roupa e comida vêm do pai e da mãe. Agora, se ele tiver mulher e filho, aí complica, porque como que ele vai pagar uma faculdade e sustentar a família dele? Não tem como, né, então se torna mais difícil. Aí eu falei para ele: “Não tem pressa não”.

Tem que incentivar a estudar mesmo porque, se a gente olhar para a gente, a gente sofreu muito, né, sempre trabalhando em roça, é duro, né? A gente quer o melhor para eles, aí depende deles também: se a gente quer que eles estudem, eles não querem, então eu acho também que não adianta obrigar, né? Para ir com má vontade, não adianta, vai só perder tempo também, que nem tem muitos aí que vai, principalmente à noite, vai à noite na escola só para dizer que vai, nem assiste aula, se está dentro da classe, está só bagunçando, não tem nem vontade. E o Murilo, ele é muito bonzinho, sabe, não é de bagunça, nada, e ele quer estudar à noite o ano que vem. A gente tem medo, sabe, mas ele quer estudar à noite, para ele trabalhar durante o dia. Então, a gente vai ter que confiar nele. Ele sempre foi um bom aluno, então a gente vai ter que confiar.

(pai) *Ah! para mim, o estudo é muito importante.* (mãe) Hoje em dia, o que se faz não, porque digamos assim, se você tem uma profissão de estudo, o mercado de trabalho daquela profissão é enorme; agora, se você não tiver aí, a possibilidade é menos, é zero, né, porque, vamos supor, colocam um anúncio lá esta precisando de uma pessoa que mexa com computador, agora, vai formar uma fila, todo mundo está preparado. Agora, você que não fez nada, o que você vai fazer na fila. Não vão nem olhar para você, você não vai ter chance nenhuma, você vai chegar lá na frente e vai falar assim: “Eu vim fazer uma entrevista porque eu quero o emprego e eu já estou indo agora fazer um curso de computação”, ninguém vai pegar você, se vai fazer um curso, eles vão procurar a carteira de quem tem prática. Já sem carteira assinada, vai ser difícil, um motorista hoje, se vai pegar um serviço, ele tem que ter, no mínimo, cinco anos de carteira. Só que ele esquecem que, para ter esses cinco anos, alguém tem que dar o primeiro emprego, não é? Então tudo se torna mais difícil, mesmo para quem está preparado. Você vê que a oferta de trabalho é pouca, para quem está preparado; agora, para quem não está preparado, coitado, menos ainda.

É mais a mãe que conversa, pergunta o que aconteceu na escola. Ele fala quando ele tem alguma coisa, agora mesmo ele saiu, pediu dinheiro para comprar material para fazer um trabalho que ele tem que levar, e foi fazer o trabalho e disse que vem lá pelas nove e meia; mas com o pai dele, não, com o pai dele ele não fala nada. Comigo ele fala, eu estou sempre de olho, né, não que eu consiga acompanhar tudo, mas o que ele aprendeu até a 8ª série, não a Matemática moderna, porque, no meu tempo, não era nem Matemática, era Aritmética, né, mas o conteúdo era praticamente o mesmo só o jeito de fazer que era diferente. Então, o que ele aprendeu na 8ª eu, na terceira, uma boa parte eu já sabia; então, como eu acompanho ele desde o começo, até o meu menino mais velho, se você perguntar para ele, Marcelo quanto é tanto vezes tanto, de cabeça para baixo, de qualquer jeito, ele responde, porque uma vez eu

peguei ele e fiz ele decorar todinha, sabe, até hoje ele fala isso. O Murilo também, então ele ficava de um lado e eu respondia do outro, então eu perguntava, aí eu perguntava salteado, porque, mesmo trabalhando, eu sempre participei com eles. Agora eu não consigo acompanhar mais ele, mas, traduzido, quer dizer que era o mesmo que eu aprendi, só que diferente, sabe, tirando raiz quadrada, eu não entendo nada, mas eu sei resolver de outro jeito, não sei fazer do jeito que ele faz. Eu acompanhei os três do mesmo jeito, eu sempre ajudei, aí, depois que ele começou a ficar mais grande, que ele foi da 6ª série para frente, ele mesmo tinha mais capacidade para aprender. Como aqui na escola (a escola de Ajapi fica em frente à casa dela) eu nunca tive reclamação dele, ele sempre foi um bom aluno, ele sempre foi assim, inquieto na sala de aula, mesmo no ônibus ele vai cutucando todo mundo, ele vai mexendo com todo mundo, sabe aquela pessoa que não sabe ficar quieta, sobre a escola ele nunca teve, em nenhum boletim, uma nota vermelha, mesmo agora, o pessoal que saiu aqui com ele que esta lá (no “Batista”), tem a menina que é da mesma idade que ele, é nossa vizinha aí, no 1º bimestre, ela tirou 8 nota vermelha, ele não tirou nenhum e, ele tirou dois que seria o C, e o S, ele tirou três. Ele nunca deu trabalho, sabe, nem com briga, ele é inquieto, não conseguia ficar sentado direito, mas dizer que foi uma criança que arrumava briga, batia, não. *Ele gosta das brincadeiras dele a hora que ele não tem nada para fazer. Dificilmente um menino vai ficar assim quietinho. Assim, se estiver muito quietinho, você pode desconfiar de alguma coisa, que deve ter algum problema.*

Com as notas dele, eu faço assim: hoje eu pego e vejo o resultado, não pergunto mais quando que vai ter prova, porque, primeiro, eu perguntava, colocava ele no quarto, e fazia estudar, e ia perguntando. Agora não, agora eu já acho que ele tem que ter um pouco de responsabilidade. Todo fim de semana eu organizo o guarda-roupa dele, porque organizado ele não é; então eu vou pegando as pastas, o material, e vou olhando, então a gente vê os papéis e fala: “Murilo você tirou isso? Murilo você errou isso?” Ele fala assim: “Ah! mãe, pensa que é fácil, eu não sei quanto respostas valiam, não sei quanto eu respondi mais do que ciclano, mais do que fulano”. “Não importa mais de quem você respondeu, importa que você responda mais”, eu falei para ele, né? Então, eu faço assim, eu estou sempre de olho, boletim também, a primeira coisa e bater os olhos depressa para ver o que está acontecendo, mas nunca tive decepção de achar um vermelho não. Ele fala assim para mim: “É, mãe!” Eu falo assim: “Nossa, Murilo, três S você tirou?” “É porque fulano tirou 8 vermelho...” “Você não tem que ver o fulano!” Ele falou assim: “Aí, a mãe exige demais da gente, pensa que a gente é o quê? Está bom, a mãe quer que eu seja tão perfeito!” “Não, eu não quero que você seja perfeito, nem que você seja o melhor; eu quero que você seja um bom aluno”, eu falo para ele,

e assim vai tocando, ele nunca deu trabalho na escola, sempre foi bem, graças a Deus. *Tem que ir bem não precisa exigir muito também, né*, eu acho que, se ele não está tirando nota vermelha, professor não está reclamando, então quer dizer que está tudo bem, como aqui nas reuniões que eu ia, ele sempre falava. “Ele é um excelente aluno, tem uma boa capacidade de aprender, ele só é inquieto, ele não tem sossego, conversa demais, mexe com todo mundo, né, mas não tem problema com aprendizagem, não”.

Agora, se a nota for baixa, daí as coisas complica, eu não quero nem pensar. *Se a nota for baixa o bicho vai pegar*. Agora, ele sempre soube disso, que ele nunca podia tirar um vermelho, ele sempre soube, agora se as notas dele, Deus permita que não, chegar a cair, acontecer alguma coisa, como o ano que vem ele vai estudar a noite, né, e tem muita bagunça na sala de aula à noite, eu nem queria que ele fosse.

Tem muita bagunça na sala de aula à noite, eu trabalho com dois adolescentes homens que estuda à noite e cinco meninas. Então, cada vez que eu chego perto de um, eu falo: “Daiana”, ela entrou estes dias, eu procuro com todos eles, “você está estudando de noite?” Ela falou: “Eu estou, precisa, né!” “Sua mãe não tem medo?” “Ah, não”. “Como que é a escola de noite?” Ela falou assim: “Ah! é boa”. Eu falei: “Fala a verdade, né?” Ela falou assim: “Olha, a pessoa tem que ter vontade, chegar lá, sentar bem na frente, se quiser ver alguma coisa e aprender. Porque, se quiser sentar lá atrás, a bagunça é muita, ela fala, eles falam”. Tem um rapazinho, hoje eu fui na cidade com ele, ele falando para mim, eu trabalho junto com ele, eu falei: “Eu tenho medo, o Murilo quer estudar de noite, eu tenho medo da escola, porque este ano eu não deixei, eu tenho muito medo de droga, porque eu acho que, para você freqüentar um lugar desse, tem que ter cabeça feita, e eu sou mãe, eu tenho medo, é natural, é meu filho. “Ah, não tem que ter medo, não, a pessoa, tendo cabeça feita, não vai se envolver com droga, não tem perigo”. Eu perguntei: “Tem droga lá?” “Nossa, se tem”. Eu falei se tinha certeza, ele falou que sim. Eu falei assim: “Mas o pessoal usa droga dentro da sala, não tem professor, não tem ninguém responsável?” Ele falou: “A droga assim, não”, mas ele fuma até dentro da classe, então a gente tem medo. É o que eu estou falando para ele, estou orientando, estou falando: “Você vai estudar de noite o ano que vem, mas qualquer coisinha, uma nota diferente, você volta estudar de dia e vai perder o dinheiro que você vai ganhar, é seu mesmo”. Sabe, ele é aquela pessoa, ele gosta muito de dinheiro, ele vai de segunda fazer física. Então, eu falei para ele: “Pede um atestado, não faça física, vem embora, fica difícil ficar o dia todo em Rio Claro”. “Não, porque eu quero fazer”. “Então a mãe prepara lanche, você leva”. “Não vou levar lanche de casa, não quero”. “Vamos comprar aquela marmitinha térmica, né, você leva aquele almoço gostosinho”. Ele falou: “Mas nunca!”

Eu falei: “Tudo bem”. Ele falou: “Dá dinheiro que lá na esquina tem um pão, eu como lá”. Aí ele comeu uns par de dias, aí ele falou: “Eu quero dinheiro para almoço”. Então, ele sai da escola, ele vai num restaurante almoçar, para depois ir para a física. Então, ele gosta muito disso, tem que trabalhar, não tem? Porque não tem dinheiro que vence, ele gosta muito de música. ele gosta muito de computador, uma hora ele quer um teclado mais novo, esta semana ele mandou para o homem, vai comprar mais memória para o computador dele porque disse que o computador dele está lerdo; ele gosta de roupa, ele gosta de calçado, e ele não é aquela pessoa que chega assim na sapataria e é bem humilde, sabe, vai procurando aqueles precinho mais baixo. Ele olha e fala assim para gente: “Ah! isso aí não presta”. “Por que não presta, Murilo?” “Se prestasse, ia custar esse preço?” Então, ele mesmo sente a necessidade de trabalhar, dele trabalhar para ele ter o dinheiro dele. *E vai da pessoa também.*

Ai, eu creio que a matéria que o Murilo mais gosto é o Inglês, ele sempre gostou, sabe, ele gostava muito de Matemática quando ele era mais novo, mas agora o Inglês ele sempre gostou bastante, e de fazer Educação Física.

Até o Murilo pegar uma idade, assim, mais ou menos de saber e ter a responsabilidade era eu que ficava em cima, era todo dia eu estava olhando ele fazer; se ele falava, hoje eu não tenho lição, eu ia pegar os cadernos e ia conferir, sabe, pegava o caderno, conferia Aí, quando ele tinha prova, ele estudava; aí eu ia tomar lição e perguntar. Mas agora já passou isso, né, agora ele se vira sozinho, até a 6ª série, assim, eu acompanhei no que eu pude; aí que ele foi crescendo um pouco mais, vai pegando responsabilidade, porque hoje na idade que ele está ele sabendo que ele tem prova amanhã, vai dar uma pesquisada, uma olhada, né?

Se ele tinha alguma dificuldade, pedia para ajudar e eu fazia o quê? Se eu não soubesse, eu ia perguntar para quem sabia, eu sempre tive assim, ou uma conhecida, um parente, uma prima. “Fulano, você já está duas série na frente, como é isso daqui, traduza em Português para mim, porque isso aqui é tudo grego, né, que eu explico para ele melhor do que explicaram na sala de aula, que ele não entendeu”. Aí, então, eu procurava saber para passar para ele, aí eu explicava para ele como que era; às vezes ele batia o pé: “Não, porque a professora falou que era daquele jeito”. Eu falava para ele, porque aqui a diretora era professora dele, então eu ia lá e perguntava pessoalmente para a Margarete. Aí a gente entrava num acordo. O Jair nunca se preocupou, ele ficou sempre do outro lado, é daquele jeito assim, *mas nem um deles foi de perguntar para mim, sempre para ela mesmo. Hoje os três estão praticamente adultos, né? Eles chegam em casa, se eles têm algum problema e estão passando alguma dificuldade eles, nunca chegaram perto do pai deles e falaram. Porque a mãe está sempre agradando, desde pequeno, né? Pai já é mai....*

Quando tinha reunião aqui, eu vinha aqui, ou então eu mandava a minha mãe, era eu que pegava o boletim. Se eu não comparecesse na reunião, seguravam o boletim na secretaria. Então, na hora do almoço, eu corria aqui, aí eu conversava diretamente com a diretora, ela me passava o boletim, me falava como ele estava. Mas eu nunca precisei, assim, ir à diretoria, porque me chamaram ou para mim discutir alguma coisa; nunca tive problema nenhum, ele nunca deu trabalho. Eu ia só nas reuniões, e nessa que teve agora em Rio Claro, a 1ª, nós não pegamos o boletim dele porque não deu para mim sair do serviço para ir. A 2ª reunião que teve foi uma vizinha que pegou da neta dela, do sobrinho, eu falei: “Pega o do meu, e pergunta. Se tiver algum problema, eu vou lá”. Aí ela pegou e disse que quem entregou para ela falou que ele não tem problema nenhum, que ele tirou uma das melhores notas que tinha, que ele não tinha nenhum vermelho. Que nem, a neta dela tinha 8 notas vermelhas. Então, eu não vou, que nem para mim ir daqui a Rio Claro, tem que esperar ônibus de 2 em 2 horas. Quando eu participava das reuniões sempre perguntava do Murilo. Chegava no fim das reuniões, eu ficava na fila, porque fica aquele monte de mãe na fila, querendo saber o particular. Eu falava: “Conta para mim como que está”. Então, a maior parte das mães ficava ali na fila, então eu ficava também, porque ele foi uma criança que sempre tomou muito medicamento para a cabeça. Então a gente estava sempre com medo, porque ele era uma criança muita agitada, então ele fez seis anos de tratamento. Por isso que ele era agitado. Tem que participar das reuniões, porque, se você não está acompanhando, se você não está junto não está incentivando, eu creio que se faltar incentivo, eles não vão ter muita vontade. Agora, você está incentivando, está cobrando, está sempre ali, não pode abandonar, está procurando saber da professora como ele está, vendo como ele se relaciona junto com os outros, se não brigam na escola, ele nunca também brigou. Eu sempre quis saber, talvez pode falar que a gente é aquela mãe chata, não é que a gente é chata, né? Mesmo quando ele ficou tempo integral na creche, eu vivia lá, sabe. Depois entrou minha neta na creche, eu vivia lá também, ver se estava limpa, se tinha se alimentado, então eu sempre acompanhei.

Para o filho ir bem na escola, é importante que a família se relacione com a escola, vá à escola, vá às reuniões. Você tem que estar sempre ali junto, porque senão, acho que vai perdendo um pouquinho, né, vai ficando assim, ninguém liga, ninguém se preocupa. A gente está sempre se preocupando, os outros dois não continuaram o estudo porque baterem o pé dizendo que não iam, não iam, eu acho que ir obrigado não tem como, tem que ir quando tem vontade de ir, como o Murilo tem, então dá gosto, né? Agora, os outros dois, eu fiz de tudo não teve como, não foi falha minha.

Acho muito importante a escola interagir mais com a família, uma conhecer mais a outra, os pais ficarem mais em contato com as escolas. É importante, porque eu vivi isso aí durante oito anos; sabe, eu conheço tudo mundo aí, todo mundo me conhece. Como dizia, era só atravessar vou no portão e estou na secretaria. Eu estava sempre ali, ou perguntando de uma coisa ou perguntando de outra sabe, sempre estando por dentro. Nunca participei, assim, de reuniões de pais e mestres, da APM, porque não tive condições com o tempo; mas, na creche, quando ele ficou lá, eu acompanhava: tinha lá reunião, eu ia; depois, ele entrou aqui. Aí, então, começou a vir recado para mim, porque ele não parava, né? Eu falava: “Ele tomou muito remédio, tem que ter paciência. Fazer o quê, vai amarrar?” Mesmo o problema com o uniforme, ou se alguma outra criança fizesse alguma coisa, ia sempre lá direto, conversava com o diretor, ia na sala de aula, conversava com elas. Quando ele queria saber alguma coisa, ela passava alguma coisa e ele não entendia, eu entendia menos, porque eu estudei aritmética, e não matemática moderna, aí eu ia lá e falava: “Ensina para mim, que eu ensino para ele”. Aí ela explicava para mim, porque todo mundo conhece todo mundo aqui. Agora, lá não, eu não fui nenhuma vez este ano, minha vizinha quem foi, meu marido foi lá fazer a matrícula; agora vamos ver nessa próxima reunião que tiver, se vai dar para ir, se não vai. *Mas, mesmo assim, eu acho que, pelo menos uma vez por mês, eles deviam convidar os pais para participar da aula.* Mas nem assim, Jair, porque eles marcam reunião cada vez que entrega o boletim, 70% dos pais não vai. *Não, eu não quero dizer de participar de reunião.* Que jeito? Quem vai, você? *Pode ir à noite, não tem compromisso nenhum.* Qué isso? *Seria bom, né, ficaria conhecendo, você sabe onde eles estão, como é que está, né, conhecer o ambiente ali, né, eu acho que seria importante.* Eu pensei que ele você falou que os pais deveriam estar participando da aula, aí é difícil, não tem como. *Ah não, isso não, mas estar presente ali, acompanhar a aula não tem como.* Você vai ficar ali assim, sem saber nada. *Mas, para participar uma vez ou outra, é importante, para eles sentirem também, meu pai está aí. Eu acho que aí ele ia levar mais a sério a escola. Se eu fizer alguma coisa de errado aqui, uma vez por mês meus pais vão vir aqui, vão ficar sabendo. Às vezes, dentro de casa, pode ser uma coisa, e lá fora é outra, né?*

A gente costumava participar da festa junina, quando tinha, ele era pequenininho, eu ia e participava. Depois, ele ficou grande, não participava mais, aí eu não participei, mas, enquanto ele quis participar, a gente participava, a gente foi no Playcenter duas vezes com a escola. Então, tinha dança caipira, dança country, agora a hora que ele falou: “Dançar, eu não danço mais”, a gente também não foi mais.

Conhecimento em Matemática? Agora você vê, para você tocar uma casa, para você pagar água, luz, imposto, telefone, funerária, supermercado, açougue, padaria, quitanda, ônibus de escola, aí, a gente tem que ser bom em Matemática, para fazer o que a gente ganha para tudo isso. Porque vamos supor assim, o que a gente ganha para manter tudo em ordem, tem que ser bom em Matemática, tem que fazer as contas certas, tem que ser muito bom para gente sobreviver do jeito que as coisas estão. Tem que dividir, multiplicar, somar, tudinho. Porque, vamos supor, a gente vive de salário, então eu falo assim, chego no fim do mês eu tenho tudo calculado, baseado no que eu devo, o que eu não devo, porque a gente ganha por mês, então a gente gasta por mês, então tem as contas básicas água, luz,...então você tem que ter tudo calculado. Se você precisar de um médico, eu liguei agora para o médico para marcar uma consulta 2ª feira, mesmo pelo Sinans são cinquenta reais, você sai da oculista, você vai passar numa óptica, vai ficar mais cento e cinquenta, se você escolher um bem simples. Então eu acho que pobre entende bem de Matemática.

Se um aluno sempre vai mal em Matemática é porque ele não gosta da matéria. Eu já acho que é falta de capacidade mesmo, sabe aquela coisa que parece que não entra na cabeça, eu acho que é um pouco de falta de capacidade mesmo, porque, se ele vai bem em todas as matérias, ele teria que ir bem na Matemática. Agora, se ele não tem capacidade, não tem, se ele vai bem nas outras, e não vai na Matemática. *Geralmente sempre tem uma matéria que o aluno não gosta, né, de repente ele gosta da Matemática e não gosta de Inglês, e não vai bem no Inglês.* O Marcelo nunca gostou de Matemática, e, com Matemática, ele é perfeito, é difícil alguém pegar ele com Matemática, e ele nunca gostou da matéria. Nossa, ele tem uma capacidade viva com a Matemática. Agora, o Murilo adora Inglês e ele vai bem em Inglês, Matemática também ele ia bem, depois ele começou a falar que não estava mais gostando muito, não. O aluno pode estudar, e ele não guarda, eu acho que bate, bate ali e parece que não entra, né, mas acho que em toda matéria. Porque a Matemática, geralmente ninguém gosta dela.

Agora, sobre o uniforme, eu acho certo aluno usar o uniforme, porque, digamos assim, se você não tiver uniforme, mesmo até para trabalhar, se você não tem uniforme, você não sabe o que fazer para comprar roupa; você tendo uniforme, você vai sempre de uniforme, sempre com aquela roupa. Eu comprei para ele, no começo do ano, a camiseta da escola. É fácil, todo dia você dá uma lavadinha, amanhece sequinha. Aí, quando foi este dia, eu passei lá e comprei mais duas, já fica aí para o ano que vem. Agora, se não tem uniforme, você não vai à escola com duas camisetas só, sempre aquela. Então, você não sabe o que vai fazer para

comprar tanta camiseta. *Além de ser uma identificação, né? Se não tem um uniforme, qualquer um pode pôr uma mochila nas costas e entrar lá. Sem uniforme, você não entra.*

Eu acho que o contato que eu tive com a escola do Vitor foi suficiente, porque ele nunca deu trabalho; o que a gente fez nessa parte, eu acho que está bom, na medida do possível, como a gente fez, a gente acompanhou como pôde. E, quando não participa da reunião, ele cobra, ele fala assim: “Vai à minha reunião, mãe?” Eu falo: “Ai, não dá, filho, se a mãe perder hora, a mãe tem que repor hora. Fulano vai. Está tudo bem lá?” “Tá, mas custava ir, mãe?” “Não dá hoje, Murilo, da outra vez eu vou: Ele queria que eu fosse, ele quer que eu chegue lá e ouça que a professora fale que ele está bem.

A gente sempre apoiou o estudo dele tentando incentivar ele, estudar, estudar bem. A gente sempre fez para ele tudo o que a gente pode. Se alguém chegasse e falasse alguma coisa, a gente falava: “Tem certeza? Murilo, vamos lá, vamos descobrir, vamos ver o que está acontecendo”, Sempre tudo o que ele precisou da gente, de mim, eu fiz para ele, e faço até hoje. Sempre apoiiei ele em tudo, estava sempre perto dele. E continuo sempre assim.

Também, se os pais e os professores interagissem, os alunos teriam mais prazer em ir à escola, e os alunos aprenderiam mais. O Vitor sempre cobra isso da gente. Só por aí você vê o quanto ele queria que eu participasse mais, porque, ele acha que a mãe, participando mais, então, como diz mesmo, seria uma família. Então, como eu acho que faltou muito isso, por falta de oportunidade, não por falta de vontade, de eu ter tempo para participar mais, né, porque, digamos assim, se tivesse uma festinha ali, as mães iam ali, ajudavam a cozinhar, ajudavam nas barraquinhas a vender; eu nunca fui, Em primeiro lugar, que eu não podia perder meu dia de serviço, porque meu marido sempre foi motorista, eu sempre tive que complementar o salário nosso, então eu sempre tive que trabalhar. Eu não trabalho porque é um esporte, gosto muito de trabalhar, adoro o serviço que eu faço, mas eu preciso, se eu não precisasse, eu ia me distrair costurando umas pecinhas em casa né, mas não tem como eu ficar ali ajudando na escola direto, e eu acho que ele achou muita falta disso, porque ele sempre exigia que eu fosse nas reuniões com ele. Como se diz, quando eu saía da reunião, ele era o primeiro que chegava na porta, “E aí, o que falou de mim?” Como dizer, até se engrandecendo. “Falou bem, não falou?” Deste jeito. Eu valorizo o estudo pelo lado profissional, para ele ter uma boa profissão, para ele ter aquela educação, saber chegar, saber conversar, saber se entrosar com todo mundo e ter uma profissão um pouquinho mais rendosa, né, do que a gente teve, ter mais condições. Não é querer ter muita coisa, sabe, levar uma vida decente, um salário digno, de poder chegar no supermercado e não comprar só o básico, vou fazer uma compra para passar bem o mês.

Hoje em dia, aqui em casa, ele não estuda, ele fala para mim: “Amanhã, tem prova”. Eu falo, “Você estudou?” Ele fala: “A mãe sabe que eu não estudo, eu presto atenção na hora que está ensinando, depois eu não estudo não”. E não estuda mesmo. Ele pega, assim, livro para ler, livro de ler, leitura ele gosta, mas dizer que ele pega um livro para estudar, não. Agora eu não pego mais no pé dele, porque não tenho motivo, porque não está tendo nota ruim, então quer dizer que o que ele está aprendendo ele está guardando, sem ter necessidade de estudar. Tendo nota normal, nota boa, eu não brigo, não falo nada, deixo quieto, sabe?

Se, eu imagino o comportamento dele na sala de aula? E como! Era o que eu ouvia toda reunião, nunca reclamavam de nota nada, da capacidade dele não, mas do problema dele não ser quieto, ele nunca conseguiu segurar, ele gosta muito de conversar, ele conversa muito, é o jeito dele, o professor lá que resolve.

O Vitor fala mesmo que eu gostava de estudar. E, eu sempre gostei de estudar. Só não teve condições. Sempre, do 1º ao 4º ano, sempre fui o primeiro aluno da escola, sempre conto isso para ele, sempre falei para ele que eu gostava. Às vezes, ele fazia alguma coisa errada lá, eu falava: “Então você não é igual seu pai, seu pai foi sempre bom aluno”. Eu falava essas coisas para ele; hoje não, hoje eu não falo mais.

Se eu tivesse uns 20 anos a menos, eu até podia pensar em voltar a estudar, mas agora não, eu acho que não. Eu nunca tive vontade de estudar, eu não tinha aquela vontade, né, eu acho que quando não tem vontade, não se deve insistir, eu gosto do serviço que eu faço, eu me dou bem naquilo. Não exige escolaridade. No meu caso, motorista é um serviço que você acha fácil né, você tendo boa referência sempre tem.

Eu cobro muito o estudo, sim, sabe de tudo que é jeito, é na hora que fala, porque ele gosta de falar, ele contou que ele fez entrevista e eu perguntei: “Você respondeu tudo certinho?” Ele falou: “Claro que sim!” Ela perguntava, eu falava, nós gosta muito, né? Eu falava: “Aí, Murilo, você fez isso, você está fazendo o 1º colegial e você falou nós para ela?”. “Mãe, eu adoro falar caipira e eu falei nós para ela”. Ele até chorou aquele dia porque eu briguei com ele. Ele gosta de falar, eu falo: “Murilo, pára de falar assim”. Ele fala: “Por que a mãe me corrige tanto? Mãe, eu gosto de falar assim, eu quero falar assim”. Nossa, eu estou sempre cobrando. No estudo, eu cobro também, neste último bimestre, acho que foi três C, ou quatro. Eu falei: “Não acredito que você teve tudo isso de C”. Ele falou: “Que mais que você quer de mim, fulano teve não sei quantos vermelho”. Eu falei: “Mas fulano não é meu filho, eu tô batendo o pé para você ter o melhor e aprender o melhor, você não tem nada para fazer, a não ser fazer isso, faça bem feito”, falo para ele. né, ele fica bravo não gosta que corrige, ele acha que está certo.

O respeito entre professor e aluno é muito importante, como diz, você me respeita, eu respeito você, nossa convivência vai se tornar fácil, né, porque eles estão ali junto quase metade do ano; se você colocar os dias seguidos, acho que dá metade do ano. É a mesma coisa de um casal, quando você tem uma companhia, você vai ter que conviver com aquela pessoa, porque o amor não é tudo, né, o amor faz parte, mas tem a convivência, né? Se você respeitar, ele vai te respeitar, fica aquela harmonia gostosa; agora, se ele respeita o professor, o professor vai respeitar ele, um tem que respeitar o outro e a convivência fica boa.

Eu vejo sempre o caderno do Vitor, porque todo fim de semana eu faço faxina naquele guarda-roupa, então ali eu estou sempre dando uma olhadinha, qualquer coisa diferente eu estou vendo; se eu vejo alguma coisa que eu não gostei, eu já pergunto, já vou atrás, já vou querer saber. Nunca deixo de lado, estou sempre vendo, os livros mesmo eu sempre vejo se não estão estragando, amassando, estou sempre de olho.

2.3 Edna - Mãe da Juliana

Eu estudei até a 5ª série, e meu marido está estudando, ele voltou a estudar, eu também voltei a estudar. Só que o meu estudo é assim, não é bem uma escola, eu estou revisando, porque eu sou da área pública, e vai ter um concurso, então nós estamos revisando todo dia o que vai cair nas matérias. Então, a gente tem que tudo dia ir para a escola, mas não que eu tenha obrigação de estar ali, eu estou revisando as matérias que vai cair no concurso, vai até novembro só, mas eu pretendo voltar a estudar de novo. Eu trabalho como merendeira, e vai ter o concurso dia 17 de novembro, porque eu não sou efetiva da prefeitura, eu sou eventual, então para mim passar no concurso vai cair matéria da 1ª à 5ª série, então a gente esta relembrando, porque faz muitos anos, né? Então a escola abriu uma sala especial para os funcionários, e uma professora dá aula para gente todo dia, ela vai revisando os conteúdos para nós, a gente que está mais adiantado já pega direto da 4ª à 5ª série, mas tem uns que vão para a classe da 1ª série, porque não lembra de nada porque faz 30, 40 anos que saiu da escola. Eu vou prestar para o meu cargo mesmo, de merendeira, para eu ser efetiva da prefeitura. Meu marido está fazendo o supletivo no “Zita”, ele está fazendo a 7ª série, ele começou agora porque ele tinha parado na 7ª série; então, ele esta terminando a 7ª para pegar a 8ª série e ele pretende continuar, né? Eu parei de estudar aquela época, porque minha mãe tirou eu da escola, foi lá fechou a minha matrícula, minha irmã nasceu, minha mãe trabalhava fora não tinha quem ficasse com ela, e eu tive que parar de estudar. Depois, eu comecei a trabalhar muito nova também, com treze anos eu tinha carteira registrada já, a gente tinha uma

vida difícil, né, eu precisei parar para cuidar da minha irmã. Meu marido pelo mesmo motivo: ele perdeu o pai com 12 anos, minha sogra com seis crianças, ele estudou até a 6ª série, mas ele trabalhava numa lanchonete, até as seis e meia, e corria para a escola que era sete horas da noite, e quase não dava tempo, muita correria, ele não agüentou e parou.

Tenho 4 filhos, a Juliana, a Suzana, a Karine e o Jéferson. O Jeferson já terminou o 3º colegial, está ali a foto. Eu incentivo os estudos deles, quero que elas façam faculdade, o Jeferson eu também queria, mas ele não quer nem saber de estudar, ele falou que já estudou bastante, é meu sonho que elas façam faculdade. Eu acho, assim, que o Brasil é muito difícil, não é valorizado para quem não tem estudo, de jeito nenhum; então, se a pessoa tem uma formação, ela tem mais chance aqui, eu sei que é muito difícil uma faculdade, ainda mais eu que tenho quatro filho. Mas eu vou batalhar, nem que seja por bolsa, por qualquer coisa, e é nas estaduais mesmo que eu quero que elas prestem. Para elas terem um futuro, e não passarem por tanta dificuldade na vida como eu já passei, né? Eu acho o estudo muito importante, em primeiro lugar, tanto que elas falam assim, namorado, eu falo estas coisas tudo passa e o estudo ele sempre está acima de tudo, eu acho que o mais importante na vida mesmo é o estudo, principalmente para elas que são adolescentes, que têm o futuro todinho pela frente, têm tanto tempo ainda. O estudo é importante para tudo, né, eu acho que traz conhecimentos gerais de muitas coisas, que nem estudar letras, eu sei que elas vão aprender línguas diferentes, elas podem se relacionar com muitas coisas para fora. Eu mesmo não sei nada, nunca aprendi Inglês na minha vida, porque, na minha época, era Francês. Eu vejo elas falar algumas palavras, eu capto assim, né, porque na escola eu parei de estudar, mas eu sempre fui a 1ª da classe, toda vida. Então elas tinham dificuldade, até mesmo, assim, eu chegava, lia os cadernos delas, lia muitas vezes para mim entender, nunca vou responder um problema quando eu leio só uma vez e já vou fazendo a conta; eu leio ele três vezes, para mim saber o que é o conteúdo, para mim então fazer a conta daquele problema. Eu não sei como falar, mas eu acho que é bastante importante o estudo.

Sempre converso com meus filhos sobre a escola. Sempre perguntei sobre a escola, agora até parei um pouco, fico triste agora que eu não posso mais participar das reuniões de pais, mas meu trabalho está me prendendo muito. Mas, mesmo assim, eu saio do serviço, quando tem reunião, e vou lá na escola para saber o que foi que aconteceu, né? Mas agora eu até dei uma parada assim, né, mas tinha dia delas chegarem e eu já olhar os cadernos, eu tinha essa mania, desde que elas eram pequenininha, elas chegavam e eu olhava os cadernos, para saber que lição tinha caído, o que elas tinham feito na escola, eu sempre me preocupei com esse negócio de escola.

Eu sempre pergunto suas notas, quero saber, sempre pergunto o boletim, porque as professoras me atendem por causa do meu horário. Eu fui no “Batista”, e falaram: “É, mas você, como trabalha em escola, podia tirar um tempo para poder vir aqui”. Eu falei assim: “Eu sei que eu podia tirar um tempo para poder vir aqui, mas eu também trabalho com criança, e lá é tudo por horário, e eu trabalho numa cozinha, e eu sei que eu tenho que servir a sopa duas horas, eu tenho que servir, e eu tenho horário ali, não posso sair. Se eu sair, as outras crianças vão ficar prejudicadas; então eu sei que preciso tirar um tempinho à noite para vir saber, para mim também é importante e não posso não deixar, abandonar.

Se minhas filhas não tiram notas boas, eu brigo, fico brava, exijo notas melhores, eu acho que tem que se preocupar. Tem vezes que a Suzaninha mesmo fala para mim, tem matéria, assim, que ela fala: “Não entendi aquela matéria”. Aí, ela fala: “Vou perguntar para o professor”. Eu falei: “Isso, pergunta, porque a gente tem que perguntar, porque eles estão aí para ensinar a gente, né?” Mas tem vezes, assim, que dependendo da nota, nem sempre eu dou bronca porque elas não são má alunas, nenhuma, não tem nota ruim, assim, para mim chegar e ficar brava mesmo, a menos que eu veja, assim, que não quer saber de estudar, só quer saber de ficar na televisão, elas não tem muito este costume, mas quando precisa eu vejo, pois é necessário.

A matéria de que a Juliana mais gosta é Português, porque eu vejo mesmo os cadernos dela, as redações dela, ela é muito caprichosa. Acho que a matéria que ela mais gosta mesmo é Português; ela até fala para mim. Minha caçula é Matemática, eu sei, né, eu também sempre gostei mais de Matemática toda vida, nunca gostei de Português, mas todas são importantes, Português eu me confundo muito nas acentuações, vai cair isto no concurso, Português, fração; fração, tudo bem, porque é Matemática, já Português não pode errar nenhuma vírgula. Eu sei que tenho que acertar 15 pontos, é 80 perguntas, é 40 de Português e 40 de Matemática, Matemática a gente tira de letra.

Em casa, acho que eu nunca mandei meus filhos estudar; nunca precisou, eles já têm este incentivo desde pequeno, chegava em casa, nunca deixei, se tem lição, deixar para outro dia, chega em casa, em primeiro lugar, tem que fazer lição, mas eu ensinei desde pequenininho. Tinha vezes que escapava, eu saía, a gente não é daqui, a gente é de São Paulo, então, às vezes, saía à noite, e é por culpa talvez minha, e não dava tempo de fazer a lição, e, no outro dia, era um pega, porque elas tinham que entrar na escola e tinham que estar com a lição em dia, porque a professora ia olhar o caderno. Mas eu, desde pequena, elas todas fizeram o jardim, desde o jardim, aqui é pré, lá é jardim I, jardim II, aí que tem o pré, mas elas

desde pequenininha, já saíram do prezinho já alfabetizada quase, nunca elas me deram trabalho, e elas aprenderam a fazer a lição e faz até hoje.

Se elas têm alguma dificuldade, elas chegam e perguntam para mim e para o pai, sempre perguntaram, mas sou eu que tiro mais as dúvidas. Meu marido se preocupa muito também com notas, estas coisas delas, é um pouco severo também nesta parte também, ele acha também que estudo é muito importante. Ele fica bravo, ele repreende, ele fala assim: “Oh! Filho, o pai não está brigando porque o pai é ruim; ele está brigando porque o pai quer que vocês tenham um futuro melhor”. Ele explica para elas desse jeito, mas ele quer que elas tirem notas boas.

Ah! sempre expliquei as dúvidas delas, quando elas estavam fazendo, assim, trabalho né. Nós temos livro em casa, eu pego os livros, junto a gente vai procurar ler os textos, juntas, e ver qual que é o que não está encaixando no que elas estão dificuldade. Nós lê juntas ali, eu pego o livro e a gente lê e procura até a gente encontrar as palavras para poder encaixar. Sempre a gente fez isso, aí elas entendem, compreendem, qualquer matéria a gente fazia isso. Em Matemática, eu lia, lia o problema, muitas vezes nós fizemos isso.

O meu único tempo para me relacionar com a escola é ir às reuniões; em São Paulo, ainda eu era mais dedicada um pouco, porque eu não trabalhava. Mais dedicada, pois eu participava da APM, participava de bastante coisas relacionada com a escola; além da APM, sempre estavam chamando os pais para ser voluntários na escola, e eu estava sempre presente, assim, que nem precisava de lavar as cortinas, então perguntavam qual mãe podia lavar as cortinas, eu sempre me oferecia, eu colaborava assim de alguma maneira dentro da escola.

Eu acho muito importante as reuniões escolares, fico triste de não poder ir, porque eu acho que ali na reunião, a gente fica sabendo o que está acontecendo com o filho da gente, porque a gente vê eles dentro de casa, aí a gente deixa eles na escola, então os professores, a partir daí, são os responsáveis por eles. Então, eu acho que é importante, todos os pais estar participando e vendo as dificuldades, mas também vendo não só a dificuldade, mas o procedimento, o prosseguir do filho, ver se o filho está com capacidade de poder ir mais além, ver se o filho está com dificuldade em alguma matéria, porque este negócio de não repetir o aluno, eu fico muito triste por causa disso, passa o aluno sem saber ler, sem saber; faz uma redação e não consegue explicar o que é que escreveu. Eu não aceito isso, eu acho que a gente tem que ler alguma coisa, ler o conteúdo e poder explicar para o povo o que está escrito no papel. Por isso que eu acho que é importante a reunião, porque os professores passam, porque, mesmo quando acaba a reunião, e os professores falam assim da classe em geral, eu vou lá no professor e vou perguntar como é que está cada filho meu. Aí a professora tem uma relação, aí

ela fala eu dou aula para ela disso, mas o outro professor está tudo ok, porque é um professor só que fala de todos, né, mas eu quero saber individual, nunca acaba uma reunião e eu vou embora sem ir lá e falar assim como é que está minha filha, o que está acontecendo com ela, eu sempre perguntei. Eu acho isso importante, saber como eles estão dentro da escola.

Você não acha que este negócio de repetir, passar o aluno sem saber, eu vejo lá na classe das meninas: na reunião da Karine, tem um menino. Ele não sabe fazer conta de menos na sétima série. Na minha época era assim: não soube, reprovei, porque, que futuro tem para fazer um vestibular, não sabe, não aprendeu nada, não quer que o povo pensa, só os ricos eu acho que têm mais oportunidade, eles pensam isso também, né? Eu já falei isso aí na reunião, o professor falou assim para mim: “Nós recebe ordem de não dar tipo de lição e de não reprovar”. Que nem o aluno foi mal o ano inteiro, só E e D, nota vermelha, no final do ano dá um trabalho e compensa tudo, o que o aluno aprendeu, eu fiquei abismada com isso, fiquei abismada. Eu converso com os outros pais, ninguém concorda com esta aprovação automática, e a gente não tem condição de pôr o filho da gente para estudar numa escola particular, que é as melhores que tem. Mas eu estou gostando do “Batista”, do ensino deles, é um ensino adiantado, é um ensino bom, eu gostei do ensino, eu vejo que as meninas estão aprendendo bastante coisa. Elas estavam revisando os cadernos dos primos, que estão no 2º colegial, elas estão no 1º, e elas estão aprendendo já o que eles estão trazendo aqui para elas, então eu acho importante isso.

Penso que, para os alunos irem bem na escola, a escola e a família têm que se relacionar uma com a outra. É o que eu faço, eu acho isso importante, o pai não pode esquecer a escola, o filho acha que fica frustrado quando não vê o pai na reunião, ele fica lá sozinho, ele vê todos os pais chegando e o dele não vai, nunca vai, nunca aparece, a menos que é aquele aluno que não quer que o pai saiba da nota, este não quer que o pai apareça. Mas eu acho que é muito importante, é importante os pais na escola, sempre eu achei importante, toda vida. Minha mãe não ia às minha reunião, nunca ia, não sei meu pai, só viajava, trabalhava viajando. Minha mãe era numa máquina de costura, dentro de casa, mas eu acho que ela devia tirar um tempinho aí da máquina de costura e ir numa reunião minha. Eu sentia falta, quando meus irmãos começaram ir à escola, eu não perdia as reuniões dos meus irmãos, ia em todas elas, eu sou a mais velha, então eu ia em todas as reuniões do meu irmão, mesmo pequenininha eu ia, e eu passava, eu me interessava, eu olhava os cadernos deles, desde pequena. Acho importante para saber como está o desenvolvimento do aluno, como é que está a cabeça, se não está precisando de um cuidado especial, não sei, porque, às vezes o aluno é deixado assim. Que nem, tem uns aluninho na escola, ali também tem ensino fundamental,

aonde eu trabalho tem até 4ª série, tem um aluno lá que todos os professores reclamam dele, ele é terrível, ele não para na classe, ele sai sem pedir licença, e eu converso com ele, e ele é um amor comigo, ele vai lá, me abraça. “Oi, tia, tem o que de merenda?” Eu falo para ele: “Você precisa ser mais responsável, todo mundo está reclamado de você, Robson”. Ele fala assim: “Ninguém liga para mim, só liga para aquelas meninas lá, só porque elas têm dinheiro”. Olha a cabeça do menino! Então eu acho que falta um pouco de atenção, de carinho, ele quer chamar atenção de alguma maneira, ninguém liga, ele começa a bagunçar, provocar, então se ele recebe um pouquinho de carinho, ele gosta, ele conseguiu me cativar, eu gosto muito dele. A mãe indo à reunião é uma atenção e dedicação para o filho.

Eu acho importante a família e a escola se relacionarem mais, que uma conhecesse mais a outra, devia acontecer isso, muitos pais colocam os filhos na escola por mais um refúgio. Assim, tem mães que não é que o filho quer ir à escola, ela obriga, eu tô falando, já começa daí já, não, você vai para escola e pronto. E tem que ensinar o filho de que a escola é mesmo obrigação, mas também é a segunda casa, deles, tem que ir para a escola com gosto, com amor, não é só ir lá para a escola, porque a mãe quer ficar para rua, não quer ficar com os filhos. Tem mães que joga os filhos na escola porque não quer ficar com o filho; vai criança doente para a escola, eu vejo isso direto, então eu posso falar. Então, eu acho que tem que ter um envolvimento mais da escola com a família e da família com a escola, dos dois lados. A diretora que eu trabalho se preocupa muito com as famílias, com as crianças, ela é muito humana.

Sempre participei das festas escolares, toda vida; festa de rodeio, assim, que tinha na escola, quadrilha, incentivava e tudo as meninas, sempre tirei fotos delas dançando nas quadrilhas.

Eu acho que meu conhecimento de Matemática é pouco; eu gosto de Matemática, mas eu não avancei, porque eu tinha vontade de avançar, de saber muito, mas eu parei, né? Então, eu tenho vontade de saber, porque eu acho que é pouco meu conhecimento, porque eu gosto muito de Matemática, de raciocinar, de pensar, de resolver. E eu fico ali batutando até eu resolver, não peço ajuda, eu falo assim: “Se está o problema aqui, eu tenho que resolver”. Se está, é porque tem uma resposta, então eu quero saber qual é, então eu quero saber qual é, não vou perguntar para a professora não, e eu fico ali batutando até que eu resolvo, e vejo, tiro a prova real, para ver se está certo ainda, e está certo, eu lembro de tirar a prova real, mas eu queira aprender muito mais ainda.

Meu filho, o Jeferson, sempre foi mal em Matemática. Ele deu muito trabalho em Matemática na escola: eu incentivava, ajudava, quando sabia. Eu acho que é preguiça mental,

eu falo isso (risos), sabe acha que é difícil, eu sempre pensei assim, acha que é difícil então deixa para lá. Eu acho que tem que pensar, eu acho que Matemática a gente tem que raciocinar, né, e expor no papel, faz de um jeito, faz de outro, vai apagando, vai colocando. Olha, a professora de Matemática dele era excelente, muito boa mesmo, eu adorava ela; o problema era ele, ele se preocupa assim: ele chegava em casa, tirava a mochila e ia para o campo jogar bola, ele não se preocupava, então. Olha a Karine, ela gosta de Matemática, estuda, as notas dela são boas, lá no “Zita” na 7ª série. Eu acho que é a preguiça, mas ele não era em tudo preguiçoso, Matemática ele era uma negação, ele tirava D direto em Matemática, não sei nem como ele passou no 3º colegial, foi empurrando, mas ele é inteligente, não posso falar assim também não, mas eu lembro até a 5ª, 6ª série, ele me deu muito trabalho em Matemática; depois já, depois, ele começou a aprender mais, e eu sempre fiquei em cima, toda vida do Jeferson eu fiquei em cima, tentando ajudar, mas tinha vez que eu mesma ficava tão nervosa, que eu resolvia o problema. Então eu estava errada de fazer isso, de ficar nervosa; ele falava: “Não sei”, eu ficava nervosa, eu rabiscava lá e fazia, e falava: “É assim, você não está vendo que é assim?” Meu marido é muito inteligente de Matemática, ele faz conta de cabeça, já coisa que eu não sei fazer, e meu marido sempre ajudou, e ele é bom em Matemática, ele só tira A, hoje eu estou com alguma dúvida, eu falo para ele. Olha, eu cheguei com uma conta e ele falou assim para mim: “Ué, amor, esta conta aqui está errada”; eu falei: “Não está, a professora corrigiu”. Aí ele fez, deu outro resultado na conta, ele fez de novo e deu o mesmo resultado dele. Aí eu falei: “Tira a prova real com a minha”; aí deu certo, aí ele pegou, tirou com a dele e também deu certo; então, a questão tinha dois resultados, se eu quisesse continuar ela, ela não teria fim ainda, eu pus ela em método curto e teve fim, e teve resultado, ele fez ela com um método mais longo, teve outro resultado, mas as duas estavam certas. Eu não sei explicar o que é, porque que teve dois resultados e dois resultados foram iguais, né? Então, a gente, um tira a dúvida do outro, a profissão dele, ele era motorista, aqui ele está como auxiliar de almoxarifado.

O que eu acho do uniforme escolar? Ô coisa que eu debato: eu acho que só a camiseta era importante, eu acho que não tinha que ser só calça jeans, não obrigatoriamente, porque tem vez, que nem eu que trabalho fora, eu tenho que lavar roupa quando eu chego em casa à noite, aí calça jeans, ela demora mais para secar; então elas têm jeans, elas têm de outras cores, elas têm verde, preta, e também não pode entrar também no “Batista” com uma sandalhinha, com este calor, só pode entrar de sapato fechado, elas são proibidas de entrar de sandália no “Batista”, eu já falei para o diretor isso, eu fui lá e falei para o diretor:” Escuta, as meninas não podem vir de calça corsário na escola, corsário como calça aqui assim (ela

mostrava para baixo do joelho)?” Ele falou assim que não pode, que tem que ser jeans até o pé. Eu não aceito muito, do jeans eu não aceito, eu não aceito a criança ir pelada para a escola, de mini-saia e shortinho, com a roupa escandalosa, de maneira nenhuma, mas eu acho que uma calça corsário ou bermudão não tem nada de mais. Nós moramos num estado muito quente, em São Paulo já era frio, lá não obriga uniforme, elas nunca tiveram uniforme, e aqui é barrado sem uniforme. O “Zita” também tem uniforme, mas lá já pode ir de sandália, de calça corsário, de bermuda, é qualquer coisa de jeans, e já o “Batista” é só calça, no calor é triste, eu acho que a camiseta para reconhecer já era importante, só a camiseta, não precisaria ser essa calça, podia ser aquelas calças geladinhos de tec-tel.

No Brasil, dinheiro compra tudo. Se eu tivesse condição, todos meus filhos estudariam numa escola particular, que nem os professores, eles são dedicados, que nem, você é uma professora, eu sei que tem muitos professores que se dedicam, mas tem muitos professores que vão lecionar para ganhar o dinheiro deles e não está nem aí para os alunos. É a minha opinião, você desculpa, tá? Entendeu, então eu acho assim se eu tivesse condições então meus filhos estudariam numa escola particular; se eu tivesse dinheiro para pagar. Eu estou contente, sim, com o ensino do “Batista”, lá os professores são bons e tudo, mas nem todos têm esta sorte, tem escola aí que... pelo amor de Deus!

Eu tenho uma amiga que trabalha comigo e os filhos estuda numa escola particular, e ela fala muito bem, não ensina só este Inglês que aprende na estadual, o básico, lá falam muito bem o Inglês, falam outra língua também que é o Espanhol, que vai ser usado logo, logo. Então, se eu tivesse condições, eu colocaria. E vai pagar uma escola particular para ver, é um absurdo, a minha amiga lá paga 500 reais.

O estudo deve sempre estar em 1º lugar. Por causa do trabalho, por uma vida melhor para elas, para elas não passar privações necessidades de nada, eu sei que, mesmo assim, depois que estuda conseguir algum serviço e tudo, mas é o meu sonho. Já pensou uma mãe ver a filha dela na faculdade, é o maior orgulho para um pai e uma mãe (os olhos dela se encheram de lágrimas), mesmo não tendo condições, mas incentivando, nossas condições é esta, incentivar a nunca parar de estudar. Você queria ser sempre professora? (Ela perguntando para mim) Elas não querem ser, nenhuma. Eu tinha vontade de uma delas ser professora. Eu acho muito bonita esta profissão, muita dedicação, a professora se dedica o aluno. Eu acho muito bonita.

Quando a Juliana tira nota baixa, eu sempre pergunto: “Por que, Juliana? Você tinha condições de ter tirado mais, por que tirou nota baixa? Vocês não trabalham fora, vocês têm que se dedicar só ao estudo. A única coisa que vocês têm que fazer é o serviço da casa, só

isso, e, se não der tempo de fazer o serviço da casa, deixa a casa, estuda, mas não tira nota baixa, por favor”. Eu falo sempre assim com elas.

Agora o sonho delas é ter um computador. Eu tenho uma vontade tão grande de dar, mas está tão longe do meu alcance, é muito caro.

Quando elas estavam no primário, e costumava ajudar elas com as lições de casa. Elas punham os cadernos na mesa e ficavam com dificuldade de fazer alguma conta; então, a gente junta ia ler o problema, ela lia rapidinho e já fazia, então estava errado, então vamos ler de novo, é assim, então tem alguma coisa em cima, algum número que não está certo, então vamos ler o problema de novo, vamos ler, vamos ler, enquanto não ler o problema três, quatro vezes, não faz a conta. Então, eu sempre me dediquei assim; em Português, a mesma coisa, né, sempre lê com bastante atenção, eu falava para ela: “A mãe não é inteligente, a mãe não estudou”, mas não tive oportunidade para estudar, mas o pouco que eu estudei era para, porque meu sonho era ser jornalista, né. Nossa, quando eu lembro, eu até choro, meu sonho, eu sempre quis ser, aí eu me dedicava muito na escola, mas infelizmente eu não pude, mas então eu queria que elas se dedicassem, e eu ensinava dessa maneira para elas para todas, né, fia? Toda a vida a mãe ensinou.

A Juliana fala que, no primário, eu descobriu que ela não gostava de Matemática, mas eu acho que, não é não gostar, porque acho que é um pouco difícil, então não quer saber daquela matéria, deixa ela de lado, e começa a gostar da matéria mais fácil. (Ela pergunta para a filha que estava sentada no sofá). “Qual a matéria que você mais gosta?” Matemática, eu sei disso, eu vejo isso, não é que não gosta, é porque acha que a outra matéria é um pouco difícil, então já olha diferente para esta matéria, não gosto desta matéria porque ela não deixa eu raciocinar, não quer, acho que é preguiça mental, mas eu sempre incentivei eles a gostar de todas as matérias, embora eu não gostasse de Português. Não é que eu não gostava, é que as acentuações me deixava meia confusa, muita cosia, tem que saber ponto, vírgula, estas coisas que eu não gosto. Mas gosto muito de fazer redação, ensinava elas a fazer redação, sempre ensinei todas elas.

Eu acho importante sempre perguntar para o professor quando tem dúvida, e eu sempre mandei elas perguntarem, porque elas são alunas, estão ali para aprender e, se ele passou no quadro e ela não entendeu, ela tem que perguntar para ele explicar, uma, duas, três até o aluno entender. Ele tem que, de alguma maneira, colocar dentro da cabeça da criança aquilo que estava escrito no quadro, porque tem criança que tem mais dificuldade do que a outra de aprender, de olhar. Que nem, eu olho e não entendo, e você já olha e já entende na hora. Então eu faço o quê? Eu vou lá e pergunto, não, mas eu não entendi naquela parte.

Muitas vezes trazia dúvidas para casa e a gente resolvia de uma maneira ou de outra, ou eu ou meu marido.

Eu me lembro bastante que a Juliana não gostava de resolver problemas, ela não gostava de ler os problemas, ela queria fazer as contas direto sem ler. Para ajudar ela, eu incentivava ela a ler o problema, como é que vai resolver o problema sem ler? Tem que ler.

Na 6ª série, a Juliana teve uma dificuldade em Matemática por causa da professora, foi a professora Fátima, ela era um amor para elas, mas não deixava elas fazerem a lição porque eles eram puxa-sacos, ela dava o livro com resposta para elas e então elas não aprendiam direito, né, porque elas não faziam o problema, elas já copiavam direto a resposta. Eu fui conversar com a professora, mas eu não lembro mais o que nós conversamos. A professora era muito boazinha, mas eu acho que a professora estava estragando elas, porque não estava ensinando, passando, assim, para elas raciocinar, elas estavam copiando a resposta e assim você não aprende, não é aprender. Aí, na 7ª série, não tinha ninguém para ensinar para elas, aí elas tiveram que batalhar, porque aí a professora Fátima não era mais a professora delas, porque elas mudaram de escola. Mas aí, num instante elas pegaram, inclusive todos os alunos se revoltaram porque a professora só gostava dela, e todos os alunos não gostavam desta professora por causa que a professora dava muita atenção para ela. Mas, por fim, elas não aprendiam, tiravam nota excelente em Matemática, mas o que adiantava? Elas copiavam e, na prova, ela dava o livro com resposta para elas.

Nos estudo, a gente sempre apóia, a Juliana me ajuda bastante, eu preciso sair à noite, para ir para a escola e ela fica com a responsabilidade de fazer a janta. Mesmo chegando do serviço, eu falo: “Fia, faz janta para a mãe?” Ela faz a janta, né, então a gente apóia ela nesta parte assim; de vez em quando, a mãe briga, aí eu fico brava, tem coisas que eu não concordo por ser mãe, acho que é um pouco de ciúme, não sei, molecada aí no portão, então eu não gosto, confio nela, tenho confiança nela, eu não preciso fazer serviço em casa, tenho vontade de dar mais coisas para elas, fico triste quando eu não posso dar, né, porque eu tenho três, porque a gente ganha pouco, eu ganho 380, meu marido ganha 500, para manter quatro filho em casa, nós paga aluguel, e elas são muita compreensiva nesta parte. Eu vou procurando sempre as coisas mais barato, promoção eu corro para comprar.

2.4 Iraciara - Mãe da Monique

Eu estudei, o pai da Monique fez até a 4ª série, antigamente falava 4º ano, e eu estudei até a 8ª série. Eu parei porque eu precisei trabalhar naquela época, aí eu não voltei mais a

estudar, fiquei só no trabalho, aquela época fazia muita hora extra, eles puxavam muito, né, não tinha mais como voltar a estudar. Eu trabalhei na Uniroi, aí parei, aí quando nasceu a Monique, eu parei de trabalhar fiquei uns quatro anos sem trabalhar; daí, voltei a trabalhar aqui na Brastemp, hoje eu estou sem trabalhar. Mas eu parei de trabalhar porque eu quis cuidar da Monique; de estudar eu parei realmente por causa da situação, não deu mais para estudar por causa do trabalho, eu precisava trabalhar e lá fazia muita hora extra, então não dava mesmo para voltar a estudar.

Sinceramente, não senti falta do estudo, eu não quero voltar a estudar não. (Risos) Eu não sou que nem a Monique, a Monique gosta de estudar, eu já não. Eu fiz tudo o estudo, meu pai aquela época ele tinha uma condição boa, estudei no vocacional, eu não era uma má aluna, mas eu não gosto, fiz mesmo obrigada. Depois que eu fui trabalhar, houve a separação e minha mãe, a gente ficou numa dificuldade muito grande aquela época. Aí eu precisei ir trabalhar, aí não teve mais jeito de voltar a estudar, eu já não gostava mesmo, então você imagina, né? Agora o que penso é assim, né, o que eu puder ajudar eu quero ajudar a Monique, tudo o que eu tenho, o que eu puder fazer eu quero fazer para ela, porque ela tem vontade de estudar, ela gosta de estudar, então tem que investir quando a pessoa gosta, quando a pessoa quer estudar, e ela quer, ela gosta. Então, eu não invisto em mim, que eu já estou de idade, tenho meu pezinho de meia, por bem ou mal eu tenho; agora, a Monique, eu tenho que investir nela, porque ela gosta muito, o que eu puder fazer pela Monique eu vou fazer por ela. A Monique gosta de tocar música, a Monique gosta de falar inglês, só não faço mais porque não tenho tanta condição, porque eu já falei para o Paulo que precisa dar mais condição de estudo para nossa filha, ela ama estudar, então aquilo que eu posso fazer eu estou fazendo. Ele falou: “Tenha um pouco de calma, eu vou me aposentar agora, aí eu fico com dois salários, eu vou ver se eu consigo dar este estudo que você quer dar para ela.” Ela quer fazer informática, ela quer estudar Inglês. Eu estou estudando ela na música, porque ela gosta muito de música, ela está estudando teclado, e ela quer, mais para frente, estudar violão. A Monique gosta de todos os instrumentos, mas eu não tenho condição de fazer isto para ela. Agora, se eu pudesse, eu fazia, pois ela gosta mesmo, e ela é uma menina que não é só gostar, ela faz, ela se dedica naquilo que você coloca ela.

Oh! se eu incentivo a Monique a estudar. Com certeza. Vivo falando para ela, olha, filha, que nem agora ela quer entrar na guarda-mirim, eu incentivei ela: “Vamos lá, sim, você quer trabalhar na guarda-mirim”. Podia falar: “Não, filha, você não está precisando trabalhar”. Eu falei: “Vai, sim, filha, você quer estudar, você quer ter suas coisas, seu dinheiro, vai”. Eu incentivo a Monique a estudar, incentivo ela a fazer as coisas, só não dou mais porque eu não

tenho mais condição, se eu tivesse, ela estaria fazendo tudo o que é curso que ela quisesse fazer, eu não empeço ela, não é porque eu não quero para mim, que eu não quero para minha filha, eu deixo de fazer para mim para dar para ela. Ela sempre quis estudar, tudo isso daí (ela mostra o teclado e o violão), ela que quis, eu só ajudei, dei apoio na medida do possível, na medida da minha condição.

Por exemplo, se ela quisesse parar de estudar, eu ia incentivar ela a continuar, eu não ia mandar na vontade dela, eu ia explicar para ela que hoje é necessário, hoje não é só questão de querer, hoje é necessário você estudar, porque as portas de emprego só são abertas à base do estudo, tudo precisa do estudo hoje em dia, no meu tempo não exigia tanto isto daí, agora, neste tempo e daqui para frente, cada vez mais eles vão exigir e vão dar preferência para quem está estudando, eles não querem mais ninguém ignorante, eles não querem mais ninguém sem uma condição, uma sabedoria, nem que for só para mexer com parafuso, eles querem que a pessoa seja apta a mexer com aquilo, seja inteligente para mexer com aquilo, eles não querem mais ninguém ignorante lá. Neste ponto, eu vou incentivar ela, eu não vou poder obrigar ela, eu vou abrir a mente dela, dar uma visão do mundo hoje, se você quer ser alguém, se você quer ter um emprego bom, você estude, porque, naquela época, 8ª série, nossa, era o máximo, quem fazia o colegial só fazia porque queria mesmo, quem chegava a fazer 8ª série era o que exigia. O máximo que exigia aquela época era 4ª série, eles não ligavam muito para o estudo, né, antigamente, eles queriam mais mão-de-obra, que trabalhasse bem, que fizesse as coisas bem; hoje, não, eles querem que trabalhe bem, mas que também a pessoa tenha uma mente desenvolvida, uma mente aberta, e a pessoa sem estudo ela não tem esta condição de visualizar muito coisa, de ver muita coisa, ela tem um bloqueio na mente, pega uma pessoa de faculdade e uma da 8ª série, nem precisa ser de faculdade, uma pessoa do 2º grau, a mente dela é muito mais aberta, eu sempre explico isto para a Monique, não é porque eu parei porque eu deixei, eu sempre falo para ela: “Vai estudar, vai você, no meu tempo não precisei, a mãe tem agora até o fim da vida, a mãe tem como sobreviver, eu não sei até quando a mãe vai estar aqui, você tem vontade, faça”.

Ela passou na guarda-mirim, agora está aguardando, se ela quer não vou incentivar, por quê? Vou incentivar a ficar dentro de casa, sem fazer nada, eu não mandei ela ir, ela quer, assim, tira um pouco a inibição da Monique, ela é um pouco inibida; assim ela vai se soltando mais, vai aprendendo a conviver com as outras pessoas, e o dinheirinho ajuda ela fazer mais as coisas que ela quer fazer, assim, estudar mais música.

Eu pergunto para ela, como foi a escola, se está tudo bem, tem dia que ela fala que está tudo bem; agora, quando acontece alguma coisa lá, aí ela conta para mim: “Ah! mãe

aconteceu isso, isso”. Aí eu aconselho ela, falo: “Filha, tem paciência”. Às vezes é com colega, às vezes ela fala: “Ai, eu não estou conseguindo entender esta matéria, mãe”. Falo assim: “Filha, tenha calma que você vai conseguir, você vai conseguir, sim, tenha paciência”. Aí ela fala: “Ah! está bom, mãe”. Sabe, eu sempre converso: “O que é que você não está conseguindo, aonde você não está conseguindo, tenta achar alguém que consiga para conversar com você, ou a professora. Se você não entendeu aquela matéria, chega na professora, conversa com ela direitinho, eu não estou entendendo isto daqui, dá para a senhora explicar direitinho para mim? Eu quero que você tenha um bom relacionamento com seus professores porque, no tempo meu, eu tinha muito relacionamento com os professores; se eu não entendia alguma coisa, eu chegava neles e perguntava aquilo que eu não estava entendendo”. Eu passo a minha experiência para ela, se você não está entendendo alguma coisa, chega neles, conversa com eles, vai lá, eu não entendi isso daqui, dá para explicar novamente? Eles vão explicar, eles vão dar aquela atenção para você, eles vão até gostar porque as pessoas gostam das pessoas que estão interessadas em aprender. Coisa mais horrível é você querer ensinar uma pessoa que não quer aprender. Você, não, você quer aprender, só que se você não está conseguindo aprender, vai lá perguntar. Sabe, no outro dia, eu pergunto: “Você conseguiu agora entender aquela matéria?” “Ah! mãe, perguntei, fui lá, e agora estou entendendo”. Eu falo: “Está vendo, é assim, filha, tem que ter este contato, o professor não vai morder você, ele está lá para ensinar.

Ah! eu sempre quis, da Monique, notas boas. Só que eu não fico assim: “Ah! você tem que tirar nota boa”. Aquela coisa massacrante em cima dela. Ela sempre tirou notas boas, sabe, eu não posso, o que eu vou falar da Monique, eu sempre conversei com ela, mas eu não exijo que ela tira só nota boa, lógico que não, mas a Monique sempre tirou só nota boa, ela tira espontaneamente por ela, não tem problema de ficar exigindo e nunca fui de exigir, nunca fui uma mãe de ficar exigindo: “Você tem que tirar nota boa”. Eu falava para ela: “Você tem que se esforçar, Monique, se esforça, a nota significa que você está indo bem na escola, mas não que a mãe exige”. Tem vez que ela vem, ela fala: “Mãe, eu acho que eu vou vim com I (Insuficiente)”; mas a Monique nunca veio menos do que S (Suficiente), nunca veio nos boletins, mas ela falou assim acho que vai vim; se vim, filha, o mês que vem você se esforça mais para não vim mais nota assim, pronto, vê aonde você errou, concerta e dali você vai para frente. Ela vinha num desespero e, no fim, não vinha não, vinha S. E ela ficava preocupada pensando que ia me ferir, me machucar, se viesse numa nota mais baixa. “Imagina, filha, eu não estou exigindo, eu quero que você aprenda, Monique, não adianta você se mata, tem aquelas notas e não está aprendendo, está colando de alguém, está fazendo de alguém, para

poder obter. Não adianta, eu quero que você realmente saiba, que você ganhe aquela nota merecida, não porque você colou de alguém, porque você copiou de alguém, por você”.

Eu creio que a matéria de que a Monique mais gosta é Matemática, ela vai muito bem nessa área, sempre ela foi muito bem nessa área; Português também, bom, eu não sei, Inglês é também um área que ela gosta muito, nunca deu problema nessa área.

Sempre fiquei em cima da Monique, sempre fiquei em cima dos cadernos dela, ensinava ela sempre a ser caprichosa nos cadernos dela. “Monique, tem lição? Então vai fazer”. Sabe, até hoje eu fico. Não pensa que é porque está deste tamanho, não. “Você tem alguma coisa para fazer da escola, tem trabalho? Olha, sinceramente, ela acostumou tanto desde pequena que eu fico em cima, que não precisa muito, tem hora que vejo ela mesmo ali fazendo, não precisa ficar mandando, ela é consciente das obrigações dela, a Monique é consciente das obrigações dela, porque, desde pequena, eu ensinei ela a ser consciente das obrigações, porque ela tem que fazer as obrigações dela de escola. Então, agora, ela chega e faz.

Se ela tinha alguma dificuldade, eu sempre ajudava. Naquilo que eu sabia, com certeza, eu ensino ela, eu sentava e ajudava, agora se eu não tinha entendido aquilo ali, eu falava: “Você tem que conversar com seu professor, filha, vai lá, pede explicação novamente para ele, a mãe, nesta parte, eu não estou sabendo explicar para você”. Eu não sou daquela mãe que não sabe e quer dar uma que sabe, não, se eu sei, eu sei, se eu não sei, eu peço para ela pedir ajuda para alguém que vai entender para explicar para ela. E, a Monique, não me perguntava muito, ela sempre foi sozinha, ela aprende fácil, a Monique. Por isso que eu falo para o pai tem que investir, porque ela tem uma cabeça, a menina não deu problema para mim na escola de jeito maneira. Só na 7ª série, ela deu problema com má companhia, mas não com estudo, não com nota. Aí me chamaram umas duas vezes na escola que ela estudava, para conversar comigo, que ela estava dando problema com umas colegas que ela estava começando a andar. Aí eu cheguei junto nela, aí chamei o pai, sentamos aqui os três juntos e conversamos. Aí o pai dela chegou junto, ela começou a dar problema, não com nota. A diretora me chamou lá e falou: “Olha, ela não tem problema com nota, mas ela está andando com má companhia”. Aí ela começou, sabe, a sair fora: “Estou avisando a senhora para tomar uma posição com a sua filha”. A hora que me chamaram lá, e aconteceu isto, eu avisei ela, a primeira vez, e não falei nada para o pai dela. Aí me chamaram a segunda vez lá, aí eu chamei o pai e falei assim, assim, está acontecendo com a Monique. Aí, aquele dia, depois que ele falou com ela, acabou, a Monique cortou aquela amizade, largou para lá. Aí começou novamente, aí não deu mais problema, aí, eu agora falo para ela: “Você viu o que é má

companhia?” “Verdade, mãe, aquela vez comecei a andar com má companhia, comecei a dar problema na escola, nem parecia eu, mãe”. “Uma laranja podre, põe dentro de uma caixa de laranja boa, quando você vê está toda estragada, está toda podre. Larga para lá, você tem que andar com boa companhia, filha”. Aí ela deixou para lá, e nunca mais. A diretora chamou eu uma vez lá e queria saber o que eu fiz porque a menina realmente tomou uma posição, eu falei; “Acionei o pai dela, e conversamos juntos, nada de bater. O pai dela falou: “Mais uma reclamação, eu pego você, não quero você com má companhia!” E ela sabe que o pai dela não é brincadeira. Aí precisei acionar, só conversar não adiantou, ele conversou, mas ele falou a próxima eu te pego, e, quando ele fala assim, ele pega mesmo, e eu ia deixar porque a mãe está avisando você, aí ela obedeceu.

Em todas as escolas que a Monique estudou, inclusive nesta, eu só fui às reuniões; essa é a relação que tenho e tive com as escolas. Não falo que eu vou lá perguntar, não, nunca fui, que nem eu falei para você, se precisar eu vou, se me acionarem, eu vou lá saber o que está se passando, tomar uma posição naquilo que eles colocaram diante de mim. Mas eu nunca fui assim de ficar indo à escola, porque, até um tempo, eu trabalhava e era mais minha mãe que ia, quando eu não ia e tinha reunião, era minha mãe que ia nas reuniões, muitas vezes caía no horário que eu estava trabalhando. Depois que eu parei de trabalhar, sou eu que vou, eu quero saber de tudo da Monique, eu interessei tudo, converso sozinha com a professora, mesmo que ela não fale nada, eu vou lá perguntar: “E a Monique?” Só a única vez que ela deu problema na 7ª série por causa de companhia, nem foi nota nada, ela ficava só batendo papo, conversando, falando, não era companhia de levar para droga, nada disso, más companhia, assim, de ficar bagunceira, de querer bagunçar na classe, ficar conversando na classe, tirando atenção dos outros. Gozado que ela ficava conversando com outro aluno e tirava a atenção, as outras tiravam tudo nota baixa, ela não, ela tirava nota boa, que a Monique o problema dela, ela tirava nota boa, mas ela ficava bagunçando junto com as meninas da bagunça, aquelas lá já estavam prejudicadas, mas a diretora não queria que aquilo com o tempo afetasse a Monique. Mas eu sempre fui nas reuniões, no “Batista Leme” também, desde que começou a chamar lá, desde a primeira reunião, eu vou lá saber dela.

Penso que para o aluno ir bem na escola, a escola e a família têm que se encontrar, têm que conversar nas reuniões, a mãe que está interessada ela quer isso mesmo, ela tem que ter esse relacionamento. Que nem lá, não foi na reunião que aconteceu isto daí, eu fui lá na reunião e não tinha acontecido nada disto; depois aconteceu. Como eu ia saber, ela ia esperar vim o próximo bimestre para depois vim falar isto? Não, assim que aconteceu, me acionaram, me chamaram, acho que tem que ter este relacionamento, tem que comunicar, a gente não está

lá dentro para saber o que está acontecendo; às vezes, a gente está pensando que está indo tudo bem e não está; às vezes está respondendo para o professor, às vezes estão fazendo uma bagunça na classe, e a gente não sabe o que está acontecendo. Tem que avisar mesmo, tem que falar mesmo para os pais, está acontecendo isto, isto com seus filhos. Muitas vezes, eles não vão chegar aqui e falar: “Olha, estou bagunçando na classe, respondendo para o professor”. Eles não vão falar isso para gente, então tem que ter este contato e falar. Pai que realmente é responsável pelo seu filho, que ama seu filho de verdade, ele vai corrigir, ele vai ensinar o que é certo, o que é errado, o que ama não é o que deixa fazer todas as coisas, é aquele que ensina o que é certo.

Se a escola e a família interagirem mais do que elas interagem, seria melhor ainda. Ah! sim, porque aí as pessoas vão lá, elas vão começar a conhecer a escola que o filho estuda, entender mais das coisas, abrir mais a mente para aquilo que está acontecendo dentro da escola, ter um relacionamento maior, uma ligação maior, a pessoa quando ela tem conhecimento. Que nem eu, por exemplo, eu não entendo bem direito do “Batista Leme”, as coisas que acontecem que tem no “Batista”; se a gente tem este relacionamento, a gente vai começar a entender a escola, vai estar por dentro das coisas da escola, o que pode ser feito, o que não pode ser feito, e isto é muito bom, é a mesma coisa a escola vir conhecer a família, como que é essa família, como que é esta ligação do pai e da mãe, porque o comportamento daquele aluno é desta maneira. Eles vão começar a entender porque, às vezes, o aluno está tendo problema por causa da própria família, que não apóia, que há muita discussão, que há revolta do aluno, que há briga. Eu vejo como muito bom isso daí, para saber, porque muitas vezes o aluno está tendo problema e a pessoa acha que é do aluno que é rebelde, não sei o quê, e vai ver é lá, começa da casa isto daí, e ele está trazendo para dentro da escola.

Essa interação, pode ajudar no desenvolvimento escolar do aluno, pois se conhecendo mais, a escola vai conhecer os problemas da casa do aluno e a família vai conhecer os problemas da escola, e assim um vão poder ajudar o outro. Isso contribui para o aluno ir bem na escola.

Eu não costumava participar muitas das festas escolares. Eu não sou muito de festa, não desincentivo quem gosta, mas eu, particularmente, não gosto, nem quando ela era menor, eu não gosto de festa.

Meu conhecimento em Matemática é médio, não vou por pouco, porque no meu tempo, estou tirando pelo meu tempo, né, eu também sempre fui boa aluna de Matemática até onde eu estudei. Então vou falar médio, até onde eu aprendi, eu sabia até bastante.

O motivo de um aluno sempre ir mal em Matemática é uma má companhia, um professor também que não explica direito; eu já peguei um professor que não explicava direito. Matemática é difícil entender. Agora, um professor dedicado, que se dedica, que realmente explica bem a matéria, é mais fácil para você entender, compreender a Matemática. Eu vejo neste ponto, e a má companhia, este é um dos motivos que eu acho maior. A má companhia dentro da sala de aula, que faz bagunça, leva o aluno a não prestar atenção, tira totalmente a atenção, fica naquela: “Eu quero fazer bagunça mesmo, quero chamar atenção, né?” O bagunceiro quer chamar atenção, quer mostrar que é desobediente mesmo, que ele não respeita ninguém, não respeita regra, não respeita lei, é difícil. Um dos motivos também pode ser o relacionamento no lar como que é; às vezes, há bloqueio na mente da criança por causa disso, é muito judiada dentro do lar, não tem apoio, não tem conversa, a mãe e o pai são agressivos demais, bate, xinga, há brigas dentro do lar. Também eu creio que atrapalhe, é um bloqueio na mente da criança: sem apoio, não tem motivação.

Sempre falei de uniforme para Monique, porque, no tempo meu, era uniforme mesmo, eu sempre gostei, quando eu entrei aqui no início da Multibrás, ela não tinha uniforme ainda; depois de um tempo, ela começou a dar uniforme para quem quisesse usar. Aí eu já peguei meu uniforme, eu sempre fui do apoio ao uniforme. Eu acho importante, porque: uma que você não precisa se preocupar, aquilo lá já dá o sinal que você trabalha naquela firma lá, como podia entrar qualquer um lá dentro e como eles iam saber sem uniforme. Está certo que ele podiam também roubar um uniforme e pôr, né, mas é uma referência que você trabalha naquele lugar, que você está naquele lugar, e outra, você não precisa se preocupar, você tem aquela sua roupinha todo dia certinha para você trabalhar, eu sempre gostei de uniforme na escola mesmo, eu sempre achei fica aquela mistura, uma vai com uma cor, outro vai com outra, eu não sou muito de dar apoio para isto. Eu acho que é importante o uniforme, é a característica do aluno o uniforme; agora se eles enganar lá, é porque foi um roubo, sabe que houve um roubo. Agora se você não pôr um uniforme também, como você vai saber quem está entrando quem não está, entra qualquer um, qualquer hora. E quando começaram a exigir a usar uniforme na fábrica, aqueles que não estavam acostumados e não queriam usar, foi uma loucura para aceitar o uniforme. Eu já não, eu sempre aceitei o uniforme, para mim não era problema nenhum; mesmo quando eles não obrigavam, eu fazia por mim mesma, porque eu gosto de usar uniforme, eu acho que está certíssimo pôr uniforme para trabalhar ou para ir à escola, é um padrão para ser respeitado.

O que eu vou falar para você sobre as escolas particulares? Eu não posso falar, eu só posso falar do que eu ouvi, as pessoas falam que é melhor, mas eu nunca pude colocar minha

filha para saber se realmente é melhor. Então, eu não posso falar nada, eu só poderia dar uma opinião realmente se a Monique tivesse estudado uma vez na escola particular, e depois eu não pudesse mais pagar, tirasse ela, daí eu poderia falar para você: “Não, realmente é melhor!” Eu falo o que os outros falam que é melhor; se eu tivesse condição de pagar uma escola particular, eu pagaria, para realmente ver se é melhor; como eu nunca pude, eu não posso falar se é melhor ou não. Se eu tivesse condição, eu tentaria, para saber se realmente é bom. Até agora, o ensino do Estado, está sendo bom para Monique, ela sempre estudou na estadual; agora, eu só faria mesmo para saber, porque falar é uma coisa, na prática é outra; colocaria mesmo para saber se lá é melhor, ela já estudou, daí eu tirei ela, mas lá é melhor. Mas eu vou falar o quê para você? Ela nunca estudou numa particular, eu não posso falar pela opinião dos outros.

A Monique falou, e eu concordo com ela que sempre estive na vida dela. Mesmo quando eu trabalhava, sempre pedia para minha mãe não faltar nas reuniões dela. Eu falava: “Mãe, vai na reunião para mim, eu não posso ir”. Porque, quando eu estava aqui na Brastemp, o horário mudava; quando eu estava de manhã, eu podia ir, daí eu ia; mas, por exemplo, quando eu estava no horário da tarde e a reunião era à tarde, eu não podia ir. Quando chegava o caderninho dela, eu sempre fui caprichosa com meus cadernos, então eu ensinava a Monique a ser caprichosa com o dela. Sempre falo: “Faz letra bonita, não deixa ficar criando orelha no seu caderno”. Eu encapava os cadernos dela. Tudo isso daí a Monique foi vendo, muitas vezes, eu ajudava ela a fazer os desenhos, ela a pintar, e até hoje: “Mãe, a senhora me ajuda a fazer esta lição? A senhora copia, que eu tenho um monte de trabalho para fazer? A senhora faz este para mim? Eu tenho outros trabalhos para fazer!” “Copio, aonde tem que fazer, filha?” Ela fala que minha letra é parecida com a dela, mas, mesmo que não for, eu estou ajudando, não é uma coisa que eu estou fazendo para ela, eu só falo, a resposta você põe, “Não, mãe, é só para copiar a questão para mim!” E ela sempre viu isto daí, mesmo eu trabalhando, o tempo que eu estava em casa, eu estava sempre ajudando ela. “Mãe, a senhora encapa meus cadernos para mim?” “Da aí, filha”. Nunca falei não. Agora ela sabe encapar os cadernos, mas, quando ela era pequena, não sabia, fazia desenho no caderno dela. Sempre perguntando o relacionamento dela com as colegas, como que era com os professores, se ela tinha professora que ela gostava ou se ela tinha professor que ela não gostava. E se ela falava: “Aí, este professor eu não gosto, mãe”, eu falava: “Então aprenda a gostar, aprenda a ter amizade, você vai ver, gostando, você aprendendo a gostar dela, você vai ver como fica mais fácil para você. Não deixa esta coisa aí, eu não gosto, e pegar birra num professor”. Aí ela sempre deu atenção naquilo que eu falei para ela, e ela punha em prática, ela falava: “É

verdade, ele mudou totalmente o relacionamento comigo. “Então, se você ficar com aquele ódio, aquela coisa, aí o professor pega birra de você, fica aquela coisa desagradável.

Acredito que a Monique não se sentiu prejudicada na escola pelo fato de os pais serem separados. No início, eu até me preocupei. Ela estava no Sesi aquela época, quando a gente separou, estava com 7 anos mais ou menos, e daí não tinha como eu levar ela lá, porque eu estava trabalhando, para ir buscar, quando ele estava aí, ele ia buscar de carro, trazia ela. Depois que ele saiu, eu precisei tirar ela de lá, tirei, passei ela para cá, mesmo assim, a mesma nota que ela era boa lá, ela continuou sendo aqui, eu nunca vi assim a Monique triste, chorando por causa do pai dela, não. Sabe, ela acostumou logo com a situação, ela não deu problema para mim, eu realmente pensei que ela ia dar este problema mas não deu, não.

Eu sempre incentivo o estudo dela, muitas vezes eu não estou nem na condição de fazer aquilo para ela, eu me aperto para fazer aquilo que ela quer estudar, aquilo que ela precisa no exato momento de material. Às vezes: “Ai, mãe, tenho que comprar este material”. A mãe aperta daqui, aperta dali; se eu não tenho, eu vou emprestar para alguém, eu converso com o pai dela: “Você tem para me arrumar depois eu acerto com você”. No possível para dar condição de ajudar minha filha estudar, se ela quer, eu faço o possível e até o impossível; não tem naquele momento, eu vou lá fazer, vou emprestar, vou fazer alguma coisa para suprir aquela necessidade dela, para o estudo dela, para aquilo que ela esta precisando para escola.

A Monique é uma aluna que está acostumada a sempre tirar aquele PS; então, quando vem S, o que veio semestre passado, veio umas 4 nota S, ela já achou que foi por causa das faltas. Eu falei para ela: “Não está certo, né, filha, você tem que conversar com a sua colega, você tem que falar para ela, ou ela acerta direito isso daí, ou você vai ter que ir embora sozinha, você não pode ficar perdendo aula”. O pai dela estava até aqui aquele dia, e ele também falou para ela conversar com a sua amiga, ou ela toma uma posição, porque você não pode ficar perdendo aula por causa dela. Até que a Ariane tomou uma posição, graças a Deus, e agora estão indo, agora não está perdendo mais aula, não, e, sempre quando falta, ela avisa para mim: “Mãe, hoje eu não vou na escola”. “Por quê?” “Por causa disso, disso, posso não ir?” “Se é por causa disso, não vá”. Sabe, eu sempre apóio ela, eu não sou daquela mãe que ela precisa ficar escondendo as coisas de mim; não, ela tem em mim uma amiga, que ela pode contar e confiar em mim a qualquer hora e qualquer momento que ela precisar, tanto nos erros dela, quanto está fazendo tudo certo. Não sou daquelas mãe que apóia quando está fazendo tudo certo e quando está errado já cai em cima. Senta aqui, vamos conversar: “Por que estas faltas assim? Então você conversa com a Ariane, porque, senão, eu vou falar para ela que você não vai mais passar na casa dela e você vai direto para a escola”. Aí ela tomou uma

posição direitinho e, pronto, solucionou o problema, então tudo bem, senão ela ia na escola sem passar na casa da amiga.

O pai da Monique também se preocupa com a escola dela. Que nem, uma reunião que eu não pude ir porque eu tinha compromisso, ele foi à reunião, quer dizer ele só não vai porque eu vou, mas, se eu não posso ir, eu conto com ele e ele vai. Qualquer hora que eu acionar ele em relação à Monique, ele está interessado na filha dele, não é um pai que não está nem aí para o estudo da Monique, não. Chega aqui, eu mostro o boletim, eu falo: “Deixa aqui para o pai ver o boletim, o pai vai ver, vai examinar”. Que nem, aquele dia, pelo boletim, ele viu a falta dela ali e ele perguntou por que todas aquelas faltas. Aí ela falou por causa da menina; aí, ele já falou: “Conversa com a sua coleguinha”. Ele tem uma cabeça muito boa nesta parte, ele falou: “Conversa com ela; se ela não tomar uma solução dela estar se atrasando toda hora, você faz que nem sua mãe falou, você vai direto”. Ele está sempre preocupado: “Ô, como que foi? Está tudo bem lá na escola?” Ele está sempre aqui, ele sempre pergunta, ele vem sempre aqui, ele conversa, ele fala: “Olha, espera o pai se aposentar, ele vai fazer mais coisas por você”. Ele também quer fazer, porque ele vê o interesse dela em estudar, ele acha gratificante, ele gosta, ele sente um pai realizado de ver a filha gostar de estudar, ele fala sempre para a Monique. “Poxa, filha, você não dá um problema para o pai em relação ao estudo, a não ser aquela época só. Você é uma menina e tanto!” Ele tem um carinho muito grande pela filha dele, graças a Deus, ela não dá problema mesmo, a Monique é uma pessoa que realmente, o que eu vou falar é gostoso falar dela, é muito bom falar da minha filha, é uma menina caseira, não gosta de sair, não gosta de bagunça, só vai mais na igreja com a gente, não que a gente obriga ela ficar, ela que gosta. Aqui ela está sempre fazendo alguma coisa, quando ela não está me ajudando, ela está aí estudando no teclado dela, ou as coisas da escola, ou então está ouvindo música. As amigas vêm buscar ela: “Vamos a tal lugar?” Ela fala que não.

Ah, eu quero muito que a Monique faça uma faculdade. Sempre peço para Deus, para dar uma condição, que o pai dela venha a se aposentar, para eu poder pôr minha filha na faculdade, é muito importante por causa do estudo, né, quanto mais você estudar, porque estão exigindo. Logo, logo, a faculdade vai ser uma exigência no trabalho, sem contar que a mente dela vai ser muito mais aberta para as coisas, não vai ficar uma pessoa tímida, uma pessoa tapada, uma pessoa que tem medo de tudo, que não sabe nada, que não consegue nada, não. Eu quero, sim; se eu tiver esta condição, e com certeza eu creio que Deus vai me dar, porque é bom para a Monique, eu sei que Ele vai dar, e eu vou poder pôr ela, só se ela não quiser. Eu vou respeitar, é uma coisa que almejo para ela, mas não que eu obrigo ela a fazer,

almejar é uma coisa, obrigar ela a fazer não, eu vou respeitar a vontade dela, porque não adianta eu querer que ela vá, se ela não quiser fazer.

E, da mesma forma que dou importância para a faculdade eu dou para a escola. É uma continuidade, eu estou incentivando ela a estudar o todo tempo, em todo momento, tanto que eu estou incentivando a cabeça dela, desde já, que ela precisa fazer uma faculdade. Por mim, ela tem este apoio, agora só ela não quiser, e a condição também não der. O pai dela, nesta parte, também respeita a vontade da Monique, se ela quiser. Tudo que é obrigado não é bom, tem que fazer uma coisa que ela vai gostar, e também não exijo: “Você tem que ser médica, você tem que ser isso”. Ela vai ser o que ela quiser. Acho que é, por isso, que ela fala que tem a mãe presente, que ela vai bem na escola, porque tudo o que a gente faz, a gente não obriga ela a fazer, a gente conscientiza que precisa ser feito, porque precisa ser feito, porque é necessário, a gente abre a mente dela para isso, abre o entendimento dela para isso. Mas não que nós obrigamos ela, a gente fala as experiências da vida da gente como que foi, né, porque sempre a gente está conversando e tem um relacionamento muito bom. Eu creio que isto é uma ajuda para a Monique na escola, porque eu não tive tanto este relacionamento com a minha mãe e com meu pai, não tive, eu tive muita dificuldade para estudar, muitos bloqueios na minha vida, até porque meu pai e minha mãe não se relacionavam bem, havia muita briga, muita contenda dentro de casa, foi um período muito difícil, eu tinha um trauma que eu precisei até fazer um tratamento, porque eu fiquei muito bloqueada. Eu sempre conto isso para a Monique, sempre converso muito com a Monique. Eu tinha 10 anos, né, e meu pai era violento demais, ele batia na minha mãe; então, aquilo afetou, deu um bloqueio na minha mente, eu acabava sendo uma criança violenta também e ao mesmo tempo sensível, os nervos meu atava tudo, porque eu tinha problema de nervoso. Eu explico sempre isto para a Monique; por isso que eu tenho um relacionamento bom com o pai dela, mesmo que a gente separou, a gente é amigo, em benefício da nossa filha, porque eu sei o que eu sofri do meu pai e da minha mãe não terem um relacionamento bom, prejudica mesmo. Depois que eu fiquei maior, daí eu comecei a melhorar na escola, eu era uma das primeiras da classe, depois da 7ª, 8ª série, eu comecei a melhorar. Por isso que eu falo: uma família desestruturada, onde há violência, contenda, onde um agride o outro, dá problema com a criança, a criança fica muito nervosa, é uma criança muito agitada, é uma criança que chora à toa. Eu era muito carente, não tinha carinho do meu pai nem da minha mãe, só viviam brigando. Então tudo o que aconteceu para mim eu não queria para minha filha, então aquilo que aconteceu eu tento passar tudo diferente, dar muito amor, dar muita atenção, dar muito carinho. Por isso que a Monique é assim.

Eu costumava ajudar a Monique, na 1ª e 2ª série, a fazer as continhas de mais e menos. Como eu falei para você, tudo o que eu não tive eu quis fazer para a minha filha. Eu não tinha esse apoio de poder chegar para minha mãe e para o meu pai e falar: “Me ensina a fazer esta conta?” Eu não tinha isso, então eu queria fazer para a minha filha. Então o que eu aprendi, assim, aonde eu tinha dificuldade, na conta de dividir, na conta de multiplicar, de menos, de mais, o jeito que eu aprendi com as outras pessoas, um jeito mais fácil, então eu passava para a Monique: “Olha, este jeito que você está fazendo é mais difícil; faz deste jeitinho aqui, vê se você consegue fazer deste jeito, este jeitinho que ensinaram para a mãe foi mais fácil para a mãe aprender”. Então eu passava para ela”. Ai, mãe, realmente é mais fácil deste jeito”. Eu falava: “É, então, eu também tinha o mesmo problema que você, mas, quando me ensinaram deste jeito, a mãe aprendeu”. Então ela gostava desta maneira de eu ensinar ela, ela aprendeu fácil por causa disto, eu passei aquilo que me ensinaram para a Monique. Em todo momento que ela precisava de mim, ela sempre me encontrou.

Fiquei preocupada quando ela quis estudar à noite, porque ela nunca tinha estudado neste período, então é uma coisa assim, quando vai mudar, a gente fica meio apreensiva, estudar à noite, a gente tem ela como pequeninha, aquela coisa, a gente não deu ainda que o filho da gente já não é mais criança, é um adolescente. Então dá aquele medo na hora, mas tanto que eu não proibi e fui junto fazer a matrícula; na hora, apesar do meu coração estar apertado, chegou na hora deu vontade de falar: “Ah!, não, ela não vai estudar à noite”. Mas, como ela queria entrar na guarda-mirim, era necessário ela estudar à noite, como eu apoiei ela entrar na guarda-mirim, tinha que apoiar ela, mesmo que meu coração dissesse não. E depois, com o tempo, a gente viu que não era nada disso, eu achava perigoso, porque a gente ouve as pessoas falarem muito, dava aquele receio; eu tinha medo do trajeto, dela estar chegando aqui 23:10, 23:15, aqui este pedaço é meio morto, eu tenho medo do trajeto, minha preocupação era com o trajeto. Agora eu acostumei, vi que não é nada daquilo que as pessoas falam.

Nas reuniões escolares, eu nunca fico elogiando minha filha sem eles pergunta; se eles começam a elogiar, eu falo: “É, realmente”. Para ela, eu chego e falo: “Olha, o professor falou isso de você. Se eles reclamaram, eu falo: “Olha, reclamaram”. Eles falam que ela fala muito, eu falo: “Olha, diminui, fala menos, filha, não atrapalha, tenta não falar à hora que eles estão ensinando; a hora que eles dão a liberdade para conversar, você conversa, a hora que não é hora de conversar, você respeite, filha”.

A Monique já falou para mim que está tendo dificuldade de Física e Química. Eu me preocupo, só que eu não tenho conhecimento de Física para ensinar minha filha, só que eu falo para ela tentar conversar com o professor onde você não esta conseguindo entender: “Vai

lá, conversa com ele onde você não está conseguindo entender, filha, porque, ficando você e o professor ali, fica mais fácil, às vezes ele explica novamente e você consegue”. Agora, se ela realmente ver que não consegue, eu vou ter que arrumar alguém que possa explicar para ela melhor, alguém que entenda, nem que seja para eu pagar uma aula particular para ela entender essa matéria. Por enquanto, eu estou vendo se ela vai conseguir.

Esta matéria tem uma aula por semana, é pouco, né? Mas, eu não sei dizer se uma aula é, ou não, suficiente para aprender. Aí precisava perguntar para a Monique qual é a dificuldade dela; às vezes é suficiente, às vezes não, depende do que é que ela está tendo o problema, por que ela não está conseguindo entender. É uma pergunta para o aluno mesmo, porque o aluno que está ali, ele que vai saber a dificuldade, se é pouca aula, eu creio que deve ser pouca aula, porque uma só, e é uma matéria que eu não estudei, e pelo que eu vejo ali não é fácil. Química e Física não é fácil, eu acho que é muito pouco mesmo, se ela não conseguir, eu vou tentar pegar alguém, porque eu não tenho para ensinar. Mas eu vou atrás de alguém que entenda bem, tem uma conhecida que veio aqui quando ela quis entrar no “Baie”, veio dar umas aulas particulares para ela, eu vou acionar ela novamente. O pai dela nunca ajudou nessas dificuldades, porque ele estudou muito pouco também, ele não sabe, ele pode ajudar assim, se precisar pagar alguém.

A Monique diz que gostaria de ser professora de Matemática. Para mim, o que ela quiser está bom, uma hora ela quer ser professora de Matemática, outra hora ela quer ser médica. Eu falei para ela: “Uma hora você tem que decidir, você está nova ainda”; ela não está sabendo o que ela quer, uma hora é uma coisa, outra hora ela muda, mas o que ela quiser eu vou apoiar, eu não exijo que ela faça uma faculdade, mas eu almejo para ela, eu não obrigo ela a fazer o que a gente quer, é o que ela quer.

2.5 Maria - Mãe da Graciella

Eu tenho até vergonha de falar, eu nunca fui na escola; onde eu morava, aquela época, não tinha escola, no Ceará, não tinha escola, eu não fui não, mas eu sei, graças a Deus, eu sei um pouquinho, eu sei fazer o meu nome, eu sei marcar, assim, as coisas, eu sei ler, sei escrever um pouquinho, eu aprendi sozinha mesmo, eu aprendi, assim, pela leitura da Bíblia: eu fui lendo a Bíblia, aí eu fui aprendendo, fui desenvolvendo. Eu vim para cá, eu tinha parece que era 26 anos, parece que era, eu não me lembro não; aí eu cheguei aqui, no lugar de eu ter ido estudar, eu fui trabalhar e não tinha escola à noite, aquela época não tinha mesmo, né, há 30 anos atrás, sei lá eu. Então eu fui trabalhar, trabalhei em fazenda, trabalhei lá. Meu marido

teve um pouquinho de estudo porque ele é daqui mesmo; ele era de Urupês, em São Paulo, aí depois ele mudou para Santa Fé do Sul, ele aprendeu um pouquinho, só que ele era o mais velho e o pai dele não deixava estudar para trabalhar, para criar os outros filhos na roça, e os outros todos eles têm bom estudo, e ele tem só a 4ª série. Eu também trabalhei de roça, lá no Ceará eu trabalhava.

Eu tenho a Graciella e a Célia de Fátima, e meu marido tem um filho aí por fora, e ele dá pensão para este filho.

Eu, direto aqui no pé todo tempo para elas estudar. O que eu não tive eu quero para elas, eu incentivo: “Minhas filhas, vocês estudem direitinho, para ter um futuro melhor; na Matemática, vocês não fica brincando na escola, vocês respeita as pessoas, tem que respeitar para poder receber o respeito, vocês fica quieta, vocês não fica se exibindo pelas escolas, não é, não fica pirraçando ninguém, arrumando briga”. Essa lição eu já dou a elas de casa. “Quando você vê uma turminha de gente que você vê que não é boa coiseiras, não vá com ele, porque, se tiver uma bacia de batata boa, se tiver uma podre, estraga as outras”. Aí eu incentivo: “Se você vê alguma menina, algum menino que fuma droga, para ela é ‘oi’ e pronto, nada mais não, porque, se você arrumar amizade com certas pessoas assim, o que você vai prender, vai entrar na deles, se a pessoa tiver a cabeça fraca entra na deles. Entra ou não entra?” E eu vou aconselhando elas, eu vou à escola, eu ia no “Zita” quando elas estudavam no “Zita”, eu ia no “Sebastião”, eu vou no “Batista”. Elas não querem que eu vá, essas mocinhas de hoje não querem que o pai segue, mas eu vou escondida, sem elas verem, eu sigo. Reunião mesmo eu só fui uma lá, teve duas já, mas só que eu não fui, uma eu estava doente, eu fui só uma, mas aí sempre eu estou por lá vigiando. Eu vou olhar com quem elas estão, o que está fazendo as companhias, eu não vou falar nada, não vou brigar com ninguém, eu fico na minha. Eu olho do portão, ou eu vou num lado do portão, ou eu vou para outro. Às vezes, sigo elas no caminho, se não vai com outras companhias diferentes. Com as professoras lá, eu não tive conversa, porque a reunião, que eu fui lá, olha a reunião que eu fui lá não demorou, se demorou 15 minutos, demorou muito, foi poucos minutos não deu para eu conversar nada. Porque não sei, foi rápido a reunião, a professora falou, foi a 1ª reunião que teve, quando começou a aula. Ela falou quem quiser embora pode ir porque já o que tinha que falar já falou. Falou que o “Batista” era uma escola boa que incentivava muito, e tal, como sempre as professoras falam. Eu faço assim: Se a escola me chamar, eu vou, se vier um bilhete tem que ir, né, eu sempre ia no “Zita”, no “Sebastião”, eu perguntava como vai elas, na Matemática, na nota da escola, me parece que eu perguntei para a professora do “Batista” como que a Graciella ia, a Graciella não tem problema, ela vai bem.

Ah! eu pergunto para Graciella como ela está na escol. De primeiro, ela me mostrava as notas: “Mãe, eu tirei A, eu tirei B, mãe eu tirei C”. De primeiro, eu ajudava elas quando estava no começo, ajudava elas a recortar o jornal para colar, eu ajudava elas a procurar as palavras, eu sei, só aí que eu podia ajudar, na Matemática eu não posso, porque eu não sei. Quando elas tinham dúvida, aí era com o pai. O pai delas é meio bom na Matemática, ele ajuda elas. Agora elas já estão adiantadas, acho que ele nem acompanha mais os estudos dela, mas, no começo, ele ajudava.

Mas eu pego os boletins delas todos os anos, e vem nota boa, é A, é B. Se a nota não é muito boa eu falo: “Ué, filha, não deu para ser assim, fazer o quê, a única coisa que eu posso fazer para vocês é rezar, pedir a Deus que ajude na inteligência”. Agora, se a nota for boa, eu falo assim para elas: “Minha filha, dê graças a Deus, agradeça a Deus”. Elas sempre trouxeram nota boa, eu nunca exijo, até hoje elas nunca deram problema na escola. Eu agora estou com mais cuidado, porque você está vendo o que está acontecendo no mundo, chega já matando, chega e já mata assim a sangue frio. Isto que eu estou com medo nas escolas, isso aí eu ando com medo, por isso que eu sempre estou nas escolas, olhando, eu vou até olhar, tem vez que eu vou sozinha no “Batista” e venho de noite só, e eu não tenho medo, não.

Eu sei que a Graciella gosta muito de fazer desenho, ela fala assim para mim: “Oh!, mãe, eu queria tanto ser uma arquiteta”. (ela ri) Arquiteta! Arquiteto é quem desenha prédio, né, estas coisas, (ela ri), eu acho que poderia ser bom. “Mas, minha filha, como você vai ser, eu não posso pagar?” Aí tem que ter grana para pagar o curso, estas coisas, mas ela tem vontade, ela sempre fala.

Opa, em casa, eu pegava no pé direto para elas estudar, eu falava: “Só vai faltar na escola por doença, senão, não!” Inté mesmo agora, tem dias que elas falam assim: “Mãe, deixa eu faltar hoje que nunca faltei?” “Não, você não está doente se tiver falta, aí se tiver doente tem que ir no médico, porque atestado o médico não dá para escola, eles já falaram isto para mim”. Sempre, sempre mandei elas irem estudarem.

Quando elas tinham dúvida na Matemática, eu falava assim: “Zé, ajuda elas, Zé, que eu não sei, você que tem que ajudar”. Aí ele ajudava.

Acho importante os pais participarem das reuniões escolares. Importante para saber de tudo o que acontece dentro da escola, não é só das notas como de tudo, a violência, tudo isso, porque você está vendo como está o mundo, né? É importante para prevenir, sempre falo para elas: “Minha filha, cuidado para não se envolver com pessoas que fuma droga, tenha amizade com outras pessoas da escola, mas não me vá arrumar amizade com pessoas lá do outro bairro, daonde você não conhece mocinho, vai que você arruma, pega aí uma pessoa drogada,

e aí como é que sua vida vai terminar, vai terminar mal, né, tanto a sua vida como a minha e a do seu pai”. Sempre eu incentivo elas, e não me arrume amizade com pessoas de outros bairros, assim, para ter contato, pelo amor de Deus, na escola você está conhecendo, mas lá fora você não sabe quem é a pessoa.

É importante conversar com o professor, saber da nota, saber como o filho vai, tem que falar com o professor mesmo, porque tem crianças que, às vezes, fala uma coisa para o pai e para a mãe, e, às vezes, aquilo não é certeza, você sabe que a juventude hoje está enganando muito o pai e mãe. Então, a gente tem que se dirigir à direção da escola e perguntar como que vai e como que não vai; às vezes, ele pode estar mentindo, falando que está fazendo isto e não está fazendo coisa nenhuma, né? Tem que ver se está indo à escola, se está chegando lá. Tem muitas crianças por aí, que o pai mais a mãe pensa que está na escola e, quando vai atrás, não está coisa nenhuma, nem na escola vai. Elas não gostam não que eu vá atrás delas, mas eu vou escondido, eu vou sem ela perceber.

Eu falo para o meu marido, quando tinha reunião e eu costurava: “José, vai para a reunião da menina, precisa”. “Ah, muié, mais não precisa estar lá em reunião”. Ele mesmo não vai, nunca participou, eu que vou, eu falava para ele: “Oê que precisa, oê que tem leitura, eu não tenho leitura nenhuma. “Ah, mas não precisa!” Eu falava: “ Pois eu vou”. Ele fala assim: “Ah, muié, fala a mesma coisa. “Nem que fale a mesma coisa, mas tem que estar lá”. Eu acho que tem que ir lá, para conversar, ver como que vai o estudo do filho, ver como que está o comportamento dele na escola, né, porque quem pode saber o comportamento lá dentro é as professoras, o pai e a mãe está em casa, vai saber, o que o filho está fazendo dentro da escola, não vai, né? E eu ainda falo assim para as professoras: “Oi, se minha filhas tiver aí numa coisa errada, a senhora pode chegar até a mim e falar, não guarda nada para amanhã, não, pode contar. Se vê que ela está fora de sério, pode pôr ela até na lei; se a senhora ver que ela está indo numa turminha, a senhora pode chamar a atenção dela e pôr ela no lugar dela, onde é para ela ficar. Não vou ficar com raiva da senhora por isso”. Estes dias mesmo eu fui no “Zita” e falei, porque a minha menina, eu cheguei lá, eu fui levar o lixo da reciclagem que eu levo lá, né, aí fica uma rodinhas lá onde fica os moleques jogando futebol e as meninas mais perto do portão escondido perto da diretoria, mas mais afastado, e para lá e mais, como se diz, vista limpa, dá para ver mais bem. Aí eu fui lá: “Minha filha, mas o que você faz aí, porque você não vai para ali, onde está todo mundo vendo. Ela estava mais algumas coleguinha: “Minhas filhas, vão para lá, lugar das meninas mulher é ali, e aqui é lugar dos meninos homem”. Aí eu conversei com a moça que toma conta das crianças, a supervisora de aluno: “Olha, se a senhora vê a minha menina aí para estes lado, a senhora tira e põe para lá, pode

tirar por minha ordem, é ordem minha, não vou achar ruim com isso, a senhora pode pôr para lá. Porque depois que cai na gandaia aí não tem mais jeito, só Aquele lá de cima”.

A minha opinião, sobre a escola e a família interagir mais, é que: quando a professora, ela não põe trabalho junto para fazer, aluno com aluno, eu não sei se tem homem junto com criança feminina; então, o que eu acho que, quando põe assim, tem que cada um nas casas da família e conhecer quem é aquelas famílias, se aquelas famílias são boas coisas. Eu acho que, quando a professora faz grupinhos de trabalho, tem que conhecer as famílias, por causa do mundo, destas coisas, esta droga, esta prostituição, tudo isso que está atingindo, não é verdade? Não é a professora que tem que conhecer as famílias, é a gente, os pais ir conhecer uns dos outros, não é as professoras, isto aí não é parte delas, a gente, os pais, sim, deve conhecer quem é aquela família. Quando os amigos são aqui de perto, eu tenho esse costume de conhecer.

Aqui no “Zita”, eu sempre ia nas festas da escola, meu marido não é muito de ir, eu vou, gosto de participar.

Essa interação da família com a escola, pode ajudar no desenvolvimento do estudo, pode, ajudar, assim vamos supor, num erro cair numa droga, numa coisa assim mais perigosa, tanto no estudo quanto na vida pessoal.

De Matemática quase eu não conheço nada, mas eu sei mexer com dinheiro; na escola, eu nunca aprendi. Agora, meu marido sabe.

Um motivo, eu acho, para o aluno ir mal na escola, se não tem problema na cabeça, acho que é falta de interesse dele, do pai, da mãe, de chegar lá, conversar com ele, com as professoras. Deve ser isso aí, se não tem problema na cabeça, porque, se uma pessoa tem problema na cabeça, como que vai conseguir aprender?

Se o aluno tem dificuldade, o apoio da família pode ajudar ele a enfrentar essa situação de problema. O pai e mãe têm que estar de cima do filho, a professora esta lá para ensinar, não é, mas ela não vai dar a disciplina de casa, a disciplina de casa quem dá é o pai e a mãe, não a cacetada e a paulada, mas conversar e levar a sério. A professora não vai pegar e filha a bater não, ela não vai espancar um filho para ele ler, obrigar; não, isso quem tem que reagir é pai e mãe.

O aluno tem que ir de uniforme, sabe por quê? Porque, se eles não estão de uniforme, se uma pessoa vê eles em outra parte, nem que eles não estejam na parte errada, vão falar este fulano está fazendo coisa errada, ele não está de uniforme, e em outros pontos, no caso de chegar uma cosia ruim para eles, se ele está uniformizado, a polícia já conhece, né, é aluno. E se não está? Se acontecer algum acidente, é importante para identificar.

O “Batista”, eu acho importante que eles não deixa os alunos para fora, você não vê que é tudo cercado lá o pátio; eles fecham o portão, é tudo lá dentro; no intervalo eles fecham todos os portões, é tanto que você vai lá e você não pode entrar lá, que os portões está tudo fechado, você tem que ficar no lado de fora. Se você entra no Batista, é pela frente, pela secretaria; lá não tem como você entrar pelos fundos, está tudo fechado, é importante mais uma segurança né?

Ai, meu bem, eu não sei, o que eu vou das escolas particulares: eu acho que isso daí vai do aluno, acho que a pessoa, quando quer ser gente, tanto faz na escola paga como na escola que não é paga. Onde estudar não importa, porque tem tantos pais que põem os filhos em escola boa, paga, e os filhos não está nem aí para o estudo. A escola estadual está boa; agora, se eu pudesse, no caso assim, se ela fosse fazer uma enfermagem, assim curso de enfermeira, aí, eu acho bom.

O apoio que eu dava para a Graciella? Eu falava: “Filha, tem que estudar, filha tem que ser alguma pessoa na vida, eu não fui, eu não estudei, sou que nem uma pessoa cega, não sei nada. Você tem que estudar, para algum dia você ser uma pessoa boa na vida”. E, de primeiro, quando ela era criança, ela chorava de manhã para não ir à escola. Eu dizia: “Não, filha, você tem que ir”. Teve uns tempos aí que ela começou, ela não queria ir, eu falava: “Não, você vai, você não está doente”. Vai saber se não era o problema dela, né? Eu incentivava ela a ir, eu levava à força.

Eu ajudava a Graciella na recortação de jornal, né, nestas cosias, né, porque eu não tenho estudo. Matemática eu não sei de nada, o pai dela que ajudava na Matemática. E recortar o jornal eu sabia, ler, tudo.

A minha filha Graciella, sempre foi uma menina inteligente, ela tem este problema de doença, mas ela tem inteligência; a outra não era muito inteligente não, a mais nova. Ela não entendia nem hora de relógio, eu que expliquei a ela: “Fia, a hora do relógio é assim, assim”. Aí que ela foi pegando, pegando, aí que ela foi aprendendo, a Graciella, sempre ela teve facilidade.

Quando ela tinha alguma dificuldade, eu falava assim: “Ô, fia, a mãe não sabe disso aí não, eu nem entendo, pergunte para alguma pessoa, colega seu que estude junto, pessoas que sabem mais, porque eu não sei isso”. Agora, eu não lembro se ela perguntava para alguém, né, ela sempre se virou sozinha, ela é inteligente.

Os pais têm que ajudar; mesmo quando ela estava no prezinho, a gente ajudava ela. Eu olhava os trabalhinho dela, tem vez que tinha que recortar coisinha para fazer, né, eu ajudava. É importante ajudar, o aluno fica com mais interesse, ele interessa.

Acho que os alunos sempre precisam da ajuda dos pais, se os pais souberem. Agora, ela, no caso dela não está mais precisando porque a gente não sabe mais acompanhar ela, nem eu nem meu marido. O estudo que ela já está, eu não sei mais para onde vai. Eu gostaria de ter estudado, mas fazer o quê, eu não tenho estudo, tenho que se conformar.

Mas eu sempre fui falar com os professores quando elas tinha alguma dificuldade. E elas davam umas broncas em mim, ah! eu perguntava para as professoras: “Olha, a Graciella está indo bem na escola, o que ela está tirando, como que ela está indo?” “A professora falava: “Não, a Graciella sempre é uma menina boa na Matemática, na Educação Física, na Artística, no Português, tudo, no comportamento, na higiene. Isso aí eu nunca tive reclamação das minhas filhas não, graças a Deus.

Ah! Um tempo, ela não ia muito bem na Matemática. Eu perguntei para a professora, ela estava no “Sebastião” ainda, a professora falou: “Ah! Tem que os pais ajudar”. Eu falei: “Eu não sei de nada, é meu marido”. Aí que eu dei de cima dele, digo: “Olha, você vai ter que ajudar a menina, tal, tal”. Era no começo da escola.

A Graciella falava para mim: “Mãe, eu não isso”. Pois o seu pai vai lhe ensinar, ele que sabe, eu não sei de nada”. Eu dava de cima dele, eu falava: “Zé, tem que ensinar sua filha”. Aí ele ia lá para o sofá e aí ele ensinava. Elas têm um problema que elas não querem escrever na mesa, querem escrever assim, em cima de cama, no sofá. Eu falo: “Minha filha, a gente tem que escrever apoiado no lugar certo, na mesa, como que você vai conseguir escrever em cima da cama, fia? Tem que sentar”. Mas, eu sempre pego no pé dele, porque ele é assim meio quietão.

Uma vez, a Graciella, veio com uma história que queria parar de estudar. Eu falei que não, eu falei: “Minha filha, enquanto a mãe for viva você tem que estudar, você não precisa trabalhar, você não está comendo, está vestindo, está calçando, ou bom ou ruim?” Porque eu trabalhava, comprava roupa e nunca faltou nada para elas, eu começava a costurar das cinco da manhã, tinha dia que ia até as dez da noite. Não deixei ela parar de estudar foi quando ela estava no “Zita”, ela já falava isso. Eu falava: “Você não vai parar de jeito nenhum”. Ela estava com uma história de entrar na guardinha e parar de estudar. Eu falei: “Não, você não está passando fome, ou bom ou ruim você está comendo”.

Quero que ela estude desse jeito, porque eu quero o futuro dela, eu já estou velha, para mim não tem quase mais futuro, né, ela ainda nova, né, se Deus quiser ela se recupera dessa operação.

Quando ela fala que agradece nossa confiança nela, eu acho que ela quer dizer, porque nós sempre queremos que ela estude, eu sempre ando olhando ela para ela não cair no pior,

porque, se cai na fossa, é difícil de sair, elas são umas mocinhas que não anda saindo à noite, ainda não tem namorado, graças a Deus, não tem nada com isso, acho que é a preocupação que temos com ela.

A família deve aconselhar: “Minha filha, não vai arrumar namoro nova, porque isto atrapalha o estudo”. Você vê menina de 10 anos aí grávida, isto atrapalha, acaba a vida, acaba o estudo, né? “Filha, você pára um pouco e pensa: não vai fazer isso não, porque foi a psicóloga que passou para mim”. Ela falou: “Olha, a senhora tem que acompanhar sua filha até 20 anos”. Porque está muito difícil hoje a juventude.

A Graciella quer esta história de rock, por isso se veste toda de preto. Eu não gosto, coisa que eu não gosto, já falei para ela: “Filha, você vai acabar esta roupa aí”. Foi quando ela entrou lá no “Batista” que ela inventou esta história de rock, roupa de rock, eu não gosto desta roupa aí. Eu não brigo com ela, mas eu estou quase acabando com esta moda dela, eu não gosto.

2.6 Raimundo - Pai da Ketilin

Eu fiz até o colegial e ainda pretendo fazer alguma coisa; é que, na época que eu estudava, era muita difícil. Há uns anos atrás terminei, agora, ainda quero ver se eu faço uma faculdade, um curso técnico. Antes, eu fiz de 1ª a 7ª série aí no “Irineu Penteadó”; eu fiz da 7ª série até o 1º colegial. Aí, depois parei, pois no horário de revezamento e não deu para continuar; aí, agora, estes anos atrás que eu terminei o colegial. Eu pretendo fazer técnico em Mecânica, porque eu gosto, é uma coisa que está em mim, medição, peças, manutenção. Minha esposa, a paixão dela é música, até nós tivemos várias propostas de montar escola de música junto com outras pessoas, mas o sonho nosso é montar um conservatório, mas montando com outras pessoas a gente não obtém o lucro que obtém sozinho. Eu toco o trombone, o meu filho toca o violino, até eu quero ver se eu coloco ele na aula de música, para ver se ele aprende mais, quero colocar ele fora daqui, em Tatuí. Minha esposa fez até a 5ª série, ela parou porque ela morava no Paraná e aquela época era muito difícil, entendeu? Falo que naquela época era muito difícil, porque, veja bem, hoje tem escola para tudo lado, perto. Pelo que ela me falou, elas moravam na fazenda e tinha que ir a pé, ou tomar conduções, porque hoje, aqui, eu vejo assim: praticamente não estuda quem não quer, principalmente os filhos, né? O que eu passei de dificuldade eu não quero que eles passem, que eu falo até para minha filha eu prefiro que ela não trabalhe e estude, para amanhã, depois que ele casar, ela usar aquilo que ela estudou, porque hoje um só trabalhando é difícil, a não ser que ganhe

muito bem, entendeu? Mas e outra, pode ser que não, que não vá viver bem, mas hoje casa e pode ser que amanhã não dar certo; então, cada um por si, ela faz o dela ele faz o dele e acabou. Ela tem que ter isso daí; hoje em dia, a gente não pode falar não vai acontecer isso com minha filha, ninguém tem uma estrela na testa, a gente quer o bem, o pai quer sempre o bem, mas às vezes não sai como a gente quer. Eu trabalho de guardo noturno, e a minha esposa é professora de teclado.

Costumo incentivar meus filhos a estudar: vendo as provas, olhando, vendo o que eles estão fazendo, procuro o tempo deles ocupar eles. Vamos supor, se eles têm folga, eu procuro pôr ele no basquete, numa coisa assim e procuro mostrar para ele que o que eu passei, o que eu estou passando, eu não quero que eles passem. Porque eu acho que hoje, como se diz o ditado, o segundo grau hoje já não é mais nada, hoje o nível mínimo é a faculdade, para você concorrer com os outros que estão aí no mercado. Eu incentivo que estude para isto, porque o estudo é fundamental em tudo hoje. O estudo é importante, por causa do mercado, de trabalho. Antigamente, você via num RH, trabalhava 10, 15 pessoas, hoje trabalha 4. RH, é o serviço de recrutamento de pessoas, numa empresa. Eu falo isso porque a gente teve muitas experiências que viu nas empresas; hoje, com a vinda do computador, com várias coisas, entendeu, hoje duas, três pessoas fazem o serviço de dez pessoas, então o campo de trabalho já diminuiu bastante. Se as pessoas não tiverem capacidade e saber, não vai adiantar nada.

Em relação as notas, eu faço assim: todas as provas, eu sou assim, do Kelvin, principalmente, eu quero eu assinar todas as provas dele, mesmo que eu não sou chamado na escola, eu procuro ir à escola e ver. A Ketilin, já neste ponto, ela é um pouquinho, assim, em Matemática que ela é meio lenta, ela diz que não gosta, eu falo: “Português e Matemática é a coisa principal, mesmo que a gente não goste, a gente tem que ter aquela vocação e procurar entender”, porque isso daqui ela vai usar no mercado, hoje ou mais tarde, ela vai usar. Ontem mesmo eu estava deitado, ele falou: “Ô, pai, ontem eu fiz uma prova de Matemática e tirei A”. Entendeu? Então eles mesmo por si já procuram comunicar eu, porque sabe que eu vou perguntar, que eu vou ver o caderno, que eu vou ver. Por que está em branco no caderno, por que não está? Quando ele fala que tirou A, eu procuro incentivar ele: “Não é porque você tirou A agora que você vai relaxar, você tem que manter agora esta nota, se você errou um exercício, você procura não errar nenhum, porque o bom aluno não é aquele que tira A, mas aquele que sabe e entende o que está fazendo”. Mesmo se a professora te der outra prova, você sabe o que está lá”. E ainda procuro incentivar o seguinte: o bom aluno não é aquele que faz através dos colegas é aquele um, que, próprio de si, vai lá e faz. Se a nota é ruim, eu procuro saber o porquê que aconteceu aquilo, se foi dificuldade de material, o porquê que ele

tirou isto daqui, e não acredito muito nele, eu vou procurar saber a fundo com o professor, o porquê que aconteceu aquilo, eu vou perguntar o porquê daquela nota.

Eu procuro, assim, conversar com o professor, sem ele saber, e não quero que o professor comente: “Ah! seu pai veio falar comigo”. Eu procuro falar para o professor: “Olha, a senhora não me viu eu não vim falar nada o porquê que aconteceu isto”. Talvez é uma tarefa que ele não fez, ele ficou distraído na classe, aí eu procuro pegar isso que o professor falou, juntar e dar um aperto nele. Faço de conta que o professor não falou nada, aí eu falo para ele: “Isto que aconteceu com você foi isto, isto, foi ou não foi? Seja sincero comigo”. “É, realmente foi, foi isto que aconteceu”. “Então eu não quero que aconteça isto, e não admito isto, nota vermelha no boletim”, porque eles têm horário, eles têm comida, roupa passada, material eu procuro dar quase o melhor, não é doente. Eu acho assim: você tem que exigir, que nem na música, ele vai bem então eu procuro incentivar cada vez mais. Se ele ultrapassou este método que é mais fácil, eu procuro dá um mais difícil, eu procuro procurar um professor mais avançado, porque a inteligência é infinita, entendeu? Então, eu procuro sempre incentivar mais.

A matéria que a Ketilin mais gosta? Olha, ela gosta, pelo o que ela comenta comigo, Português ela gosta, História, Geografia.

Veja bem, a Ketilin não precisa mandar ela ir estudar, desde o 1º ano, eu nunca precisei mandar, mas o Kelvin, eu preciso estar olhando o caderno, ele está na 5ª série. No começo da 5ª série, ele me deu trabalho, não queria ir na escola, mas ele é inteligente, é aquele tipo de aluno que é inteligente mas é preguiçoso, não usa a inteligência dele para pôr em prática, mas ele vai bem na escola, não tirou nenhum vermelho até agora. Se ele tira nota C eu falo: “C não é nota para mim, nota para mim é B e A e saber o que você está fazendo, porque, no final do ano você passar por um provão, e ver se realmente aprendeu, e o que você aprendeu aqui na 5ª série você vai usar até a 8ª o 1º colegial porque é uma continuação, Matemática principalmente, o que você aprendeu você sempre vai usar”. O Kelvin mais que me dá trabalho neste ponto, a Ketilin, não.

Se a Ketilin tem alguma dificuldade eu sempre ajudo, eu procuro incentivar ela e olhar o que ela não está entendendo, porque eu acho assim, se eu não soubesse, eu ia procurar outras fontes para poder explicar para ela aquilo que ela não entendeu. Procuraria por professores, até quando eu estava estudando, tinha algumas contas que ela não entendia e eu também não tinha feito, então eu copiava num papel, e ia para escola, perguntava para um professor de Física de Matemática. Mas ela sempre perguntou as dúvidas para mim, sempre

foi mais eu que tirei as dúvidas, a minha esposa mesmo que o estudo dela foi um pouquinho para trás assim, mas o estudo tem coisas que eu aprendi na 8ª série e minha esposa sabe.

Lógico, sempre participo das reuniões, acho elas importantes. Porque é através das reuniões também que a gente vai vendo as dificuldades que eles estão, para gente tentar que não aconteça mais aquilo que aconteceu, entendeu? Eu procuro instruir eles, quase não tive nenhum problema com isto, respeito com os professores, uniforme, eu procuro manter quase em ordem, o que é uma ordem é ordem, então você tem que cumprir. É mesma coisa empresa: se ela tem aquela ordem, você tem que cumprir aquilo lá, para você ser um bom funcionário, você tem que estar dentro das normas que a empresa exige, é a mesma coisa a escola. Concorde com o uniforme. E sobre faltas também, eu não admito que falte sem me avisar, eu quero saber o porquê que não vai ter aula, muitas vezes sai mais cedo, eu quero saber o porquê que sai mais cedo. Eu procuro saber com meus filhos mesmo.

Para o aluno ter sucesso na escola, é importante que a escola e a família se relacionem porque, você veja bem, até em reuniões que eu fui do Kelvin e da Ketilin, quando ela estudava no “Zita”, tinha pai e pai que não dava nem satisfação. A professora até falava assim: “Os pais que não precisavam vir, estes vêm, e os pais que necessitam vim, não vêm”. Eu acho assim: se o pai não importa, não zela daquilo, não é a professora e a escola que vai zelar do filho dele, ela vai dar uma continuidade. Se é um bom zelo, a escola vai continuar zelando; você veja bem, toda a educação, todas estas coisas, praticamente já vem da própria família, entendeu? Então eu acho, assim, fundamental. Muitas vezes, o pai não tem dez minutos, no horário da reunião; eu até concordo, mas existem outros horários alternados para ir conversar, explicar, ou para você colocar um bilhete no caderno, não vou poder estar na reunião, mas tal horário assim irei e procurarei saber o que está acontecendo. Muitas vezes, o estudo hoje está mal, o que está acontecendo, porque os pais não acompanham e não estão nem aí, os pais têm outros tempos num bar, numa cerveja, mas não tem com o filho.

Sou totalmente a favor da escola e a família interagirem mais. Nem precisaria totalmente estar vindo na escola, mas você conhece o filho pela educação dele, com a interação dele na escola, porque tem uns alunos que vêm, como se diz, o pai obriga ele estar na escola, ele vem porque seu pai obriga, mas sem aquela interação assim, aquela atitude de estudar, de se formar de ser alguém, porque eu acho assim: a escola, ela faz o papel dela, mas nós temos que fazer mais o nosso papel de pai e mãe. Porque, muitas vezes, hoje, os filhos não vão bem, porque entre o casal não há diálogo, o marido não se cruza com a mulher, a mulher não se cruza com o marido, então os dois lá até muitas vezes assim, eles discutem, até na frente dos filhos, muitas coisas que poderiam estar o dois só para discutir. Eu acho que

tudo isto mexe na cabeça do aluno, do filho, entendeu? Aí, como que eu vou exigir respeito dos meus filhos, se eu não dou respeito na frente dele com a minha esposa ali no lar? Eu acho, assim, que a escola praticamente, com estas novas leis, que nem, eu acho um absurdo este negócio de que você não é reprovado, esta atitude que o governo tomou, eu acho assim: o ser humano, ele tem que saber, porque, quanto mais pessoas estudar, um alto nível a gente vai ter e a cultura nossa vai ser melhor, entendeu? Você pode ver, a maior parte que acontece de assalto, estas coisas aí, é tudo o baixo nível; hoje em dia, os próprios alunos usaram este tipo de coisa, e aí ele vem por obrigação, porque ele fala assim: “Eu não vou reprovar”. Eu precisei passar meses falando na cabeça do meu filho este tipo de coisa. Porque ele falava assim: “Se eu não faço a tarefa, muito que bem, se eu faço não sei o que, tal fulano não faz e passa de ano”. Eu comentava com ele assim: “Se ele é burro, você vais ser burro que nem ele? Se ele vai ser uma pessoa que vai ter que ocupar um cargo numa empresa, se você não tiver estudo, você vai querer acompanhar aquele amigo”. Eu passei meses e meses tentando mudar a cabeça dele, quase que foi difícil, eu conversava com ele, e exigia todas as tarefas dele, eu estava em cima, entendeu, foi uma coisa difícil. Hoje em dia, é difícil, se não tem este diálogo, o filho vai levando a escola assim só para passar de ano. Porque você veja bem, é a mesma coisa, a gente dá as coisas para o filho, mesmo que você tenha condições de dar, é maravilhoso você dar para o filho, mas você tem que mostrar o valor daquilo que você está dando para ele, senão ele acha que veio fácil, vai fácil; então, o filho tem que sentir este peso da responsabilidade desde pequeno. Se a escola faz cinco, a família tem que fazer dez, quinze, o dobro da escola, sempre o dobro.

Costumo ir nas festas da escola, costumo deixar ele participar, até teve a campanha de venda de reciclagem, esta coisas toda; até eu procurei ver na minha cunhada, porque ele disse que a classe que ganhasse ia ganhar uma viagem. Então, eu procurei entrar no meio disto daí e incentivar ele, que estes negócio de reciclagem hoje para nós, muitos não dão valor, mas é importantíssimo isto daí, passa joga o lixo em qualquer lugar, mas isto daí de reciclagem é o futuro, entendeu?

Eu acho assim, que meu conhecimento de Matemática é bom, mas na mesma hora é pouco, porque eu acho assim eu principalmente eu gosto muito de Matemática, entendeu, contas, coisas assim. Não que eu não gostasse das outras matérias, porque cada um tem, assim uma coisa melhor; na Matemática, eu procurava mais, Matemática e Física, este negócio de velocidade, tempo, porque daí mexe com a minha pessoa, porque é medidas, valores, então eu gosto.

Olha, o motivo para um aluno sempre ir mal em Matemática, eu acho assim, eu tive isso aí até no colegial agora; tinha um professor meu que ele explicava, explicava, e eu não conseguia entender, eu precisava obter informações da outra professora de Física, ela explicava na lousa, ela colocava, fazia, você conseguia entender aquilo lá. Eu acho assim, tem muito professor não é que ele não sabe, mas eu acho que é um dom, você, são dois dom, você saber e você saber transmitir para o aluno, porque, na maior parte, não é que o aluno não consegue entender, é o professor que não consegue passar para o aluno. Então, um dos fracassos é a forma de o professor explicar. Principalmente Matemática, Física e Português. Porque o aluno precisa de uma boa explicação para entender estas matérias, não é que o professor não saiba, ele não sabe transmitir. Eu acho que uma parte é isso, e procurar também, sabe, veja bem, o aluno mal em Matemática. Por que ele só vai mal em Matemática? Ele tem uma questão X ali. Por que nas outras ele vai bem? Será que ele dá mais valor nas outras? Também tem certos detalhes, porque a Matemática exige que o professor explique bem.

No caso, se fosse com a Ketilin, eu acho importante que nós, a família, apoiei, ajude, para que ela supere este fracasso. Isso é muito importante.

Sobre as escolas particulares, eu acho, assim, que o aluno tanto ele aprende na estadual como na particular. Se ele não tiver vontade, jamais ele vai aprender tanto na estadual quanto na particular, pode ser até paga. Eu conheço mães, pais que pagam para filho e, mesmo assim, não estudam; mas eu acho que, na estadual, aprende sim, vai um pouco do aluno, é exato, né? Se melhorasse mais o estudo seria melhor, porque antigamente era mais rígido o estudo, e como eu digo isso que é melhor? Lógico que era melhor, era mais rígido; hoje em dia, eu vou entrar em detalhes de professores, tem certos professores que não deveriam dar aula, porque existem vários professores, não é que não têm capacidade, ele pode até ter, ele não tem o respeito com os alunos, entendeu? Eu acho assim: não deveria dar aula. Fala isso como experiência própria: o professor vinha, o aluno gritava mais alto do que ele, até precisava eu levantar a voz, e falar: “Eu vim para aprender e vou aprender. Se você não vai respeitar ele, a porta está aí, você entrou, você saiu. Se o professor não dá o respeito, eu dou aqui dentro”. O próprio professor tem que impor o respeito, ele é a peça principal na sala de aula, não que o aluno não seja, mas ele é o principal. Eu estudei no “Irineu” e a classe fazia baderna; entrava uma professora de Português, ninguém dava um pio. Por quê? Porque ela era o respeito, entendeu, e explicava e vinha carteira por carteira ver se você entendeu ou não entendeu; então eu acho que o principal é o professor, se o professor põe respeito, é a mesma coisa o diretor; se ele impõe o respeito, acabou, ninguém na escola é excelente. É fundamental isso. Hoje, a escola é mais maleável, entra qualquer um para lecionar, não que a gente é contra,

mas desde que entra na sala de aula, você tem que ter o respeito, você pode até brincar, mas desde que tenha aqueles alunos que não mistura estas coisas. Quando o professor entra na sala, de aula ele é a peça principal ali, você tem que impor respeito. É isso que eu falo até para o meu filho. “Você pode brincar, mas, na hora de ensinar e de mostrar, você tem que respeitar ela”. Eu falo porque o meu moleque, ele queria até derrubar o mastro em cima da professora de Física. Aí, depois que eu dei uma encostada nele, encostei ele na parede, mostrei para ele o errado, até as professoras falaram: “Teu filho mudou da água para o vinho, ele esta excelente na escola”. A professora mandava ele jogar um chiclete, ele ia lá jogava um chiclete e já saia com outro mastigando, só para pirraçar. Então eu fui e conversei com a professora e com ele os dois juntos. Eu falei: “Você acha que a professora vem aqui para brincar, para mandar você jogar o chiclete no lixo?” Você acha que a profissão dela, a faculdade que ela fez é isto daí? Você acha que realmente é isto daí? Ela está aqui para ficar falando: “Ô, faz isso, vai jogar chiclete?” Pagou faculdade, ficou sem dormir, ela sabe, não precisa mais saber, quem precisa é você”. Depois disso, eu sou até meio áspero em casa, depende da maneira de eu falar, eu não do lado, eu falo até com a Ketilin muitas vezes áspero, e eu sinto que ela é meiga, entendeu? Aí, depois, eu vou tento contornar a situação, mas sabe o que é o respeito, não que eu não ame ela, nossa, eu acho assim que esposa e filho é as três peças para mim principal da minha vida, então eu procuro zelar e manter.

Eu acho assim, seria melhor, se eu pudesse, colocar eles numa escola particular. Porque, dependendo da escola existe uma doutrina, umas coisas, umas regras, parar serem cumpridas, é um pouco mais rígida, o aluno toma bomba, os professores são melhores. Eu tinha vontade que eles estudassem numa particular, sim, é que nem eu falo até para minha esposa, a Ketilin eu quero pôr ela até onde vai, eu gostaria até que ela fizesse uma Unesp, porque eu acho, assim, quem passa ali é porque sabe mesmo, entendeu, porque realmente sabe.

Eu penso assim, que, cada dia que falta, você deixa de aprender, mesmo que é um dia que não tem quase ninguém na escola, mas o dia que você deixou de ir à escola, você deixou de aprender aquilo. E eu coloco isso para ela.

Quando ela está fazendo lição, eu procuro ver o que ela está fazendo, procuro ver por que isso, pergunto como que é isso daqui, eu peço para ela me explicar, aí ela chega na palavra-chave: “Ô, pai eu não entendi isto daqui”. Aí que eu procuro, se eu sei, ou procuro alguém, vejo mais atrás como a professora explicou. Eu falo, se você pega no começo da explicação dela e começar a fazer, muitas vezes ela faz e dá certo, ela fala: “Ô, pai, aquilo lá que o senhor falou para mim eu aprendi”. Eu falo: “Então, é só seguir o que a professora

explicou desde o começo”. Às vezes, eu nem explico, porque eu não lembro, mas eu incentivo, de algum modo, ela.

Eu estudo muito física com a Ketilin, porque eu gosto de Física, eu acho que Física é uma Matemática mesmo, é uma matemática atrás da outra, sempre eu tiro as dúvidas dela.

Nas reuniões, as professora falavam: “Pai, o que eu vou falar para você, eu só tenho que elogiar, não tem nem que falar nada, olha as notas. Eu falo assim: “As provas estão indo bem, estão boa”. Só assim eu falo com a Ketilin; às vezes, ela fala: “Ah, hoje eu vou ter uma prova”. Eu falo: “Tá bom”. A hora que ela faz no outro dia, eu pergunto: “Como é que foi a prova?” “Ah, não sei”. “Não sei?” Pelo o que você fez, você sabe se você foi bem, ou foi mal, o aluno sempre sabe quanto tirou antes da professora corrigir a prova”. Até com o Kelvin, eu procuro folhear as provas, e perguntar: “Por que você errou aqui?” É tão difícil? Faz aqui comigo”.

Quando as professoras elogiam a Ketilin nas reuniões, às vezes, eu elogio, às vezes não. Ela pergunta assim para mim: “O que a professora falou de mim?” Eu falo: “Ela falou que você está boa, muito educada, tudo, mas, se melhorar um pouquinho, é bom, entendeu?” Procuro dar uma puxadinha, porque, você sabe como é, não pode elogiar, se não começa a relaxar.

Eu procuro saber do comportamento dela na classe, com ela e com a professora, se ela dá trabalho na classe, se ela está com má companhia. Porque eu pus ela à noite, eu falei para ela: “Não é porque você está à noite, que você não vai ter até um horário para chegar em casa. Você vai ter um horário, eu não vou te vigiar, é a mesma coisa a segurança. Um funcionário trabalha numa empresa, sei lá, é um técnico da segurança do trabalho, você recebeu um curso tudo como seria a segurança, não precisa o técnico chegar para você e falar: ‘Olha, você precisa pôr o abafador, a luva, o óculos’. A segurança depende da consciência de cada um. Não precisa eu ser o babá seu, você sabe sua obrigação”. É o que eu falei para ela: “Você sabe o horário da escola, você sabe o uniforme, você sabe a educação que você tem em casa, eu não quero ser chamado na escola, porque você entrou numa turminha, fez uma bagunça e foi chamada, não quero isso”. Eu já imponho, que é para ela andar na linha mesmo.

Ela veio estudar à noite, porque ela passou na guardinha-mirim, e eu incentivei de uma maneira, mas eu não sei se eu fiz a coisa certa, muitas vezes eu até quero voltar atrás dela trabalhar na guardinha, tem horas eu acho que o estudo é melhor de dia, que ela poderia estar à tarde. Mas tem horas que eu penso de voltar ela de dia, não pelo fato dela trabalhar pelo salário e pelo estudo, uns falam que o estudo à noite é mais tranquilo, outro falam que à tarde é mais puxado, tem horas que eu fico entre o peso e a balança. Eu acho, assim, o supletivo eu

fiz no “José Cardoso”; tinha professores que você precisava falar: “Eu quero aprender”. A professora de Português ia lá, enrolava, você percebe. Agora, tinha uns professores que já entravam com tudo na classe. Aqui, este diretor da noite é excelente, eu gosto dele, gosto mesmo, entendeu, acho que ele impõe.

A educação que eu tive era rígida assim: o meu pai não falava, ele só olhava e, no olhar dele eu sabia o que ele queria comigo. Meu pai sempre foi assim, ele era uma pessoa analfabeta, mas foi um grande pai. Eu sinto assim, se eu seguir um terço do que foi ele, a minha mãe também, hoje ela é viva, eu seria um grande homem. Meu pai não sabia ler nem escrever, mas era como se fosse um doutor.

Quando a Ketilin não tira notas muito boas, eu procuro falar para ela o porquê que aconteceu isto, ela tem tempo para estudar, ela come, bebe, dorme, entende, deixo ela dormir até as nove horas todo dia, para descansar, e outra, eu acho assim: ela é inteligente, então eu sei disso, porque aconteceu nisso. Às vezes, sou um pouco enérgico com disso, muitas vezes, eu falo e eu sinto que ela fica chateada, mas eu falo para ela: “Seu maior amigo sou eu e a sua mãe. Tirei E, pai, aconteceu isso, isso, comigo, seja honesta comigo, é isso que eu quero, somos nós que vamos ajudar”.

Na 6ª série, ela não foi bem em Matemática por causa da professora, e não foi só ela, foram vários alunos desta classe. É aquele detalhe que eu falei para você, a professora, não é que ela não sabia, ela não sabia expor para o aluno. Eu fui falar com o diretor, se não tinha condições de trocar de professora, mas, na época, estava difícil de professor. Ela falou: “Sabe o que é? Cada um tem uma maneira de explicar”. Então, não teve aquele retorno que eu esperava. Depois a professora deu uma melhorada, mas isso já foi quase no final do ano, entendeu? Aquela época, também, eles falavam que não reprovava.

Parece-me que foi só na 6ª série que correu esta dificuldade da Ketilin, foi por causa de fração. A fração eu sabia, eu falei para professora: “Eu acho que não tem muito o que explicar em fração”. E a professora contou para ela que eu fui falar com ela. Os filhos não gostam que a gente vá conversar.

Eu concordo, a Ketilin foi a filha que não deu trabalho, porque ela não me deu mesmo trabalho na escola; agora, o Kelvin me deixa de cabelo reto. Ela sempre estudou, ela não precisa eu falar: “Você tem prova, vai estudar”. Ela já vai estudar, ela gosta também de Português.

Eu ficava até meio chateado quando ia explicar alguma coisa para ela e não sabia, ficava até meio constrangido, eu procurava até entender o porquê daquilo para ensinar ela. Eu acho que é importante o pai ajudar, não que todas as dificuldades que o filho tem você vai

ensinar, você vai sanar, mas a maior parte você tem que ensinar; isto é bom para o pai e para o filho, porque ele acha assim: “Poxa, o meu pai sabe isso, então eu tenho que saber também, isto está na família”.

Nas reuniões escolares, geralmente se discute as notas, o comportamento, eu acho importante. Às vezes, eu converso com os outros pais, às vezes, a pessoa toca no assunto: “Ah! meu filho está dando trabalho”. “Mas por que ele está dando trabalho?” “Ah! Ele não atende”. “Não atende o quê? Veja bem, o filho, ele não tem que querer, você tem que impor e acabo”. Eu acho assim; no mundo que nós vivemos hoje, você não pode ser assim: “Ai, eu não agüento com o meu filho”. Você não agüenta com seu filho você sendo pai? Você tem que impor e acabou. É tal horário, eu sou assim, eu posso estar dormindo, muitas vezes eles vão a algum lugar, minha esposa fala: “Pergunta para o seu pai”. Se não faz nada para poder com o filho, o filho vai continuar a dar trabalho mesmo, é igual eu falei no começo, a união do casal é importantíssima, o diálogo é importantíssimo para os filhos irem bem na escola, ir bem mesmo. Se a mulher larga do marido, amiga com outro, isto não encaixa, o filho já vai falar: “Ele não é meu pai”, o filho já cresce naquilo lá.

Acho que todos devem participar das reuniões: os pais dos alunos bagunceiros, e os pais que os filhos não são bagunceiros. Porque, veja bem, você tem que ouvir, o meu filho não dá trabalho, o meu dá trabalho, porque, muitas vezes, um ajuda o outro até no comportamento. Eu falei lá, para várias pessoas que perguntaram, na minha casa é assim, eu exijo assim, acabou. “Ah! Mas eu não agüento com meu filho”. Em casa, eu exijo assim, em casa, o meu filho tem horário para estudar, tem horário para brincar, não sai com qualquer um, eu não deixo. Neste ponto, eu sou um pai cri cri, eu pego no pé. Então você vê os demais, a professora fala que aquele dá trabalho e o outro vai bem, é importante, porque, se o seu filho não vai bem, alguma coisa tem que fazer.

A mãe da Ketilin, dá aula de música, então aquilo lá ela tem uma soma de numerador e denominador, que nem 12 por 8, 6 por 8, porque dá 12 por 8. Quantas notas cabem no compasso? Entendeu, então ela foi lendo livros e foi descobrindo isso, e aí ela passou isto para a Ketilin; até para mim ela explicou isto daí, sendo que ela estudou até a 5ª série, e realmente eu fui a fundo com os professores. É realmente o que ela falava, e a Ketilin tirava as dúvidas de fração com a mãe dela que sabia bem fração, regra de três, e a mãe dela sabe muito bem.

Para mim, uma boa aluna é uma pessoa que é inteligente, né, educado, vai bem na escola, eu acho que isso é um bom aluno, faz seus deveres em casa, não falta, leva sério a escola. Eu procuro fazer assim: está doente, então o porquê está doente, está isto, está aquilo.

Então eu procuro eu mesmo acompanhar estas coisas, assim, faltar por quê? Não tem necessidade, se põe numa empresa: “Ah! hoje eu estou doente, eu vou faltar”, se alguém está olhando você, para algum cargo especial dentro da empresa, já não vai dar mais. Eu coloco isto para Ketilin, ele pode ser excelente funcionário, mas falta, vai ao médico a todo direito, vai ao médico bem no horário de serviço. Eu falo: “Hoje você é moça, você não entende, mas amanhã, depois, quando você casar, ter filhos, esposo, tudo, você vai falar: ‘O cri, cri do meu pai falava isto’, e você vai exigir dos teus filhos na escola isso que eu exijo de você. Aí você vai ter a responsabilidade de mãe e vai ver como é difícil”.

3. Textualizações dos Professores

3.1 Sérgio

Eu fiz Ciência com habilitação em Matemática, em Jacarezinho, no Paraná. Eu terminei em Jacarézinho, eu comecei em Bauru; mas, depois de alguns problemas de doença do meu pai, eu tive que voltar para minha cidade, que era perto de Ourinhos e próxima a Jacarezinho. Terminei em 1991, fiz o curso na faculdade estadual, de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho. É um curso de Ciências, voltado para a licenciatura em Matemática. Eu fiz três anos de Ciências, depois você tem dois de habilitação em Matemática. No terceiro ano, você escolhe; tem Biologia, Química, Física, e você escolhe qual você quer fazer. Desde 91, eu dei aula no estado e no particular também, mas a maioria no estado; eu dei aula tanto no ensino fundamental quanto no médio. Prefiro até o médio.

Desse tempo para cá, eu fiz um curso de especialização em Educação Matemática na UEL, Londrina, em 95-96, e depois eu vim para cá. Mudei para cá este ano, para tentar o mestrado, e sempre estou fazendo aqueles cursinhos que a Secretaria da Educação oferece, mas deixa muito a desejar. Os cursos de informática eu fiz dois, referentes a software, mas eu não vi alguma coisa que ia ser usado, ia ser utilizado em sala de aula. Muitas vezes você pega, vai fazer um curso de um CD room lá, para aprender como se mexe nele; isso aí você em casa, não tem necessidade, e sempre coincidia com horário de aula. Então não tinha certificado, então não servia para muita coisa, mas os outros cursos eu sempre estava fazendo. E aí este ano eu vim para cá, fiz uma seleção em 2000, aqui na Unesp, passei na prova de redação, mas não passei na de conteúdo. Aí, eu decidi mudar para cá. Quando eu tinha terminado a especialização em Londrina, eu já tinha pensado em vir para cá, mas eu estava com meu pai doente, acamado, não tinha como sair de casa, largar minha mãe sozinha. Daí, depois que ele faleceu, decidi mudar para tentar começar o mestrado, seguir. E semestre passado, eu fiz a disciplina Gênese, e, este semestre, eu estou fazendo Aprendizagem, com o Geraldo. Sempre estou preocupado em melhorar minha formação, porque eu não concordo, pelo menos sempre me questionei, na questão de estar reproduzindo o livro didático, aquelas coisas. Eu estava querendo tentar inovar, mas tem muitos conteúdos, você não consegue, pelos menos eu ainda não vi uma abertura para poder agir de uma outra maneira, que não seja através como o livro apresenta. E, eu acho que, o que me faz vir fazer o mestrado, é querer justamente esta abertura de caminhos, da reflexão em torno da prática, da reflexão em torno do que tem acontecido dentro da Matemática, dentro da vivência da Matemática na sala de

aula. Eu acho que isso pode possibilitar tanto na minha própria formação, como melhoria para a prática na sala de aula. Eu penso que, com o mestrado, eu posso ter um emprego melhor, mas eu não penso em sair do Estado definitivo, mas eu pretendo subir, estar em outros níveis também. Já tive convites para dar aulas em faculdades na minha região, mas, como eu não tinha mestrado, não tinha nada assim, eles não me contrataram, colocaram; eles até contratam, mas é por um período assim, curto, porque acho que é pela própria lei agora, que está exigindo que eles tenham um certo número de mestres e de doutores como docentes. Faz cinco anos que dou aula no Estado, desde que passei no concurso, mas faz dez anos que eu dou aula no Estado. Sempre dei aula de Matemática; mas eu já dei aula de Ciências, de Desenho Geométrico, mas sempre na área de Matemática.

Nesta classe, faço um trabalho um pouco diferenciado, porque, dentro desta, nós temos alunos de todos os tipos de vida anterior: tem aluno que veio do supletivo, tem aluno que fez ensino regular, tem aluno que tinha parado de estudar faz quatro, cinco anos e agora voltou à escola. Então, tem uma clientela bem diversificada, e é uma classe com 42, 43 alunos todo dia em sala de aula, são alunos freqüentes só que são alunos diversificados. Você tem alunos, dentro da sala de aula, com dificuldades, é alarmante, tem aluno que domina o conteúdo, todinho, todinho ali, e tem aluno que não domina o básico, o básico mesmo como adição, subtração, multiplicação, potenciação. Então, você tem os extremos dentro de uma mesma sala, e você também tem alunos que têm interesse em progredir na vida, e tem outros que estão na escola - tem alunos com 22 anos, que estão na escola porque o pai obriga a ir para a escola. Vai lá, tem dia que ele fala: “Professor, esquece de mim, faz de conta que eu não estou aqui hoje, eu vou dormir”. Deita e dormi. Tem alunos que trabalham; então, dentro de toda esta diversidade, eu procuro trabalhar tirando alguma coisa deles e introduzindo os conteúdos para não deixar, por exemplo, como alguns já propuseram, você ficar trabalhando áreas de figuras, coisas que eles já viram da 5ª até a 8ª série, só que aprofundando aquilo. Eu não acho isso certo, eu acho que a gente tem que trabalhar pelo menos com conteúdo, tentando buscar aquilo que eles têm com um novo conteúdo, aprendendo, dentro dos conceitos que têm no primeiro ano, funções, progressões, toda esta parte. Então, eu tenho procurado trazer isto e aplicar este conteúdo, através de problemas, de teoria, de prática de resolução de exercícios, porque tem uma turma que precisa muito disso. Agora nem tanto, mas no começo do ano, eu conversei muito com eles, via o que eles queriam, tal, e, a partir daí, montei alguns problemas, algumas coisas para propor para eles e, a partir daí, tirando os conteúdos, vendo as propriedades, vendo os gráficos das funções. Todas estas coisas eu fiz a partir daí, destes problemas, tipo, pode se chamar de um problema gerador; daí você leva a sistematizar o

conceito e depois dá alguns exemplos, dá para eles construírem tudo. Trabalhei, no começo do ano, com eles, a parte de localização; peguei até o mapa aqui da cidade que, para eles, foi interessante, a localização das ruas, lado par, lado ímpar, tudo e na localização e, a partir daí, nós tiramos os conceitos dos gráficos. Tem alunos que têm dificuldade, mas, mesmo assim, eu começo a aula explicando o conteúdo; aí coloco alguma coisa para eles fazerem a respeito. Às vezes, tiro as dúvidas, outras vezes, eu proponho alguma atividade para eles fazerem, dou um tempo para eles tentarem fazer em dupla, não pode ser grupo muito numeroso, porque fica difícil dentro da sala, porque é uma classe lotada. Proponho uma atividade e daí vamos ver as soluções que eles conseguiram; a partir daí, eu introduzo os conceitos e explico tudo; outras vezes, no caso de função exponencial, até pensei, tinha pensado num problema que dava uma função exponencial, mas eles não lembravam potenciação. Então eu tive que retomar, lá da 5ª série, todas as propriedades de potenciação, tudo. Então tem os dois lados dentro da sala de aula.

Olha, eu acho que tem alunos que têm facilidade para aprender Matemática, outros já não têm esta mesma facilidade. Eu acho que a Matemática é fácil, pelo menos eu sempre considerei a Matemática fácil. Principalmente porque eu sempre tive facilidade, ou porque eu tive professores com quem eu me identificava. Acho que foi uma das coisas que me levou a gostar de Matemática. Tem alunos que aprendem fácil e outros, não, pois acham difícil. Eu acho que é porque eles têm mais pré-requisitos, podem desenvolver um raciocínio mais abstrato, mais desenvolvido; eu acho que é neste sentido, e outros, porque não se interessam muito por aquilo, acham que não é a área dele, geralmente quem gosta de Matemática não gosta de Português e vice-versa. Então, eu acho que é uma das coisas que eles têm, que leva à dificuldade, ou que leva à facilidade. Mas, também tem alunos que aprendem com mais facilidade e outros não. O que aprende mais fácil, geralmente gosta e tem um raciocínio mais lógico; vai por aí, por este caminho.

Eu avalio o conhecimento de Matemática do aluno, pela maneira que ele vai se desenvolvendo em sala de aula, pela facilidade que ele tem de abstrair os conceitos, de resolver problemas, utilizando os novos conceitos; então, eu acho que é por este caminho. Também avalio com uma prova, através de trabalhos, de resolução de problemas, e também tem os textos escritos, até porque a escola exige, pelo menos, por bimestre uma prova escrita, que fica arquivada na escola. E aí esta prova é em cima da aula que você deu, você quer saber se ele conseguiu assimilar o conceito que você passou. Dentro daquilo que nós vimos eu procuro sempre dar uma situação, e estas provas não necessariamente são individuais. Nesta classe, principalmente, é difícil você trabalhar só com individual, fica complicado, até porque

senta tudo junto, um vai querer olhar no do outro. Dá uma situação para ele tentar resolver, ver que conteúdo matemático ele está usando ali, se tem a ver com aquilo que a gente estava usando em sala de aula, neste sentido.

Eu acho que o nível de conhecimento Matemático dos alunos quando eles chegam no 1º ano do Ensino Médio é um nível médio; principalmente nos conceitos geométricos, eu acho que é bem fraco, a parte de geometria, eu acho que os conceitos geométricos, para eles, são muito abstratos, muitos não foram trabalhado com eles, eles não tem muitas noções. Agora, o outro nível, a parte algébrica, a parte de resolução de problemas, avalio como médio, mas é uma coisa que eu sempre me questionei, porque você pega um aluno de 5ª série e ele tem interesse, ele fala, ele conversa com o professor, ele questiona, ele vai atrás de alguma coisa. Você chega num aluno de Ensino Médio, ele não faz nada, ele não questiona, ele não fala mais nada; houve alguma coisa neste meio de, 5ª até 8ª, para chegar no primeiro, que foi cortado. Isto eu acho que, eu não sei explicar, ele é desmotivado, acho que o professor vai podando ele, na 5ª, 6ª série, o professor vai podando: “Ah! Isso não é agora que você tem que perguntar, isso é depois. Este conceito você vai aprender mais para frente, vai aprender na 7ª, 8ª série”. E acho que muitas questões ficam sem serem resolvidas para o aluno.

O motivo que leva um aluno sempre ir mal na Matemática? Acho que a questão de nunca utilizar algo que ele já conhece, algo que ele domina, e sim, o conceito novo não relacionar com aquilo que ele viu antes. Eu acho que isso que é um dos pontos principais para que ele vá mal, do Ensino Médio em diante. Então, ele vê que aquilo novo não tem nada a ver com aquilo que ele aprendeu, e na realidade não é. O aluno não consegue relacionar o novo com o que ele já viu. Porque, por exemplo, cada professor tem uma linha, uma maneira de trabalhar, uma linha de pensamento, e muitos relacionam: “Olha, vocês viram isto lá trás, tal, é assim que fazia, agora nós vamos fazer assim”. Eu acho que o aluno, sem o professor estar dando esta dica, sem o professor estar refazendo alguma coisa, voltando atrás, muitos alunos não conseguem fazer isso sozinho; esta relação, esta troca. É o que eu penso, que essa ponte, de ligar o que aprendeu com o que está aprendendo, ele tem que aprender por ele. Então, por exemplo, se, desde a 5ª série, isso fosse feito, podia ser que, na 8ª, na 7ª, o aluno já tivesse despertado para isso, para buscar esta ligação, mas o professor precisa dar o primeiro passo nessa investigação. O aluno que é fracassado não aprendeu essa ligação, ficou tudo separado para ele, não viu uma utilização com aquilo que ele já tinha aprendido. Então, o fracasso do aluno depende, também, da aula que ele tem, além da própria disponibilidade do aluno dele estar pensando, porque a maioria dos nossos alunos hoje não pensa, ele quer reproduzir aquilo que você fez, para ele tirar nota e passar de ano. Essa visão que eles têm, eles não pensam em

aprofundar aquilo, relacionar aquilo, sem importar, o que importa para eles é a nota. Além de o professor dar uma aula que estimule, que motive, o aluno também tem que estar a fim; eu acho que ele tem que ter condições, disponibilidade para estar querendo aprender, porque não adianta nada você querer ensinar, se uma pessoa que está na escola não está a fim, como tem aluno que vai lá e fala: “Professor, esquece que eu estou aqui, porque eu vim para dormir hoje”. Olha, tem alguns alunos que eu acho que fazem isso, pela própria condição de vida, tem alguns alunos que trabalham o dia todo, e chegam cansados, estão lá porque o pai e a mãe estão obrigando ele a ir. Então, eu acho que é um fator, ele não está na escola porque ele quer, ele está porque o outro o está obrigando; eu acho que isto é um fator que desmotiva até o próprio aluno. A própria empresa em que ele trabalha cobra, dele, fala: “Você tem um prazo para terminar o Ensino Médio”, mas, pelo aluno, ele não estaria ali. Hoje, os alunos não querem pensar, porque eles não têm interesse, eles não têm uma perspectiva de vida, não têm uma visão de como aquilo pode ser necessário para eles no futuro, basicamente esta perspectiva para sua formação, para a vida. Acho que os campos para eles no futuro estão restritos, fechados. Eles não pensam assim: “Vou estudar para fazer uma faculdade e vou ter um bom emprego?” Eles não têm esta mentalidade, hoje. Para entrar numa universidade pública, a concorrência é grande, um aluno que estuda no período noturno, ele não vê estas perspectivas, pagar uma particular, 300, 400 reais. Para este tipo de aluno, acho que é complicado. Então, eu acho que é esta falta de perspectiva e de visão para buscar o futuro, que deixa. Na sala de aula, eu converso com eles sobre isso, muitos até se dedicam, mas outros: são poucos os que se dedicam, outros não, eles não têm este interesse.

Estes alunos que dormem, que querem dormir na sala de aula, não estão nem aí para nada, eu acho que eles são fracassados, não só em Matemática, eu acho que em outras, porque eles são problemas em tudo, são alunos que faltam muito. Então, pelas atitudes deles, você pode até sentir que eles são fracassados. E, este aluno que dorme, por exemplo, se um dia ele fizer parte de um grupo, geralmente ele não é bom, ele não sabe, e tem dificuldade, e faltam muitos pré-requisitos que ele não sabe, não domina.

Vejo alunos que não gostam de pensar, e isso me incomoda muito, já tentei, nesta sala em que você fez a entrevista, tem alguns que já conversei pessoalmente, tirei da sala, conversei com eles, tentar ver o que está acontecendo, tentar dar algumas outras coisas. Já busquei até textos, aqueles de auto-estima, para tentar dar para o aluno, para ver se motivava um pouco, para tentar minimizar esta situação, para tentar trazê-lo para o conteúdo. Alguns até se esforçam para tentar mudar, outros realmente não querem, falam: “Não quero, não é

isso que eu quero”. Então, você tenta, de alguma forma, conversar pessoalmente, tentar algum estímulo desta forma.

Dentro de uma mesma classe, você tem alunos que gostam e que não gostam de Matemática. Para alguns alunos, até que enfim, aula de Matemática; para outros, ah! que saco, aula de Matemática. Dentro de uma mesma sala, você convive com os dois lados; tem outros que não estão nem aí. Mas em muitas salas, mesmo os que não gostam se esforçam dentro da sala de aula, fazem todas as atividades propostas, mesmo não gostando de Matemática. Tem alunos que têm dificuldade, que visivelmente você nota as dificuldades. Muitas vezes, ele não precisa nem falar nada, é só você passar, olhar e vê que o aluno tem dificuldade; já outros têm facilidade. Dentro da mesma sala, você convive com todo tipo. Tem aqueles que, quando você introduz uma certa atividade, no começo ele até desenvolve, na hora que você aprofunda um pouquinho mais, ou usa alguma coisa lá de trás, ele já fica mais limitado. Então, você tem que conviver com dois, três tipos de alunos, aqueles que fazem tudo, que dominam o conteúdo, aqueles que dominam parcialmente e outros que não dominam nada.

O conhecimento de Matemática dos pais, no geral, tem pais, famílias de diversos níveis sociais, diversas culturas, do trabalhador rural até o doutor. Então, tem pai que tem vários conhecimentos, tem outros que não têm nada, tem outros que dominam. A gente percebe isso, mesmo com a relação que você sente do próprio aluno com a família: tem muitos alunos que têm a família sempre presente, que mesmo o pai não sendo estudado, não tendo estudado nada, o pai está presente e mostra interesse em até que o filho aprenda o que ele não aprendeu; outros que você sabe que o pai tem um certo domínio, cultura, uma bagagem cultural, tudo, mas ele não está nem aí para a vida do filho. A gente sabe disso, principalmente, quando tem reunião de pais, quando tem alguma coisa que os pais estão presentes. Porque, muitas vezes, o pai vem à escola, tudo, e você vê isso na participação, porque geralmente o que participa é o pai daquele aluno que tem um bom nível cultural, o pai que tem ambição para que o filho estude porque ele não estudou; então, este é o pai que está presente sempre na vida da escola. Agora, tem outros que não participa, que não está nem aí se o filho está indo bem, ou se não está. Mas, nem sempre, estes alunos são fracassados, os melhores alunos os pais estão presentes, e aqueles alunos mais com dificuldade, tudo, desmotivados os pais estão mais ausentes. Também, não acho que estes pais, que são ausentes, têm uma vida social baixa, não penso assim, eu acho que têm diferentes níveis sociais, eu acho que é um pouco da formação da família, que ele já vem formado. Tem pais que têm uma atitude bem liberal com o filho; tem outros que já são mais rígidos, trazem o filho para perto.

Eu acho que é fundamental, a família estar junto com o aluno, estar junto com a criança ali, para que ela se sinta acolhida, e a família estar sempre presente. Porque tem muitos pais que largam o filho, nem sabem se o filho foi na escola, se ele não foi; eu acho que a família é o principal. A família deve se mostrar interessada naquilo que o filho faz, estar junto com o filho, e não só nas questões de escola, estar junto com ele, demonstrar amizade, demonstrar carinho, estar junto, sair junto com o filho. Tem muitos que chegam aos 12, 13 anos e já saem sozinho, quer levar a vida sozinho e, hoje em dia, eu acho que o pai tem que estar presente, tem que estar junto.

Os pais conversarem com os filhos sobre a escola, perguntarem das aulas, dos amigos, dos professores, das dificuldades, é um importante laço para que este aluno esteja motivado, porque, se a família não está nem aí para ele ir à escola, por que ele vai se importar? Eu acho que o próprio aluno já sente isso: “Ah! Meu pai não está nem aí, minha mãe não está nem aí, por que eu vou me importar?” E as motivações que o aluno tem que receber tanto devem partir da escola quanto da família. Dos dois lados. Num peso maior até da família, porque, muitas vezes, hoje um aluno chega num Ensino Médio, ele não tem noções mínimas de educação, você tem que estar trabalhando educação, não tem noção de “com licença”, não tem estas noções de respeito, então estas noções mínimas, básicas de convivência iriam facilitar muito a sala de aula, eu acho que sim.

Para o diurno eu passo tarefa para casa, e ainda, cobro, passo olhando, muitos trazem resolvido, outros não, a maioria até traz, até tentam resolver, até mesmo os que têm dificuldade, eles tentam resolver; agora, outros não, outros bons alunos nem ligam para a atividade, acham que a escola acaba ali, até alguns bons alunos.

É importante esse procedimento de estar levando lição para casa, para que esta criança esteja adquirindo o hábito de estudar, pelo menos tem algo mais para fazer, é aquilo que vai estar adquirindo, o hábito de estudo, que é o que falta nos alunos de hoje em dia. Estar levando para casa um pouco do estudar, do pesquisar, do pensar no que aprender, porque senão, só nas 4, 5 horas que ele está na escola não é suficiente.

Os pais, em casa, estarem ajudando os filhos nos deveres, mostra o interesse que a família tem com o filho, eu acho que é importante, e, muitas vezes, quando têm dificuldade, que não sabem aquilo e que vão atrás, é que aprendem, para poder ajudar o filho. Então, eu acho que é extremamente importante a família estar ajudando, porque é uma forma de você se envolver e estar propagando conhecimento. Percebo que, bem poucos alunos perguntam para os pais; outros até conversam com os pais, falam, tenho isso, tenho aquilo para fazer, mas não

solicita a ajuda dos pais. Alguns até têm esta mentalidade de que o pai não vai poder ajudar, outros porque não querem, se acham capazes de resolver sozinhos.

A maioria das famílias, procura a escola, quando o filho tem alguma dificuldade. Eu acho que os pais precisavam estar mais presentes na vida do filho, até na vida escolar, muitos deixam a desejar mais; agora, de que maneira eles vão interagir, isto também eu acho que é procurando ser amigo do filho, procurando estar dando espaço para que o filho conte, converse sobre o que aconteceu, sobre o que está acontecendo.

As reuniões também são importantes, mas não só aquela reunião para entregar a nota; eu acho que a reunião de pais deveria ter algo mais, deveriam ter alguma discussão, ter algo que valorizasse a importância dos pais, a importância do pai estar valorizando a vida escolar do filho. Eu acho que deve ter um pouco este processo de conscientização da relação entre pai e filho, da relação entre pai e escola, mais do que mostrar o boletim com notas; é importante para tentar estabelecer este vínculo, trazer o pai para mais perto do aluno, mais próximo da realidade do aluno, não só da realidade estudantil, porque muitos pais não sabem como são os filhos. Mas mesmo está reunião na qual só se entrega a nota, eu acho importante, desde que ela tenha algo mais, só entregar a nota não há necessidade, o pai vai lá na secretaria da escola e pega.

Olha, as reuniões daqui são a maioria entrega de nota, tem geralmente um texto, algo assim, que está acontecendo para ler e para discutir com os pais. Mas eu acho que precisava trabalhar um pouco este lado, a relação família, família escola, relação pai aluno, pai com a escola; nas reuniões, precisava enfatizar um pouco, trabalhar um pouquinho este lado.

É sempre assim: os pais que precisariam comparecer à reunião não comparecem. Porque geralmente aqueles alunos que têm muita dificuldade, que são alunos que geram algum problema de disciplina, alguma coisa, a menos que você convoque a vir na escola, tal, senão eles não comparecem, mas são aqueles pais que não têm, se você for analisar, o pai não tem um bom relacionamento com o filho, que o pai não está ali presente na vida do filho, são aqueles que têm uma relação distanciada dos filhos. Geralmente, nas reuniões, os pais questionam se o filho está indo bem na escola, se o filho está se saindo bem na aula, estes são o tipo de questionamentos mais freqüentes, porque ele tirou esta nota, não poderia ter sido melhor. Raramente fazem questionamentos sobre a escola. Tem alguns que já questionaram se a escola não pode mudar o sistema de avaliação, mudar o sistema de como vai estar atribuindo estas notas, estes conceitos, separando os alunos de classe, pondo os alunos que dominam tudo numa sala, e os que não dominam numa outra. A freqüência de pais na reunião é baixa. Noturno, em torno, de 30, 40% dos pais; diurno tem na faixa de 50, 60 %.

Nesta escola, a hora que o pai quiser, dentro do horário que o professor está na escola, e dentro do horário de atividade do professor, os pais podem conversar com o professor. Já recebi muito pouco. Alguns que os filhos têm dificuldade, o filho que perdeu aula, uma ou duas semanas, são casos assim, quando o filho falta, quando surge algum problema e o filho não está conseguindo resolver nada, não está conseguindo aprender nada, o pai vai questionar, mas são muito raros os casos.

Atualmente, raros são os pais que procuram estar conhecendo o professor dos filhos, estar sabendo, raros os pais, porque os outros só vão lá para saber nota, fazer matrícula, assinar matrícula, um relacionamento bem informal. Só mesmo porque precisa, nenhuma coisa mais, se a escola é a segunda casa, vamos conhecê-la, não tem, muito pouco pais que têm esta mentalidade.

Se a escola e a família se envolvessem mais, eu acho que traria benefícios para o próprio aluno, traria envolvimento maior, o filho estaria vendo o envolvimento do pai, eu acho que isto despertaria o interesse maior do aluno pela escola. Porque eu acho que este tipo de relacionamento é importante, porque, dentro da sala de aula, o professor tem todo tipo de aluno, professor sabe o tipo de aluno que ele tem, ele faz ali o mapeamento do aluno que tem, mas as famílias, você percebe que elas não vêm à escola, são raros os casos. Até mesmo quando tem uma outra atividade, uma festa, alguma coisa, são pouco as famílias que se dispõem a estar junto, a estar aí com o filho, são muito poucos os casos. E, este envolvimento, poderia contribuir para que o aluno, estes alunos, no caso, fracassados, para que, saíssem um pouco deste estado de fracasso, e se sentissem mais motivados, até mesmo pela presença do pai, da mãe. Eu acho que seria um estímulo a mais para este aluno. Mas geralmente o aluno deste tipo é difícil trazer a família para a escola, são alunos que têm famílias desestruturadas, o pai está separado da mãe, ou ele mora com a avó, se você for analisar a fundo, os alunos têm um tanto de problema.

Hoje, poucos pais cobram boas notas do filho. Eu acho que, primeiro, há tempos atrás, tinha isso, o pai cobrava boas notas do filho, tudo. Hoje, eu acho que não tem tanto esta mentalidade, não, eu acho que não existe esta cobrança por parte do pai, do aluno tirar boa nota. Tem, sim, aqueles pais que querem que o filho continue na vida escolar, que façam a faculdade, tudo, mas não há esta cobrança de boas notas, de ser o primeiro. Eu penso isso pela maneira que os alunos agem em sala de aula, porque não tem mais aquele clima de competição: “Ah! eu quero ser o melhor, eu quero tirar boas notas”, não tem. Primeiro era comum este tipo de coisa, “Ah! eu tenho que tirar a melhor nota”, um aluno comparava a nota com o outro, tirava melhor, tudo, então existia aquele clima de competição. Hoje não tem

mais isso, eu acho que a família não cobra mais neste sentido. De certa forma, os aluno que vão bem, eles têm uma família presente, que se importam com ele, não está cobrança de tirar nota. Agora, tem alunos que vão bem, que se esforçam por ele mesmo, independente da família estar apoiando.

Sempre estou no meio dos alunos, sempre converso, não só na sala de aula, como no corredor, no intervalo, você tem que saber a hora de “vamos trabalhar”, vamos estudar, e a hora de conversar. Eu procuro sempre conversar principalmente com estes alunos que não estão nem aí na sala de aula. Sempre procuro estar conversando, saber o que está acontecendo, vendo se há alguma coisa. Alguns nem dão espaço para conversa, outros conversam, mas alguns não.

Eu penso que é o princípio da formação do ser humano, é a família e a escola, principalmente a interação das duas, a atuação conjunta da família e da escola.

Vejo que tem pais que até gostariam de se envolver com este processo de ensino/aprendizagem, até para poder ajudar o próprio filho, mas na maioria dos casos, não, até se envolvem com a escola, com alguma atividade que a escola esteja fazendo, tudo, mas não com o processo de ensino/aprendizagem em si, não. Tem alguns pais que pensam que os filhos devem caminhar pelas próprias pernas, para eles aprenderem a se virar sozinhos, outros não, outros já pensam estar junto com o filho, ou alguns se acham incapazes de estar participando deste processo de ensino/aprendizagem, porque até acham que são limitados. Acho que, a maioria dos pais, têm os conceitos e os conteúdos matemáticos bem limitados. Eu acho que são raros os que têm o Ensino Médio completo. Eu já dei aula em escola particular e não é a maioria dos pais que têm estudo completo, superior; pelo contrário, o nível de conhecimento dos pais era até a 4^a série, 8^a série, mas era porque o pai tinha interesse em que o filho se interessasse pela escola, para fazer o que ele não fez. Mas eu acho que as estatísticas de alta escolaridade são maiores na escola particular, mas acho que não chega a total.

No “Batista”, tem várias atividades que são propostas para que os pais cheguem até a escola. Tem escola aberta, que era exposição de artes, com quadros que os professores pintaram, até para motivar uma professora que quer fazer um projeto com isso. Teve o trabalho da Copa do Mundo, que eles fizeram em cima da Copa do Mundo, que eles fizeram com a professora de Geografia e História, era para os pais visitarem; teve aquela gincana da cidadania que teve atividades, convidou os pais, mas muito poucos participaram, a escola faz festa, faz as coisas, mas vêm muito pouco. Fazemos festa da pizza, feijoada. Este ano teve a festa da pizza, e teve mais a feijoada, os pais podem vir comer, ou só buscar, a frequência dos pais nesta festa é pouca, você vê mais as famílias dos professores, alguns alunos.

Penso que o pai, a família têm uma grande parcela de responsabilidade, talvez até a maior parcela, de estar educando e socializando o filho. A escola é um caminho para estar ajudando neste processo de educação e socialização; eu acho que tem muitos conceitos que a maioria deveria trazer da família.

A questão do uniforme, eu acho até principalmente numa cidade maior, serve para identificar o aluno, não no sentido de punir o aluno, tal, mas no sentido de estar identificando aquele aluno na rua, tudo, para estar sabendo que é um aluno, acho que é mais neste sentido. Para você ter um controle, o “Batista” é uma escola hoje com quase três mil alunos, nos três períodos. Se fosse todo mundo com qualquer roupa, ia ficar difícil controlar quem entra na escola; então eu acho que o uniforme funciona no sentido de estar identificando. Quando penso em controle, penso em violência, droga, eu acho que tudo isso deve ser levado em consideração, não seria minimizar, mas o uniforme já evita a entrada de outras pessoas que não sejam do ambiente escolar.

A escola também tem as regras de convivência do aluno, regras dentro da sala de aula, no corredor, de respeito aos companheiros, deveres dele respeitar o professor, seus colegas. São regras que, quando o aluno extrapola, ele vai para a direção, a direção toma medidas, dependendo do grau do ocorrido, chama o pai, faz advertência. Essas regras são colocadas no ato da matrícula, o aluno recebe um papel. Eu acho que, em todo ambiente que você vai hoje, se você vai ao clube, você tem regras a ser seguidas, tudo, então, por que não haver na escola? Eu acho que tem que ter, tem que ter os limites, tem que ter tudo isso, para haver um bom funcionamento, ter um bom desenvolvimento das atividades. Todo lugar tem regra, tem disciplina e que sejam cumpridas, não só que fiquem no papel para amedrontar, para fazer papel no começo do ano. Eu acho que têm que ser levadas em consideração; agora, tem casos e casos.

Concepção de escola, eu acho que a escola é um ambiente que deve estar propiciando conhecimento e enfatizando, trabalhando, assim, a inserção do aluno no meio social, e garantindo que este aluno continue com conhecimento, para que ele possa progredir na vida. Esta concepção até procura ocorrer, mas eu acho que falta um pouco de integração da família com a escola. Os professores tentam, mas acho que, muitas vezes, o aluno não se mostra interessado, não espera algo mais.

Acho que a escola pública não favorece um grupo social, eu acho que a escola está aberta para todos, mas quem mais se utiliza dela eu acho que é a classe média baixa, quem mais se utiliza dela, porque eu acho que ela está aberta para todos. Se uma pessoa quer fazer uma universidade, ela também está aberta para essa pessoa. Aí vai depender do próprio

aluno, dele ter interesse dele estar estudando. Pelo que eu vejo, os conteúdos são trabalhados tanto no particular quanto no estado, os conteúdos são os mesmos; agora, a grande diferença é que muitos alunos do particular nem todos se dedicam a estudar, isto não acontece na escola pública, o aluno vai lá, acho que fez aquilo, acabou e pronto, não tem mais que estudar. A escola pelo menos tenta motivar o aluno. Ela tenta, porque nem todos os professores trabalham, tentando motivar o aluno, tentando estimular o aluno a ter uma perspectiva de vida, ou alguns dão abertura para o aluno falar, outros não dão abertura; dentro da mesma escola, você encontra, mas alguns resistem a mudanças.

Olha, as escolas particulares eu acho que são, elas têm a função básica de transmitir conhecimento, elas não têm esta função social que está mais presente na escola pública. Eu acho que depende do aluno, depende da família para estar na escola particular ou na pública. A escola pública funciona mais socialmente, porque ela atende alunos de todas as classes sociais, e a particular já não, só encontra a classe de média e alta para cima, eu acho que há um diferencial muito grande aí, eles reproduzem aquela cultura. Além de que, na escola particular, você tem a obrigatoriedade de estar trabalhando aquele conteúdo, é pré-determinado, você com aquela apostila, é tal aula, tal módulo, então você tem um ensino estruturado e você deve reproduzir aquilo; na pública, não, nela você pode vivenciar, há um diferencial grande. Você pode estar vivenciando aquilo que ele está estudando, estar retomando, voltando, e, no particular, você não tem este espaço, lá você tem que reproduzir o que está na apostila, raramente você vai ter um espaço de diálogo, até porque o conteúdo é limitado, o tempo é curto, se volta a apresentar conteúdo, apresentar uma bagagem para o aluno passar no vestibular. No sentido de formação do indivíduo, eu acho as particulares pior, ela está visando somente à formação profissional do aluno, como geradora de conhecimento, ela não está preocupada com a função social de estar inserindo o aluno na sociedade, de estar trabalhando com a família, de, além de conhecimento, estar promovendo este outro lado. Já trabalhei 5, 6 anos em escola particular. Elas possuem melhores recursos. Hoje nem tanto, escola particular quanto pública, os recursos disponíveis, computadores, tecnologia, material de última geração, acho que as duas são equivalentes. Mas acho que um fator dominante na escola particular é o número de alunos por sala, raramente você vê uma sala de aula no particular com mais de 30, 35 alunos; na pública, raramente no Ensino Médio, você tem classe com menos de 40. Na particular alguns alunos são mais aplicados, na verdade, o tipo de aluno é o mesmo, o que difere ali é a classe social, o jogo de interesses, mas você vê também alunos desmotivados. A relação família-escola é praticamente a mesma, nos mesmos patamares da pública. Alguma família a preocupação é maior, mas até porque há cobrança de

nota, e na pública não tem este tipo de cobrança. Eu acho que, hoje, eu não gostaria de dar aula numa escola particular, porque acho que vai muito do professor, eu gosto de conversar com o aluno, de estar trabalhando esta questão social do aluno, de estar promovendo uma interação, de estar tentando trabalhar com o aluno, a partir do que ele viu, tirar algum proveito da experiência de vida dele. Na particular, eu acho que eu não tenho esta possibilidade, porque na particular está tudo pronto. Na particular, você pega uma apostila, tal mês é isso, você tem que seguir aquilo, não importa o tipo de aluno que você pegue, não importa nada. Aí o tipo de aluno que você tem você vai ver na recuperação, mas, no geral, é transmitir conteúdo, é reproduzir fielmente aquilo que você tem ali, até tem escola particulares que têm uma outra metodologia, mas a maioria, não.

Eu acho que a questão da promoção automática é complicada, porque, até a 4ª série, o aluno vai sem ficar, de repente, ele pode ficar um ano numa classe intermediária; o mesmo acontece na 8ª série, só que o acontece, na maioria das escolas, para haver estas salas de aluno intermediário, para este aluno ficar um ano de reforço ali, ela teria que ter 25 alunos no mínimo, e não acontece isso. Aí este aluno vai para o 1º ano com falta de conteúdo; essa é uma regra da legislação. Eu acho que o aluno perde um pouco o interesse, ele sabe que vai passar de ano, e estes alunos que já são desmotivados perdem mais ainda o interesse. Mas isso até a 8ª série; no Ensino Médio ele pode reprovar, ele pode ficar de aproveitamento de estudo, ficam em dependência. O aluno pode ficar em até três componentes curriculares; se ele ficar em 4, ele fica no primeiro; daí, ele faz só as disciplinas em que ele não foi aprovado; se ele ficar em três, ele vai para o segundo, mas faz, paralelamente, as três matérias em que ele foi reprovado. Eles fazem de tudo para não atrasar o aluno, e eles fizeram isso. Mas uma jogada política, né, porque, por exemplo, de 5ª a 8ª, você não tem reprovação, o índice de reprovação vai lá em baixo, e, assim pelo menos os números ficam bonitos. Mas a aprendizagem caiu, até mesmo porque muitos professores se sentaram prejudicados porque acabou com aquele poder de dar a prova e estar dominando o aluno; então, eles se sentiram sem a força do poder, porque muitos professores tinham a visão de que o poder estava na hora da prova, aí desmanchou aquela concepção que o professor tinha de avaliação, de escola e de prova.

3.2 Ariane

Eu sou formada pela Unesp, licenciatura plena em 1997, já faz um tempinho. Então, me formei em 1997 e, depois disso, eu não continuei, não fiz mestrado, doutorado, nada. Mas, assim, eu estou sempre fazendo curso quando a delegacia oferece, agora mesmo, estes dias, eu

estava em Ilha Solteira, fazendo um curso. Era um curso para professores em geral, era sobre liderança, tomada de decisão, negociação, a respeito de como lidar com os alunos, relacionamento em geral, também é interessante, né? É assim, sempre quando a delegacia oferece algum curso aqui no núcleo, eu faço, a respeito de informática, estou sempre fazendo, mas contato com a Universidade eu não tenho faz muito tempo, quando dá eu faço um curso. Faz cinco anos já eu dou aula, desde que me formei, em 1998 já entrei, e, até agora, dou aula de Matemática, eu sou efetiva, teve concurso em 98, inclusive, quando eu me formei em 97, em 98, no final, já teve concurso. Aí eu prestei, já passei, aí só em 2000 eles realmente efetivaram. Aí eu fui para Santa Gertudres, fui para o “Oscália”, e, agora, estou efetiva aqui no “Batista”. Aí eu pedi remoção, porque eu gosto mais de trabalhar com Ensino Médio, me identifico mais, então eu queria uma escola do Ensino Médio que fosse perto da minha casa, e o “Oscália” era longe, não sei se você sabe onde é, e aqui no “Batista” fica mais fácil. Eu me identifico mais com o Ensino Médio, porque (risos), eu gosto mais deles, assim, eu acho eles mais aquietados, eu tenho a impressão de que de, 5ª a 8ª, eles são mais agitados, eu sinto mais dificuldades para trabalhar com estes. Tenho mais facilidade de trabalhar com o Ensino Médio, apesar da matéria ser mais pesada, o conteúdo é mais pesado, e eles chegam no primeiro ano com maior dificuldade também; mas, mesmo assim, eu acho que 5ª série é muito criança ainda, e eu gosto mais também do conteúdo do Ensino Médio, principalmente porque eu acho que eles são mais aquietados.

Bom, normalmente minha aula é expositiva, não tem assim muita variação, porque eles trabalham com livro aqui no “Batista Leme” e a gente tem que estar seguindo o livro, e a gente tem que dar conta do conteúdo do 1º ano, para não ficar atrasado no 2º. Então, normalmente, a gente está trabalhando com o livro, sem muitas mudanças, assim, trabalhar o expositivo. Então, primeiramente, passo o conteúdo na lousa, explico, e depois passo os exercícios e eles vão trabalhando, tem os exemplos, né, que já estão no livro, então, eu costumo explicar os exemplos do livro, porque eles, né, eles não conseguem entender. Daí eu explico, aí eles perguntam, normalmente eles perguntam bastante, porque eles têm dificuldades para aprender. Depois eles tentam, peço para eles fazerem os exercícios e aí eles vão tirando dúvidas; à medida que eles estão resolvendo, eles vão perguntando. Depois, eu costumo corrigir todos os exercícios também, mando eles irem na lousa corrigir, mais ou menos assim. As pessoas têm dificuldade para aprender Matemática. Não sei se é porque, eu acho que a base é muito fraca, eles já vêm com uma dificuldade muito grande, eles não têm costume de pensar, de estar, têm preguiça de ler, eles querem que a gente explique o que é

para fazer no exercício, eles já vêm com este costume, como que faz exercício, sabe? Às vezes, é um pouquinho diferente, eu explico um na lousa e o outro que está no livro é um pouquinho diferente, muda alguma coisa, eles já querem que a gente explique como faz, eles têm bastante dificuldade, é que a base deles é bem fraca. E fica muito difícil mesmo, que nem, agora, eu estou trabalhando com o sinal da função quadrática e tem que resolver a equação do 2ª grau e, mesmo assim, eles se enroscam na resolução, no meio da resolução para achar o delta. Na verdade, acho que eles não sabem o que eles estão fazendo, acho que fazem tão mecanicamente, eles esquecem, menos com menos não é mais? Eles falam, sabe, eles não entendem quando é uma multiplicação, quando não é uma multiplicação, isto daí já vem lá de trás, né? Então, fica complicado a gente ficar voltando sempre; então, devido a isto eles não conseguem entender a matéria do 1º ano, eles já não entenderam anteriormente, eles têm bastante dificuldade a maioria tem, tem aqueles que se sobressaem, mas normalmente são aqueles que têm uma base forte.

Bom, eu avalio o conhecimento de Matemática do aluno, através das provas que a gente pode estar vendo se eles conseguem, ou não, estar se saindo bem. Através dos exercícios em sala de aula também, né, que eles trabalham, normalmente assim: eu estou vendo um capítulo, então eu dificilmente passo para o outro capítulo, se eles não entenderam, inclusive eles até estão um pouquinho atrasados, a minha classe está até um pouquinho atrasada, mas eu não gosto de ficar passando para outro conteúdo, se eles não entenderam aquele. Às vezes, eu passo mais exercícios além dos exercícios do livro, até a maioria da classe, pelo menos a maioria ter entendido, porque, no todo, sempre tem aqueles, tem uns que realmente não querem aprender, e tem alguns que querem. Os que não querem, na classe, eles não têm interesse, tem alguns que falam: “Para que eu vou usar isso?” Tem muito esta pergunta, não tem interesse, acha que aquilo não tem importância, que aquilo não vai mudar na vida deles, e acaba atrapalhando a sala de aula, porque eles ficam brincando, conversando. Aí, normalmente, a gente anota, assim, ele continua com nota vermelha, a gente tenta conversar com eles, explicar a situação, tem alguns que resolvem com uma simples conversa, agora tem outros que a gente tenta chamar a mãe, conversar, alguns têm jeito, outros vão acabar ficando no 1º ano de novo, que acho que não vai ter solução. A gente fala, fala, eu costumo insistir bastante com eles, tem alguns que acabam. Eles têm que ir bem na prova, têm que tirar nota, por que senão, não vai estar passando para o outro ano, inclusive tem alguns que já estão praticamente retidos, inclusive tem alguns desta classe aí, que tem umas meninas ali que elas entregam em branco a prova, e eu tentei conversar. Agora, no final do semestre, elas estavam

querendo se interessar, mas não tem mais jeito, ficaram o ano inteiro brincando, desinteressadas, agora já é um pouquinho tarde.

O nível de conhecimento matemático dos alunos quando chegam ao 1º ano do Ensino Médio é muito pouco, eu acho muito pouco, e fica difícil para a gente. Eles vêm com muita deficiência, regras de sinais, eles não sabem trabalhar com fração. “Ah!, professora, passa uma conta que não tenha fração”, eles falam isso. Muita dificuldade em divisão, multiplicação, é assim, eu acho que meu conteúdo acaba se enroscando, principalmente no começo, assim, porque eu tenho 2ºs anos, e eu acho que os 2ºs anos já estão um pouco mais engrenados; agora, os 1ºs anos, quando eles vêm, eles vêm bem fracos.

Tem vários motivos que levam um aluno a ir mal em Matemática, tem a falta de interesse realmente deles, porque a gente, se tem aquela vontade de aprender, a gente acaba aprendendo; no fim, falta um pouquinho também de boa vontade da parte deles, eu acho que esta história de aprovar sem, aprovação automática, progressão continuada, eu acho que isso também não é certo, eles estão passando de uma série para outra sem estar sabendo. Então, assim, eles chegaram até aí, mas eles não sabem realmente, era para estar chegando um aluno que realmente esta no 1º ano do Ensino Médio. Agora, não, eles estão com a mentalidade ainda ali, com o conhecimento matemático muito atrasado. Atribuo o fracasso à aprovação continuada, à falta de interesse deles também, bom, não sei, também seriam os professores que, às vezes, ficam muito naquela matéria repetitiva, e não diferenciam muito, isto pode ser também. Sabe, a forma que eles apresentam o conteúdo, eles perguntam muito isso: “Para que eu vou usar?” Talvez eles não sintam, assim, o interesse, não conseguem ver onde eles vão estar utilizando isso. Eu tenho alunos fracassados (risos). Eu procuro sempre estar auxiliando eles na sala de aula, estimulando a estar fazendo. Às vezes, também eu deixo eles sentarem em dupla, às vezes com colega ele tem mais facilidade de trabalhar do que às vezes perguntar para a gente; tem alguns que têm dificuldade de estar chegando a toda hora, ficar perguntando, né, já percebi isto, tem aluno que vem perguntar sempre, tem uma menina que falou assim que ela era muito fraca em Matemática; depois, ela resolveu perguntar tudo o que ela não sabia ela perguntava, aí ela acabou se saindo bem. Assim, às vezes, eu deixo eles sentarem em dupla, para estar tirando a dúvida com o colega, tento ficar em cima deles, né, ajudar, procurando auxiliar, né? Mas, realmente, tem uns, que não querem mesmo, por mais que a gente tente, faça, tem uns que não querem ser ajudados. Às vezes, a gente chama os pais, já aconteceu da gente chamar os pais, falar e mesmo assim não resolve. Quando falei que eu tinha alunos fracassados, pensei naquele aluno que não quer aprender, que não se

interessa. Porque tem alguns que têm uma enorme dificuldade e se interessam, tem uma menina nesta classe, que eu até achei interessante, tudo o que eu falo ela anota, sabe? Então, eu acho bastante interessante, ela tem bastante dificuldade em Matemática, só que eu tenho visto uma evolução dela, apesar dela ter dificuldade, ela tem melhorado, porque eles falam que a gente deve estar avaliando os alunos pelo esforço, porque tem alunos que são mais limitados, então, tem que ir até o limite daquele aluno né? Então, apesar dela não estar se saindo tão bem assim, mas ela tem evoluído um pouco, então esta eu não considero uma aluna fracassada. Agora, aqueles que não querem saber, que a gente tenta ajudar, que um dia faz a lição, outro dia já não se interessa, então, Matemática não é assim, né, você precisa de um outro conteúdo anterior para entender. Então, às vezes, eu estou num outro capítulo, já mais avançado, e tem alunos que já estão cansados de ver aquela matéria, e eu fico repetindo. Então, fica cansativa para aqueles que sabem, também, e porque a classe tem 44 alunos, então fica complicado, alguns pegam fácil, outros não, uns faltam muito também na aula, este é outro motivo também; tem uns que esquecem o livro, não trazem o livro, e a gente trabalha com o livro, eu tento, assim, manear um pouquinho e vejo, assim, quando a maioria está pegando aí eu passo para outro capítulo. Assim que eu tento fazer, eu tento auxiliar sempre, eu tento andar pela classe, perguntar, estar mais próxima, eu tento passar pela classe, ver qual é a dúvida.

Meus alunos têm uma relação de dificuldade com a Matemática. Eles já chegam com uma impressão negativa da Matemática, “Ah! Matemática!” Eles já assustam, “Ah! Matemática é difícil, eu tenho dificuldade com Matemática”. Eles já chegam assim, tem uns que gostam, né, mas a maioria já tem aquele preconceito.

Eu acho que é pouco, o conhecimento de Matemática dos pais dos alunos (risos). Devido ao nível também, né, porque aqui é uma escola classe média baixa, e normalmente, não têm condições de estar estudando, de ter uma escolaridade muito alta, são poucos, são poucos os pais que têm escolaridade. Também, devido à classe social. Ah! Já conversei com alguns pais, também, de alunos, e a gente percebe que eles têm pouca escolaridade.

Eu acho, acho que seria fundamental o apoio familiar para evitar ou enfrentar uma situação de fracasso escolar. Bom, eu acho que a família deveria estar sempre presente na escola, deveria estar vindo para a escola sempre, conversando com os professores, analisando, porque eles só vêm quando a gente chama, quando o aluno está indo mal, quando está dando problema. Normalmente, também, os professores têm mania de chamar quando o aluno é indisciplinado, nem sempre este aluno indisciplinado é o que tem

dificuldade na matéria, tem alunos que são indisciplinados e que vão bem na matéria. Então, eu acho que a gente mesmo, os professores, deveriam estar chamando mais os pais para virem para a escola, incentivando, trazendo os pais para a escola; eu acho que deveria ter uma participação maior dos pais na escola. Eles poderiam contribuir, porque eles estão muito por fora do que seria este ensino, eu acho que eles não têm muita idéia, porque a Matemática, para eles, é aquela Matemática da 1ª à 4ª série, eles não têm muita noção, né? Eu acho que eles estariam vindo mais para a escola, para ver como realmente funciona, porque mudaram algumas coisas, né?

Considero importante os pais conversarem com os filhos sobre a escola, diálogo eu acho que é sempre importante. A gente vê aqueles que têm o pai apoiando, a gente percebe também. Percebe que, quando a família apóia a criança, o desempenho dela é melhor. Porque sempre, em reuniões de pais, também vão os pais daqueles alunos que vão bem; então, a gente faz reunião de pais, ao invés de vir aquele que a gente quer conversar, que tem dificuldade que está indo mal, eles não vêm, não aprendem, e vêm aqueles que os filhos estão indo bem, justamente porque eles já são mais interessados, e isso faz com que os filhos também sejam. Porque muitos dos pais não têm conhecimento matemático, mas eles podem estar conversando, incentivando; neste sentido, o fato de estar vindo à escola, estar participando das reuniões, estar perguntando, olhando o caderno do filho, acho que isso seria um incentivo.

Não costumo passar tarefa para casa, eu falo para eles estudarem em casa, né, marco a prova, tudo, falo para eles estar estudando tudo, eles falam que Matemática não deve estudar, e eu já acho que não, eu acho que tudo a gente tem que estar estudando. Eles acham que não deve estudar, que Matemática não tem que estudar, eu acho que por não ser uma matéria decorativa como as outras, que, nem assim, História. É um conceito, assim, que eles têm, eles acham que têm que entender e se eles entenderam, na hora eles fazem. Mas eu já falei para eles que eu não concordo com isso, quanto mais a gente vai tentando fazer, vai revendo, né, porque muitos conceitos, às vezes eles acham, eles entendem na explicação e, na hora de fazer exercício, eles não conseguem. E tem uma outra coisa também, eu acho que eles não conseguem interpretar também, eu acho que tem muito isto de português também; eles não conseguem interpretar o problema, eles não conseguem entender, sabe, eles não estão acostumados a ler, eles querem que a gente explique, eles querem que a gente dê pronto. Agora, se eu peço algum trabalho assim, alguma coisa, aí todos fazem; diariamente exercício para casa eu não dou. Eu acho que até seria interessante, mas eu não dou. Eu acho que é um costume não passar, porque, quando

eu dava aula para 5^a, 8^a, eu passava, né? Agora, eu acho que é porque eles são maiores, assim, eu tenho a impressão que eles deveriam por si só, porque, senão, fica aquela coisa muito assim, sabe, eles têm muita mania de pedir visto, de trazer a lição. Aí, porque trouxe a lição, eles acham que têm que ter um ponto, sabe? Então, não sei, eu tenho a visão de que eles deveriam estar procurando, né, a gente tem que ficar toda vez pegando, assim, já é colegial. Quando eu dava aula para 5^a e 8^a, eu costumava passar lição para casa. Não sei, talvez seria uma coisa para eu estar revendo mesmo, não é porque eles estão, assim, muitos viciados, eles têm uns vícios que incomodam, de visto de caderno, eles querem que a gente dê a nota baseada no caderno, eles não estão preocupados em aprender o conteúdo, sabe? Eles fizeram o exercício, copiaram, eu não, eu dou mais importância para aqueles que entenderam, e eles acham que, porque eles copiaram a correção, porque eles têm no caderno. Agora, neste final de bimestre, teve uma classe que eu não olhei o caderno, porque eu dei visto e falei que ia olhar, depois eu não olhei; aí, ficaram bravos, perguntaram por que eu não olhei o caderno. Daí eu falei que, na verdade, eu sou contra isso (risos), que eu acho que eles têm que ter, que não precisa ter tudo certinho, tudo na linha, eles têm muito isso de estar colocando tudo certinho, aquela coisa de primário, de que tem que olhar os cadernos, de que tem que dar uma nota, sabe? Então, eu costumo dar a nota da prova, que é realmente pelo conhecimento deles, e não por fazer, ou não, o exercício.

Seria interessante se os pais ajudassem os filhos em casa, quando eles estão com alguma dificuldade. Porque eles acham que seria interessante estar passando lição para casa, pensando bem, assim, porque eles têm costume de assistir aula, fechar o caderno e não ler em casa, apesar de eu falar bastante para eles estudarem. Mas eu não acredito que eles façam isso, talvez passando uma lição, quem sabe, né? É aquela coisa, vai muito deles mesmo, porque, como os alunos não fazem mesmo, você passando a lição de casa, fica naquela, ou seja, aqueles que não querem não vão fazer, né, então aqueles que querem vão fazer. Tem uma menina, não é desta classe, é de outra, ela falou assim que ela estuda bastante Matemática em casa e eu achei interessante, porque a maioria fala que não que precisa estudar, que só o fato de entender já basta, e ela falou que estuda bastante, que chega em casa, ela relê os conceitos que foram trabalhados na aula.

Acha que se os pais interagissem mais com a escola, poderiam ajudar mais ainda com as tarefas de Matemática; eles poderiam estar colaborando. Não tanto no conceito matemático, mas, só pelo fato de estar dando mais responsabilidade de estudo, dos pais

estarem também passando isto em casa, poderia contribuir para a prova e para outras coisas.

É importante a escola promover reuniões com os pais, justamente por isso, pelo fato dos pais estarem vindo, de ter um contato com os pais, estar conhecendo os pais. Conversando com os pais, a gente já percebe também bem o aluno; você vendo o aluno, você já percebe o tipo de pai que ele tem, né, porque aquele aluno que é normalmente indisciplinado, é porque já vem de uma família desestruturada, e eu acho importante estar conhecendo os pais. O aluno é o que a família passa para ele, né? Eu acredito muito nisso de família, eu acho que é o primeiro contato que a criança tem é na família, depois é a escola; então, se o pai passar valores básicos, fundamentais para o aluno, eu acho que ele vai se tornar uma pessoa responsável; se o pai conversar bastante com a criança, discutir os assuntos, sempre perguntando, sempre interessado. Agora, tem pai que larga, que não se interessa pelo filho, normalmente ele também não se interessa. Muitos associam o aluno bagunceiro, que não vai bem, ser assim porque ele tem pais separados. Mas, eu não levo para este lado: a condição dele é difícil, então eu vou dar um desconto para ele na escola. Eu não acho certo isso, não concordo muito com isso. A escola, de uma certa forma, se ela conhece o aluno e sabe dessa desestruturação da família dele, ela não age na família. Não tem aquela psicóloga para estar cuidando da família. Este, deveria ser um dos pontos para a gente pensar. Porque o aluno acaba trazendo os problemas de casa para cá. Eu já tive uma aluna que o coordenador de outra escola falou para mim assim: “Mas, estes dias, o pai quis dar uma facada na mãe e ela estava no meio”, e era uma aluna totalmente indisciplinada, mas a gente, é claro que a gente quer saber isso, mas o quê, né? Eu quero que ela preste atenção, isto é um problema, eu sei, mas por isso eu vou dar uma nota para ela, por isso eu não vou colocar ela para fora da sala? Eu acho que deveria ter uma psicóloga para estar resolvendo estes problemas, porque, na verdade, o professor tem que ser um psicólogo, tem que entender, muitas vezes os coordenadores os diretores, passam isso para a gente, que a gente deve olhar para a família: “Pô, mas dá um desconto”. Realmente, isso aí que você falou, porque ele mora com a avó, ele não tem família, né? Mas, também, eu acho que não é certo, sobra tudo para o professor fica complicado, né?

Nas reuniões escolares, normalmente eles mandam a gente ler um texto (risos) com os pais a respeito de educação, mandam a gente estar lendo; daí falamos a respeito da escola, tudo o que está acontecendo na escola, a respeito dos uniformes, que é obrigado estar vindo de uniforme. Na última reunião que a gente teve, a gente falou sobre os uniformes;

daí entregamos o boletim, e daí é discutido; normalmente, os pais vêm perguntar para gente quem é o professor que o aluno ficou com nota vermelha, aí ele vai procurar o professor na outra sala, vai conversar, e, se está com nota vermelha com a gente, pergunta por quê, e por que estourou de falta. Tem pais que nem sabem que os alunos estouraram de falta, acha que está vindo para escola e eles não estão vindo. Normalmente é discutida a nota do aluno, as faltas. A reunião serve mais para entregar o boletim e informar o que esta ocorrendo na escola.

É sempre assim: os pais que precisariam comparecer à reunião não comparecem. Deveriam comparecer os pais dos alunos bagunceiros, estes que a gente quer conversar com o pai (risos) e quer entender por que o aluno é assim, quer falar com o pai para passar isso, dividir com o pai. São os alunos bagunceiros, aqueles também que têm nota baixa, também muitos que não aparecerem, são mais estes daí, que têm mais dificuldades. Os melhores, normalmente, os pais vêm. Nessas reuniões, a gente, fala assim: “É, ela está com nota vermelha em Matemática porque ela tem dificuldade”. Os pais falam: “É, realmente ela tem dificuldade” eles concordam, elas têm dificuldades e tem uns que falam: “Ah! eu vou ficar no pé dele, eu vou olhar o caderno”, porque eu sempre passo atividade, não passo para casa, mas, em sala de aula, sempre tem exercício. Então, a gente pede para eles estarem olhando o caderno, vendo se o aluno está fazendo, então eles perguntam, né? Geralmente os pais dos alunos que são bons, eles não perguntam nada, para os daqueles que dão mais problema, a gente até fala os problemas e eles falam que, se tiver algum problema maior, para estar chamando. Os pais perguntam o que está acontecendo, mas não questionam muito, assim, a respeito do filho. Agora, sobre a escola, eles não questionam, normalmente, acham bom a escola obrigar o uso do uniforme. Eles vêm mais para ouvir, normalmente eles concordam com o que os professores falam, pelo menos eu nunca tive nenhum problema, assim, de algum pai discordar do que a gente fala.

Tem o horário do HTPC, na 2ª feira, das seis à sete; é um HTPC coletivo, são todos os professores; então, neste horário, os pais podem estar vindo conversar, e, inclusive, quando a gente tem problema com algum aluno, a gente já manda um bilhete para o aluno entregar para o pai, e o pai vem nesse horário, porque todos os professores estão aí, então pega todos os professores daquela sala e conversa com todos os professores, explica, né? Normalmente, quando está dando problema em uma matéria, está dando problema em todas; normalmente o aluno que tem dificuldade, porque, devido a isto que eu estou falando para você, devido ao interesse mesmo, se fosse mal só em Matemática, tem aluno que é em todas. Alguns pais, senão forem chamados, não vêm, a frequência é mínima, só

vem quando for chamado. Ontem mesmo, veio uma mãe e a gente falou para ela, e ela falou: “Ah! mas eu não sabia que estava neste estágio”. Então, só se chamar que vem.

Atualmente, eu acho que é pequeno o relacionamento/envolvimento entre a família e a escola, acho que deveria ser maior, é só troca de informações. Sabe, que não é uma conversa realmente, é uma troca de informações, não senta para resolver, é bem gelado, bem frio, né? Eu acho que, se participasse mais poderia estar melhorando.

Eu acho que melhoraria muito se a escola e a família se envolvessem mais, ia melhorar. Porque os três unidos, os professores, os pais e os alunos, eu acho que, porque eles têm os mesmos interesses. Este envolvimento ajudaria a questão do professor estar conversando, da família ter um contato maior com a escola e vice-versa. Bom, daí os pais também saberiam o método que a escola usa, poderiam estar incentivando mais os filhos.

Normalmente, os alunos que tiram boas notas, respectivamente são aqueles cujos pais costumam exigir boas notas, são presentes, e exigem mesmo, notas.

Eu costumo ter um relacionamento de amizade com os alunos até um certo ponto, né, porque a gente sempre tem uma certa distância, que a gente tem um certo respeito também, né? Porque, se a gente mantém um relacionamento muito próximo, eles confundem, né, eles acham que a gente... Eu acho que tem que ter uma certa distância, mas também eu acho importante estar conversando com o aluno, estar tendo um contato, assim, maior do que sair da sala de aula e acabou. Às vezes eu os encontro no corredor, às vezes eu converso, eles às vezes contam alguma coisa, eu tenho um relacionamento de amizade com eles, eu consigo dosar assim, e, mesmo com isso, eu acho que eles não confundem. É importante ter este relacionamento, porque a gente descobre muitas coisas a respeito deles, né, acho que isso. A relação dentro da sala de aula muda também, eles ficam menos agressivos. A relação de amizade, assim, contribui para o desenvolvimento na sala de aula, tem alunos que são muito agressivos e, no decorrer do ano, às vezes acabam conhecendo melhor o professor, acabam tendo aquele relacionamento. Existem alunos meus, assim, que melhoraram bastante no decorrer do ano, de estar conhecendo, de gostar da pessoa. Eu acho que ajuda.

Eu acho que, a escola e a família se completam na formação do aluno. As duas são importantes, então só família e sem conhecimento, sem a escola, o aluno, a pessoa não vai muito longe, também né, precisa da escola. E só a escola também, sem família, também tem falha, então, uma completa a outra. Eles precisam das duas para estar crescendo. Se eles estão com algum problema na família, começa a perceber que tem aluno que vem com problema, e até atrapalha a atenção deles.

Bom, tem uns pais que gostam de se envolver com o processo de ensino/aprendizagem dos filhos, outros que não, né, tem uns que gostam de estar bem próximos do filho, agora tem alguns que reclamam de falta de tempo, que não pode estar vindo para a escola, reclama que tem reunião. Eu acho que eles gostam de ajudar, mas eu acho que muitos não têm, assim, capacidade. Eu escuto pouco dos alunos que os pais ajudam no estudo.

A escola não oferece muito espaço e informações às famílias. Festas, quase não tem, tem o dia da família na escola, mas acho que este ano nem foi feito, não tem muito espaço, fora as reuniões não tem muito espaço, acho que também devido a isto, também eles não vêm, né? Vai chegar aqui, vai, sei lá, fica complicado também, eu acho que a escola deveria abrir um pouco também, chamar mais os pais.

E, a escola deve dividir suas responsabilidades, no que diz respeito à educação e à socialização do aluno. Ao mesmo tempo em que eu acho que elas devem se unir, a favor da própria formação daquela pessoa, né, do filho, no caso o aluno, ao mesmo tempo em que elas devem se unir, cada uma deve fazer sua parte, elas devem ter o mesmo objetivo, só que cada uma fazer a sua parte. Fica difícil a gente interferir na vida da família, e fica difícil também a família ficar interferindo, na escola.

Ah! Eu acho importante os alunos virem obrigatoriamente de uniforme, em termos de identificação, não pode ficar entrando aluno que não é da escola, não pode entrar qualquer um na escola, não pode ficar entrando algum aluno que não seja da escola, né? Ah!, eu acho que também fica mais organizado, dá uma impressão de uma escola mais organizada, uma certa ordem. Eu acho importante uniforme.

Se a escola possui outras regras? O uniforme, que é blusa, calça jeans e tênis, não pode vir de calça capri, bermuda, eles ficam reclamando por causa do calor, o horário, que também tem que ser seguido. Eu acho que a escola tem que ter regras para funcionar, eu concordo com elas.

Eu acho que a escola é um lugar que transmite conhecimento, é o centro, né, do conhecimento, onde se transmite, onde: “Ah, como eu poderia explicar, conceito de escola (risos)? Ah! é aprendizado, conhecimento, crescimento.

Bom, normalmente os alunos que freqüentam a escola pública são os alunos da classe baixa, média ou baixa né, agora em termos de favorecer: os alunos vêm à escola para estudar, profissionalizar-se, ter uma profissão. E estar melhorando este nível. O nível social dele. Ah! Eu acho, que se aluno quiser entrar na faculdade, ele pode sim, acho que pode obter, desde que tenha esforço, perseverança, acho que pode obter. Ele consegue. Eu

acho que sim, eu acho que depende muito da pessoa, claro que eu acho que, infelizmente, a escola pública, assim, o nível da escola pública não é igual ao nível da escola particular: hoje em dia, o ensino da escola particular é mais puxado, é mais avançado. Eu acho que os alunos, têm alunos muitos bons na escola pública, e eu acho que isso faz com que o aluno possa conseguir estar fazendo uma universidade, independente da escola, conseguir um bom emprego. Existem professores bons na escola pública, tanto como na escola particular. Agora, o que acontece, com a escola pública, é essa progressão continuada, este lance aí. Eu acho que os pais também cobram mais na escola particular; na escola particular, os pais cobram, porque eles estão pagando, então eles vão e cobram, os alunos cobram mais também. Na escola pública, eles não estão tão nem aí. Mas, essa experiência eu tenho de ouvir, eu nunca trabalhei em escola particular; eu já estudei em escola particular, e o regime, assim, eu acho bem rígido, eu achei muito bom, e eu acho que isso me deu, assim, um suporte muito bom, porque, quando eu estudei em escola particular, foi no ensino básico, da 1ª à 8ª série, depois que eu fui para a escola pública. Então, eu acho que esta base minha foi muito boa, eles cobram mais, eles ficam mais em cima, eles dão mais lição para casa, não sei se é porque os professores, que acham que ganham mais, não sei porque que isso acontece, mas a escola pública, hoje em dia, está um pouquinho atrasada, eles têm três professores de Matemática, enquanto aqui tem um, tem aula de manhã e à tarde, é mais puxado o ensino, não que os professores sejam melhores.

Eu gostaria de dar aula em uma escola particular, devido a isso, eu acho que é mais organizada, eu acho que é mais fácil de lidar com os alunos, são menos rebeldes, os pais ficam, assim, mais preocupados, também cobram mais. Parece que ela vai suprir as falhas que vejo na pública. A gente tem muitas falhas aqui. Eu acho que os professores são os mesmos, normalmente são os mesmos que dão aula aqui, e dão aula na particular, os alunos são outros, a classe social, eu acho que isto influencia muito, o fato de vir de uma classe mais baixa do que os alunos. Influencia, porque os pais mesmos, eles acabam largando mais os filhos, eles não ficam tão preocupados em ver se o filho fez, só o fato de vir para a escola, e estar freqüentando a escola, eles não estão preocupados se está aprendendo ou não, o fato de estar vindo para a escola eles já acham que...Os pais da escola pública pensam mais ou menos assim, são mais ignorantes, em termos de estudo, eles têm menos estudo, menos cultura escolar, então, os filhos também têm menos, moram em lugares mais pobres, tem alguns que nem sonham em estar fazendo faculdade, para eles só o Ensino Médio já está bom, eles não sonham muito alto, eles falam: “Ah! mas para que eu vou precisar disso, eu não vou prestar faculdade, eu não vou prestar

vestibular?” Eu ouço isso: “Quero parar por aqui mesmo, para que eu vou aprender isso?”, eles perguntam muito isso.

3.3 Helena

Eu fiz a Unesp, fiz Matemática, me formei em 1995. Eu comecei a dar aula estudando, ainda na Unesp; como aluna, eu já peguei aula para pontuação, tudo, depois eu me formei, continuei dando aula, depois me efetivei, dava aula em Ipeúna, depois dei aula no “Del Subacaro”, depois dei aula no “Cervezão”, já dei aula em tanta escola. Daí, quando eu prestei o concurso, eu escolhi aqui e me efetivei aqui tem três anos, né, vai fazer dez anos que eu dou aula, sempre dei aula de Matemática. Quando eu estava no 2º ano de faculdade, eu peguei, assim, eventual, substituição, fui indo, fui indo, até que, depois de três anos que eu estava como eventual, já surgiu uma classe só, livre, o resto eu ia substituir e foi indo, foi indo. Sempre aprimora minha formação. Porque a gente começa bem diferente, sabe, que nem eu comecei a dar aula no segundo ano, então eu não tinha prática, não tinha psicologia, não tinha nenhuma matéria pedagógica, então eu dava aula do jeito que eu aprendi com os meus professores. Eu fiz o colegial em escola particular e era aquele sistema maçante de apostila, de desenvolvimento repetitivo, né? Então era esse jeito, depois eu fui aprendendo que não era desse jeito, então a gente vai aprimorando e até, hoje, né, a gente vai, estou fazendo curso, a gente vai procurando se aprimorar, eu acredito que eu ainda não sou uma excelente professora, como eu gostaria de ser, mas eu estou caminhando para chegar lá. Que nem, olha, eu já peguei três anos seguidos 1ª série, então um primeiro ano foi dado de um jeito, outro 1º ano eu já mudei, achei que teve coisas que não deu certo, e este 1º ano esta completamente diferente dos outros, entendeu, agora? E tem coisas deste 1º ano que o ano que vem, se for atribuído para mim 1º ano, que eu também vou modificar, eu acho que é assim a aprendizagem nunca é perfeita, você nunca consegue chegar numa coisa perfeita. Tem vários cursos, tem a própria Unesp, eu já fiz bastante curso de sábado lá, e também o GPA, mesmo a minha, falando lá de trás, na prática de ensino eu aprendi muita coisa, muito coisa que eu achava certo não era, muita coisa, que eu achava que não era, era, e também a própria montagem da aula, o próprio conteúdo, como deve ser encarado, como deve ser dado, então tudo isso. E, de lá para cá, também algumas coisas já mudaram, certo, por falta de tempo, por falta de dinheiro, por falta de você não conseguir aquele que é o sonho, então você vai mudando, não tem como.

Na minha aula, eu procuro fazer assim: quando eu estou introduzindo um conceito novo, eu procuro, de todas as formas, partir de lá de trás, do ginásio, porque sempre tem um pré-requisito e começar a trabalhar com coisas mais concretas e ir indo, desenvolvendo, até chegar aonde eu quero. Eu não sou aquele tipo que chega assim: hoje nós vamos aprender, por exemplo, equação do 2ª grau, então coloca a equação do 2º grau, é isso, aquilo, aquilo, eu procuro montar problemas, montar situações, vai indo, vai indo, até que chega num finalmente, que eu falo: “Tudo que vocês fizeram se chama equação do 2º grau”. Agora, nem sempre, tem coisas da Matemática que a gente não consegue isto daí, essa construção; tem coisas que a gente busca e não consegue, mas este curso que eu estou fazendo agora tem me mostrado muita saída, o logaritmo, por exemplo, era uma coisa que eu não conseguia achar algo mais concreto e aí nós conseguimos fazer lá problemas de terremotos tal e que vai pegando as potências e que vai modificando as potências, até chegar no logaritmo. Aí, depois, quando chega, que você vai desenvolver, falar: “Olha, isso se chama logaritmo”, aí você vai dando mais problemas que eles vão percebendo que acontece a mesma coisa que a propriedade, ah! então acontece sempre isso daqui. Então, no comecinho das minhas aulas, quando eu estava no 1º ano, não, eu dava o conceito, propriedades, exemplos, exercícios tal, agora a gente já procura partir mais para o lado do problema, está certo, nem tudo eu ainda consigo, mas o que eu pesquiso, o que eu consigo, eu procuro fazer. Eu procuro fazer, também, muita atividade em grupo, eu acho que o grupo desenvolve bastante porque é diferente eu chegar para o aluno, expor, do que o aluno discutir com alguém, e eu sou uma para discutir com 40. Então, é bom que eles se sentem em grupos, né, e aí eles vão chamando a gente, só que a única coisa que eu faço é a correção em lousa, eu ainda faço, dos problemas, porque daí é o momento que eu vou explicar. Mas o que eles já pensaram, o que eles já fizeram, porque nem sempre a gente tem tempo de atender todos os grupos e tirar todas as dúvidas, individualmente, você não tem este tempo. Então, eles mesmo chegaram num ponto de pedir: “Professora, por favor, faça na lousa estes problemas.” Melhor do que eu pegar a fichinha, o caderninho de cada um e corrigir, leva muito mais tempo; então é o momento que o grupo vai expondo as dúvidas, e é bom, porque um grupo ouve a dúvida do outro, que não tinha pensado naquela dúvida, por exemplo. Então, eu procuro fazer desta forma.

Se eu considerar a Matemática uma matéria difícil ou fácil de aprender? Olha, vou falar para eu aprender, não para meus alunos, né, porque é difícil a gente falar da aprendizagem do outro, né? Eu acho que depende muito do jeito em que é colocada a Matemática; eu, pelo menos, na Unesp, tive certas matérias que eu tive muita dificuldade,

e daí eu ficava em DP, chegava um outro ano, chegava um outro professor, e me colocava de uma outra forma em que eu deslanchava. Então, eu acho que, assim não é fácil, mas também não é difícil, depende da maneira em que ela é encaminhada dentro do cérebro da gente, como que é feito o desenvolvimento; eu acredito que a Matemática é assim. Eu vejo pela minha filha, que está na 1ª série: a professora deu lá “Um quarto de hora, quanto minutos tem?” Ela ficou baratinada, aí, você pega lá desenha o relóginho, “Como que é um quarto?”, agora ela não erra mais. Então, por isso, que eu acho que ela é difícil, dependendo do jeito que ele é colocada, e ela pode se tornar fácil, se for posta de uma maneira clara, que você está entendendo. Agora entende de um jeito, outro entende de outro, então, é difícil neste sentido, porque eu posso te atingir, mas posso não atingir teu colega, então eu acho que, como vou dizer, se é difícil, é difícil quando eu entendo, né, mas existe outros caminhos que eu posso...porque a gente, às vezes, como professor, a gente não consegue chegar no caminho que ele, às vezes eu acho que este caminho é mais fácil, aí talvez o outro seria bem mais fácil e eu senti isso muito na Matemática. Por exemplo, álgebra linear, eu não conseguia passar, fiquei dois anos em DP, aí entrou Lowbel, ele é uma sumidade, aí ele começou, de uma forma diferente, ele levava a esfera e, aí foi, e até hoje eu sei os conceitos de álgebra, teoremas. Foi bem mais fácil de demonstrar tudo, porque houve uma outra didática, houve um outro modo de...um outro prisma que você está vendo de um outro ângulo as coisas, então facilita. Então, aí, álgebra, que era difícil para mim, que era impossível, já não era mais impossível.

Em relação, a como eu avalio o conhecimento de Matemática do aluno, eu acho assim, que, quando eu já não estou mais despertando interesse nenhum no aluno, é porque ele está indo mal. Eu acho que o aluno, até tenta, tenta até um certo ponto, a hora que ele vê que não está conseguindo nada, ele perde completamente o interesse. Então, aí, ele já não está indo bem, aí é hora de eu parar, refletir e tentar atingir este aluno. Então, este é um jeito que eu avalio o aluno e me avalio também, junto com o aluno, porque eu vejo que eu não estou conseguindo, e agora eu avalio toda a participação dele em sala de aula, eu avalio provas individuais, atividades em grupo, como está sendo o interesse no grupo, se ele pára e fica conversando só de outras coisas, ou se ele está debatendo aquilo, como que tem sido este envolvimento dele com a Matemática. Eu acho que é mais o envolvimento mesmo, do que a própria prova em si, embora que aqueles que são bem envolvidos, eles fazem provas perfeitas, e aqueles que são menos envolvidos, a gente percebe que não conseguem nas provas chegar lá. Então, aí, eu avalio o aluno e me avalio, eu percebo, por exemplo, se tem dez alunos que não estão conseguindo se envolver, eu

dou atividade em grupo, não está indo, eu vou para a lousa tentar tirar dúvida, o aluno não me pergunta, quando eu chamo, até chego a chamar. “Olha, você não fez”. Ah! porque eu não estou sabendo nada.” E o nada ele não me pergunta, o que é o nada para ele? Então, aí, chega uma hora que eu vou ter que começar a puxar a nota dele, e, ao mesmo tempo, eu sento com ele toda a atividade em grupo e vou tentando puxar o conhecimento dele. Então é uma troca, se ele não está entendendo, eu também não estou conseguindo dar bem o que poderia ser dado. Matemática não é mais aquela coisa, prova 1, prova 2, tira a média, não existe isso, porque, uma porque também uma prova, ela está sobre um assunto, a segunda ou a terceira prova podem ser a continuação de um assunto, quer dizer, se ele vai bem na segunda, eu não posso considerar a nota da primeira; se foi o beabá, e agora ele desenvolveu, eu tenho que olhar o que ele cresceu. Agora, o aluno de 9 continua tirando 9 e um aluno de 4 tira 9, quem cresceu? Embora que também aqui a gente não costuma dar nota, né, é conceito, e é por isso que a gente vê este aluno que cresceu bastante, ele merece um conceito maior do que aquele que se estabilizou no 7 dele, por exemplo.

Para saber qual o nível de conhecimento matemático de um aluno quando chegam ao 1º ano do Ensino Médio; depende da classe, que nem, esta classe que você fez a pesquisa ela veio com um conhecimento muito bom, porque a gente tem dado trabalhos e estes problemas envolvem muitos conceitos; por exemplo, para você construir um gráfico, por exemplo, você dá lá um retângulo, você fala que um lado está variando. Então, a própria linguagem, a interpretação se ele não conseguir, se ele não conseguir interpretar, ele não vai conseguir nem começar. Aí ele começa, noção de área, que vai dar a equação do 2º grau, né, sua função do 2º grau, a noção de perímetro, que vai dar a do 1º grau, e assim vai indo. Então, você percebe como é que ele está chegando por estas ferramentas, que são necessárias para você desenvolver o conteúdo dali. Então, como a gente começa com problemas, para introduzir o conceito, então é fácil você ver onde, o que é que esta faltando, porque, à medida que vai precisando no problema e ele não tem, você pode dar uma parada e socorrer, aí você continua, vai dificultando os problemas até chegar lá e falar: “Olha, o que você fez até agora se chama função do 1º grau, ou função do 2º grau”, entendeu? É mais fácil do que você chegar e falar: “Olha função do 2º grau é isso, isso”, exemplo, exercício. Nesta turma, só tem uns dois, três, que você percebe que não têm esta noção; tem aluno que eu precisei ensinar o que é área, tipo ladrilhando mesmo; no geral, é uma classe muito boa. Mas tirando esta classe, no geral os alunos que chegam no 1º ano...então isto é tão relativo, porque vem aluno de toda a escola, vem do “Zita”, vem do

“Marasca”, vem de Ajapi, então cada um vem com uma realidade diferente, você tem aquele que realmente não tem condições, que nem tem uma 8ª série que vai para o 1º ano o ano que vem; esta 8ª série, você vai ter que dar matéria de 6ª para eles, 7ª, não vai ter como você dar uma matéria de colegial para eles, entendeu, porque eles não têm, eles sempre foram empurrados, vamos dizer eu sei porque eu dei aula para eles na 6ª série e eles já não sabiam nem somar e subtrair. Tinha aluno que, por exemplo, você punha lá $6 + 5 = 11$, então o 1 sobe uma dezena, ele punha o 11 em baixo, tudo em baixo, então ficava aquele número deste tamanho; quando você ia somar, entendeu, então você via que ele não tinha noção de unidade, dezena, que é coisa de 1ª série de primário. Então, até eles estão trabalhando coisas assim, bairro, de geografia, sabe estas coisas assim, onde você mora, tal. Na 8ª série, eles estão bem atrasados, então isto daí é relativo, cada classe é uma, quando você começa o ano, você vai tentando detectar e você vai vendo, tanto é que o planejamento de uma classe para outra muda, né? Que nem este primeiro de Ajapi, eu já comecei a dar PA e PG, que é matéria de começo de 2º ano, entendeu? Agora, se fosse uma outra classe, como a que eu tinha o ano passado, já não tinha condições, eu mal consegui terminar a matéria do próprio 1º. Depende muito da turma.

Eu acho que, o motivo para um aluno sempre ir mal em Matemática, é porque ele tem a deficiência em relação aos outros, eu acho que, desde a primeira vez que ele não conseguiu entender alguma coisa, foi deixado para trás. Sabe, eu acho que começou assim, eu acho que começou assim, eu não sei te dizer ao certo; então, tem muita gente ali que parou de estudar, voltou, esqueceu, outro tem problemas familiares, então não consegue ter aquela concentração, outros não têm paciência com a Matemática, fala que não tem paciência, e tem outros também que eu acredito...eu acho que tudo isso é um conjunto só, você entende? Eu não vejo como coisas separadas, mas, quando ele começou com a dificuldade lá, seja no 1º ano, no 2º, no 3º, não houve uma atenção especial para ele, a coisa foi indo, foi indo. Então, o que isso vai gerar? Isso vai gerar desinteresse, vai gerar o fracasso dele, e vai gerar aquela antipatia com a Matemática. Eu acho que é isso aí, sabe, porque eu acho que não existe o mais inteligente e o menos, o mais apto e o menos apto; o que eu acho é que é aquele buraco, sabe, aquele buraco, que permitiram, isso daí. Então, ele foi, tanto é que, nas minhas aulas, eu perco mais tempo, entre aspas perder tempo, com aquele que está ficando para trás do que aquele que está indo; na medida do possível, eu perco este tempo. Eu acho que isso vai gerando uma bola de neve, a hora que você for mexer tem de tudo ali.

Neste primeiro ano, eu não tenho alunos fracassados, não, mas, no geral, sempre tem, toda classe tem, e tem classes inteiras que tem. Eu tenho um 3º G que eles são inteiros assim. Olha, o que mais ajuda a minimizar esse fracasso, é o trabalho em grupo que eles se sentem mais à vontade, e a gente começar as atividades sempre com jogos, numa descontração matemática mesmo. Daí, eles vão se soltando mais, e, quando você começa a avaliar em grupo, um não deixa o outro sair fora da linha, vamos dizer. Então, eu acho que isto facilita, facilita, não sei se resolve, mas pelo menos eu estou conseguindo andar um pouquinho com a matéria, né, e as provas, o próprio desenvolvimento não têm sido muito mal, não. Agora, neste segundo semestre, eles deram uma boa melhorada em relação ao primeiro, e eles já se sentem discriminados, a classe dos ruins: “Juntou todos os ruins, estamos nós aqui, então; eu sou aqui, professora, nem adianta porque eu não entendo, eu nunca vou entender”. Então, você tem que trabalhar o contrário, e é difícil, eu demorei seis meses para mostrar para eles que eles conseguem entender, se eles quiserem; é um trabalho difícil, é mais psicológico do que da própria Matemática, só que, no 3º colegial, este trabalho eu acho que devia ter sido feito antes.

Olha, os alunos dizem que gostam da Matemática, eu sinto isto. Mesmo aqueles que têm dificuldade, pelo próprio jeito que a gente coloca as aulas da gente, eles procuram entender e procuram fazer as coisas, realizar as coisas. Então, eu acho que isso já é um ponto positivo, vamos dizer que ele não goste, como ele goste de outra matéria, mas eu acredito que ele também não desgosta, a ponto de não querer nem ver na frente. Então, eu acho que é tudo uma questão de você cativar desde o começo, porque, mesmo que você pegue um aluno, vamos dizer, que odeia a Matemática, se você for indo com jeito, conversando, se tornando amigo, de vez em quando, sabe, não só relacionamento professor-aluno, vai, isso daí estimula, melhora muito, eu tenho percebido que melhora muito, não só relacionamento professor-aluno, aluno-professor, mas você começar a pegar uma certa amizade. Que nem, sentar assim: “Vamos ver isso, vamos ver como isso está funcionando, por que que isto daqui não está legal para você”. Aí, você chega num ponto de aluno sentar com você e falar até de problemas que ele teve na casa dele, problemas que você vê que ele não consegue se concentrar por este motivo; aí, você dá um conselho aqui, o outro é filho pego de criação, e você acaba virando uma psicóloga. Mas isto daí vai te aproximando, e ele vai se aproximando de você e da Matemática junto, certo, ele vai começando a ver as coisas com um pouco mais de interesse, e eu acho que esta é a saída. Pelo menos para mim, nunca chegou e falou: “Olha, professora, eu odeio Matemática”. Nunca fizeram isso.

Eu acredito que, o conhecimento matemático dos pais dos alunos, não deve ser muito, assim, porque eu acho que a maioria não tem nem grau superior, se tiver o 2º grau, pelo que eu vejo nas reuniões... então, quando a gente vê que os alunos estão precisando de ajuda, que a gente não está dando conta na sala de aula, que você chama um pai e fala: “Olha, ele precisa estudar em casa, olha ele está precisando de um reforço, a gente vai tentar abrir um reforço aqui na escola, você manda o seu filho”, parece que ele, ele fala assim: “Ah! mas é muito difícil a Matemática, é muito difícil mesmo”. Então, parece que os pais têm mais, assim, do que o próprio aluno, eu já percebi que tem pais que, quando você fala. “Eu sou a professora de Matemática”, “Ah! Matemática!” Já, né? Eu acho que, antigamente, a Matemática era pior, que era a época que eles estudavam e, como eles já não têm aquele estudo, eles não podem ajudar os filhos, né? Então, se o filho chega, e fala, “Ah! eu não estou entendendo nada, é muito difícil”, “Ah! mas é mesmo”, ele não vai tentar mudar a situação.

Acho importante o apoio familiar para evitar ou enfrentar uma situação de fracasso escolar, porque a família é fundamental no desenvolvimento do aluno. Mesmo que, a família, de um apoio verbal, porque o verbal mexe com o psicológico; eu acho que o apoio também de você pegar e olhar o caderno do seu filho, olhar e ver se ele está fazendo atividade, ou não, e cobrar isso: “Filho, por que você não está fazendo? A professora não está dando nada?” Vem aqui na escola ver se o professor não está dando nada, ou não, ela está dando, “Por que você não está fazendo? O que está acontecendo? Então, eu acho que a gente é uma equipe, eu sozinha, eu não vou conseguir, mas se eu tenho um pai em casa, uma mãe que está ali, e “Olha, ele não foi bem”. “Então, você vai estudar uma hora por dia, tudo o que o foi dado em sala de aula, você vai rever em casa, vai tentar pensar, as atividades que a gente deixa para casa”, que eu dou bastante atividade para casa, também, o aluno nunca traz, estes nunca traz pronto, entendeu? E, como ele sabe que eu vou olhar, então, uma aula antes, fico sabendo que ele copiou do outro; então, isto daí, ele próprio está contribuindo para o fracasso dele, porque, se ele tivesse uma mãe e um pai que estivesse em cima; “Olha, deixa eu ver por que você não fez, você não está entendendo? Então eu vou lá na escola conversar, para saber por que você não está entendendo”, e assim a gente montasse um, “Olha, eu estou mandando atividade, olha ele está me trazendo de volta” este elo, eu acho que não ia existir fracasso, não. Então, eu acho que a criança precisa muito, o adolescente, de um pai e uma mãe presente, e é o que eles não têm hoje. Hoje, a mãe sai para trabalhar e volta à noite ela não sabe se o filho está indo bem na escola, se não está, você faz reuniões, ninguém vem pegar boletim, ninguém está

nem aí. Então, tudo só para a gente, então aqueles que têm um pai e uma mãe presentes, que vêm na reunião, que perguntam. Que nem, eu dei umas atividades do fascículo, que os alunos não gostaram, acharam muito difícil, que “Nossa, se cai uma coisa dessa na prova, que eles nunca iam saber fazer num vestibular, num Enem”. Aí, veio a mãe aqui conversar comigo, era o fascículo que eu estava trabalhando, eu acho legal isso daí. Aí, eu sentei com a mãe, expliquei, mostrei. Aí, a mãe: “Ah! então está bom, então é assim”. Sabe, então, você vê um interesse, a filha é excelente aluna; agora, aquele que o filho, você pode pegar, aquele que não vai na escola, o pai não vem na escola, o pai não sabe nem que série está, já aconteceu do pai vir aí e não saber nem que série o filho está, já aconteceu de eu precisar chamar pai de crianças, assim, difíceis, eu conversar com o pai, e falar: “Eu vou colocar data no caderno do seu filho, para o senhor verificar o que ele está fazendo”. Então, eu escrevia que nem primário no caderno, olha a data de hoje, eu fiquei um ano, foi o que salvou o ano do filho, porque daí, se ele não fizesse atividade, ele não jogava futebol, e ele começou a fazer atividade. No começo, a atividade vinha toda errada, mas depois foi melhorando, melhorando, pronto, salvou. Às vezes, passo tarefa para eles, geralmente, são os problemas que não dá para terminar em grupo, eu deixo pensar em casa. Eu acho que uns 70% dos alunos fazem a tarefa. Fazer tarefa é importante, porque você pensar em grupo é uma coisa, um te ajuda, te dá uma luz, te dá uma idéia; e você pensar sozinho é outra coisa e, quando ele for para um vestibular para um Enem, eu também tenho que pensar nisso não posso só pensar no desenvolvimento dele, porque ele saindo daqui se ele não conseguir nada a culpa vai cair em mim, fui eu a professora os três anos dele, entendeu, então eu também tenho que pensar desse lado, e lá ele não vai estar discutindo nada em grupo, ele vai ter os problemas que ele vai ter que pensar sozinho, a vida é assim, os problemas a gente tem que passar e resolver, e a Matemática ajuda no raciocínio para o preparo para a vida, então para você construir é muito bom em grupo, mas chega uma hora que você vai ter que tentar e amadurecer sozinho as suas idéias, é esta hora que eu mando as atividades para casa que ele tem que pensar sozinho. Eu sempre falo isso para os alunos, porque, olha, a aula a gente aproveita os 50 minutos que você está reunido, então nós vamos aproveitar esta reunião para desenvolver nosso conhecimento em equipe. Então, eu jogo, não o que você falou é errado, ah! o que o outro falou é certo, porque é certo, então nós vamos pensar juntos, e o desenvolvimento em casa, é o desenvolvimento que você vai fazer sozinho. Aí, você não tem a idéia do outro, a saída que o outro teve, é a sua saída, e você sabe que, na Matemática, tem mil maneiras de resolver um único problema, e aí vai ter a saída dele. Se ele não tiver saída nenhuma,

então está na hora dele repensar. “Como que, em grupo, eu tenho saída, e sozinho não?” Então, é o momento que ele tem para amadurecer sozinho, ele nunca vai estar num grupo num Enem, num vestibular e no resto da vida dele, não é verdade. Isto eu não posso te garantir – que a família ajuda no dever de casa – não, porque ele não tem nem quem, por exemplo, um pai, uma mãe, um irmão, eu nunca vi ajudar, certo, porque o pai e a mãe nem sabe que teve lição de casa. Agora, quem é bom, os bons alunos, vamos chamar assim, eles têm uma certa responsabilidade, eles fazem, mesmo que eles não conseguem, a primeira coisa, eles chegam, a 1ª coisa: “Professora, olha, eu não consegui fazer aqui.” Aí você fala assim: “Tenta por tal caminho”. Aí ela vai de novo para casa, ele tenta, aí ele fala: “Ah!, professora, saiu, ou continua não saindo”. Ah! eu acho que é importante a família estar junto, mas num momento mais de cobrança do que de sentar e realizar junto, entendeu? E para isso, se a família viesse mais para escola, se envolvesse mais ela poderia fazer este momento em casa.

Olha, por mim, teria até mais reuniões com os pais, porque precisaria ter esta integração, os pais com a escola e a escola com os pais. Porque, olha, tem situações, vamos chamar assim, aquele aluno rebelde que te enfrenta, que é muito difícil você lidar com ele; já aconteceu de você chamar pai, uma, duas, três, quatro, dez vezes, aí chega lá na 25ª, o pai resolve aparecer, porque, se o pai não aparecer, o aluno não pisa mais na escola. Aí você conversa com o pai, você vê que o pai é pior que o aluno, até que o aluno é bom perto do pai, porque o pai é vulgar, baixo, te usa palavra de baixo calão, entendeu, é terrível, tem certos pais que são terríveis. Então, se houvesse este envolvimento, eles iriam conhecer o trabalho da gente, a proposta da escola; então, ele não ia ser aquela coisa: “Olha, eu vou deixar meu filho porque eu tenho que trabalhar, não tenho onde deixar, e não vou deixar meu adolescente solto na rua, entendeu?” Este é um compromisso com a escola e a gente, um compromisso com ele, entendeu, e devia ter esta troca e não tem esta troca, geralmente não tem, são poucos os pais que têm a troca.

Por ser uma reunião por bimestre, é aquela coisa, uma que é um professor só, de doze é um que vai à classe, certo, eu acho isso uma incoerência, porque tem classe que eu tenho mais problemas, vamos dizer, e, justo aquela aula, eu estou naquela classe onde eu tenho menos problema, e eu não tenho acesso àquela outra classe. Então, aí o que você vai fazer? Você tenta passar as coisas da escola, não muito da tua aula porque é uma aula só, só se alguém solicitar e aí você acaba falando sobre nota, entrega de boletim, o que nota, se você for ver, não é nada, nota não interessa, o que interessa mesmo é como está sendo este processo de aprendizagem. Isto daí os pais nunca ficam sabendo, olha aparece 10%

dos pais em cada classe, quando vêm. E, é sempre assim: os pais que precisariam comparecer à reunião não comparecem. Deveriam vir os pais dos alunos bagunceiros, que não fazem as atividades, que não se interessam, que você tem que estar em cima para ele tentar pegar um pouquinho de gosto pela matéria, tentar desenvolver. Então, quer dizer, você fica com este trabalho sozinha, sem ninguém para te ajudar, a gente até consegue lá pelo final do ano, o aluno está começando a entender como deveria ser, mas aí já te atribuem, o ano que vem, uma outra classe, e aí você perde tudo.

Nas reuniões o problema dos pais é só nota, se ficou com vermelho com você, ele vai falar com você; se não, ele não quer nem saber de você, não quer nem te conhecer. Para os pais, o importante é a nota.

Logo quando eles fazem a matrícula, tem as normas da escola onde eles assinam um papel e já é passado para o pai, que, durante o ano, o professor está disponível toda 2ª feira, das cinco até a sete, todos os professores. Isso só ocorre quando chega no dia 1º de dezembro, quando ele viu que o aluno tirou vermelho do começo ao fim, aí aparece alguém, quando aparece. No 1º bimestre, nunca aparece ninguém, nem no 2º, vai aparecer depois do 3º, quando já não tem como salvar mais.

A escola tenta se relacionar com a família, pelo menos aqui, eu vejo que tenta, por exemplo, é que aqui é uma escola muito grande, então os bons alunos, a gente até deixa que os pais venham só nas reuniões bimestrais, mas, quando há necessidade...já aconteceu, e acontece sempre, da classe toda estar com problema em todas as matérias, ninguém consegue atingir, ninguém consegue ensinar, todos os professores é a mesma reclamação: eu chego lá com um tipo de atividade, outro chega com outro tipo, outro é bem tradicional, outro é bem não sei que jeito, e ninguém consegue atingir os alunos seja o método que for. Então, aí, a direção da escola convoca todos os pais para virem em reuniões. Por exemplo, já aconteceu isso neste 3º G quatro vezes este ano, e o aluno que o pai não vem, ele é obrigado ao pai vir na 2ª feira, das cinco à sete, se quiser que o aluno entre. É, a escola sempre chama numa situação assim de problema, porque a gente até tenta chamar. Que nem, o grêmio faz, às vezes, tarde de pratos, fazem as coisas, a gente tenta chamar a família, festa junina, teve o ano passado festa do Halloween, a gente tenta chamar, mas é difícil chamar os pais. “Mas, quando meu filho não tem problema, eu não vejo necessidade de eu ficar indo”. Então, eles tentam se afastar, mas a gente tenta, por bilhete muitas vezes, sabe? Que nem, por exemplo, eu, até tem atividade que eu peço para o pai assinar, para, pelo menos, mesmo que o filho esteja indo bem, vê que o filho está fazendo, ou não está fazendo alguma coisa, sabe, para ver se ele abre o caderno do filho e

lembra: “Olha, meu filho está na escola, eu preciso me ligar”. Entendeu? A gente tenta fazer isso, mas realmente os pais procuram a escola num momento de aperto e a escola também procura o pai no momento da necessidade, mesmo porque aqui é uma escola muito grande, é complicado você chamar todo mundo toda hora.

Eu acho é fundamental o envolvimento entre a escola e a família. Eu, como professora e mãe, como mãe dos meus filhos, que são estudantes, nossa, eu estou sempre indo, sempre vendo, conversando com a coordenadora, vendo o professor. Eu conheço todas as professoras, o trabalho eu sempre estou vendo, é diferente, a gente que já tem esta visão. Agora, tem uns pais que são envolvidos, eles ficam ajudando o grêmio, as coisas de formatura, eles que estão à frente de tudo, no conselho de escola, toda vez que tem um conselho de escola que trata dos assuntos de APM tem pais que comparecem. Quer dizer, numa escola de dois mil alunos, tem uns dez pais que sempre estão aqui; mas não deveria ser só isso, eu acho que isso deveria ser um todo, e não uma minoria, este trabalho é fundamental para o desenvolvimento de qualquer aluno, para o crescimento da escola, para a gente, para o bem-estar até do professor. Você, conhecendo o pai, a mãe, a família, não é? Eu acho.

Eu acho que o aluno precisa tanto da escola quanto da família, ele precisa das duas, e o que acontece, hoje em dia, é que o aluno não tem uma família, eu tenho muitos que moram com avó, com tia, ou é adotivo, ou a mãe está presa. Então, a gente percebe que é muito difícil de atingir este aluno, porque ele acha mesmo que nada tem importância nesta vida, nem a Matemática nem o nada. “Eu estou aqui, eu já vou sair daqui logo”. Então, ele tem uma mentalidade mais assim, sabe, é meio difícil de atingir um aluno assim.

As famílias se envolvem no processo de ensino/aprendizagem, tanto é que tem pais que, no dia do planejamento, que a gente está planejando o que vai ser dado, eles perguntam, querem saber, sabe; de dois mil, tem dez, cinco, que se preocupam, querem saber até o porquê das coisas, e isto eu acho muito bom. Se tivesse isso, é uma responsabilidade maior, a gente sente também, em relação a isso, a gente se sente mais estimulado, sabe, e você sabe que eu tive uma 7ª série, o ano retrasado aqui, com problemas sérios de comportamento, e nós fizemos uma escala; cada dia vinha um pai, ou uma mãe assistir à aula com a gente. Isso foi excelente, nós fizemos isso por seis meses, mas olha, antes tivesse isso em todas as classes, você precisa ver os pais sentarem e tentarem resolver os problemas juntos de Matemática, sabe, puxa, eu nunca vi assim, que legal, sabe, e o próprio aluno via aquele interesse do adulto. Os pais vieram durante seis meses, tinha uma escala, eles vinham, tem até uma que mora com o avô, veio o avô aqui.

Porque a gente fez aquela reunião, que a gente não conseguia encontrar solução, os pais nada de se manifestar, depois nós fizemos a 2ª, a 3ª, chegou na 4ª, a gente decidiu isto daí. “Nós só vamos dar se tiver um responsável, um pai dentro da classe para vocês verem o que é”. Aí, eles começaram, e quando eles começavam a tumultuar, os pais entravam em desespero porque queriam que tivesse aula, entendeu? Foi muito bacana.

Se a escola oferece espaço e informações às famílias? Mais espaço do que isso? A gente corre atrás, a gente procura todos os pais em reunião, mesmo quando eu estou numa eu vou atrás dos outros; a gente convoca, conversa com os alunos para trazerem os pais. Quando tem a casa aberta, a gente chama todo mundo, quando tem um problema, você convida o pai a vir assistir aulas. Eu acho que não tem mais o que ser feito pela escola, eu acho que ela tem usado todas as armas para essa aproximação, porque eu já trabalhei em muitas escolas, mas escola como o “Batista Leme”, para aproximar família da escola, eu estou para ver. Eles buscam isso mesmo, até na questão da APM, na questão financeira, eles fazem questão de reunir pais, para discutir o orçamento da escola. Então, eu acho que o “Batista Leme”, neste sentido, ele tem caminhado muito bem, sabe, ele tem usado todas as armas que ele pode para poder chamar os pais, inventa festinha de não sei o quê, inventa casa aberta, a gente tem inventado um monte de coisas para os pais virem, mas vem muito pouco, sempre se espera mais do que vem.

Além disso, a escola deve dividir suas responsabilidades, com a família, no que diz respeito à educação e à socialização do aluno.

Na minha opinião, o uniforme é fundamental, no sentido da identificação. Hoje em dia, a gente tem vivido dias muito mal, vamos dizer, e a gente vê que tem muitos alunos, assim, que, antigamente, quando não tinha uniforme, os alunos pulavam, que não eram alunos aqui, pulavam o muro na hora do recreio para paquerar, não sei mais para o quê. Então, chegava um momento que você não sabia quem era aluno quem não era, e já aconteceu de, na minha aula, entrar elemento, logo nas primeiras semanas de aula, que eu não sabia se era aluno, ou se não era aluno, entendeu? Então, neste sentido, na questão de segurança, eu acho muito bom e, no sentido da decência também, porque, se você não estipula uma norma... Hoje em dia está muito assim liberado o sexualismo. Então, os meninos começam a vir com aquelas calças muito justas, as meninas de mini-saia extremamente mini, mini short, já vi meninas virem de mini blusa, aparecendo tudo. Então, eu acho que é um modo de você caracterizar a escola, faz uns dois anos para cá que colocou uniforme. Foi uma necessidade mesmo, porque a gente tinha muita gente que não era da escola, que pulava o muro, e vinha aqui; drogas, principalmente à noite, e a

decência precisou controlar. Então, os decentes ficavam... Os pais começaram a vir reclamar, o próprio pai de meninas mais decentes. “O que está acontecendo, de meninas viram de mini-blusa que erguia, aparecia todo o seio?” Professores acontece de reclamar também das meninas sentarem de mini-saia e ficarem cruzando a perna, para poder ficar, mostrar mesmo as coisas. Aí, a gente resolver estipular, e também no sentido de segurança, por exemplo, se um mata a aula, ele tem que vir uniformizado, ele pula o muro e mata aula. Quando eu entro na aula, eu vou marcar que ele não está presente. Vamos supor que ele é atropelado ali, ele está com uniforme do “Batista”, é aluno do “Batista”. Então, é no sentido de, está entendendo, então tudo isso daí foi pensado para a gente chegar na conclusão de que havia a necessidade do uniforme, mesmo sendo uma escola que tem alunos carentes, a gente usa a APM. Já aconteceu da gente dar do bolso da gente, mas para que todos viessem uniformizados. E tem outras regras, boné não pode, no sentido de respeito, né? Fumar no pátio, fumar em nenhum ambiente da escola pode, nem professor não pode; o fumante vai escondido no banheiro, e bem escondido, porque se a direção pegar, também não pode. E existem, assim, normas no sentido do horário tal para entrar, tal hora fecha o portão, aí você tem que dar a volta, vir por aqui, pedir autorização. Para você pedir autorização para entrar na segunda aula, você tem que estar com o seu pai ou com sua mãe. Se, caso hoje ele não pode vim, amanhã ele tem que vim, senão você não entra. Daí também, por exemplo, bate o sinal, depois que o professor entra em sala de aula, o aluno não pode entrar mais; então não tem essa de ficar indo para o banheiro, beber água, você esta no meio da aula, tem aluno pedindo licença para entrar, é aquele momento eu entrei, acabou, se não você vai ficar para fora e vai levar suspensão, seu pai vai ser chamado aqui para ele ficar sabendo que você não está cumprindo as regras da escola, e tudo isso é escrito nas normas da escola, que é dado no começo do ano, o pai tem que assinar e o aluno tem que assinar e devolver para a direção, destaca, né, a assinatura e ele fica com as normas. Então tem muita coisa na norma, por exemplo, o aluno que não está participando da aula, ou está dormindo, ou você pode pôr falta para o aluno, porque ele não está presente, porque é única arma que nós temos para reprovação, você sabe que é a falta, a lei fala que é a presencial só. Então, daí, você começa a dar falta para o aluno. “Olha, você não está trabalhando, não está presente, então você vai ficar com falta esta aula”. Então, tem muitas regras aqui. Essas regras são fundamentais para trabalhar, se não tivesse estas regras, seria impossível, porque eles iam ficar soltos, entendeu? Para lá e para cá, entrando nas aulas nos momentos que quisessem. É necessário o mínimo de disciplina para você conseguir trabalhar, e a disciplina tem que vir da direção, da escola e de todos

os professores, como uma equipe, não só da minha aula, tem que ser uma coisa para a escola, porque, se não eu deixo, o outro não deixa, e aí com ela pode, com ele não pode; então a gente fez estas normas que é para todos.

Olha, o conceito de escola é tão amplo, porque justamente eu desenvolvi este conceito em filosofia da Matemática. É uma coisa de louco, eu pesquisei desde o prezinho até um professor de universidade, o que é escola, você entendeu? Então, por isso. Eu acho que a escola nada mais é do que o lugar onde você vai ter a ferramenta para desenvolver o seu conhecimento; eu acho que uma pessoa que não vai à escola não consegue ter este desenvolvimento sozinho, nem por internet, nem pelos meios de comunicação existentes, nem por uma auto-didática, vamos dizer. Eu acho que a escola é fundamental na aprendizagem de qualquer pessoa, pode ser desde o pequeno até o adulto. Por exemplo, se eu quero estudar tal coisa, eu vou procurar um curso, que a gente pode intitular de escolar, entre aspas, vou procurar uma universidade aonde eu vou me especializar, então é aonde te oferecem ferramentas para você se desenvolver intelectualmente.

Olha, agora, a escola pública está tão mista... Antigamente, era só a classe alta que tinha acesso e a classe baixa tinha que pagar; na época do meu pai era assim, meu pai conta; você conseguia um colegial estadual, nossa, era o máximo. Depois, na minha época, já foi diferente, os da classe média alta já faziam o colegial particular, e o mais simples fazia o estadual. Mas, agora eu acho que está tão mista. Eu tenho alunos que são muito bem de vida, e tenho aluno, assim, que é muito carente; eu tenho aluno que já foi viajar até para a Itália, e me traz lembrancinha e, na mesma sala, eu tenho aluno que nós precisamos fazer vaquinha para comprar um tênis para ele, entendeu? Então, eu acho que hoje ele está atingindo a todos. E, além disso, ela consegue favorecer a todos, porque todas as ferramentas são oferecidas aqui, depende se ele vai querer, se ele não vai. Olha, o meu marido dá aula em escola particular, a mesma aula que ele dá lá, ele dá aqui, ele falou assim que não tem diferença nenhuma; eu não dou aula em nenhuma escola particular, mas eu acredito que, se eu fosse dar, também não ia ser diferente, entendeu? Agora, se o aluno vai aproveitar ou não, eu acho que, hoje em dia, é besteira você pagar um colegial, vamos dizer, sendo que o ensino público, daqui pelo menos, pelo que eu vejo, eu colocaria um filho meu. Eu vejo que há interesse, os professores sempre estão se integrando, conversando, tentando juntar, montar uma equipe, ou um planejamento junto; então, aquela coisa de ser isolado, minha aula ser minha, a do outro é do outro, a minha é mais importante que a do outro, e acho que a gente tem crescido muito neste sentido, sabe, e acho que a gente tem conseguido abranger mais do que deve ser abrangido, acho que a

gente tem conseguido esta interdisciplinaridade. Por exemplo, eu, nas minhas atividades, teve coisa de Economia que eu coloquei coisas de Biologia, e coloquei coisas de Geografia, e mostrei para o professor de Geografia se estava certo, se é assim, pedi a opinião dele, assim como vem o de Física e pergunta se está certo o que ele está fazendo, eu pergunto para o de outro, então a gente está formando, assim, uma equipe e eu acho que isso tem crescido bastante, sabe?

Eu acho que, nas escolas particulares, há uma maior participação da família, é a única diferença, porque os professores são os mesmos, que dão aula lá, dão aula aqui; as aulas, eles dizem que é a mesma, e eu acredito que são mesmo. O que acontece? Lá há uma maior cobrança por parte da família com o aluno, porque ele está pagando, então, aí, que há um desenvolvimento melhor, mas não é no sentido da matéria, da escola, acho que é no sentido da cobrança que os pais fazem. Por isso que dizem que é melhor, porque aquele aluno que não vai lá, não vai aqui.

Eu não tenho tempo para dar aula em uma escola particular, sabe? Porque agora eu dou aula todas as manhãs aqui, e eu tenho criança pequena, à tarde e à noite, eu tenho que ficar com meus filhos, eu tenho que fazer o papel de mãe, tenho que olhar lição, tomo lição, entendeu? Se eu desse aula, o motivo seria, ganhar mais, só neste sentido, porque até no sentido mesmo de cobrança, que nem falam, ah, Deus me livre, eu já ouvi os professores falar que dar aula em particular é uma cobrança. A cobrança, eu acho que é a mesma, porque eu também tenho que fazer relatório aqui, eu tenho coordenador no meu pé do mesmo jeito; então, eu não vejo, eu sei pelo meu marido que dá aula lá, eu não vejo vantagem, a não ser a financeira, e olha lá, porque também eles não pagam tão melhor, não.

4. Textualizações Coordenadores

4.1 Santoro

Eu sou professor de Geografia do Estado, sou efetivo, estou com 16 anos de professor efetivo, mas de aula já estão fazendo uns 23 anos. Como coordenador, estou aqui no “Batista”, o primeiro lugar que eu trabalhei como coordenador do noturno, né, porque há uma divisão do coordenador do diurno e noturno, no caso meu, só noturno. E estou no noturno porque eu gosto muito de dar aula, então, eu não queria perder o vínculo com classes, ou seja, a prática, a práxis, né, e você, práxis, né, está dentro da sala de aula, e como o coordenador noturno tem direito a dar um x de aulas que são 12, eu continuo pegando umas classes para trabalhar, gosto muito de trabalhar. Eu estou há cinco anos já aqui no Batista Leme, como coordenador; passei, eu e a professora Sônia, ela no diurno e eu no noturno. Minha formação básica no Estado é na área de educação; por isso, esta diferença de tempo. É que eu, na verdade, me formei como engenheiro, sou engenheiro, atuo como engenheiro, trabalhei muitos anos com engenharia, trabalhei em colégio técnico, trabalhei em faculdade, dei aula em faculdade, e, depois, é que eu vim fazer a Geografia, me licenciiei, me bacharelei aqui no IGCE, em Rio Claro, e trabalhei, e fiz as minhas especializações, e pós-graduação com o professor Cristofolletti na área de Geolozomorfia e de Planejamento. Basicamente, é isso.

Minha opinião sobre a escola e a família se envolverem mais? E como acho que esse envolvimento poderia ajudar no desenvolvimento escolar do aluno? Acho que dá para dividir isto que você está colocando em duas partes, um termo genérico, e outra da escola, estou entendendo sua pergunta nos dois sentidos. Uma da experiência do professor e outra da experiência local da escola, como sua dissertação, a proposta, a tese, né, que você quer aferir, ou não, concordar com ela, ou não, ver se ela se comprava, ou não, né? Eu vou colocar os dois momentos, na escola, tanto que já é um projeto do próprio Estado, este movimento, esta parceria, este termo parceira, né, está servindo para tudo, ele é multiuso, ele não funciona só para negócios, empresas, etc, hoje, funciona, também, para família, professores, educação, projetos, etc. Então, a parceria com a família, ela é vital porque, porque, dadas as características da cidade e obviamente da vida moderna, você vai ter a família voltada para a aquisição, para o sustento e sobrevivência e obviamente os filhos, felizmente ou infelizmente, ficaram relegados ao segundo plano. Por que eu digo segundo plano? Porque, na verdade, pelo sustento de todos os filhos, só que as pessoas não fazem necessariamente nesta ordem, e aí o que acontece: o filho acaba sendo um obstáculo, e a escola passa a virar um depósito.

Então, o pai levanta, não são todos, por isso que eu gostei da sua exposição inicial, que dá para a gente dividir sim, manhã, tarde e noite, porque o perfil de cada profissional, de cada trabalhador e de cada lar, ele está vinculado necessariamente à atividade do pai e é diretamente proporcional ao nível de instrução destas famílias. Isto aí é muito claro. Vou ser bem metódico com você, porque a área de Geografia é minha área, proporcional, índice de desenvolvimento, cultura, etc, estes índices me interessam muito, talvez a gente possa somar. Então, para não fugir, como é que eu vejo, é fundamental esta parceria, é tanto fundamental que o governo viu isso, porque, porque, dada esta variante que se criou na dependência ou na interdependência funcional da família, ficou um pouco que, uma função a mais para a escola, a de educar, não só de transmitir conhecimento e de desenvolvimento destes conhecimentos, o que não é função da escola. Então, o que acontece? Se você não trouxe para a escola, está acontecendo, o que está acontecendo agora, todo mundo só quer saber dos seus direitos, eu tenho direito de botar meu filho na escola, mas ele não sabe que tem obrigação de cuidar, de educar o filho, e de dar auxílio em condições mínimas para que ele venha a enfrentar a escola e se comportar na escola. A frase que a escola é o segundo lar não é brincadeira, tem seus fundamentos, só que isso foi por água abaixo, hoje em dia, porque há um total desvinculação entre família trabalhadora e escola. Está grande a dificuldade que a gente encontra aqui; agora, mal é evitar esta parceira porque, só trazendo os pais dos alunos dentro da escola é que eles vão sentir isto que é muito interessante. Os italianos têm uma frase muito boa para isso, uma sinergia, quer dizer, esta troca de energia entre o que nós precisamos e o que eles precisam, que é o mesmo objetivo, que é o adolescente, no caso nosso aqui, né, que é uma escola basicamente de Ensino Médio.

Então, vou te dar uma posição minha sobre o fracasso; na verdade, o fracasso da escola é o fracasso do lar, porque a escola é o reflexo da sociedade, então, se a sociedade está falida, a escola tende a ir a falência. Por que eu estou dizendo isso? Falência, é claro, é uma supervalorização do problema, eu não concordo com esta história do aluno ter problema, que o aluno teve problema; todos tiveram problema, e todos superaram o problema, na verdade, a dinâmica da vida é esta, é você superar obstáculos, se não você vira monótono, não teria nem sequer objetivo. É assim que eu vejo, é assim que eu penso, através da minha formação. Então, eu não vejo, como fracasso da escola, o fracasso da sociedade, a falência da sociedade. Eu não estou falando de modo de produção, não, porque a gente vê tanto modo de produção socialista quanto capitalista falido também. Porque o problema não é esse, o problema é o ser humano; Então, eu costumo dizer, falo até para os meus professores aqui em HTPC, uso um termo muito forte, que a contrapartida é muito forte, a cobrança é muito forte - a escola não dá

ensino, o professor não dá ensino - não é o professor, é o pai que não dá educação, o pai que não dá uma nivelção básica em casa, que é o que eu digo. Isso acaba se refletindo, porque a escola é um lugar muito facetado, todas, é pluralista e eclético, a gente tem aqui o quê, rico, pobre, médio, alto, branco, negro. Mas, quando eu me coloquei, não coloquei que o fracasso é da escola, eu falei o aluno fracassado. O fracasso do aluno, mas eu não vejo isso, hoje o desinteresse, nas salas de aula, é muito maior, a questão social, eu não digo econômica, há uma distinção, social do que propriamente dita, mas vamos dizer assim, vamos separar, técnica, por exemplo, problema de saber, mais 2, logaritmo, não é isso, ele não tem interesse, e eu acho uma desvinculação que a sociedade criou, e a escola também errou. A estrutura, o governo erra, quando separa, por exemplo, 5^a, 6^a, 7^a ou até 4^a séries dos colegiais, por quê? Porque as 5^a's, as 4^a's, as 1^a's séries têm que se espelhar em alguma coisa; então, eles têm que ver o 1^o ano, o 2^o ano, o 3^o ano, "ah! É para lá que eu vou". Aí ele tem um objetivo, quando está separada, eles acham que acaba ali. Então, esta sequência acaba sendo interrompida, e ela se reflete diretamente na aprendizagem. Por quê? Porque o aluno não vê objetivo; não vendo objetivo "Por que é que eu vou estudar? Eu vou ganhar dinheiro trabalhando". E, formalmente, não mão de obra especializada, mas o problema dele é subsistência, então bastando ele botar dinheiro ali dentro de casa, de uma maneira como office boy, como ajudante, como qualquer tipo de categoria, mesmo as meninas como domésticas, etc, está colocando dinheiro em casa. A gente vê uma diferença muito grande, valeria a pena salientar, não sei se você vai ter tempo de pôr, mas, por exemplo, nós temos em algumas cidades, e, em Rio Claro, tem a guardinha que encaixa ele em alguns lugares, normalmente, regra, não estou dizendo que não é exceção, em toda regra há exceção, mas a gente não pode fazer da exceção a regra. É essa dicotomia, é este contraponto que eu quero firmar, existem pessoas que têm dificuldades ou fracasso na Matemática? Tem, mas estas são exceções, quanto que, hoje o nível de exigibilidade caiu tanto, que é este reflexo da sociedade que eu digo para você, que só falha aquele mesmo que não tem objetivo e aquele que não tem objetivo, só não tem porque ele não deslumbra isso ao longo e, voltando à questão da guarda, a guarda normalmente encaixa; estes guardinhas trabalham em empresas, em fórum, em prefeituras, então eles já vêm para onde eles querem ir, então eles não perdem tempo, não, eles não faltam, eles vêm a escola, eles têm um objetivo. Então, o problema não é, volto a dizer, no meu ver, a falência da Matemática. Você vai me desculpar, eu sou coordenador, mas não sou coordenador só de Geografia, nem só de Matemática, eu sou de todas as disciplinas. Eu vejo a reclamação da Matemática, do Português, da Educação Artística, e quer coisa pior do que a reclamação da Educação Artística, uma área variada, gostosa, relaxante, pintura, arte,

desenho, pô, e reclamam que ele não tem interesse nenhum. Então você observa que esta conclusão, esta observação, me leva esta conclusão, não sei se ela é fundamentada, talvez tivesse, necessariamente, para ser científica, ela tem que ser provada e testada como você está fazendo, mas a prática, a práxis está nos levando a esta conclusão.

Se acho importante as reuniões escolares. Então, o mesmo contexto que eu estou colocando lá, eu acho que, depois que você ou vir, ou ouvir separadamente, eu acho que vai fazer mais sentido, mas eu vou voltar na questão: a questão é social. No início, eu não falei o termo, mas vou agora resgatar, eu uso a seguinte frase forte, de impacto, proposital e premeditada, eu chamo a sociedade de leviana. Por que ela é leviana? Porque ela quer só as vantagens, só os direitos e só quer usufruir, mas ela se esquece que ela tem que pagar impostos, ela tem que participar, e que ela tem que se dar para poder exigir. Esta é a via de mão dupla; então, nós estamos discutindo consequência e não causa. As reuniões são um fracasso? Para mim é obvio que vai ser um fracasso, é óbvio que só vai vir aqueles pais que não precisam ouvir. Por quê? Porque são estes que têm informação, são estes que dão uma base de educação para o filho, são estes que, o mínimo dos mínimos, têm uma referência e eles sabem o que vêm fazer na escola. Agora, os outros que não sabem, que não têm, que é o reflexo imediato da falência da sociedade, o que eles fazem? Eles não vêm; então, a reunião, você sabe que já está fadada ao fracasso. Por que ela esta fadada ao fracasso? Porque, neste caso, a sociedade é leviana, ela não quer saber, porque ali não é o espaço onde ela vai cobrar, ali é o espaço dela ser cobrada. Então, o que ela faz? Ela evita, ela sabe disso, então ela não vai, porque ela sabe da conclusão, é prévia, é óbvia, então a gente percebe isto nas reuniões, nós temos conseguido um êxito aqui, um êxito meio inédito, nós tínhamos 40, 20, pais aqui em reunião do noturno. A primeira reunião do noturno deste ano nós tivemos mais de 800 pais, 800 é exagero vieram depois, mas, num primeiro momento, uns 400, 500 vieram, nem couberam na nossa sala, que é para 300 lugares, por isso que eu tenho referência, porque eles vieram. Foi um trabalho, são cinco anos que eu estou falando, foi um trabalho “malabuta” para convencer o pai e aí eles começaram a vir, a gente cobrando, cobrando ventilador, cobrando APM, sabe, resgatando, sabe, e o lema da escola e a proposta pedagógica conquistou muito. Nós fizemos um marketing muito bom, fazer do Batista Leme a escola pública melhor de Rio Claro, e nós conseguimos isso, a gente vê pelas filas de gente querendo vaga aqui e não tendo. Aí eu achei muito engraçado porque as máximas viram, são exceções, né, as máximas normalmente só que elas viram regras, que o brasileiro tem esta mania, né, de supervalorizar o ruim e minimizar o bom. Então, as defasagens se ampliam, se você falar “Bom, não entendi muito bem”, vou ser bem claro: no Brasil, a escola é uma droga, então a

gente fez o oposto, a escola é boa, porque a minoria que é ruim, então vamos separar e vamos trabalhar o problema, e nós conseguimos, o reflexo foi esta retomada dos pais, nós tivemos agora dia 24 uma outra reunião, nós temos aqui as planilhas refletindo mais ou menos a mesma coisa, entre 400 e 600, nós mantivemos a média de pais vindo, buscando o boletim, querendo se informar, etc, porque a desinformação é muito grande, porque tudo aqui que é negativo para você, que é de cobrança, perigo, então eles não vêm. Então, nós estamos tentando mudar, mas a grande maioria é daqueles que não precisariam, porque estes são os responsáveis, estes são aqueles que podem contribuir alguma coisa só através do trabalho repetitivo, cansado, insistente que é que você muda. E aí foi muito engraçado, dentro destas máximas, mas isso humilha as outras escolas, eu digo que não, eu acho que a essência do ser humano é a competitividade, é a disputa, é fazer realmente, é por isso que tem olimpíadas de Matemática, olimpíada de Física, as crianças têm que despontar ali, e foi muito claro, porque a democracia é multifaciada né? De repente tem a democracia da ditadura da minoria, não dá né, você não pode usar a minoria como exceção, a regra tem que ser a maioria; então, como a maioria gostou e retomou as escolas, o que aconteceu foi um resultado positivo. Aí vêm os defensores. “Ah! Mas isso é ruim, isto humilha a outra escola, isso não sei o que, isso diminui as outras, isso cria constrangimento”. O diretor analisou, repetiu. “Está bom”. Agora, eu não vou querer mais a escola melhor do município, agora eu quero ser a melhor escola do estado, e é isso que causou espanto porque as pessoas parecem que se nivelam por baixo, aquém das possibilidades delas, porque a tendência é se acomodar, não é continuar dinâmico, apesar do discurso ser. Então, o discurso é diferente da práxis, então é aí que entra o conflito crucial que é a dificuldade do ler, porque o governo dá cursos, digamos assim, de aperfeiçoamento. Por que tem que ser aperfeiçoamento? Por que não reciclagem? Porque não poder ter reciclagem, reciclagem é um termo aplicado sobre, se você procurar no dicionário, para coisas, e ser humano não é coisa, não são coisas, o que eles são, são gente, gente é gente, o que você faz com gente, você tem que dar o mesmo tratamento. Então você dá curso de aperfeiçoamento e a grande resistência dos professores em se movimentar, não ser dinâmico, em mudar a prática, é aí que está a resistência, a mesma resistência da sociedade, a gente percebe isso, porque não é diferente, para mim, eu vejo, com naturalidade, quem somos nós, professores, o que é escola, reflexo da sociedade, caminho simples.

Olha, eu vou tentar ser clássico e prático: a função do coordenador é intermediar o trabalho prático da proposta pedagógica e, obviamente, os planos e a legislação contida na LDB. Eu faço isso, mas, praticamente, o que acontece? Tem aqueles que não me conhecem e que me detestam porque a gente tem que impor; eu diferencio autoridade de autoritarismo,

mas eu exijo autoridade em todos os momentos, tanto do professor quanto dos serventes, quanto da direção. Segundo, têm aqueles que me conhecem e que, depois de me conhecer um pouco, já tomam até um pouco de liberdade e falam: “ah! ele briga desse jeito, mas, no fundo, ele é muito bonzinho”. Não estou preocupado se sou bonzinho ou não, eu tento ser eficiente; a partir do momento que a pessoa me conhece, ela sabe que eu sou objetivo, eu posso até fazer algumas apologias, aceito algumas críticas de ser um pouco disperso, ou até prolixo, mas não é o caso porque, às vezes, você tem que saber com quem você mexe, alguns, você pode ser direto e não vão se ofender, e outros, se a gente for direto, eles se ofendem. E, último, é aquele que realmente me conhece, e sabe meu objetivo, aí vê e entende que o trabalho é muito maior, que eu quero uma interação familiar, do trabalho e do ensino propriamente dito, porque o noturno, dentro do que a gente está falando, além da carga horária ser menor, além de ser alunos trabalhadores, além de eles já virem aqui esgotados, com uma carga aí com 40, 50% abaixo da média, e além deles verem pouco matéria, porque o conteúdo acaba sendo prejudicado, embora a nossa preocupação não seja apenas conteúdo, não vamos ser demagógicos também, aí eles entendem um pouco mais, isso a gente vê ao longo do tempo: no 1º ano, você tem uma grande dificuldade, pela idade e pela falta de conhecimento; no 2º, é intermediário; no 3º, quando eles estão indo embora, que cai na real e vê. Com os professores, já não é mais assim, já é mais na primeira que eu coloquei, a maioria fica um pouco na defensiva, porque a gente cobra muito e ninguém gosta de ser cobrado, nem professor; mas a grande maioria super acessível, responde imediatamente, dispostos a trabalhar e inclusive rever a sua prática, basicamente dentro do universo escolar. É isso, eu falei de professores e falei de alunos para você.

Na verdade eu parto da premissa de que a escola e a família são dissociáveis, porque a partir do momento, lá no início, que eu disse para você que, na verdade, a escola é o reflexo da sociedade, eu estou estabelecendo a íntima ligação entre as duas. Então, não se trata nem de se completar, na verdade elas são juntas, elas são indissociáveis; o problema é que as pessoas têm mania de ver ambientes com denominações diferenciáveis diferentes, mas não são, você não pode tirar sua roupa, sua pele, dizendo que você é universitária e que aqui você é pesquisadora, e nem tirar sua roupa em casa, dizendo: “Olha, agora, aqui, eu sou filha”. Não existe isso, a filha é a aluna, e a aluna é a pesquisadora e a pesquisadora vai ser uma educadora, então você está somando, você está se completando. Então, depois, se eu não fui tão claro, era implícita, é indissociável, não existe esta dissociação que se, abre aspas, atribui a ela, fecha aspas. Por exemplo, como a sua pergunta, como é esta relação, esta relação é assim porque elas são dissociáveis, acontece lá, aqui eu tenho problemas, assim de pais que

fica super preocupado com o filho porque ele saiu de casa e não fez a lição; e tem pais que vêm aqui e nem sabem que o filho veio para a escola. Então, o que está acontecendo é o reflexo da escola, ou é como é em casa a educação que o pai e a mãe estão dando, um acompanha, sabe o que o filho faz, verifica o caderno e faz a parte dele, olha aí a simbiose que nós estamos constatando, e o outro, eu não quero rotular, às vezes, é um trabalhador, ou, às vezes, é que tem determinado vício, que tem, acontece, mas são exceções. O que acontece é que, às vezes, bebe, ou não sabe onde está o filho e nem sabe se faltou ou não faltou, e às vezes o aluno falta para chamar a atenção do pai, quer dizer, a gente vê problemas domésticos refletindo-se dentro da escola, e, como meio para chamar a atenção do lar, ou melhor no lar e acaba resolvendo aqui. Quantos e quantos que a gente não vê saindo abraçado e chorar, chorando, por causa de um problema que começou lá em casa, que é o núcleo, para mim é a célula-mater, família é base.

As famílias não gostam de se envolver com o processo de ensino/aprendizagem, porque se envolver significa tempo, e tempo é uma coisa que elas não têm. Então, elas dissociam, põe o filho na escola e quer ficar em casa sossegado. Existe, não existe, acabei de falar, é implícito se pôr esta relação. Não gostam de se envolver, é o que eu falei, por isso que são levianas, porque eles querem só os direitos, não os deveres, e não existe isso, para cada dever tem um direito, e para direito tem um dever. Mas isso são dogmas que se criam, né, são exatamente é, aspas, são máximas que se criam; mas, na verdade não é que se criaram, nem se discutiram direito, é que é cômodo para mim, cômodo para você, não interessa muito discutir, às vezes o meu objetivo é diferente do seu, mas o final é o mesmo. E qual é? Trazer o filho aqui, eu escuto muito pai falando assim: “Não me faça vir na escola”, quer dizer, não é só para passar vergonha, porque ele também não tem tempo, porque, primeira coisa, a gente trabalha, a gente tem coisa para fazer, não tem só isso; quer dizer, você devia ter sabido, antes de fazer o filho, porque cada filho tem uma criação, e este é o problema, tratar as pessoas como coisa dá no que dá, olha a violência. Para você não falar que eu não estou falando diretamente no assunto, desculpe, para mim é óbvio que as famílias as quais aprendem, que ajudam, que acompanham os filhos, a eficiência é maior do aluno, e o sucesso dele é imediato. É evidente nesta escola, e há exceções neste caso, porque a vida social de um menino, de uma menina, não passa necessariamente só por estudo, não é 100% estudo, talvez 20%, 30%, tem a vida sexual dele, tem a paquera, tem isso, tem aquilo. Então, às vezes, ele quer arrumar uma válvula de escape para namorar, paquerar, para bancar o que está na moda, usar tatuagem, usar o piercing que é para ele se enturmar, que se ele for muito certinho, ele é chato, é o tal do aluno, aquele chato, aquele fechadinho que ele não se enturma. Então, ele

tem a vida social dele também, e aí que está a falha, por isso que precisa de família, porque a família precisa entender que passa, sim, parece que o pai cresce, esquece que foi criança e aí acaba se tornando danoso. E é óbvio, também, que aquele que tem estes problemas, a aprendizagem com ele fica comprometida, fica mais difícil, a não ser que ele tenha um dom especial para isso, que existem exceções: o aluno não vem na aula, vem na prova e faz, às vezes, muito bem. E aí, como é que faz? Ele faz, ele atingiu os objetivos, ele aprende fácil, só que ele não tem a frequência, só que a escola, a instituição escola é presencial; então, como resolver este problema? Aí vem a outra máxima: nos Estados Unidos, ele pode ser com 12, 15, 20 anos ele pode ser um PHD. Bom, mas lá a estrutura é diferente, é bem diferente; então, quando convém, compara uma coisa, quando não convém, compara outra; daí a minha máxima de responder como máxima de levandade. Por que é leviano? Porque é uma pessoa absolutamente contra, e falo isto para o professor, eu não aceito história de que o professor faz de conta que ensina e o aluno faz de conta que dá aula; isto é leviano, porque eu, não, eu dou aula, eu exijo inclusive na minha aula, e sou tido como uma pessoa até chata. Por que chata? Porque aquele que cobra, aquele que estabelece, aquele que exige é chato; para você, a gente perpassa por tudo isso que você está falando, desde a família, até a escola, e obviamente, até a função social do ser humano, que a escola não tem só a função de ensinar, ela tem um papel muito maior, socializar. E aí que complica, porque todos as frentes convergem para a escola, é aqui que estão todos os tipos de religião, aqui que estão todos os tipos de raça, credo, cor, tudo aqui, é aqui. Oh! Às vezes você, vê uma pessoa de saia comprida e o outro xingando ela, porque está com saia cumprida; e daí, a outra pessoa é crente, a outra não, e aí tem que ter aquele respeito, aí você, um mais velho, um mais novo, o mais novo metendo a boca no mais velho, mas o mais velho é de uma outra religião, de uma outra cultura, ele respeita a outra, e aquela lá acabando desrespeitando. Aí, a gente faz a pergunta: o que é democracia? Democracia é uma palavra bonita, mas muito difícil de praticar, porque tem muito de solidariedade, tem muito de concessão, para o outro participar, eu tenho que me tolher e ninguém gosta de ser cobrado e de ser tolhido. Então, esta que é a estrutura, no meu entender, social, estes conflitos que acabam com a escola.

Nessa escola tem informação e espaço para as famílias, bem, tem o projeto amigo da escola, nós temos aquele grupo, que existe um grupo de pais que tem o grupo de 8^{as} séries e 3^{os} anos, nós temos aqui hoje, 2002, menos ativo, mas já esteve mais ativo, curso que a gente oferecia para pais, de informática, de culinária, entendeu? Temos, assim, um horário para eles virem conversar sobre os filhos. Temos a 1^a HTPC, que é o horário pedagógico coletivo, de segunda, a 1^a HTPC de cada mês, a 1^a segunda feira de cada mês é aberto para os pais virem à

escola e perguntar a situação de seu filho, falta, frequência, ligada à disciplina, notas, coisas pessoais, etc. Nós temos um contato muito diferente, isto vale a pena, nós temos estas fichas de alunos, as ocorrências disciplinares que nós temos, regimento interno, aprovado, democrático, homologado, paritário, foi feito por professores, alunos, pais, etc, e a gente faz muita questão com ele, na divulgação dele, não na penalização; até com alguns casos, quando as exceções são extremas, a gente chega a oferecer para os pais. “O senhor autoriza penas alternativas?” Porque não adianta suspender o aluno, porque, às vezes, aquele aluno que está desestimulado, se eu der um dia, dois dias, cinco dias de suspensão para ele, vai ser uma maravilha, é o que ele quer. Ao contrário, se eu falar que ele tem que vir aqui, ajudar a limpar, ajudar a transportar coisas dentro da escola, cuidar de um canteiro, regar, ele vai pensar duas coisas, ao mesmo tempo, ele vai estar fazendo sua obrigação e dando sua contribuição, porque a escola, na verdade, é da sociedade; olha lá a via de mão dupla de novo: a escola é da sociedade, então a gente tem verificado, mudanças, assim substanciais. Este dia mesmo, veio um aluno aqui brigando com o professor; ele trouxe a Constituição debaixo do braço, todo mundo achou horrível, eu achei ótimo, porque ele é ótimo, porque todo mundo tem mania de aumentar a questão negativa, mas a hora que ele foi procurar as vantagens que ele tinha com ela, ele viu que ele tinha deveres também, ele tinha obrigações, e você acha isso ruim, só que você vai perguntar para o professor ele colocou na proposta dele que ele forma o aluno crítico, só que, quando o aluno é crítico, ele briga, porque há uma diferenciação muito grande, entre crítica destrutiva e crítica, a gente tem que trabalhar com crítica, a gente só cresce com crítica, a gente só cresce com concorrência, a gente só cresce com disputa, porque, às vezes, a gente está olhando para o nosso umbigo, e não vê o que está acontecendo do lado, e às vezes um cara de fama fala uma coisa que a gente: “Ô! peraí, vamos ver aquilo lá e tomar como idéia.” Eu uso muito isso com os professores, quando eu quero alguma coisa, eu não vou dizer que eu o manipule, que a palavra é muito pesada, que todos aí raciocinam muito bem, graças a Deus, temos um excelente quadro; mas, às vezes, tem muita resistência, quando você chega lá, aquela resistência, aquela primeira, falou o poder, falou a direção, nós somos contra. Então, às vezes, eu falo assim: “Vocês têm idéia para melhorar isso, aquilo?” Aí sai a idéia que exatamente: “Ah! esta não dá certo, esta aqui é ideal e esta é aquela que eu queria, ou aquele modelo que o governo mandou, ou aquele ideal que saiu de duas, três, vinte escola, que é o mais adequado.” E eles acabam saindo, sai todo mundo satisfeito, e a coisa caminha, ou seja, vai para frente. Nós temos um espaço aqui que é uma outra parceria que são os cursos do Senac, que são cursos profissionalizantes, isto também trouxe mais a comunidade para dentro da escola. Nesse horário de HTPC a frequência dos pais é muito baixa, ainda, nossa.

Quando a família vem procurar, aí, já não é só problema, só mesmo de chamar, não é só problema de disciplina, é problema de falta, é problema realmente de nota, mas aquele velho problema, só vem porque é problema, não vem para dizer: “Aí, que legal!” Então a gente tem tentado; por exemplo, nós ganhamos alguns prêmios aqui nas olimpíadas de Matemática, pegamos o 2º lugar, parece que na região; então nós demos medalhas, a gente tem que valorizar tudo, a grande arma é socializar, não só desgraça, as coisas boas também, porque isso que é para ter problema, antes que para prática do brasileiro: “Ah! professor, fui bem. Ah! foi, ah!, legal.” Não, tem que ser enfatizado: “Que bom, parabéns, que sucesso!” Que nem agora, nós estamos com um grupo de alunos, dentro deste contexto da escola melhor de Rio Claro, nós estamos botando muita gente na faculdade; então nós vamos divulgar, o diretor já quer fazer um jornalzinho, nós temos um jornal, o “Leme”, que é, acho, quadrimestral, trimestral, não me lembro, que é um grupo, grêmio. Junto nós estamos com campeonato inter-classes, feminino e masculino, estão aí agitadíssimos, gostando; fizemos gincana aí com eles, olha, a sociedade sempre responde, é uma questão de solicitar. Agora, concluindo o que você me perguntou, então, os assuntos são os mais variados possíveis que trazem, mas infelizmente ainda são por conta de problemas, quer dizer, quando minha filha faltou, quando meu filho faltou por causa disso, minha filha perdeu isso porque estava doente, por que foi isso? Porque trabalhou, aí vem pedir, mas não porque o filho dela é excelente. Estes dias eu tive um, não vou negar, tem um envolvimento à parte, mas tem a ver com isso. Eu tive um aluno excelente, desde a 8ª série, um aluno que ganhou medalhas, dos que eu já tive ao longo dos meu 20 anos, assim, um que merece destaque. Não lembro agora o nome, para você ver que não é pessoal, a gente lembra do aluno, do fato, do vaso, e não do nome dele, ele é uma pessoa que é um amor, educadíssimo, que faz Senai, só que ele teve que mudar - ele estava no 2º ano diurno - por conta dos estágios, ele teve que ir para o noturno. Uma inteligência, uma progressão excelente do menino; só que ele veio para o noturno. Agora, o que eu estou querendo dizer, porque, como o diurno nosso, está muito adiantado, a gente está forçando, estamos exigindo, quero dizer, o noturno fica aquém. Como ele veio do diurno, ele brinca à noite, ele até teve, é a prova de que ócio leva infelizmente ao mau caminho, ou a maus resultados. Ele deixou, está deixando a desejar, porque o foco dele é emprego, mas ele é um aluno que eu faço questão até de apresentar, eu vou chamar ele, você vai conhecer ele, uma pessoa muito inteligente.

Ah! Querida, eu sou favorável ao uniforme escolar, fui eu uns dos defensores dele, e não só do uniforme, também contra boné; isto está no nosso regimento, porque o problema.... Ah! É muita coisa o regimento dessa escola, isto é, exige muito, depois você lê. Eu te dou este

regimento, e você vai ver que coisa curiosa, porque ele não é tão exigente como pensam que ele é, mas só pelo fato dele existir, eles o respeitam mais do que ele próprio exige. Fui claro? Bom, esta questão democrática, em nivelar as famílias carentes etc., muita gente é contra uniforme, mas eu sou radicalmente contra a ausência do uniforme, primeiro porque o uniforme está para a escola, assim como o macacão, a roupa, ou aquele traje do trabalhador está para a indústria dele, ou a fábrica dele ou para os negócios dele. Bem, aquela frase, vestir a camisa, vestiu a camisa, ele está incorporando nele a escola, como as firmas: o fracasso da firma é o fracasso do trabalhador, o fracasso da escola o fracasso é do aluno, ou o fracasso do aluno é o fracasso da escola. Eu não fico contente quando um aluno meu é reprovado, ao contrário, meu trabalho frustrou-me porque me leva a uma análise e não a uma reflexão, porque isto é outra máxima, outro jargão, outro clichê que se criou. Se você vê no dicionário, em qualquer lugar, o que é reflexão, propriedade dos corpos que têm que absorver absolutamente tudo, quer dizer o que ele absorveu? Nada, então outro equívoco. Então isto me reflete uma análise muito grande, qual seja, que a identidade dele com a escola, a identificação dele faz ele passar a defender melhor. Eu tenho um episódio disso: o governo nos deu, a todas as escolas do Ensino Médio, com um teatro, então nós fomos ao teatro, mas nossa escola foi, e foi perseguida pela outra, houve briga, porque, primeiro, nossos alunos estavam muito bem comportados; segundo, não confunda idiotas, nem passivas, mas comportados, assistiram foram elogiados a ponto de o teatro, o diretor da peça cometer um erro, elogiou publicamente lá no palco nossa escola. O que aconteceu? Criou a ira das outras e, na saída, foram perseguidos, quase espancados, passamos uma dificuldade muito grande. Olha o reflexo da sociedade: aquilo que é sucesso é execrado, aquilo que é ruim, nivelado por baixo, e é igual, este é aceito; para mim, é o melhor indicador de que a sociedade está falida, ela tem que ser revista, a família, família está falida, fazer filhos, criar famílias são coisas totalmente diferentes. Você tem que dar valor: é a mãe, é o pai, é a célula-mater, que dá estes padrões mínimos e o que vem a ser nosso regimento? Padrões mínimos de comportamento, aquilo que ele não tem em casa, porque psicólogos, sociólogos e psiquiatras dizem que os adolescentes pedem limites, eles exigem, porque eles te criticam; por isso que eles te checam, eles querem saber até onde você vai, e, se você entrar na dela, você vai ficar nervosa ou nervoso, você se irrita; agora, se você souber analisar isso direitinho, que dá, você faz ele crescer muito com isso. Então algumas regras, uniforme, calça jeans, sapato ou tênis e a nossa camiseta pólo identificada, só tem uma exceção as séries que estão em formatura, 8ª ou 3º, podem fazer uma camiseta mais diferenciada. Agora, nós temos um projeto junto com a polícia, que é para identificar lideranças negativas, eles usam uma camiseta diferenciada, mas

só para eles se sentirem valorizados. Quem é usa camiseta diferenciada é este grupo, que é um projeto desenvolvido junto com polícia, que é mais ou menos assim: são jovens com lideranças negativas, então você identifica, nas salas, estas lideranças negativas, e a polícia vem faz palestra, não sei o quê, valoriza, melhora a auto-estima, e tem melhorado nosso problema com estes alunos problema, entendeu? E eles ajudam no desenvolvimento da escola. Então, voltando ao que você tinha perguntado, boné, o boné também é um fator de identificação de grupos, alguns preferem usar; gangues, eu, não nós não temos gangues, mas grupos; quando a gente acabou com o boné, nós homogeneizamos todos, que tinha o boné caro, boné barato, boné, vermelho, acabou com esta história, aqui dentro não existe mais, e, se tiver, a gente tira. Outra coisa. “Ah! Mas eles têm direito!” Walkman, discman, proibido qualquer aparelho, celular, não pode aqui, você está vindo como numa consulta médica, você não vai poder falar, assobiar, chupar cana ao mesmo tempo, você tem que fazer uma coisa só. Mas, mesmo assim, o coitado do trabalhador dorme, estou falando mais do noturno, mas o diurno, o resultado do diurno foi excepcional. No 1º ano que nós tínhamos aqui, nós tínhamos drogado, nós tínhamos alguns problemas sérios que foram, aos poucos, não se enquadrando mais na escola, nós não mandamos ninguém embora da escola, mas eles acabaram indo embora. Hoje de manhã, você vem aqui, os problemas que nós temos aqui é o fulano que está mexendo com ciclano, que está beijando. “Ô! Adolescente!” Isto não é problema, isto é normal, não tem agressão aqui dentro, não tem problema de arma aqui dentro, não temos problema nenhum. Então, nós fomos considerados a melhor escola da região de Limeira, da delegacia de Limeira, que são 90 escolas. Então, isto, para nós, é motivo de satisfação e sucesso, falamos para os professores, falamos isso para a escola, a escola como um todo. Um exemplo, além do uniforme, falar que a escola se reduz, se resume ao uniforme, aluno não pode sair da sala de aula, porque, se ele sai para tomar água, vai dar vontade dele fazer xixi, ele vai querer sair, então tem que aprender a socializar. Você, às vezes, está na aula, não pode sair, o professor está falando alguma coisa importante, você levanta, falta de educação, quer dizer, ele vai formando aquela estrutura. Outra, a questão da reciprocidade: você tem direito a entrar uma vez atrasado, você tem direito a sair uma vez adiantado, mas só; então, não gaste, então você está socializando o aluno, o aluno está aprendendo. Tivemos, recentemente, a criação e a reativação da fanfarra, foi um sucesso; primeiro, foi um sucesso, começou, tinha um monte; depois, não tinha, não tinha; bom, entre mortos e feridos, formou-se um grupo muito bom, estamos aí atrás de patrocínio certo, mas já temos um grupo que foi tocar em duas comemorações cívicas do município e estamos aí à frente, porque tem outras escolas que nem sequer tem. Nós estamos conseguindo, aos trancos e barrancos, mas estamos conseguindo, os

resultados dos professores de Educação Física, em nível estadual, em nível regional, chegamos longe, pingue-pongue, basquete, vôlei, futebol de salão, a gente vê que, se tivesse mais recurso, a gente teria mais o que fazer, mas a gente não tem nem dinheiro para botar o pessoal para levar para uma final, uma semifinal, é um fator complicador para eles. Por exemplo, cantina, só vendo na hora do intervalo, sempre tem um carinha lá comprando, mas é bom, porque eles têm o horário. Que nem, recentemente, o grêmio e eles quiseram fazer uma campanha do sorvete para arrecadar fundos para arrumar ventilador. Então, aí, venderam sorvetes que nem louco, olha hoje eu vou dar 10 minutos do intervalo, mas só 10, é, quer dizer, não é um paraíso, não é isso, se ficou essa imagem não é, é que eu estou mostrando para você como é diferente mudar o foco, se eu só falo das coisas boas, eu tenho coisas ruins, eu tive aqui problema de pai e mãe vir aqui desacatar a gente, tem, estou movendo dois processos, porque a gente usa o código 331, de apoio em defesa do funcionário público. O cara vem aqui, ofende, eu tolero, uma vez; na segunda vez, eu estou no exercício da minha função, vai responder processo lá, denuncio faço boletim de ocorrência vai resolver lá. Aí moraliza, nós fomos aqui, há dois atrás, a primeira escola que conseguiu na Justiça a punição de pessoas que depredaram patrimônio público; tiveram que pagar, e os pais foram em juízo e pagaram em juízo. Foi motivo, foi notícia no estado, veio um fax do governador, da Secretaria, lógico, mas nós afixamos aqui, lógico, por quê? Porque ninguém gosta de ir na polícia, ninguém gosta de responder a processo, mas quando você faz um, dois e serve de exemplo, ele passa a ter valor, e outras coisas que eu estou esquecendo agora, mas, independente disto, o grupo gestor tem dito mais tempo, já que a gente divide, distribui estas atividades. Por exemplo, eu tenho uma notícia que eu vou te dar em primeira mão: nós recebemos uma reforma em menos de um ano, e em menos de um ano vamos receber uma quadra, perdão, três quadras, fato inédito no estado. Mas por quê? Nosso diretor é muito ágil, não quero dizer que ele seja político partidário, mas ele é político, tenta permear por estes meios e a gente conseguiu, um pouco do meu conhecimento da área de engenharia, fizemos alguns projetos, aí cobramos os órgãos adequados a seu favor. Por que você está dando ênfase? Não é ênfase, é porque as outras escolas não fazem e reclamam que não têm, nós fazemos e vamos atrás, dá trabalho dá, muito mais, dá, mas a gente faz, obviamente a gente colhe o fruto, mas é desgastante, dá trabalho, não tenha dúvida, a gente tem muito trabalho.

Vou fazer duas ressalvas, como é a escola que você idealiza, que todo bom professor é um sonhador, a gente nunca está satisfeito com aquilo que a gente faz, a gente sempre quer fazer melhor, e eu sou não fujo à regra. Tanto, que eu sou criticado em casa. “Pô, você quer fazer tudo quer abraçar o mundo, quer fazer curso, quer dar curso”. Eu sou assim, eu sou

dinâmico, a gente paga um preço caro por isso, um ônus caro, porque as pessoas, às vezes, não entendem. Então, quer dizer, esta escola que a gente imagina e outro é a mesma escola que a gente imagina, mas a escola prática, que é a que eu pratico, que é a que eu gostaria de fazer, a escola que eu pratico e gostaria de fazer, ela está aqui é o “Batista Leme”, é gostoso, é gratificante, eu adoro as classes que eu dou aula, todas elas, não é uma maravilha de classe, tem classe que eu brigo, que eu não brigo, esta diversidade é gostosa, por quê? Porque eu estou colhendo frutos de quatro anos de trabalho com a classe; então eu sou prova de que o professor tem que ser efetivo, o professor tem que ter uma classe, o professor tem que acompanhar as classes e o professor tem que ser co-responsável com esta classe do início até o final. Aí você tem um vínculo, moral da história: aí vi sociabilidade que nós estamos transmitindo, você mesmo falou, o elo família escola, que acaba sendo uma família, e aquela que eu imagino que é esta que você quer que eu fale, aquela do meu eu lá dentro, eu sou teórico e, praticamente, eu sou um pouco anárquico, mas há um anarquismo essencial, não aquele anárquico pejorativo, a escola fascinante, a escola bacana, aquela que você tem tudo e faz a hora que você quiser tudo, você pesquisa na medida em que vai procurando, é uma escola ideal, é uma escola de sonho, é uma escola utópica, porque a gente sabe que as pessoas, quando não são cobradas, elas se acomodam. Isto a prática esta aí, em todo setor, comercial, educacional e industrial, a gente vê que é isto que acontece, e a escola que eu sonho é aquela escola que o aluno, tudo aquilo que ele precisa, mais ou menos o seguinte, fica fácil eu falar, uma escola interativa, associando aí um pouquinho com software, hardware, aquela do videogame, você quer isso, você pega aqui, você tem tudo ali, o que você quer; você alcança o outro lado e, em termos de arquivos holográficos, você teria a acessibilidade a filmes, imagens, textos que você teria que ter em todos a dinâmica é muito grande, né? Hoje a escola não é mais aquele conteúdo que eu falei no começo, conteúdo rígido dos rígidos, o livro aborda um assunto com a óptica do autor, mas hoje as informações são tão dinâmicas, que a escola utópica é esta escola holográfica, eu digo para você, onde tudo é real tudo é atemporal e tudo é passível de solução, porque, dentro desta utopia, você resolve tudo ali, quer dizer eu quero tal informação, tem a informação. Infelizmente, na vida real, não é assim, você, muitas vezes, tem a teoria da solução, mas você não tem a prática da solução, esta é a única diferença do meu anarquismo vamos dizer assim, né, organizacional; é neste sentido que eu quero dizer, que você teria tudo resolvido, que a grande frustração do educador, você não resolve tudo, na verdade você inicia tudo. E onde está nossa satisfação da diferença da escola utópica, da escola que eu estou colocando, anárquica, da escola prática, é quando você está na rua andando e alguém bate na costa: “Ou! Professor, tudo bom?” Você olha um homem formado,

você assusta. “Oh! Pois não?” “O senhor foi professor meu na 5ª série e, olha, o senhor estava certo.” Mas o que você está fazendo? “Eu estou no 4º ano de direito, eu estou no 3º ano de engenharia.” Quer dizer, isso é um atestado de que, não são todos, não estou dizendo para você que eu tenho isso, um por dia, para fazer uma frequência para você, e falar: “Olha, todos os meus alunos foram bem sucedidos.” Não é isso, mas isso dá uma satisfação de dever cumprido, é mais ou menos esta realização desta escola utópica, você não acompanhou uma fase dele, mas você está vendo que aquilo que você pretendia com utopia é que acontecesse o que ele almeja, e, a partir do momento que ela está conseguindo, você está realizado. A minha escola é essa, uma simbiose, aí ou um misto entre escola utópica, anárquica, com escola holográfica, aquela que resolve, aquela que aparece o problema e você tem a solução do problema de imediato. A gente não tem isso na escola, né, não dá, nem na teoria, você vê que o governo tenta, dá computador, dá para você o programa, mas nunca chega lá, sempre fica faltando alguma coisa.

Qual grupo social a escola pública favorece? Eu acho a forma da pergunta eu a acho sectarista. É que estas perguntas, desculpe-me, elas são acadêmicas e elas refletem a escola de quem a fez, porque eu estou vendo, você está seguindo um roteiro. Então, normalmente, você tem aí, o reflexo embutido, eu chamo de ranço social, que quer dizer ranço social? A quem ela favorece, ela tem que favorecer a sociedade, ela favorece a sociedade, se a sociedade favorece o rico, é porque ela reproduz o que sociedade quer; se ela favorece o pobre, ela favorece o pobre porque ela reproduz aquilo que é a sociedade. Mas eu acho que, aí, o grande problema, é o que eu falo para os meus alunos, um dos alicerces da nova educação que está, e passa pelo que eu acabei de falar da utópica, eu não prometo para os meus alunos que eu vou ensinar a eles, e eu falo assim, a primeira pergunta quando eu pego uma sala pela primeira vez, e que ela não tenha sido minha, eu falo: “O que vocês acham que vocês estão fazendo na escola?” Todo mundo fala: “Eu vim aprender.” “Mentira, você não vem disposto a aprender.” “O que o professor tem que fazer?” “Tem que ensinar.” “Mentira, o professor não ensina ninguém, você já sabe grande parte, nós vamos organizar sua cabeça e seu pensamento, está entendendo a troca?” Em suma, aí a hora que você chega aqui dentro da escola, você fala assim: “Está favorecendo quem?” Eu falo para eles assim: “A partir do segundo ano, eu ofereço para vocês informação, esta é minha moeda. O que você quer? Se você quer informação, eu vou te oferecer todas quantas você vai precisar, ou você puder suportar.” Por isso que eu tenho classe diferenciada, àquela que responde mais eu peço mais; eu sempre analiso os padrões para dentro delas, para elas mesmas, e, aí, nesta análise, eu falo assim tem que ensinar, aí entra a teoria, agora eu vou ser teórico, eu sou um defensor de que quantidade não é qualidade, e ela é

fundamentalmente a minha tese. Por quê? Vamos voltar um pouquinho, o que nós falamos lá da sociedade, a sociedade está falida, ela se reflete na escola, atinge a escola. Isso vai exigir a gente fazer uma análise, qual é a retro-análise, o que está acontecendo na sociedade, ela não tem padrão, ela não tem valor, ela não tem princípio, ela não tem valores morais. Aí, isto repercute lá, se eu não estou oferecendo, se eu vou ensinar, se eu vou informar, você precisa querer, é subjetivo o critério, você vai querer, querer é o quê? Poder. Querer é subjetivo, eu posso querer hoje e não querer amanhã. Então, esta dicotomia, este conflito, o aluno vem sofrendo, a sociedade sofre, e aí você vai falar assim para mim, bom volta a dizer, aonde você quer chegar? Na verdade acaba sendo linear a questão, bem linear, e o que eu quero dizer com ranço? Daí vem aquela história de que as massas precisam de mais atenção, que a escola tem que atingir as massas, aí você escuta, eu tenho coragem de dizer isso porque eu tenho experiência, eu sou um crítico ferrenho do Paulo Freire, porque eu não posso crer que ele tenha escrito, ideologicamente sim, mas praticamente, não, esta história de aspas, cotidiano, fecha aspas, vamos valorizar o cotidiano do aluno. Primeiro, nós não temos o mesmo cotidiano no Brasil inteiro nem no mundo; segundo, eu não posso conceder que eu chegue numa favela que tenha problema com narcotráfico, que eu chegue para o aluno. “Bem, vamos ver, vamos estudar Matemática no cotidiano do aluno. Quantos bandidos você viu entrando aqui, quantos tiros você viu hoje?” Ridículo isso. Ah! mas não foi isso que ele quis dizer, não é isso, porque literalmente ele diz que você deve valorizar o cotidiano do aluno, e aqueles que não têm cotidiano, esta é a pergunta, você tem que fornecer para ele, se você não tem uma estrutura social, uma base social, o que ela vai reproduzir? Crise, é o que nós temos. Aí, é fácil procurar a culpa nos outros. Então, voltando, porque isso aí é um parênteses, voltando, por que é ranço da pergunta, parece que todo mundo quer assim, não porque a escola tem que ser para todos, tem que abrir para todos, não a escola é para a sociedade, a sociedade tem autonomia a democracia lhe garante isso para reproduzir aquilo que ela quer Rio Claro, “Batista Leme”, está dentro do contexto, São Paulo, Mauá, Suzano estão dentro de outro; Piracicaba, Presidente Prudente estão dentro de outro contexto, e pode até ter problema parecido, porque a sociedade se reproduz. Porém, as realidades e os cotidianos deles são diferentes, e eu discordo dessa realidade de cotidiano, porque, se está correto, eu acho que tem que enfatizar, se está errado precisa corrigir, é imperativo mudar, você dá um padrão, você fornece isso. Eu vejo como desumano você não oferecer e segregar, não a escola tem que ser para todos. Então, o que você faz quando você faz isso? Você nivela por baixo, aí a qualidade do ensino cai, eu não estou falando conteúdo, eu estou falando qualidade de ensino, porque, de repente, nós podemos ter até um grupo funk, um grupo de berimbau, um grupo disso, mas

eu quero dizer, e culturalmente falando, o que nós estaríamos fazendo, qual a cultura? Você diz que é uma, não, quando se tem raça, credo, hábitos iguais, se você começa a não difundir coisas iguais, você passa a não ter uma nação, nós vamos ter um país, mas não uma nação, então a nação, o objetivo da nação é a coesão Rondon já dizia “integrar para não entregar”, correto. Claro que é uma visão capitalista, contra comunista não sei o quê, mas é o mesmo ranço que tem esta, para quem será que serve? Ela serve para a sociedade rioclarense, a sociedade rioclarense está todinha representada aqui dentro, democraticamente, paritariamente. Se ela se decidir ir por um outro lado, a nossa decisão é fornecer a melhor qualidade possível de ensino.

Eu dei aula em escola particular e não quero dar aula em escola particular, não porque não quero dar por causa dos alunos, e sim por causa da mentalidade dos proprietários, porque eu sou um defensor da escola pública, eu sou um fruto da escola pública, e eu almejo que ela volte como era na minha época, não nos mesmos moldes, mas com a mesma qualidade. Quando digo que eu fui produto da escola pública, eu estou na escola pública no primário, ginásial, científico, e finalmente faculdade. Quando prestei o vestibular, também entrei numa faculdade pública; então, quer dizer: “Oh! Mas na sua época era elitista, só alguns estudavam.” Eu tenho outra coragem de defender: a escola não é para todos, porque tem gente, dentro daquele consenso subjetivo que nós falamos, tem gente que não quer estudar, é diferente, eu não sei, já veio com alguma formação, ou já esta com alguma idéia pré-concebida, muito difícil de executar. A gente vê a dificuldade do professor, o professor quer dar aula, tem lá seis, dez, quatro, na sala que não o deixam trabalhar; então, era melhor que estes caras não estivessem na sala, tivesse vaga para quem quer estudar, ou para quem queira estudar. Eu acho mais democrático, não tenho medo nenhum de dizer isso, agora, por que eu estou dizendo? Porque, na escola particular, eles vêem o aluno como um produto e quanto ele paga. Isso eu não concordo, então, vamos para a questão conceitual: já dei aula, não sei se voltaria a dar, se mudarei minha concepção após aposentar, não sei. No momento, não daria, eu tenho uma certa repulsa para dar, mas não tenho nada contra a escola, acho ótimo, é ótimo, é boa diversidade, é bom como parâmetro, e é até bom que o COC, o Objetivo, que o Integrado, eu não me lembro de ter vindo, eles vêm aqui pegar os nossos produtos, os melhores alunos do 1º ano para oferecer bolsa lá. Por quê? Quer dizer que a escola do ensino público que faz tudo constrói o aluno, ele pega, tira lá e fala que foi ele que fez. Isto eu sou contra. Ainda dentro desta concepção, um outro conflito, nós temos aquela proposta pedagógica da escola, inventou o plano quinquenal nosso, de fazer uma escola a melhor escola pública de Rio Claro, está funcionando, que nós temos professores nossos aqui que dão

aulas em todas as escolas particulares, professor que dá aula no COC, no Koelle, tem professor que dá aula no Integrado, no Objetivo, e é este um dos dogmas nossos aqui, e brigo com eles. “Espero que a sua aula aqui seja a mesma aula de lá.” O que eu falei para você, não tem como se dissociar da sua pele, você é um professor lá, tem que ser o mesmo profissional aqui, está correto. Então, em tese, não tenho absolutamente nada contra as escolas, eu acho que tem espaço para todo mundo, e aprovo que nós podemos crescer muito com esta concorrência, entre aspas, com esta disputa que eu acho bom, que a disputa não deveria ser o alvo colocar o aluno na escola, e sim capacitá-lo e formá-lo cidadão. Então, aí, dentro deste aspecto, eu acho válida, acho bom, há espaço para todo mundo, nós estamos provando que nós podemos ser bons também, mesmo em escola pública. Só mais uma ressalva, eu lembro que você falou que a sua tese está pegando os três períodos, manhã, tarde e noite, e é notória a diferença, entre o pessoal da manhã, porque, de manhã, eu acho que o ser humano já está para o estudo, já está comprovado que o potencial é muito maior na parte matutina, né? Então, o período de manhã nosso é muito bom, desenvolve muito bem, temos resultados maravilhosos, temos diferenciação, experimentação na grade curricular diferente; por enquanto, no noturno, nós temos 8 e, no diurno, temos 14 componentes curriculares; à tarde, nós temos também, mas já há uma perda substancial, é calor, nós estamos num país tropical, é quente, o pessoal não gosta, não gosta de ficar preso, lá fora tem o mundo a oferecer, tem esta concorrência, e o noturno é completamente diferente, porque a maioria está aqui por obrigação, estão estudando, precisam estar aqui. Então, cada um numa realidade, e cada um num foco diferente, embora o centro a educação, a obtenção do diploma. Por que eu estou falando isso? Porque já dei aula como professor aqui no noturno, quando a escola não era dirigida por nós, não tinha esta proposta, e aí, estes dias, numa festa, um garçom que foi um aluno e muito bem colocado, dava orgulho de vê-lo, ele vira e fala assim: “Você esta lembrado de mim? Eu fui aluno seu em 1996, 95. Então, o senhor me colocou para fora porque eu estava fumando, na escola todo mundo fumava, todo mundo entrava e saía, mas o senhor exigia, a turma obedecia o senhor.” Isso, para mim, foi uma chacoalhada, porque, hoje, aqui nenhum professor precisa conflitar com o aluno porque ele está fumando ou não, isso é proibido por lei, mas não pode. Então, a diferença, vamos dizer do abandono do passado, ou da impunidade de hoje, e isso marcou no indivíduo. Então, outra boa para você perguntar e abordar no seu trabalho, o aluno só se lembra daquele professor exigente, o professor bonzinho, aquele que não dá nada, que faz de conta, ele não lembra, ele se esquece, porque é o exemplo, é a importância que tem o professor na formação do cidadão, olha como é importante isso, é ponto pacífico para mim, e, vire e mexe, eu tenho esta comprovação, de um jeito ou de outro.

4.2 Soninha

Ah! Eu fiz o normal, fiz a faculdade de Educação Física, estou há mais de sete anos na coordenação, desde a escola-padrão, e, aqui no “Batista”, já faz cinco que eu estou como coordenadora, tá? Todos os cursos que aparecerem de especialização da Secretaria da Educação, todas as capacitações eu participo, eu faço, para trabalhar esta mudança da escola, nós não podemos ficar mais parados, o aluno mudou, o avanço da tecnologia, nós temos que acompanhar este novo aluno. Então, não podemos mais ficar com aquela aula tradicional; então, todos os cursos que aparecem eu estou fazendo, para ter este acompanhamento e poder colaborar com os professores, para que eles tenham mais facilidade em dar aula.

Sobre a escola e a família se envolverem mais, eu penso, assim, que a família, ela deixou tudo para a escola; então, ela faz a matrícula e, depois, o aluno vem para a escola e está tudo bem. Eu acho que, no momento em que a família começa a se envolver realmente com a educação dos seus filhos, eles terem interesse em participar, mas participação constante mesmo, não é simplesmente vir numa reunião para pegar nota, saber o que é a escola, a forma que a escola está trabalhando, conhecer o regimento da escola, conhecer realmente seus professores, acompanhar seus filhos, no dia a dia, não precisa ficar o dia inteiro, mas se interessar, o que está fazendo, o que deixou de fazer, quem são seus professores, que classe que você está. Porque eu percebo, às vezes, nestas reuniões, eu fico realmente até triste, porque o pai vem aqui, eu sei que tem uma reunião. “Seu filho está em que série?” O pai não sabe a série que o filho está, não sabe nada, muitos ainda vêm, no final do ano, questionar por que o filho dele faltou tanto, por que o filho dele está sendo reprovado, e não pára por aí. Mas eu não quero generalizar, nós temos, sim, famílias que estão presentes, que vêm na escola, que telefonam, que pedem para fazer levantamento de frequência, que conhecem os professores, que incentivam a pesquisa dos seus filhos, acompanham. Mas, infelizmente, a maioria não está envolvida, e deveria, porque o momento que a família se envolver, nossa escola vai ser outra. Eu acho, assim, a maior parte dos filhos que têm pais envolvidos e interessados, eles não dão problemas, tá, são alunos que vão desenvolvendo normalmente, vão participando normalmente, mas com o incentivo dos pais e tudo mais. Agora, nós temos aqueles também que, mesmo que o pai esteja se preocupando com a aprendizagem, esteja se preocupando com a escola, valorize a escola, tudo mais, aí este aluninho, às vezes, também dá problema. Então, você percebe que, quando o pai está acompanhando, às vezes também

acontece do aluninho... nem sempre porque o pai acompanha ele é um bom aluno. Isso é, mas, pelo menos, você tem aquela parceria que você pode estudar junto, e aí conseguir soluções, para que este aluno volte a se interessar, a se envolver com a educação.

Precisa muito, do apoio familiar, para evitar uma situação de fracasso do aluno, porque praticamente, podemos dizer que nós montamos pronto-socorro, que são as aulas de reforço e recuperação, e procuramos reunir alunos com dificuldades em determinadas habilidades e tudo mais, e o que a gente faz, antes de montar estas turmas. Nós convocamos a direção, convoca junto com a coordenação este pais, e, neste momento, nós passamos a necessidade da frequência desse aluno numa turma de PRR, que é reforço e recuperação, para que ele consiga desenvolver suas habilidades, que eles não estão dominando, para que eles, no ano seguinte, possam fazer parte de outra turma com menos dificuldade. E o que você vê? Você vê pai que vem, assina, você vê pai que não vem, que você precisa ficar em cima, ou convocando através do conselho tutelar, você vê pai que não acompanha. Por quê? Porque este aluno vem duas, três vezes em algumas aulas de reforço e recuperação e depois some, tá? Você vê que o aluno vem para a sala de aula e não se interessa em fazer a atividade, e você fica, assim, a toque de caixa, empurrando este aluno para que ele faça alguma coisa. Então, se este pai, se esta mãe, ou se este responsáveis tivesse realmente comprometido com o seu filho, com a educação do seu filho, que ele faria? Ele viria mais vezes à escola, ou entraria mais vezes em contato com a escola, com a coordenação, tá, para saber como é que o filho está, como é que deixa de estar, se está fazendo se não está fazendo. Hoje mesmo eu estava elencando aqui os alunos que nunca vieram no PRR, e que o assinaram, que era para eles virem. Então, se estes pais estivessem comprometidos com a escola, com nosso trabalho, não precisava fazer isso. Agora, é difícil, é, porque você tem que ficar correndo atrás destes alunos, é mais de três mil aluno; porque a escola é grande, né, e, se cada um fizesse a sua parte, seria muito mais fácil. Agora, existe a falta de comprometimento dos pais em relação a isso. Então, você, assim, quais são as dificuldades? Às vezes, o pai também nunca estudou, não dá importância para isto, ou, às vezes, o pai tem problema, a família tem problemas, que acha que o estudo não é problema para eles, eles têm problemas de desemprego, de fome, de alcoolismo, de droga em casa, e outros. Então, deixa assim, esta lá na escola, a escola resolve, né, e a gente vê que tem pessoas que são simples que não tiveram estudo nenhum, e, quando vêm conversar a respeito do filho, você chama, a dificuldade também é o local que mora, tudo mais, às vezes trabalha mais de oito horas por dia, tal, mas você vê que, às vezes, as pessoas mais simples, quando você vê, elas falam. “Não, eu falo para o meu filho, que eu não quero que eles passem as mesmas dificuldades que nós passamos, para ele levar a sério, incentiva.” Às vezes, dentro de casa

com este tipo de discurso, e você vê, às vezes, filho de gente que, filho de professor mesmo, sabe, de um outro nível, que já fizeram faculdade, universidade, e que não têm retorno. Então, eu fico, às vezes, comparando isso, será que é por que aquele pessoal não teve instrução? Mas a gente não pudesse generalizar, pelo menos o pessoal que eu tenho conversado, que eu tenho chamado, que eu tenho visto, não tenho visto muita diferença, não. Agora, você conversar com os alunos, estes principalmente, você vê, assim, sabe, um tipo de discurso assim: “Ah! Por que eu vou estudar, se eu tenho condições de ganhar de outra forma, não preciso ficar prestando concurso para nada, nem concorrendo para nada, e eu posso ganhar mais do que qualquer professor.” Sabe aquela coisa, assim: “Ah! Meu irmão nunca fez nada, mas ele tem, ele usa roupa de marca, ele usa tênis, ele tem isso, tem aquilo, tem aquilo outro.” Você vai conversando com o aluno, você vai orientando, mas, mesmo assim, eles não querem ouvir muito, não, porque, talvez, eles estão acostumados a ouvir este tipo de conversa, né, no meio ou na família, que por que ele vai trocar tudo aquilo que ele está vendo, por ficar sentado, fazendo lição e tudo mais, se ele não pretende fazer uma faculdade. Então é meio complicado.

O que os pais vêm perguntar nas reuniões? Se os pais vêm questionar alguma coisa sobre o aluno, sobre a escola, o que pensa sobre as reuniões, se elas são importantes, se elas trazem algum benefício? Eu acho que as reuniões são super importantes, e deveria ter muito mais reuniões. O problema é esta história de dificuldade de trazer estes pais para dentro da sala de aula, para dentro da escola, porque nós gostaríamos de trazer estes pais, não só para entregar boletim, ou para chegar e falar que o filho não está participando, ou não está rendendo, ou não está acompanhando da forma; a gente queria trazer estes pais para fazer parte mesmo da nossa comunidade, fazer uma sessão de cinema, pensamos, até no momento, que a gente conseguir a reforma da quadra, trazer estes pais de sábado, feriado, para a escola, para ter um jogo, para interagir com a escola e sentir que a escola é um espaço agradável, né? Mas o que nós percebemos, mesmo nas reuniões de entrega de boletim, que vêm os pais daqueles alunos que já vão caminhando normalmente, que já tem interesse pela escola, e o pai tem interesse pelos filhos, estes vêm pegam o boletim e vão embora. Agora, estes alunos que a gente pode falar que são mais difícil da gente lidar, pela falta de interesse, às vezes dele, da família, este já é mais difícil e quando vêm ele já na entrada, a primeira pessoa que ele encontra já na entrada que percebe que é da escola, o que ele faz? “Oh qui, Dona, eu tenho que trabalhar, não tenho muito tempo, não. Onde que eu posso pegar o boletim do meu filho?” E ele pega este boletim de tal forma, tão correndo, que, se a pessoa que estiver fazendo a reunião, porque nós sempre damos um texto de conscientização, é gostoso, né, e a gente gosta que um pai comece a ler, outro, e discutir, e é muito difícil de conseguir fazer isso. Por causa

disso, às vezes, um briga com o outro porque quer assinar na frente, sabe, para ir embora logo, ta? Quando deixa de vir, aí vem na 2ª feira, porque nós fazemos assim sempre nas primeiras aulas, e, quando não dá, a gente marca de 2ª feira na Segunda HTPC, porque todos os professores estão reunidos, e é uma forma, também, de entregar este boletim e poder conversar: “Ah! Mas é uma loucura.” Já entra assim, já vai direto na sala: “Cadê a lista, o boletim do meu filho, porque eu tenho que trabalhar.” Então, você entende, o pai trabalha o dia inteiro e ainda tem que trabalhar de madrugada, porque 15 minutos que ele fique ele fica sabendo da vida do seu filho, mas não tem muito disso, não. Antigamente, a frequência era bem baixa, tá, agora podemos dizer que é até boa esta frequência, mas neste estilo, tá, é vapt-vupt. Agora, uma reunião que nosso diretor está sempre fazendo no começo do ano, com todas as classes, antigamente não vinha ninguém; então, o diretor se reúne com os pais, convida, né, e passa o regimento, porque eles ganham na re-matrícula, na matrícula eles ganham o regimento, então neste momento que o diretor chama, ele fala sobre o regimento da escola, ele fala a proposta da escola, discute tensão, qual é o papel da nossa escola, que nós estamos interessados que os pais estejam aqui, trabalhando com a gente, em parceria com a gente. No começo, não vai ninguém, agora nós já estamos ficando até feliz porque já está melhorando, sabe, vai gradativamente; eu acho que, se mesmo a cada ano que passa, a gente consegue trazer um ou dois pais para a escola, eu acho que isso é importante, é mais um, mais dois.

Antigamente, nós deixávamos aberto, aquele pai que quisesse vir conversar com a gente na 2ª feira, ou 4ª feria, que os professores estariam todos reunidos e podíamos resolver. Depois, nós fechamos um pouquinho, porque, na realidade, a HTPC não é para atender os pais, a HTPC é para você fazer o estudo pedagógico junto com os professores, discutir, planejar, ver o que está dando certo, o que não está dando certo, refazer planejamento, já que os professores das áreas discutem quais são os avanços que eles estão tendo na sala de aula, quais são os problemas que eles estão encontrando. É para isso, né, então é um trabalho pedagógico mesmo; então a gente pensou, mas não é tão fechado, se precisa atender algum pai, até a gente abre exceção, mas nós não deixamos aberto o tempo inteiro, porque, senão, nós vamos ficar prejudicados com este estudo, com este trabalho pedagógico. A gente também faz é o seguinte: sempre tem uma primeira, segunda do mês que a gente fala, pode vir tranquilo; mas, se surge algum problema, este pai vem conversar comigo, eu converso com os professores que eles queiram trabalhar, e agendo um horário. Este pai vem, conversa com os professores, comigo, nunca deixamos de atender, não. Eu vou até dizer uma coisa, isso acontece com frequência regular, porque nós fazemos um acompanhamento passo a passo

destes alunos, apesar da escola ser grande desta forma, nós temos coordenadores de classe, professores coordenadores de classe, temos professores coordenadores de área, então cada professor coordenador de classe, ele é responsável por aquela classe. Então já ficou estipulado, através de um trabalho da coordenação junto com os professores, o seguinte: vocês são responsáveis por aqueles alunos que vocês são os coordenadores de classe; então, se tiver aluno que está com problemas de aprendizagem, qualquer problema que possa prejudicar este aluno, o professor deve procurar este professor coordenador de classe, passar o nome e este professor coordenador de classe, o que ele faz? Ele entra em contato comigo e fala: “Sônia olha, está tendo problema com aluno da 8ª A, com a professora de Matemática. Por favor, entre em contato com a família, peça para eles virem aqui que nós precisamos falar com ele.” Aí eu marco um horário, este pai vem e conversa através de um chamado nosso, e acontece também do pai... Às vezes, acontece do pai vir sem ser chamado. E, às vezes, você tenta entrar em contato com a família, o telefone está temporariamente desligado, você tenta entrar em contato e a família mudou, mudou de endereço, aquela coisa toda. Então você fica tentando caminhos para localizar esta família, para que eles compareçam na escola, e, às vezes, aqui. “Que disseram que meu filho está com tantas faltas. Sabe, dona, dá para a senhora fazer um levantamento porque ele sai da minha casa e vem, né?” Mas, quando cai a fichinha deste pai, o aluno já, o nome dele, já foi para o conselho tutelar, porque nós não conseguimos localizar, porque não veio numa reunião, porque não acompanhou, não veio. Então, os motivos são estes. “Porque disseram que meu filho não está vindo na escola, porque, nossa eu recebi agora o boletim do 3º bimestre. Nossa, meu filho tem tanta falta, tem tanto vermelho. O que está acontecendo com ele?” Aí vem perguntar para nós o que está acontecendo.

Eu, como coordenadora, procuro ser, assim, pelo menos é a forma que ouço que eles me vêem e que eu procuro fazer, eu procuro ser aquela pessoa amiga, procuro ouvir, tá, mas não deixo de ter a minha responsabilidade de coordenadora e orientadora. Então, quando tem qualquer problema com aluno, às vezes nem compete à parte da coordenação, é comum o professor mandar, ou até o pai e a mãe: “Ai, Soninha, dá para você chamar meu filho e conversar com ele, porque ele está passando, eu não estou sabendo o que está acontecendo, dá para você ajudar?” Então, aqui, eu venho, eu chamo, procuro ser realmente amiga, perguntar: “O que está acontecendo, eu posso te ajudar? O que você pretende, qual seu objetivo, sabe, por que você está faltando?” Vou conversando com eles, e tirando, e mostrando um outro lado que talvez, naquele momento, ele não esteja conseguindo enxergar, e, na maioria das vezes, eu consigo fazer este aluno voltar, fazer este aluno se interessar, nesta parte. Com os professores, é, qualquer trabalho você não vai conseguir agradar todo mundo, e um trabalho

de coordenação é um trabalho meio complicado, a gente vira uma vitrine porque tudo o que vem da Secretaria da Educação, da regional de Limeira, vem passado para nós, coordenadores, e vai ser cobrado de nós, para que a gente passe para os professores, para que a gente obtenha resultados no bom desempenho deste aluno. Então, você tem que repassar, então, muitas vezes, as pessoas não percebem que o que nós estamos passando para eles é lei, e lei tem que ser cumprida, não é para ser questionada esta lá, tem regimento, tem a lei, você tem que aplicar e ser cumprida, e, às vezes, as pessoas não percebem isso, às vezes, as pessoas pensam assim: “Mas nós já temos que cumprir com nosso conteúdo, nós temos que dar nossa aula, e lá vêm vocês com texto, mesmo no HTPC cobrando coisas.” Às vezes, se revolta, acha que somos nós que estamos exigindo, mas é o processo: se a gente não muda as coisas, você imagina se a gente ficar dando aula simplesmente com giz, apagador, nem nós agüentamos, não é verdade, nós agüentamos uma época. Se o professor fica lá, só papapa, e você repetindo como papagaio as coisas, não dá mais, você tem que levar o aluno a construir seu conhecimento, você tem que dar uma aula de forma diferenciada, e não dá mais para ficar aquele aluninho, um sentadinho atrás do outro, e ele não pode discutir e nem conversar com o colega sobre o assunto. Eles têm, sim, que pesquisar, eles têm, sim, que... não pode dar pronto para ele, nós não temos mais alunos desta forma, ninguém aceita mais. Você vê que, em dois minutos, você entra no computador, você quer buscar informações. Se você é um aluno crítico, você vai conseguir selecionar o que é bom para você, em dois tempos, eles têm informações. Agora, você imagina o que é uma ilha, se você ficar ali respondendo: “É um pedaço de terra.” Como o professor dá, se você não mudar uma vírgula, tem professor que não aceita e que não quer aceitar, porque aprendeu deste forma, mas não dá mais. Então, é aí que, às vezes, a gente encontra dificuldade nesta parte, né, de você tentar mudar, e de aceitar, porque ele fica assim. “Eu preciso dar o conteúdo.” Mas, naquela aula diferenciada, ele está dando o conteúdo, e ele está tendo uma aula interdisciplinar, aquele aluno ele está percebendo que o solo, que a poluição, a localização, que a saúde, então o que está tendo, está tendo seqüência em todas as disciplinas, formando um todo. Vestibular, hoje, é assim, não é? Não podem ser mais fragmentadas as coisinhas, aí que acontece, às vezes, aquela coisa de... mas, no geral, o relacionamento, pelo menos, o que eu penso, o que eu vejo, é bom. É que a gente nunca vê direto, as pessoas, às vezes, não chegam e falam, mas eu penso que é bom. Agora, eu estou fazendo um curso que é para a Secretaria da Educação, é a tecnologia na escola; então, tudo o que você puder utilizar de tecnologia, mas não para tapar buraco, mas para ser um complemento. Temos sala de informática. E ela é pouco utilizada, pois, ainda os professores têm medo de utilizar a sala de informática, e é natural, porque eu tenho feito

cursos fora, não é a minha escola, quer dizer, nossa escola, é a maior parte dos professores. É natural, porque na formação do professor, falta esse estudo de como trabalhar com o aluno na sala de informática. Inclusive eu até questioneei assim, porque este curso que a gente está fazendo são com professores da Unesp, da Unesp de Bauru; é um curso através da Internet e nós tivemos um encontro presencial este mês, que nós já saímos há muito tempo da escola, e não fomos preparados desta forma. Mas nós percebemos, ainda, que os universitários que estão chegando, eles encontram a mesma dificuldade, e o que eles estão fazendo para mudar? Sabe, eu achei interessante, por exemplo, este trabalho que você está fazendo na escola, e outros, nós somos ainda, podemos dizer felizes, por quê? Porque a Unesp, ela está dentro da escola, e você vê que muitos outros alunos, às vezes, não têm a condição de ter esta vivência, porque, se você sai da escola e não vivencia o que você está vivenciando, conversando, indo em busca, ou para fazer um trabalho, ou para fazer um estágio, alguma coisa, você nunca vai imaginar o que é uma escola, porque a teoria é uma coisa, a prática, o dia a dia é outra, as nossas dificuldades. Então, nossa sala de informática nós temos? Temos. Quais são as dificuldades? Nós não temos um técnico de manutenção, porque o governo não paga. É necessário, você sabe que o teu próprio computador dá problema, você imagina um computador que é utilizado por todos. Outra coisa, são 40 alunos, sei lá quantos alunos estão na classe aquele dia, para levar lá, você não consegue levar todo mundo lá, porque a sala de informática é pequena, tem 10 computadores, o ideal seria metade levar, metade ficar trabalhando na parte teórica, não é? E vice-versa, é maravilhoso, é os alunos se interessam, então aqueles professores que já perderam este medo, eles ficam em condições de dificuldades, e nós estamos sabe tentando de tudo quanto é forma, é difícil, mas não é impossível. E, fora os professores que têm medo, que fizeram um curso lá, mas não tinham computador em casa, computador, você sabe, você tem que pôr em prática, se você faz um curso, mas você não tem um computador na tua casa e não tem um tempo para utilizar, esquece. Aí ele tem a vontade de utilizar, aí vem o medo. Porque levar lá só, para fingir que levou, e não está nas salas de aula, é isso que a maioria das vezes acontece. O legal é você trabalhar com software que realmente o aluno aprenda mais, né, que ele enxergue diferente, porque senão, a gente fica na sala de aula, e aí que é o grande tcham e é o mais difícil também. Porque não dá para você também, hoje em dia, a consciência da gente nem hoje em dia, nem sempre, não dá para você enrolar, você não consegue. Então, para você tirar um aluno e ficar lá brincando no computador, não vai; então, você tem que completar mesmo, você tem que mostrar mesmo, ensinar este aluno a buscar a pesquisa, ou a trabalhar com software, para ele ter uma visão diferente de como ter uma aprendizagem mais prática, mas

nós não fomos preparados para isso. Então, a dificuldade é esta. E o professor tem que ser aberto, disposto para apreender. Então o que eu acho também, é achismo meu, eu acho, assim, que nós, professores, não poderíamos estar com tantas aulas assim, você poderia ter um limite de aula, e depois este restante o professor teria que cumprir na escola, mas como? Preparando as aulas, tá, tendo tempo para ele ir à sala de informática, estudando, discutindo, dando plantão de dúvidas. Então o aluno, penso, se ele tivesse com este tempo de plantão de dúvidas: “Ah! eu não entendi nada de Matemática hoje meu Deus do céu! Ah! Mas 5ª feira tem o plantão.” O aluno sai lá, fica, se em dois minutos ele solucionou o problema dele, solucionou tchau e benção, mas o professor esta lá. Agora, ele sai daqui, ele está numa escola particular, sabe, fica difícil, sabe, tantas inovações, tantas coisas ótimas, mas fica difícil deste professor e é uma pena, porque, se este professor prepara uma aula diferenciada, você pode ter certeza que não vai ter indisciplina, a gente percebe mesmo, não é verdade? Aquele professor que consegue envolver, você não vê a aula passar, você fala: “Nossa, mas bateu o sinal?” E tem uns que você falam: “Meu Deus do céu, não passa esta aula!” Porque ele não conseguiu te envolver, e aí tua cabeça vai para tudo que é canto, você quer conversar sobre tudo, você tem vontade de beber água toda hora, você não pára na carteira.

Com certeza, a escola e a família se completam na formação do aluno. Nossa, se houver realmente este envolvimento, nossa, o aluno será outro, é isto que falta. Olha, nós temos famílias que se interessam tanto pela escola, que ela se propõe até a ser amigo da escola, e temos família que parece que não tem uma noção, assim, que a escola e ela formam um todo na formação desse aluno, e ela deixa a responsabilidade para a escola. Por quê? Porque eu tenho muitos filhos, porque eu tenho que trabalhar, eu tenho que ganhar, eu tenho que comprar, eu tenho isso, e vocês têm, por obrigação, cuidar, orientar. Então, você percebe que tem muita família que deixa até para você ensinar a educação de hábitos de higiene, educação no geral. A maioria das famílias deixa para a escola toda a responsabilidade, ela que transferiu tudo, tudo para a escola, porque você ouve diálogos assim: “Olha, eu vim aqui porque eu não agüento mais meu filho, quero ver o que vocês podem fazer por ele, eu não agüento mais. Se quiser chamar a polícia, vocês chamam, olha isso, se quiser mandar, porque eu não agüento, vocês vêem o que vocês querem fazer com ele.” Complicado, o filho não é nosso, ele é nosso aluno. Então, você vê muito disso, que há um tempo atrás... é, porque eu, para falar a verdade, já tenho 25 anos de magistério; então, voltando à minha época de estudo, voltando à época que eu dei algumas aulas no primário, aulas que eu dei no Ensino Médio e fundamental anos atrás, você via mais comprometimento, sabe, se não era o pai, era a mãe que estava ali, mas é ali, com autoridade. Não, porque eu falo para este menino, porque ele

tem que estudar, nós não tivemos oportunidade, nós estamos dando esta oportunidade de estudo para ele, e valorizando, né? E, hoje, isto eu estou vendo, pode ser que você converse com o Santoro e ele tenha uma outra visão, é o que eu estou vendo, o que eu estou participando, no meu momento, eu estou vendo assim: “Olha, o filho é meu eu tenho que sair para comprar comida, pagar o aluguel, aquela coisa toda, e, to, fiz a matrícula, cumpri com a obrigação, agora compete a você.” Não é por aí, eu acho que só tendo esta... Se os dois trabalhassem juntos na escola... Nossa, a nossa sociedade vai ser outra. Você vai ver um outro jovem, porque não adianta nada você mostrar uma realidade aqui, você trabalhar para este jovem ser crítico, responsável, se ele sai, ele volta para lá e, sabe, você tem que ser participativo, tua vida esta aí, você pode, desde que você queira, você pode. De repente, saiu daqui, fecha o portãozinho da escola dentro dele, vou para minha realidade, não pode; então, se tiver esta união, é cobrado aqui, é orientado aqui, dá continuidade lá também.

Você vai ouvir de mim, se você conversar com outros professores, você vai ouvir também, graças a Deus o “Batista” é uma escola aberta, nós não temos portão fechado, não. Então, na medida do possível, o que nós podemos oferecer, o convite é estendido; então nós falamos assim: “Gente”, para as famílias, “não compareçam só em reunião, entra, venha conversar, venha visitar, venha participar, a escola precisa de vocês aqui e precisa mesmo, né?” Se vem uma mãe aqui sentar na hora do intervalo, sabe, se interessar: “Ah! Eu posso colaborar com alguma coisa?” Nossa biblioteca estava com problema porque nossa bibliotecária está com problema de saúde, e a biblioteca estava parada, e nós não podemos, nós temos um acervo maravilhoso, e também nós não podemos abrir para perder tudo isso, né? Então, tem uma mãe aí trabalhando, mas quantos pais nós temos aqui, sabe, e nós falamos para eles nas reuniões: “E aí, gente, colabore, sabe, ajuda, participa.”

No meu ponto de vista, eu acho super importante usar o uniforme, apesar de que, quando o Escobar implantou, nossa, deu um problema seríssimo, foi parar na rádio, foi parar em tudo que é canto, porque ninguém queria aceitar. E por que ele é importante? Porque é a forma da gente identificar nossos alunos, a calça jeans é universal, então ninguém está fazendo o aluno passar vergonha e mico de forma alguma, é roupa que todo mundo usa, uma camiseta pólo também, só escrito “Batista Leme” aqui, está identificando o nosso aluno. Então, por que é importante? Porque, quando não tinha uniforme, acontecia, às vezes, de alunos, de pessoas de bairros diferentes não serem nossos alunos, pulavam o muro e entravam na escola, e causavam problemas, e nós nunca conseguimos localizar, não sabia nem quem era. E acontecia, às vezes, o aluno chegava até a porta e não entrava na escola, ia para o shopping, ia para o Lago Azul, ia para uma pracinha lá em cima, perto da Unesp, e, às vezes,

algum professor passando, ou um pai de aluno passando, via que era nossos alunos, telefonava: “Olha, tem aluno do “Batista” lá na pracinha, tem aluno do “Batista” lá no Lago Azul, tem aluno do “Batista” lá no shopping.” E o que a gente fazia? Nós íamos atrás, para saber quem era e por que estava fora da escola. Se estava uniformizado, saiu da casa dele uniformizado, e nós conseguimos pegar muitos alunos destes e trazê-los para a escola. Telefonava para o pai. “Pai, por favor, seu filho está aqui, nós fomos buscar no shopping, no Lago Azul, na pracinha.” Aí, o aluno tinha que dar explicação para o pai, porque, entende, é fácil porque está com a calça jeans e a camiseta da escola. Então, é uma segurança para a família, e então os pais, quando começou a acontecer isso, aí eles viram realmente a importância, que não era para tachar, rotular ninguém, mas era uma segurança para a escola e era uma segurança para o aluno. E eu acho ótimo, sabe, não tem esta competitividade, porque está com aquela camisetinha daquela marca, porque ele pode, porque não posso, porque ele é pobre, porque ele deixa de ser pobre. Todo mundo é igual aqui na escola.

E a escola tem outras regras; uma que a gente utiliza constantemente é o aluno, ele não pode sair da escola sem o consentimento e a assinatura do responsável. Então, se ele estiver doente, se ele estiver com algum problema, se ele tiver a hora marcada para um dentista ou médico, que coincidir com o horário, tem que estar com um responsável para assinar a fichinha, que ele está saindo da sala de aula para ir acompanhado pelo responsável, em algum lugar. Então, se este aluno, então, se ele entrou na 1ª aula, se ele não estiver na 2ª e na 3ª aula, e não tiver assinado, é sinal de que este aluno fugiu. Então, a gente tenta localizar este aluno na escola; se não localizar, você telefona para o pai: “Seu filho veio, mas não se encontra. É importante que a senhora localize e saiba onde ele está.” Para entrar atrasado, também um pai tem que acompanhar, porque muitos pais trabalham, às vezes saem antes do filho, este filho, geralmente, quer entrar na 3ª, 4ª, aula, porque ficou dormindo, e quer esconder da mãe, sabe, aquelas coisas todas e não tem um controle. Se a gente não tiver este controle, este aluno provavelmente vai estourar de faltas; então, o aluno não entra e não sai, se não tiver um responsável para assinar a fichinha. Eu acho muito bom isso, e os pais já acostumaram com isso também, e já concordaram, porque este regimento não foi feito pela direção, foi feito por todos, então isto é importante. A utilização do boné, também, nós não permitimos mais a utilização do boné, tivemos grandes problemas com este negócio de boné, porque um tinha, o outro não tinha, o outro tinha de marca, o outro sumia, porque roubou, porque deixou de roubar. Aí, no dia seguinte, um grupo não sei das quantas, não sei de que bairro, veio para bater no outro porque pegou o boné. Então, não usa boné, boné não é utilizado, é utilizado boné na quadra, mas isto eles entram pelo portão de lá, é só na hora de utilizar a quadra

esportiva; para cá, não pode utilizar boné. Se você vê alguém de boné, é porque não está seguindo o regimento da escola, as normas da escola; então, este aluno provavelmente será chamado, e será informado, se ele é aluno novo, que não pode, talvez ele não tenha lido o regimento. Essas regras colaboram para uma melhor convivência aqui na escola. Outra coisa, o aluno também ele não sai a toda hora da sala de aula, para descer, para ir ao banheiro, para beber água; isto atrapalha e tinha escola que, constantemente, dá licença para ir ao banheiro, dá licença para ir ao banheiro, então eles sabem que tem um horário para isso e tudo mais. Se eles estiver com algum problema, ou se ele estiver com muita necessidade, é questão de questionar, pedir para o professor, tá, mas não é a todo o momento.

Concepção de escola? É difícil, né, porque você faz, faz, mas na hora de colocar, eu acho meio complicado. Mas eu acho que a escola, acho que a escola deve ser realmente um local onde ela vai colaborar para você construir, construir seu conhecimento, preparar o alicerce para a tua vida futura, para você fazer parte desta sociedade que temos, de igual, para igual onde você pode participar, onde você pode construir, onde você pode criticar e ter argumentos para críticas, e não simplesmente criticar e não saber nem por que está criticando. Eu acredito que seja, que a escola é um espaço para você se socializar, interagir, crescer tá, crescer junto com os professores. Porque eu acho que não é o aluno só que vem construir o conhecimento, nós construímos muito nosso conhecimento e você pára, se você ouvir o adolescente, se você ouvi-lo, se você aproveitar a bagagem que este aluno traz, porque o aluno não chega aqui na escola e em escola nenhuma como se fosse uma folha em branco, ele tem a vivência dele, desde que ele nasceu ele tem a experiência dele no lar, ele tem a experiência que ele adquiriu através da própria tecnologia mesmo, da televisão, dos programas que ele foi assistindo, das orientações que a avó passou, que a tia passou. Então, quando este aluno chega na escola, ele traz muita bagagem, ele traz a bagagem dele do bairro, ele traz a bagagem dele da cidade dele, que ele morou. Então, tudo isto tem que ser aproveitado; então, se você parar, se você ouvir, se você utilizar, se você der oportunidade, então você vai crescer também, tá, você vai crescer junto com o aluno.

É meio complicado dizer qual grupo social a escola pública favorece, porque nós temos, nós não somos homogêneos; então, o que acontece? Nós temos um grupo que realmente tem a intenção de fazer uma universidade, uma faculdade, nós estamos tentando favorecer este grupo, tanto é que, na escola, nós temos uma experiência de um cursinho voltado para estes alunos que não têm condição de pagar um cursinho e que quer e este aluno tem vontade de prestar um vestibular e dar continuidade nestes estudos. Então, o que aconteceu? O grupo de professores montou este cursinho, estão dando, assim, a alma, para

trabalhar gratuitamente, para preparar estes alunos para entrar na faculdade. Então, vai favorecer quem? Aqueles que têm vontade, aqueles que já tiveram alguma formação e que estão trazendo alguma coisa de casa também, mesmo vendo dificuldade, porque nós não podemos falar assim que escola pública é uma escola para pobre, e que escola pública não coloca ninguém na faculdade. Eu sou irmã de um rapaz que estudou em escola pública e é médico; na nossa época, a maior parte estudava em escola pública, engenheiro, médico, advogado, podia ser o que queria ser. Eu, por exemplo, já estudei em escola particular e a vida inteira escutei isso, pagou, passou, entende? Então nós temos excelentes professores, temos excelentes professores, temos professores que têm vontade de colocar estes alunos numa faculdade. Agora, nós temos várias classes sociais na escola pública, com vários interesses, nós estamos dando oportunidade para todo mundo, penso, eu penso, e mesmo para aqueles que estão com dificuldade eu estou montando classe de reforço, eu, assim, em termos, no meu trabalho porque não sou eu que monto, porque isso daí já vem como interesse da Secretaria da Educação. Montamos para a turma de reforço, montamos para turma de classe de multiseriada, tudo para evitar que este aluno tenha dificuldades, fique com falhas na aprendizagem, que desenvolve todas as habilidades e tudo mais. Mas tem pessoas que já sabem que não vão fazer uma faculdade; então o que eu acho? Eu acho que a escola pública, ela deveria ser, assim, ser dividida assim, quem vai querer ser técnico, porque você não é obrigada a fazer uma faculdade, você pode fazer um curso técnico muito bem feito, você pode ser um especialista em alguma coisa, está faltando, tá, e que logo esta pessoa já tenha probabilidade de sair para um 3º colegial e trabalhar e já ter seu rendimento e tudo mais. Então, eu acho que fica difícil mesmo. Aqui todos que se interessam em ir adiante têm oportunidade de ir, e aqueles que não têm, ficam...É só agarrar. Semana passada, mesmo, três alunas vieram e falaram: “Dona Sônia, olha, nós já entramos na faculdade”. Estão terminando o 3º colegial, se você vê estes cursinhos, todo mundo assim, ó, segurando com toda garra, e eles vão entrar, eu tenho certeza, porque eles estão levando a sério. O “Batista” fez um cursinho para os 3º colegiais que querem entrar na faculdade; é um horário fora da aula. Eles estão fazendo de noite; como é uma classe só, nós não tínhamos condições de montar mais, estes professores se reuniram tá, e vêm, vêm com toda boa vontade, e conseguimos material de cursinhos, fizeram parceria, porque um professor já tinha trabalhado em cursinho, o outro também, não sei de que forma eles fizeram parceria para conseguir este material. Eles pagam só um tiquinho assim, o material, mas é quase nada, tá? Então, eles adquiriram este material e tudo mais. Quer dizer, eu vejo um esforço e tanto, eu acho isso maravilhoso. E como foi selecionado? Não podia oferecer para todo mundo, porque também a

gente não sabe quem é. “Ah! quero fazer parte”, e fica fazendo só por farra mesmo e tira lugar de quem quer. Então foi selecionado, assim, a frequência, teve vários critérios para a gente, e acredito que tem uns 50 alunos, não posso falar assim, houve uma seleção. Sabe, seria tão importante se a gente, você está vendo este horário do cursinho, se o professor não fosse comprometido o tempo inteirinho, ele poderia abrir até mais.

Eu tenho uma filha só, e ela estudou o tempo todo no Koelle, escola particular. Por quê? Porque é encostado com a minha casa, então era uma forma bem fácil de eu poder pegar, buscar, ou minha família mesmo poder pegar, buscar, porque como eu não era efetiva, cada dia eu estava numa escola, cada ano eu estava em três, quatro escolas, às vezes em Ipeúna, em Cascalho, aquelas coisas, e dificultava, e não podia, simplesmente, numa escola assim, mas eu, que trabalhei também em escola particular, e trabalhei em escola do governo, eu cheguei até um dia já discutir amigavelmente, discussão sobre educação com o pessoal do Koelle, que eu via que a escola do governo estava mais avançada do que a escola particular, sabe, naquela a gente trabalhava junto com o CB, trabalhava com a parte de Educação Física e trabalhava junto com as professoras de primário e todo aquele trabalho de integração e, nas nossas reuniões, a gente conversava e discutia como a gente ia preparar a aula da semana, e como a gente ia desenvolver, e qual era o objetivo que a gente ia seguir, e eu via que era um trabalho maravilhoso que a gente estava fazendo. A escola particular estava naquelas coisinhas, de riscar com bolota vermelha os erros lá, em vez de fazer um trabalho diferenciado; então, a diferença de uma escola particular para uma escola do governo é que a maioria dos pais, não são todos, não, porque tem muita gente dos pais, que paga também, estou pagando, vocês se viram, mas a maioria dos pais, como eles estão pagando, né, eles querem cobrar mais do filho: “Estou pagando, quero ver o teu retorno”. Então, acompanha mais ali, porque está saindo dinheiro do bolso dele, ta? Tem outro detalhe, a escola particular, ela é muito, assim, você matriculou seu filho aqui, ótimo, você paga, pago, minha responsabilidade é preparar seu filho, ta? O que eu acho é o seguinte eu trabalhei muito tempo, e eu observei o seguinte: você paga, e eu trabalho para o seu filho, procuro trabalhar da minha forma; agora, não venha dar problemas de falta de educação, coisas que competem a família, ta? É que nós vamos dar cartinha branca para o seu filho, então toma lá di cá, nós ficamos com o seu filho, enquanto estiver seguindo nosso regimento, eu cumpro com a minha parte e você cumpre com a sua. Se tiver alguma parte que não estiver satisfeita, tchau, pega seu filhinho, pega seu carnezinho, vai procurar outra escola. Com a gente aqui, já não, né? Nós temos alunos que se interessam, temos alunos que não se interessam, temos alunos que não está nem aí, já vieram repetindo, repetindo, e, às vezes, vem na escola só para perturbar, porque não é interesse dele, não está

atingindo o objetivo dele. E aí, o que a gente faz? Nós conversamos com este aluno, nós chamamos este pai, nós mandamos para o conselho tutelar, nós voltamos a conversar, nós aceitamos, e vamos e vem, sabe, aquele trabalho todo. Agora, comparando, porque aprende mais, ou porque os professores que dão aula na escola particular são diferentes dos professores que dão aula na escola estadual, não é verdadeiro, porque tanto nossos professores dão aula na escola estadual, como dão aula na escola particular, e o trabalho é o mesmo: quem é profissional é profissional, não dá para separar.

Se eu gostaria de trabalhar em uma escola particular? Para ser sincera, eu até, foi até gozado, porque eu já tinha sido coordenadora, mas eu amo de paixão dar aula de Educação Física, tá, e tinha prestado já o concurso, e eu estou aqui porque eu fui laçada, o pessoal não deixava mesmo: “Não, porque você vai fazer parte da nossa escola, vai ser coordenadora”. Mas, na verdade, eu amo, minha paixão, meu trabalho na quadra com os alunos. Então, eu não gostaria de ser coordenadora de escola particular, aqui eu não dou aula porque eu sou do diurno, então, no diurno, eu tenho que trabalhar oito horas. O Santoro já não, porque ele é do noturno, então ele é coordenador do noturno e o resto ele completa com as aulas; mas eu gosto muito da escola, eu gosto muito do que faço, procuro dar o melhor de mim. Sei que não sou perfeita e também não quero ser perfeita, porque quem acha que é perfeito pára por aí mesmo, e eu quero continuar aprendendo.

CAPÍTULO 3

TENDÊNCIAS: UM MOSAICO DE VIDAS ENTRELAÇADAS

Neste capítulo, voltada a refletir e a discutir as questões que norteiam esta pesquisa, a qual busca entender a relação escola-família-Matemática, começo a tecer algumas tendências. Mas o que eu chamo de tendências?

Depois desse processo de textualização dos depoimentos, indico convergências no que foi dito pelos depoentes. São ressaltados pontos comuns, ou divergentes, aos quais vou dar uma atenção específica, ressaltando esses pontos e com eles dialogando através de um panorama mais amplo, vindo da bibliografia.

Para isso, propus-me a retirar “flashes” da história do cotidiano, inserida numa escola estadual, a fim de deixá-los historicamente registrados, para que, posteriormente sejam compostos na história e nos mostrem para onde caminham determinados costumes, determinadas tendências.

Assim, baseada na idéia de Philippe Ariès (1980), apresentada em seu artigo *Uma Nova Educação do Olhar*, onde o autor se propõe a “expor uma forma de abordagem da história, que privilegia a mudança e a diferença (p.29)”, classifico as tendências em **Tendências de Conservação**, denotadas pelas práticas e pelos discursos que se conservam ao longo dos anos; **Tendências de Mudança**, indicadas pelos que se modificam e **Tendências em Movimento**, uma tendência que ainda pode regredir, tornando-se uma tendência de conservação, como pode avançar, manifestando-se como uma tendência de mudança.

Além disso, para melhor entender como se configuram as tendências de conservação ou de mudança, ao abordá-las, tentarei responder a questões como: São tendências de mudança (ou conservação) em relação a quê? Para isso, estarei me apoiando em algumas referências bibliográficas, as quais indicarão se existe uma mudança ou não.

Em relação ao modo como selecionei elementos para colocar em uma ou outra tendência, evidencio que classifiquei pelo **que** foi dito pelos participantes e ainda por **quem**

disse. Inclusive, vale lembrar que as tendências detectadas ressaltam elementos que **eu** achei importante segundo o que **eu** penso, que são as perspectivas dos meus depoimentos. É importante lembrar que tais discursos podem trazer aos leitores outras tendências significativas, mas que não foram trabalhadas por mim.

Salienta-se que as tendências não têm a intenção de julgar os depoentes e suas falas, mas sim de apresentar suas idéias a respeito do que se refere à relação escola-família-Matemática, e desse modo, buscar conhecer quais são as tendências que existem na escola, hoje.

Entretanto, para que melhor se compreendam as idéias de Ariès (1980) a respeito de história, a qual diretamente está ligada ao conceito de tendências, observe-se a citação abaixo:

A história é, e deve continuar a ser, o conhecimento das aparências, cuja ilusão não deve denunciar, mas da qual deve descobrir os elementos que, muitas vezes, estão ocultos e que dela fazem uma estrutura coerente. O historiador cedo se apercebe de que existem dois tipos de aparências, as que são manifestas e estão à vista de todos, e as ocultas, subterrâneas, apenas notadas pelos seus contemporâneos... Aquilo a que chamamos hoje «história imóvel» não é uma não mudança, mas uma história muito lenta, tão lenta que parecia imóvel para as gerações que a viviam. Para nós já, não é uma história imóvel, vemo-la, descobrimo-la depois do seu apocalipse, depois da sua destruição, levada a cabo pela nossa modernidade. (ARIÈS, 1980. p. 28).

Paralelamente, destaco que Ariès, ao definir história, resalta como verdade que temos que conservar as grandes estruturas econômicas e observar as grandes estruturas historicamente. Porém afirma não ser verdade que essas grandes estruturas, historicamente, não sofram mudanças. Por exemplo, estruturas econômicas, como o capitalismo estudado por Marx, nada mais têm a ver com o capitalismo atual.

Diante disso, podemos entender que as grandes estruturas, por exemplo, políticas, sociais, econômicas etc., nunca permanecem as mesmas, elas vão se alterando dentro do mesmo sistema. Com isso entendo que, dentro daquilo que observamos, podemos perceber o que **permanece igual** e o que **permanece mudando**.

Com isso, as tendências de mudança e de conservação aqui apontadas, pretendem ir na direção das idéias de Souza e Souza (1998), as quais indicam que:

Educar novamente o olhar lançado à Educação Matemática, buscando quais práticas que habitam o cotidiano escolar e relacionar essas práticas profissionais àquelas praticadas no contexto social mais amplo objetiva a percepção do que muda bem como do que permanece nas práticas relativas a Educação Matemática, ou seja, é encontrar o sentido histórico desta. (p.64)

Portanto, a partir das tendências venho trazer a idéia do movimento, associado à mudança ou à permanência do pensar dos sujeitos entrevistados, que surge neste espaço temporal, espacializado numa Escola Estadual do município de Rio Claro, de modo que não se pretende generalizar a partir de uma **histórica do presente**, tendências históricas de mudança e conservação.

1. Tendências de Conservação

Um dos assuntos abordado entre os participantes dessa pesquisa foi o uso obrigatório do **Uniforme Escolar**. Alunos, suas famílias, professores e coordenadores são favoráveis ao uso do uniforme, como forma de identificação. Principalmente por impedir a entrada de estranhos na escola, o que, segundo os depoentes, seria uma forma de prevenir a violência e as drogas dentro desse recinto.

Os coordenadores, inclusive, são extremamente favoráveis ao uso do uniforme escolar, visto que, para um deles, o uniforme está para a escola, assim como o macacão está para a fábrica (na mesma direção, aponta enfaticamente que o fracasso da fábrica é o fracasso do trabalhador, assim como o fracasso da escola é o fracasso do aluno). Já a outra coordenadora ressalta que o uniforme, além de identificar os alunos e de propiciar segurança para as famílias, diminui também a competitividade social entre os estudantes na escola.

Em vista disso, observa-se que, apesar de os entrevistados apoiarem o uso do uniforme, visando à identificação, observa-se uma lenta mudança (por parte das famílias, dos alunos e professores, como não há por parte de um dos coordenadores) em seus depoimentos, na medida que ressaltam a preocupação com a violência urbana, principalmente voltada ao uso e ao tráfico de drogas, dentro das escolas estaduais do Ensino Médio.

Desde o início da escolarização no Brasil, o uniforme escolar tinha o mesmo sentido que tinha o uniforme para o presidiário e para o interno no manicômio: servia para identificar o aluno e saber se ele estava fazendo algo de errado ou não.

Essas décadas traçaram um período de educação brasileira rígida, quando as escolas eram extremamente autoritárias. Com a chegada do militarismo, na década de 70, as regras do manicômio, do presídio e da escola eram semelhantes, ou seja, vivia-se diante de regras violentas e de uma disciplina severa.

Álbum de Recorte...

“Neste sentido não há, para Foucault, uma separação entre as práticas do hospital de loucos, do presídio, da fábrica, da escola. Ou seja, a vigilância, a normalização, a sujeição, a disciplina,

enfim as *práticas de poder* produzidas e que produzem cada regime de verdade estão presentes em toda Instituição. Uma das comparações, mais recorrentes na obra de Foucault, diz respeito à instituição psiquiátrica e à escola, pois as duas são fundadas em inquéritos, avaliações e vigilâncias com o objetivo da normalização do sujeito a partir da disciplina". (SOUZA, 2004, p.10. Grifos do autor.) (No prelo).

Essa época também foi muito bem lustrada no filme "Pink Floyd - The Wall"; nele, a questão do controle exercido na escola e do autoritarismo da burocracia escolar é bem clara. O filme expõe a função moralizadora e disciplinadora da educação escolar, ressalta os apelos à ordem, à pontualidade e ao bom comportamento e mostra, ainda, o distanciamento entre a prática do professor e a realidade do aluno, visto que, aos olhos dos professores, todos os alunos são iguais (têm a “mesma cara”). Como, aliás, se vê, atualmente, nos filmes da série Harry Potter, que fazem tanto sucesso com a juventude.

Álbum de Recorte...

O filme gravado em 1982 foi baseado naquela época, no final dos anos 70. Ele conta a história de Pink, um astro do rock que teve seu pai morto na guerra antes de nascer. Na escola foi perseguido pelo professor. E, no casamento, traído pela esposa. Assim, Pink ergue um "muro" fictício que o separará do mundo real. Vários fatos contribuem para isso; um deles é expresso na música "Another Brick in the Wall" (parte 2) - são apenas mais um tijolo no muro. A letra mostra a escola de Pink, com professores que são produzidos para robotizar os alunos. Este controle de pensamento que os professores queriam fazer foi mais um tijolo no muro, que já estava sendo levantado.

Contudo as práticas escolares, hoje, mostram-se muito mais tênues, ou ainda não muito claras, como na época em que se passa a história do filme.

Inclusive essa prática da “uniformização” da escola surge em nossa história, também como forma de regular operários e alunos, que, uniformizados, ou mesmo igualados sujeitam-se a obedecer também à uniformização de regras impostas pelas redes de poder que sustentam as instituições escolares.

Álbum de recorte...

Quando dei aula, em 1968, na escola “Frederico Arruda”, lembro que tinha um tipo de uniforme para cada período, manhã, tarde e noite. À noite, eu tinha uma classe de 6ª série e duas de 5ª série. Aí houve um detalhe interessante, nesse tempo, se vivia com o salário de aulas para três classes. Certo dia, quando eu estava dando aula à noite, foram retirar três alunos da minha 6ª série. Eu perguntei: Por que você está retirando estes alunos? Responderam-me: “Porque, ontem, quando eles saíram da escola, foram chutando as latas de lixo, e, quando os lixeiros passaram, estava todo o lixo no chão. As famílias reclamaram para a polícia, mas ninguém conseguiu pegá-los; contudo alguém identificou o uniforme da 6ª série, e, como ocorreu à

noite, só pode ser aluno do noturno. Assim, chegavam fácil nas pessoas que tinham “cometido delito”. Ou seja, mesmo quem era fora da escola descrevia o uniforme e o diretor sabia identificar de qual série era tal aluno. [Depoimento de um antigo professor]

Porém, se antigamente, o uso do uniforme surge para atender a uma rede de poder da política educacional, que, atualmente ainda passa despercebida pela maioria das pessoas que compõem a escola e defendem seu uso como forma de organização e disciplina, hoje estes sujeitos agredidos socialmente, e até fisicamente, pela violência que toma conta dos centros urbanos e periféricos aderem e reforçam o uso obrigatório do uniforme como forma de proteção dentro das escolas.

Como exemplo dessa mudança de paradigma em relação a um mesmo objeto - o uniforme - julgo relevante fazer um paralelo deste com o celular. Quando surge o aparelho celular, ele aparece com uma alta conotação de vigilância dos pais sobre os filhos. As famílias davam o celular para os filhos, para saber onde estes estavam.

Hoje, o celular é encarado pelos pais e filhos como um objeto de segurança, na medida que, muitas vezes, é usado para comunicar à família que chegaram bem, por exemplo, ao local da festa. E, da mesma forma, ao retornar para casa, comunicam aos pais, que ficam aguardando a sua chegada. Ou seja, atualmente, possuir um celular é uma questão de dar segurança, tanto à pessoa, quanto à família.

Se, inicialmente, ele foi encarado como um objeto de **vigilância**, em pouquíssimo tempo ele se transformou em um objeto de **segurança**. Como ocorre, atualmente, ao entrarmos numa loja ou num supermercado, nos deparamos com uma câmera de vídeo e um aviso: “Sorria você está sendo filmado!”

A função que o uniforme tem hoje é muito mais “econômica” e de “proteção” ao aluno do que era há cinquenta anos atrás, de vigilância sobre o estudantes. Por isso, aponto ser uma tendência de conservação que se inverteu, visto que, hoje, não é a escola que exige o uniforme, é a família que o quer para a segurança do filho (e a escola para a segurança do aluno). Ambas preocupadas em identificar uma pessoa externa ao âmbito escolar.

Assim, podemos dizer que, para alguns, o uniforme ainda pode se constituir com um meio de vigilância na cadeia e no manicômio, mas, nas escolas, não mais. Inclusive, de acordo com a maioria dos entrevistados, percebe-se que o uniforme não carrega mais esse sentido tradicional do termo vigilância, e sim um sentido de proteção ao aluno. Ou seja, com o passar do tempo, percebe-se que se conservou o objeto (uniforme), mas esse objeto mudou de função.

Diante disso, nota-se que o uso do uniforme escolar é uma **Tendência de Conservação, porque se manteve no tempo, mas não sobre o mesmo paradigma.**

Diante dos depoimentos dos seis alunos, percebe-se que eles **valorizam a escola**, na medida que seus pais, cuja maioria concluiu apenas a 4ª série do ensino básico, acreditam e incentivam que, através do estudo, terão um futuro melhor, uma vez que, para essas famílias, a escola está diretamente voltada à conquista de uma boa profissão.

Foucault (1979), em sua obra *Microfísica do Poder*, traz algumas considerações sobre a relação saber-poder na sociedade:

Ora, tenho a impressão de que existe, e tentei fazê-la aparecer, uma perpétua articulação do poder com o saber e do saber com o poder. Não podemos nos contentar em dizer que o poder tem necessidade de tal ou tal descoberta, desta ou daquela forma de saber, mas que exercer o poder cria objetos de saber, os faz imergir, acumula informações e as utiliza. Não se pode compreender nada sobre o poder econômico se não se sabe como se exercia, quotidianamente, o poder, e o poder econômico. O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder. O mandarinato universitário é apenas a forma mais visível, mais esclerosada, e menos perigosa, desta evidência.(FOUCAULT, 1979, p. 142).

Dentre essa e outras colocações do autor a respeito dessa relação, aponto uma **tendência de conservação em relação à valorização do estudo**, por parte das famílias, como forma de se conquistar uma boa profissão¹.

Outra questão abordada nesta pesquisa enfoca a parceria entre a escola e a família, no sentido de se promover uma educação mais completa e eficaz do aluno. Autores afirmam que a participação da família e as ações necessárias à formação dos alunos têm garantido um maior sucesso acadêmico. Segundo Bhering (1999), o envolvimento dos pais não só contribui com todo o processo escolar, como também contribui para a melhoria dos ambientes familiares e, eventualmente, poderá influenciar positivamente no desenvolvimento escolar dos alunos.

Os alunos, os professores, os pais e os coordenadores que participam desta pesquisa colocam-se a favor da **interação escola-família**, uma vez que, após essas famílias entrarem em contato com os professores, a respeito das dificuldades de aprendizagem de seus filhos ou

¹ Para maiores aprofundamentos nos conceitos de ascensão social, consultar: BOURDIEU, P. *Escritos de Educação*, 2ª Ed. Editora Vozes. 1999.

da falta de disciplina na sala de aula, estes, de alguma forma, superaram ou melhoraram seu comportamento e/ou rendimento na sala de aula.

Porém algumas dessas famílias, desses alunos e desses professores consideram importante tal acompanhamento apenas nas séries iniciais, já que, com o decorrer dos anos escolares, não há necessidade de haver uma participação constante no desenvolvimento escolar do aluno, salvo os casos de dificuldades e problemas que poderão ocorrer.

Inclusive, os alunos citados neste estudo tiveram um maior apoio escolar de suas famílias, principalmente nas séries iniciais, quando estavam começando a aprender Matemática. Mas, atualmente, cursando o primeiro ano do ensino médio, quando se encontram em uma situação de dificuldade, costumam pedir ajuda aos amigos e aos professores.

Os coordenadores e os professores apontam que a relação escola-família é fundamental, pois a escola e a família são agências sociais que se completam na formação do aluno. Porém ressaltam que a família, voltada para o trabalho, deixou para a escola toda a função de educar.

Paralelamente, Ribeiro (2000) em seu trabalho sobre a “Análise das relações entre família e escola na cidade de Porto Velho”, aponta que, ao longo do tempo, as funções educativas da família foram afetadas pelas mudanças sociais e econômicas, características da vida moderna. O que, de certa forma, fez com que a escola comesse, então, a substituir a família no seu processo de educar.

Álbum de Recorte...

Voltando ao século XVII, apoiando-se nos estudos de Ariès (1981), deparamo-nos com uma estrutura familiar na qual os filhos desempenhavam funções domésticas, que os aproximavam do mundo dos servidores: eram especialmente encarregados do serviço da mesa. Os deveres de um bom pai de família reduziam-se a três pontos principais: aprender a controlar a sua mulher, educar bem seus filhos e governar bem seus criados (...) Na Idade Média, a educação das crianças era garantida pela aprendizagem junto aos adultos; a partir de sete anos, as crianças viviam com outra família, que não a sua.

No fim da Idade Média, a criança conquista um lugar junto de seus pais, lugar a que poderia ter aspirado no tempo em que o costume mandava que fosse confiada a estranhos. A criança tornou-se um elemento indispensável da vida cotidiana, e os adultos passaram a se preocupar com sua educação, carreira e futuro, porém essa família distinguia-se da família moderna pela enorme massa de sociabilidade que conservava. A família moderna separa-se do mundo e opõe à sociedade o grupo solitário dos pais e filhos. Essa evolução da família medieval para a família moderna, durante muito tempo, limitou-se aos nobres, aos burgueses, aos artesãos e aos lavradores ricos. Porém a grande parte da população, a mais pobre e mais numerosa, vivia como as famílias medievais, com as crianças afastadas da casa dos pais.

Dessa época em diante, ao contrário, a educação passou a ser fornecida cada vez mais pela escola. Esta deixou de ser reservada aos clérigos, para tornar-se o instrumento normal da iniciação social, da passagem do estado da infância ao do adulto.

Os educadores moralista, em função de suas circunstâncias e de sua época, colocavam o problema de saber se a educação particular em casa valia mais do que a educação pública na escola. A educação pública era desprezada, porque se acreditava que as escolas estavam nas mãos dos pedantes. Outra razão para existir a aversão à escola era o fato de a disciplina escolar ser muito severa.

Por conseguinte, Gomes (1994) qualifica a família como muito importante na socialização do indivíduo, mas ressalta que outras agências sociais ou espaços competem com ela ou complementam sua ação; por exemplo, a creche, a pré-escola, a rua etc. Assim, as políticas públicas não devem desconsiderar que a educação dos filhos é direito da família, mas precisam garantir que elas não fiquem sozinhas e desamparadas, com a responsabilidade da construção do futuro de suas crianças. É importante um maior conhecimento da situação concreta das populações a quem se destina a intervenção dessas políticas, pois a socialização secundária, principalmente a educação escolar, segundo o autor, precisa ser repensada como continuidade à educação familiar.

Sabe-se que o modelo nuclear de família os pais vivendo juntos aos filhos e dando-lhes fortes referências para a construção de suas identidades e de seus projetos de vida tem encontrado dificuldades para viabilizar-se. Com isso, os professores, neste estudo, ressaltam que muitos alunos não têm uma família tradicional, pois são filhos de pais separados, moram com a avó, com a tia, são adotivos, ou são “órfãos” de pai ou de mãe (por estes estarem cumprindo pena na cadeia). Segundo os docentes, tais fatores influenciam o desenvolvimento escolar do aluno, na medida que é mais difícil trabalhar com esses estudantes.

Esse contexto de separação da família, de acordo com Ribeiro (2000), é vista pelo professor como um agravante no processo de aprendizagem do aluno. Em sua pesquisa, isso foi bastante citado, pelos professores, como uma situação de extremo conflito, com a qual eles convivem diariamente e o que os faz sentir que o trabalho fica sobrecarregado, já que a escola acaba absorvendo parte desses problemas.

Oliveira (2000), estudando as representações de pais e professores em uma escola cooperativa, aponta que a família aparece o tempo todo descrita como um porto seguro de amor e harmonia, como também a responsável pelo abandono dos filhos:

A família ideal é concebida, por pais e professores, como aquela que é tudo na vida do indivíduo: é suporte, é proteção, é aconchego, é composta de pai, mãe e filhos, todos nos seus devidos lugares, participando das festas escolares, das reuniões, e da lição de casa. Contudo, a família “real” reflete uma imagem completamente oposta a esta. Da mesma forma que os

professores, os pais referem-se a uma família real, que se encontra esfacelada, perdida, sem tempo, e sem responsabilidade no que tange à educação dos filhos. (OLIVEIRA, 2000, p. 144. Grifos do autor.).

Álbum de Recorte...

Rotineiramente ouvimos os professores dizerem que tal aluno é bagunceiro porque a família dele é desestruturada. Mas eu pergunto: O QUE É UMA FAMÍLIA ESTRUTURADA?

Paralelamente, no discurso das seis famílias que participam desta pesquisa, deparamo-nos com famílias que apresentam um bom convívio e harmonia no relacionamento familiar, problemas não foram mencionados. Aí surge outra questão: SERÁ QUE ESSAS FAMÍLIAS NÃO SÃO CERTAS DEMAIS?

Neder (1998) ressalta que é necessário pensar na valorização das famílias como lugar de produção da identidade social básica para a criança, e que essa construção passa pela tolerância com a diversidade humana. Porém, de acordo com a autora, devemos evitar os paradigmas de família regular versus famílias irregulares, responsáveis, em grande parte, pelos preconceitos de agentes sociais. Precisamos pensar nas famílias de forma plural, pois isso constitui o alicerce para a construção de uma democracia, baseada na tolerância e no respeito às diferenças individuais.

Contudo, apesar de estas instituições - escola e família - discursarem a favor da relação escola-família, observamos, através dos dados desse e de outros estudos, que ambas propiciam tal interação apenas nos momentos em que encontram dificuldades de, sozinhas, solucionar alguns problemas escolares, como notas baixas, mau comportamento escolar, número excessivo de faltas, dificuldades na aprendizagem, entre outros.

Álbum de Recorte...

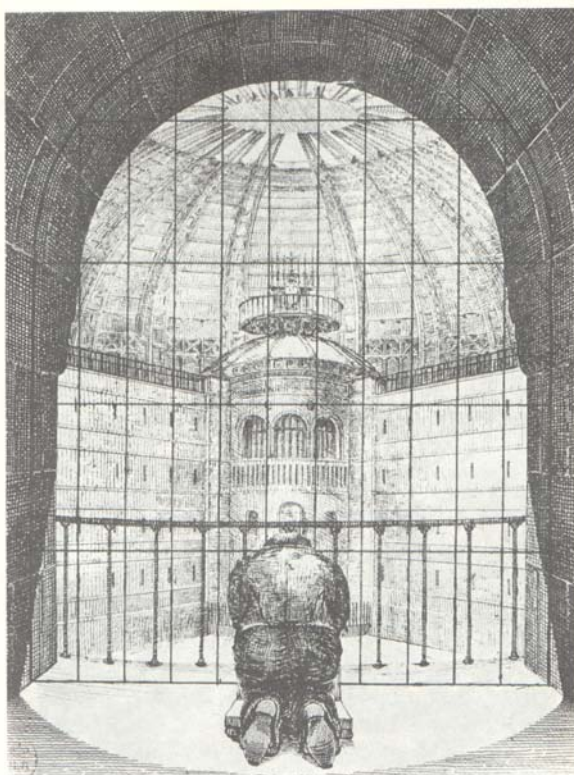
Existe um discurso da escola de aproximar-se da comunidade, mas só há discurso, não há ação. Ocorre, todavia, uma atitude, por parte dos pais, de se aproximarem da escola, mas a ação só se efetiva na hora em que seu filho apresenta problemas escolares, como mau comportamento, número excessivo de faltas, nota baixa etc.

A família sente-se obrigada a fazer o discurso de que ela está envolvida com a educação do filho e com a escola dele, mas só discurso. E o professor também se sente na obrigação de fazer esse mesmo discurso, mas, na ação ninguém se move.

Pereira, em seu trabalho de mestrado; *O Papel do Significante "Família" no Discurso sobre Ensino e Aprendizagem da Matemática na Escola*, conclui que existem iniciativas que são realizadas só para aparentar mudanças; as pessoas mais falam do que agem. A ação só ocorre quando está atingindo o indivíduo, não havendo, nela, uma dimensão coletiva.

Particularmente, neste estudo, nota-se que as reuniões escolares são o único meio de a escola e a família mais se aproximarem. Entretanto, segundo a escola em questão, a interação é pequena, devido à baixa frequência dos pais. Com isso, ela julga os pais desinteressados na educação escolar do filho, enquanto as famílias afirmam que a escola não favorece sua participação, marcando as reuniões nos horários em que trabalham.

Vitor, um dos alunos entrevistados, diz que a reunião escolar é o momento em que os pais se orgulham do filho, já que os professores costumam elogiar os bons alunos. Da mesma forma, pode ser um momento de tensão para aqueles que são chamados de “maus alunos”, em virtude do seu mau comportamento na sala de aula, ou por causa das baixas notas que não são comunicadas aos pais.



As famílias que participam desta pesquisa consideram que a participação nas reuniões possibilita um maior acompanhamento da vida escolar do filho. Na maioria das vezes, os pais buscam saber do comportamento disciplinar e do desenvolvimento escolar do filho, buscando conhecer, efetivamente, quais são suas atitudes na escola para, posteriormente, tomar alguma providência, caso ele esteja com problemas ou dificuldades.

No discurso da escola, composto pelos professores e coordenadores, temos que a frequência dos pais nas reuniões é baixa, e que as famílias que precisariam comparecer à reunião não vêm, (estes são pais de filhos com problemas disciplinares, de nota, e de ausência nas aulas), ou seja, apenas frequentam as reuniões os pais dos bons alunos. A respeito das reuniões um dos

coordenadores destaca: “Para mim, é obvio que as reuniões vão ser um fracasso, é óbvio que só vai vir àqueles pais que não precisam ouvir, porque são estes que têm informação, são estes que dão uma base de educação para o filho, porque ali não é o espaço onde ela vai cobrar, ali é o espaço dela ser cobrada”.

Já a coordenadora do diurno diz: “O problema é a dificuldade de trazer estes pais para dentro da escola, para fazer parte mesmo da nossa comunidade. Vem o pai daquele aluno que já está caminhando normalmente, que já tem interesse pela escola, as famílias vêm para a reunião com muita pressa e sem tempo, sem interesse. Antigamente, a frequência era bem baixa, agora podemos dizer que é até boa, mas neste estilo: é vapt-vupt”.

Contudo, segundo os participantes, as reuniões baseiam-se em entregar a nota e, a pedido da direção da escola, em os professores lerem um texto pedagógico com os pais. Mas, de acordo com a escola as famílias só se preocupam e se interessam pelas notas.

“A relação que existe hoje é muito engraçada. Quando a Escola quer que a família se integre na vida escolar, criam-se aquelas famosas reuniões de pais e mestres, que são aquele “saco” que ninguém agüenta; os pais não têm paciência de ir, os professores não têm “saco” de agüentar os pais e não resulta nada de bom para os alunos. Quer dizer, porque é uma integração falsa. É uma integração falsa porque as famílias estão usando a Escola como uma forma de dar informações técnicas, científicas e culturais para as crianças e ao mesmo tempo de ficar livres das crianças nessas horas.” (ROBERTO FREIRE apud PEREIRA, 1995, P. 135).

A respeito da participação dos pais na escola, Oliveira (2000) ressalta que há uma certa ambivalência, pois:

ao mesmo tempo em que os pais podem participar, essa participação é delimitada. A representação de família ideal e de uma parceira ideal passa necessariamente por alguns crivos que são dados pela escola. Se de um lado a participação da família é ressaltada, por outro lado ela é restringida a algumas atuações bastante específicas: reuniões, agendas, festas. (OLIVEIRA, 2000, p. 115).

Álbum de Recorte...

Uma pesquisa feita numa escola estadual periférica, por Reali e Tancredi (2000), visou a buscar o que os professores pensam sobre as famílias de seus alunos. Para isso utilizou-se uma metodologia que se baseou em um levantamento, junto às famílias, em busca de concepções sobre elas mesmas, sobre a escola, os serviços por ela prestados e a relação escola-família. Com efeito, este trabalho possibilitou o conhecimento das percepções e de crenças de professores e familiares, através de uma atividade de intervenção, que serviu como ensaio sobre as formas de aproximação escola-famílias.

Diante dos dados registrados por entrevistas, observou-se, nos depoimentos dos professores, que nem sempre há coerência entre os atributos indicados como característicos das famílias e a sua condição efetiva quando se levam em conta os dados de renda e de escolaridade, por exemplo. Essas respostas sugerem, ou um certo desconhecimento das características das famílias atendidas ou uma imagem estereotipada das mesmas. As descrições eram, muitas vezes, carregadas de conotações negativas e preconceituosas, mesmo quando algum atributo positivo era destacado.

As opiniões dos professores a respeito do porquê de os pais mandarem as crianças para a escola agruparam-se de forma equivalente, considerando os seguintes aspectos: os alunos freqüentam a escola, para que não fiquem na rua; porque os pais trabalham, não têm com quem deixar os filhos; porque a consideram importante e essencial, para que as crianças aprendam; para que as famílias “se livrem” delas, pois, geralmente, não se interessam pelas atividades escolares. Em menor freqüência, foi apontado o fato de a criança querer ir para a escola; de a escola ser importante, tendo em vista o Ensino Fundamental, para a criança fazer amigos e socializar-se.

Paralelamente, os professores relataram que, quando necessitam manter contato com as famílias dos alunos, o fazem pessoalmente, na entrada ou na saída da escola, ou por meio de bilhetes. Consideram que esse modo de comunicação é suficiente e tem trazido bons resultados. Assim qualificam a interação escola-famílias como boa.

As entrevistas realizadas com as famílias revelaram que o principal interesse das famílias, em relação ao papel da escola, é o tipo de conhecimento que os filhos possam adquirir, o que também diverge da atribuição de desinteresse, feita pelos professores investigados. Os resultados apontam, ainda, para a possibilidade de que grande parte dos professores estabelece interações com as famílias de seus alunos, ancorada em crenças e valores que as colocam numa posição de inferioridade, já que são “mais pobres, menos educadas, desestruturadas, além de viverem em ambientes violentos” (p.12). Na realidade, tais preconceitos, atribuídos pelos professores, são formulados sem base empírica.

Nesse contexto, esta pesquisa levou-nos a concluir que pouco tem sido feito, no campo da formação de professores, para revelar como efetivamente pensam e, simultaneamente, oferecer condições para que imagens a respeito das famílias dos alunos sejam construídas de forma realista e menos preconceituosa.

Em relação aos desencontros entre a escola e a família, Ribeiro (2000), através de dados levantados durante reuniões de “pais e mestres” de escolas públicas e particulares, constata a pequena participação dos pais e a falta de diálogo entre seus componentes (professores, pais, coordenadores). Porém a escola defende-se dizendo que os pais não se aproximam dela devido ao desinteresse pelas questões relativas à vida escolar dos filhos. E, dessa forma, fecha-se nesse discurso, permanecendo com uma visão preconceituosa sobre os pais e a comunidade.

Mas, no estudo de Ribeiro (2000), assim como nesta pesquisa, os professores e os coordenadores caracterizaram a escola como receptiva, sempre procurando pelos pais; se não acontece a aproximação, atribuem o fato ao pouco interesse das famílias. Afinal, segundo os docentes, os pais que menos precisam comparecem à escola, e os que mais precisam são ausentes. Esse fato relaciona o bom aluno, as boas notas, e o mau aluno, as notas ruins.

Como estratégia de um melhor envolvimento dos pais na escola, Silva (1997) coloca que esta deveria apresentar a escola por dentro, no início do ano, explicando o que lá se faz e por que; que os professores, nas reuniões com os pais, deveriam usar uma linguagem mais adequada e incentivar as famílias a usarem da palavra. A escola também deveria proporcionar momentos de convívio, ou dar outras contrapartidas aos pais, e não convocá-los apenas para falar dos problemas acadêmicos ou disciplinares dos seus filhos.

Paralelamente, Joyce Epstein *apud* Silva (1997), em seus estudos a respeito das relações entre os professores e as famílias de seus alunos, aponta que os docentes que não acreditam nas vantagens de envolvimento dos pais escolhem não envolver os pais de elevado nível de escolaridade, porque tal envolvimento não é percebido como crítico, e escolhem não envolver os pais de baixo nível de escolaridade, porque não os vêem como capazes ou dispostos a ajudar.

Em vista disso, Don Davies *apud* Silva (1997), aponta que o grande problema dos pais, principalmente de meio operário, que não ajudam seus filhos, não é o não quererem ajudá-los, mas o não saberem como, e o maior apoio que a escola lhes poderia dar é ajudá-los a ajudar os filhos.

Com isso, Silva (1997) acredita que se deve promover a reflexão sobre por que os pais, sobretudo os dos grupos mais desfavorecidos, se envolvem pouco ou, simplesmente, não se envolvem na educação escolar de seus filhos. Ressalte-se que são pais para quem a escola pós-primária representa um espaço físico e social completamente desconhecido; são pais que não sabem como falar com os professores (mais grave, mesmo, talvez seja os professores não saberem como falar com os pais); são pais que não sabem como ajudar os filhos etc.

Por isso, abordar a relação escola-família implica não deixar de tocar nas questões da política educativa e da organização escolar. Como afirmam Ashendon, Connel, Dowsett e Kessler *apud* Silva (1997), a principal barreira que separa os professores do conhecimento e da compreensão dos alunos e das vidas deles é a política e a organização das escolas, por meio das quais eles se relacionam com os alunos. Assim, manter os pais fora da escola é um assunto tão político quanto manter os alunos dentro.

Entretanto a presença dos pais na escola não é aceita incondicionalmente. Carvalho (1998) critica a participação dos pais na escola e sua responsabilização pelo sucesso de seus filhos, considerando que algumas responsabilidades cabem ao governo, por exemplo, o financiamento da educação, enquanto outras, às escolas, por conta da especificidade do seu papel formador.

Álbum de Recorte...

Carvalho (2000), por meio de um estudo das famílias enquanto objeto de política educacional, fazendo uma crítica ao modelo americano de envolvimento dos pais na escola, aponta que a pesquisa educacional americana vem focalizando o envolvimento dos pais na educação como um recurso para o sucesso escolar, quando o relatório Coleman, em 1996, ressaltou a influência de características familiares - os recursos educacionais e econômicos do lar - no aproveitamento escolar diferenciado dos americanos nativos, africanos, asiáticos e brancos, minimizando o peso dos recursos físicos e econômicos da escola. O relatório reconheceu que as fontes da desigualdade de oportunidades estavam, em primeiro lugar, no lar. Isso informou e legitimou políticas educacionais de intervenção, no âmbito da família, a fim de prevenir o fracasso das minorias étnicas. Legitimada por tal pesquisa, a política educacional americana passou a incentivar explicitamente a responsabilidade da família pelo sucesso escolar, desde a década de 80. Em 1994, no governo Clinton, o envolvimento dos pais na educação escolar tornou-se meta na educação nacional americana. O dever de casa tem sido objeto de políticas escolares, nos EUA, desde a década de 80. Essas políticas partem da perspectiva de que o dever de casa deve ser incorporado ao cotidiano familiar e tem a função de manter os pais informados e envolvidos no aprendizado dos filhos.

Entretanto a autora faz algumas considerações sobre o alcance dessa política educacional sobre a família-escola, segundo a qual: nega-se a especificidade da educação escolar e a condição profissional do professor; atribui-se às famílias a obrigação de propiciarem o desenvolvimento social, emocional e acadêmico das crianças, omitindo-se diferenças econômicas, sociais e culturais; impõe-se, aos pais, a concepção de que o lar deva ser uma extensão da sala de aula, e a obrigação de converterem as atividades familiares em atividades escolares, em detrimento do pluralismo cultural e de opções de descanso; impõe-se um modelo único de família, o que causa estranheza nestes tempos de crescentes índices de pobreza econômica, de emprego materno, de divórcio e de mulheres chefes-de-família; adota-se um modelo assistencial da escola, ao se prometer atender às várias necessidades dos pais/mães e do lar, ao invés das necessidades especificamente acadêmicas dos estudantes; atribui-se, aos pais, ainda que genericamente, responsabilidade direta para com o financiamento escolar, no contexto da escola pública; assinala-se, aos pais, o papel de inspetores das escolas e dos professores, incitando-se conflitos e colocando-se pais contra professores; desvia-se o foco da melhoria educacional da sala de aula para o lar. E, mais, diria Foucault: quem vigia quem?

Além disso, a autora ressalta algumas conseqüências, que podem ser perversas, do aparecimento dessa política educacional como, por exemplo: o reforço da divisão social e sexual do trabalho, de cuidado e educação das crianças, atribuído às mães; o reforço da discriminação de classe, de etnia e de gênero, através da criação de estruturas de participação hierarquizadas (mães de baixa renda e escolaridade atuando como merendeiras e outras, de classe média, atuando em sala de aula e nos conselhos); o papel acadêmico atribuído à família nega a especificidade da função educativa da escola pública e afeta o papel profissional docente; a pluralidade cultural também é ameaçada por uma política educacional que impõe a uniformidade cultural, para além dos muros da escola pública.

Com efeito, a política de parceria família escola é, de acordo com seus estudos, totalitária, na medida que penetra espaços e tempos extra-escolares, pela imposição do currículo escolar sobre as culturas familiar e popular. Tal política desvia o foco de melhoria educacional da sala de aula para o lar e é contrária à missão democrática da escola de compensar o peso desigual das condições familiares, impedindo que elas repercutam sobre as condições de aprendizagem e, principalmente, de avaliação dos alunos.

Nessa direção, as colocações apresentadas por Carvalho (2000), levam-nos a pensar criticamente algumas questões que norteiam a interação escola-família. Da mesma forma, Szymanski (2001) aponta que:

Deixar a complementação do ensino para a família é eximir-se da responsabilidade pelo desenvolvimento socioeducacional da criança e do adolescente. Quanto mais baixo o nível institucional da família, menos condições ela pode oferecer para tal desenvolvimento. (SZYMANSKI, 2001, p. 84).

Entretanto convém referir que, ao contrário do que defendem as teorias da reprodução social, os valores e as atitudes facilitadores do sucesso na escola não estão confinados a uma classe social particular. A autodisciplina, a responsabilidade, a ambição e o gosto pelo trabalho bem feito encontram-se em famílias de todas as classes sociais e, em qualquer dos casos, constituem variáveis poderosas do sucesso educativo.

Percebemos, assim, que tanto a família quanto a escola têm papéis importantíssimos na construção do sucesso escolar e este também está relacionado com as formas de interação existentes nessas instituições. Nesse sentido, a busca da compreensão do tipo de relacionamento existente entre família e escola apresenta-se como um instrumento importante para uma mudança nos conteúdos por ela trabalhados, e também como forma de se atingirem melhores níveis na qualidade do ensino e da aprendizagem.

Álbum de Recorte...

Um projeto de salvação de uma escola pública nasceu numa desprestigiada festa e acabou virando, segunda-feira, uma referência nacional. Ex-alunos da escola estadual Antônio Alves Cruz, em Pinheiros, resolveram fazer, em 2000, um jantar para se divertir e lembrar os velhos

tempos de adolescentes. A alegria desfez-se quando eles, todos com mais de 40 anos resolveram visitar, antes da festa, a escola. Nada fazia lembrar os velhos tempos, quando havia aulas de teatro, oficinas de fotografia, ateliês de arte, debates políticos e literários, numa efervescência típica dos anos 60 e 70. Com aquele nível educacional, não surpreenderia que Zyun Masuda, então estudante do Alves Cruz, pudesse entrar no concorrido curso de Medicina da USP, apesar de ser de uma escola pública. "Chegamos a ter brigas feias, quase saindo no braço, por causa de Capitu, quando discutíamos o livro Dom Casmurro", lembra Masuda. Atônitos, eles viram a lembrança caindo aos pedaços. Paredes e muros pichados, salas vazias, laboratórios abandonados, em meio ao rodízio de desesperançados diretores e professores. Souberam que o governo estadual planejava fechá-la, por falta de alunos. Aproveitaram a festa para, em vez de lembrar velhos tempos, planejar novos tempos. Criaram a Associação Fênix referência ao pássaro mitológico que ressurgia de suas próprias cinzas. "Sentia-me em dívida com a escola. Não fosse o Alves Cruz, não teria chegado onde cheguei", diz Masuda, indicado presidente da associação. Até chegar naquela escola, ele nem sequer falava português direito. Levantaram recursos para reformar o prédio, implantaram programas extracurriculares de artes, esportes e informática. Chamaram o Ballet Stagium para ensinar dança. Fizeram parcerias com faculdades da Universidade de São Paulo para capacitar os professores. Duplicou o número de alunos, atraídos pela qualidade de ensino e se afastou o risco de fechamento do Alves Cruz. Nesta segunda-feira, veio o reconhecimento nacional. A Associação Fênix foi escolhida pelo prêmio Itaú-Unicef, entre 1.824 projetos brasileiros, uma das dez mais interessantes experiências para melhorar a educação pública. (Dimenstein, G. A escola das cinzas. Folha, São Paulo, 3 Dezembro, 2003.) (Grifos nossos)

Assim, diante das questões abordadas pelos participantes desta pesquisa, e diante da literatura aqui apresentada, deparamo-nos com uma **Tendência de Conservação em relação à interação escola-família**, visto que, assim como em outros estudos e em outros tempos, a escola geralmente mantém um contato unidirecional com as famílias, e a família vice-versa, procurando-as apenas quando os alunos têm problemas de desempenho ou de disciplina que não conseguem solucionar sozinhas.

Segundo os alunos que participam deste estudo, de um modo geral a **aula de Matemática** acontece de forma “tradicional”, na qual se aprende através da explicação do professor, que costuma expor o conteúdo e os exercícios na lousa. A questão do aprender está diretamente ligada à pessoa do professor e a seu modo de explicar e de fazer e refazer exercícios. A maioria dos alunos admite que as aulas são cansativas, mas, ao mesmo tempo, percebe-se uma aceitação natural desse tipo de aula, na qual o aluno aprende o modo de fazer os exercícios com o professor e conseqüentemente, resolve outros.

De acordo com os alunos, as dificuldades encontradas na aprendizagem matemática (aprendizagem que nada mais é do que uma ginástica mental) são relacionadas à forma de ensinar do professor. Geralmente, se gostam da pessoa do professor, acabam gostando da aula

e aprendendo mais; caso contrário, não gostam da aula e, conseqüentemente, começam a ter dificuldades.

Dos seis alunos, cinco admitem que a Matemática é uma matéria difícil. A maioria deles, nas séries iniciais, teve mais facilidades e, hoje, têm mais dificuldades, isso porque a Matemática, assim como outras disciplinas, vai dificultando, com o passar do tempo, pois seus conteúdos são relacionados entre si.

As famílias, em seus discursos, enfatizam que, de uma forma ou outra, sempre ajudaram nas dificuldades escolares dos filhos. Porém isso acontecia mais nas séries iniciais.

Os problemas de aprendizagem dos alunos são encarados pelos três professores respectivamente, de três formas diferentes: as dificuldades dependem do raciocínio de cada aluno; os estudantes do primeiro ano do Ensino Médio possuem uma base de conhecimento matemáticos muito fraca, que prejudica a aprendizagem de novos assuntos; a aprendizagem do aluno depende da forma como o professor explica.

Paralelamente, os professores deste estudo, após sua formação, sempre participaram e ainda participam dos cursos oferecidos pela Secretaria da Educação, inclusive um deles já conclui um curso de especialização em Educação Matemática. Porém, de acordo com os coordenadores, a maioria dos professores ainda possui dificuldades e receios para mudar suas práticas de sala de aula e suas concepções educacionais.

Candau (1998), analisando as mudanças culturais e as redefinições da escola, ressalta que:

As salas de aula são espaços para lidar com o conhecimento sistematizado, construir significados, reforçar, questionar e construir interesses sociais, formas de poder, de vivências que têm necessariamente uma dimensão antropológica, política e cultural e onde os atores do processo educacional vivem contextos de “culturas híbridas”, experimentando diariamente a sedução e os conflitos da vida urbana. Entretanto, a cultura escolar ignora esta realidade plural e apresenta um caráter monocultural. (CANDAU, 1998, p.21. Grifos da autora.).

Com isso, a autora aponta que as culturas sociais de referência se transformam, mas a cultura da escola goza de uma capacidade de autoconstruir-se sem interagir com esses universos e, na maioria das vezes, caminha para um “congelamento” que a torna “estranha” aos seus usuários.

Nessa mesma direção, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) ressaltam que, para a maioria dos adolescentes e dos jovens, o conhecimento escolar, salvo as habilidades de expressão oral, leitura, escrita e cálculo, em si, parece sem função, não capacita para o mercado de trabalho, nem auxilia a compreender o mundo. O saber difundido na escola, em

geral, é visto como um amontoado de conteúdos, com pouca relação com a realidade em que vivem, não despertando interesse, nem oferecendo referências culturais.

Desse modo, diante das colocações dos alunos, dos professores e dos coordenadores, nota-se uma **Tendência de conservação em relação às práticas de sala de aula**, que se realizam através do livro didático, do giz e da lousa, na medida que, mesmo diante de novas literaturas, como a etnomatemática e os cursos educacionais, entre outros recursos disponíveis, como computadores, ela não se modifica.

Outro assunto discutido entre os participantes se refere a **escolas públicas e particulares**. Percebe-se uma valorização das escolas particulares, que, de acordo com os alunos e suas famílias, proporcionam um melhor ensino, inclusive voltado para os vestibulares, motivo que influencia a valorização delas, uma vez que os pais, ao contrário do que a escola pública pensa, gostariam muito que seus filhos cursassem uma faculdade.

Álbum de Recorte...

Um dos coordenadores afirma que: “Há na escola pública alunos que realmente têm a intenção de fazer uma universidade, e a escola tenta favorecer esse grupo de estudantes. Não podemos falar que a escola pública é uma escola para pobre, e que ela não coloca ninguém na faculdade”.

Dois professores ressaltam que: “Depende do aluno querer passar num vestibular, pois ferramenta a escola pública proporciona”.

Paralelamente, os coordenadores e os professores ressaltam que as escolas particulares são melhores; tal discurso baseia-se na participação e na dedicação das famílias que freqüentam tais escolas, uma vez que estes pais, diferentemente daqueles que possuem os filhos nas escolas públicas, se preocupam e se interessam pela educação escolar dos filhos, influenciando positivamente o trabalho do professor e o sucesso escolar do aluno. Lembram que o envolvimento ocorre, pois as famílias pagam a escola dos filhos.

Álbum de Recorte...

Ao comparar as “potencialidades” das escolas particulares com as das públicas, não podemos esquecer que o capital cultural vem junto com o dinheiro do indivíduo; quando Bourdieu afirmou isso, matou a charada. Na escola particular os professores sabem que a maioria dos seus alunos tem um capital cultural altíssimo, porque as famílias têm capital econômico. Tais alunos freqüentemente viajam e têm a possibilidade de conhecer outras culturas e outras línguas, usufruem diariamente do computador e conseqüentemente, navegam na internet, freqüentam cursos de inglês, entre outras atividades extra-escolares que colaboram e incentivam seu desenvolvimento escolar. Ou seja, as escolas particulares só complementam aquilo que o capital

econômico das famílias já proporciona. Na verdade a escola está lá para entregar o diploma oficial.

Entretanto isso não acontece numa escola pública, a começar das famílias que não têm alto capital cultural; segundo, porque os professores falam quase a mesma língua dos alunos, e assim, poderíamos começar a listar os diversos problemas que atualmente encontramos em tais escolas.

Souza (2004), tecendo algumas considerações a respeito do conceito de Educação, determina que os estudos na década de sessenta, pautados por Bourdieu & Passeron (1975), indicam que:

Quando a cultura que a Escola tem objetivamente por função conservar, inculcar e consagrar tende a reduzir-se á relação com a cultura que se encontra investida de uma função social de distinção só pelo fato de que as condições de aquisição monopolizadas pelas classes dominantes, o *conservadorismo pedagógico* que, em sua forma extrema, não assinala outro fim ao sistema de ensino senão o de conservar-se idêntico a si mesmo, é o melhor aliado do *conservadorismo social e político*, já que, sob aparência de defender os interesses de um corpo particular e de autonomizar os fins de uma instituição em particular, ele contribui, por seus efeitos diretos e indiretos, para a manutenção da ‘ordem social’. (BOURDIEU & PASSERON *apud* SOUZA, 2004, p. 5. Grifos do autor). (No prelo)

Assim, notamos que as práticas políticas, sociais e pedagógicas das escolas particulares e públicas, e a conseqüente valorização das particulares, revelam-se como práticas conservadoras, ou seja, assim como nas práticas de sala de aula, deparamo-nos com uma **tendência de conservação** em relação às instituições particulares. Tendência que deve ser combatida, a fim de que novas propostas educacionais derrubem esse sistema escolar elitizado.

2. Tendências de Mudança

Nota-se, nos depoimentos dos alunos, que eles **criticam abertamente o professor**, tanto quanto à forma de ele explicar a matéria, como no modo de se relacionar com a classe. Os elogios são apontados aos professores que se mostram, em sua prática, “pessoas humanas”, amigas, que se importam com as dificuldades e os problemas dos educandos. Inclusive o fato de **gostar da Matemática está** diretamente ligado ao fato de gostarem da pessoa do professor.

Respectivamente, as qualidades atribuídas pelos alunos ao professor amigo, atencioso, compreensivo, simpático, entre outras, implicam também o fato de considerarem a aula de Matemática “boa” ou não. Fica evidente que, para esses alunos, aprender Matemática está

ligado à figura do professor, que, além das qualidades citadas acima, deve explicar bem e sempre tirar as dúvidas dos alunos.

Da mesma forma, nota-se que os professores buscam tornar-se amigos dos alunos, tentando não só tratar dos assuntos da Matemática, mas conversar sobre a vida pessoal, familiar e, cultural destes. Segundo eles, essa atitude propicia um melhor desenvolvimento na aprendizagem e no comportamento dos alunos na sala de aula.

Através da análise dos colégios do século retrasado, Áries (1981) lembra que a escola, nessa época, era extremamente castradora de diálogo: os alunos conviviam com uma relação de poder (professor-aluno) na qual eram totalmente submissos, aceitando, sem criticar, qualquer afirmação de seu mestre. Além disso, era discriminadora das classes mais baixas, privilegiando os alunos com melhores condições sociais. Igualmente, hoje em dia, a maioria dos colégios ainda possui essa mesma forma de educar, segundo a qual, alunos e professores sem liberdade de expressão encontram-se direcionados a uma rede de poder.

A fim de refletir sobre as relações de poder que, particularmente, se constituem na escola, evocamos com Foucault (1990) que, em seus estudos analisa as teias de poderes e contrapoderes, preocupando-se, especificamente, com a genealogia do poder. Inclusive, em sua obra “Microfísica do Poder”, observamos que:

(...) quando, em seus estudos, Foucault foi levado a distinguir, no poder, uma situação central e periférica e um nível macro e micro de exercício, o que pretendia era detectar a existência e explicitar as características de relações de poder que se diferenciam do Estado e de seus aparelhos. Mas isso não significava, em contrapartida, querer situar o poder em outro lugar que não o Estado, como sugere a palavra periferia. O interessante da análise é justamente que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras. Daí a importante e polêmica idéia de que o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram alijados dele. Rigorosamente falando o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. (MACHADO, R. IN: FOUCAULT, 1990, p.XIV)

Como se pôde perceber, e com base nas idéias de Phillipe Áries (1981), nota-se **uma mudança no relacionamento entre professor e aluno**, visto que, tempos atrás, o professor se apresentava como uma pessoa autoritária, imbuída de todo poder e de todo saber, e, ainda, era vista pelos alunos como autoridade máxima na sala de aula, o que implicava a existência de críticas ao desempenho docente. Porém, hoje em dia, tais críticas são consideradas respeito.

3. Tendências em Movimento

Outro assunto abordado com os participantes desta pesquisa se refere ao **fracasso na aprendizagem de Matemática**. Primeiramente, especifico que o termo “fracasso na Matemática” foi colocado aos entrevistados, através da seguinte pergunta: *Na sua opinião, qual seria o motivo para um aluno **sempre ir mal** (ser fracassado) em Matemática?* Essa questão, juntamente com minhas observações, levava-os a pensar sobre o aluno que sempre teve dificuldades na aprendizagem de Matemática, e que, por algum motivo, não conseguia superar isso.

Diante dessa questão, percebe-se que, segundo o depoimento dos alunos, dos professores e das famílias, o fracasso na Matemática está relacionado a dois fatores: ao próprio **aluno**, que é desinteressado e/ou não se aplica na aula, e ao **professor**, que, em sua prática de sala de aula, não colabora com a aprendizagem do aluno, devido ao modo como explica, ou porque não diferencia sua aula e/ou não relaciona os conteúdos.

Já no discurso dos coordenadores e também no de algumas famílias, o fracasso ocorre devido à própria **família**, que não se interessa pela vida escolar do filho e/ou encontra-se desestruturada.

Dessa forma, percebemos que as causas do fracasso, especificamente na aprendizagem de Matemática, estão relacionadas às causas gerais do fracasso escolar encontradas em literatura especializada.

Assim, após o contato com algumas bibliografias que dizem respeito ao fracasso escolar, julgo relevante, para esta discussão, traçar brevemente um parâmetro do fracasso nas décadas de 60, 70, 80 e 90.

Pinto (1997) e Machado (1997), entre outros, apontam que, na década de 1960, começou a formalizar-se a teoria da carência cultural. Segundo ela a pobreza nas classes populares, os problemas emocionais, a família desestruturada, a falta de interesse dos pais pela escolarização dos filhos, os alunos desinteressados, desnutridos, pouco estimulados e com linguagem pobre eram as justificativas predominantes para o fracasso escolar.

Entretanto, de acordo com Arroyo (1997), as décadas de 1970 e 1980 reagiram a essas teses, reafirmando o sentido mais comum de que:

a escola condiciona o rendimento escolar, e este não pode ser atribuído às dificuldades socioculturais e intelectuais dos educandos. A escola voltou a ser julgada como ré, culpada, responsável pelos produtos do fracasso e do sucesso escolar. (ARROYO, 1997, p.15).

Em vista disso, no contexto trabalhado pelos autores Nunes Carreher, Carreher e Schliemann (1982), intitulado *Na vida dez na escola zero*, o fracasso escolar aparece como um fracasso da escola, localizado na incapacidade de aferir a real capacidade da criança, no desconhecimento dos processos naturais que levam a criança a adquirir o conhecimento e na incapacidade de estabelecer uma ponte entre o conhecimento formal que se deseja transmitir e o conhecimento prático do qual a criança, pelo menos em parte, já dispõe.

Paralelamente, Silva et ali (1997) ressaltam que na década de 1980, através da incorporação da teoria reprodutivista, surge uma nova compreensão do fracasso escolar. E uma análise crítica das teorias até então surgidas identifica:

a criança “não dotada”, ou “geneticamente” pouco inteligente, no discurso da teoria dos dons, com a criança das classes populares. Da mesma forma a criança com “carência”, na teoria dos “déficits”, coincide com esta mesma criança das classes populares. Portanto o que gera o fracasso tem a ver com as classes sociais (...) Passou-se assim, a fazer o discurso da “diferença” e não mais do “déficit. (SILVA et ali, 1997, p.30).

Nesse sentido, Poppovic (1981) *apud* Nunes Carreher, Carreher e Schliemann (1982), referindo-se a uma explicação do fracasso escolar em termos de privação cultural, assinala:

Temos, para determinar o fracasso escolar, uma explicação de fundo social, muito mais ampla e verídica do que a das deficiências individuais (...) Essa teoria continua apontando para um só culpado: o aluno que vem de uma família pobre e, portanto despreparado para os padrões exigidos pela escola; seria essa a razão do fracasso. A instituição escolar, seus valores, seus métodos, suas didática, sua organização continuam fora do debate. (POPPOVIC, 1981, p. 20).

Arroyo (1997), considerando a década de 90, ressalta que, nela, se continua dando ênfase às conexões entre o fracasso escolar e os determinantes estruturais, as condições sociais dos alunos e mestres e as condições de trabalho das escolas. “Realidade que nos persegue e se agrava desde a década de 80, com a recessão, o desemprego, a miséria, os baixos salários dos professores, a degradação moral e cultural da sociedade...”. (p.18).

Nesse sentido, de acordo com o autor, as crianças de classes populares que freqüentam escolas públicas são colocadas em condições de instrução menos exigentes, são conduzidas a classes especiais (nessa época, crianças com dificuldades na aprendizagem, como, por exemplo, repetentes, ficavam todas na mesma classe, que eram divididas por série), nas quais os conteúdos são reduzidos e facilitados. Assim, a proposta, hoje vigente, vai nessa direção: “facilitar a passagem de série, eliminar a reprovação por decreto, mas mantendo a cultura escolar seletiva, hierarquizadora, seriada e gradeada”. (ARROYO, 1997, p.19).

Paralelamente, no que diz respeito às causas do fracasso escolar, Neder (1998) denota que ele não pode ser explicado pela desestruturação, pela irregularidade da família, ou pela desnutrição. O fracasso deve ser identificado na incapacidade de a política educacional oficial do país enxergar as diferenças culturais, para, assim formular estratégias eficazes de educação pública de qualidade.

Pesquisas da década de 90 apontam que esforços escolares mal sucedidos, por exemplo, notas baixas, comportamento indisciplinado e atitudes negativas em relação à escola, de acordo com Enrlich (1981) *apud* Fraiman (1997), e Costa Freire (1983) *apud* Oliveira (2000), têm sido geralmente associados à ausência de envolvimento parental na educação dos filhos, ao afrouxamento dos laços conjugais, ao enfraquecimento da autoridade dos pais, à emancipação da mulher, ao conservadorismo do homem e à ausência de amor dos pais.

Além disso, estudos indicam que os problemas psicológicos encontrados na família moderna são responsáveis pela formação da personalidade da criança e pelo seu maior, ou menor, rendimento escolar. Confirmando essa idéia, Lima (1995) *apud* Oliveira (2000), afirma que:

As dificuldades de aprendizagem e o próprio fracasso escolar têm uma ligação com o núcleo familiar em sua dimensão emocional. Mesmo levando em conta a influência do ambiente escolar, o distanciamento entre pais e filhos representa um fator crucial para as dificuldades escolares, afirmando que as famílias modernas se mostram imaturas na educação dos filhos. (LIMA *apud* OLIVEIRA, 2000, p.57).

Tais aspectos a respeito da importância do convívio familiar são abordados pelos depoentes desta pesquisa, inclusive pelas próprias famílias, que relacionam o desinteresse do aluno, ou outro problema escolar, a problemas familiares. Entretanto um dos pais, uma das mães e dois professores entrevistados apontaram, também, a aprovação automática como um dos principais motivos do fracasso escolar, hoje, nas escolas públicas.

Em vista disso, notamos que, se, na década de 60, o fracasso vinha da carência cultural, e, na década de 70 e 80, vinha da retenção, aspectos esses trazidos pelos entrevistados, hoje, com base no discurso dos quatro participantes citados acima, notamos que o fracasso é da escola, que aprova os alunos sem eles dominarem o saber necessário para que sejam aprovados.

Contudo o problema não está na promoção automática, mas, sim, na forma como foi instalada no país e imposta às escolas e aos professores, que, sem nenhuma discussão a respeito, foram obrigados a aceitá-la e a incorporá-la em sua prática de trabalho.

Nesse sentido, é importante refletir sobre o “papel” do professor, mais especificamente sobre a autonomia de um professor, hoje. Ele pode reprovar um aluno? Ele pode “exigir algo” do aluno? Sabemos que o Estatuto da Criança e do Adolescente, e a lei estadual vigente não permitem essas e outras ações do professor. Mais do que isso, também sabemos que esse é um discurso que foi apropriado pelo conservadorismo com o intuito de manter o monólogo do professor, e não o diálogo. Como, por exemplo, a questão da reprovação: o que é melhor? Aprovar 100% dos alunos ou reprovar 100%?

Assim, esperamos que, brevemente, a escola, composta pelos professores, pelos alunos, pelos funcionários, pelos coordenadores e pelas famílias, inicie uma discussão a respeito desses impasses na educação estadual. E, que, principalmente, comecemos a encarar a escola como um meio para se aprender, e não como um meio para se obter sucesso ou fracasso.

Ainda hoje, grande parte da literatura que aborda o fracasso escolar remete os motivos do fracasso ao aluno, ao professor e às famílias. Não só a literatura, mas, como vimos nos dados desta pesquisa, professores, alunos, pais e coordenadores também aderem ao mesmo motivo. Isso acontece porque, teoricamente, textos e livros escondam a principal questão que norteia o fracasso escolar: o capital cultural e social. Tais condicionantes não são citados, mas sempre existiram e ainda continuam existindo.

Em contrapartida a essa idéia, Souza (2004), fazendo uma crítica ao sistema escolar que “só está preocupado em ‘produzir seus reprodutores’”, aponta, ainda, que “o saber vem do diploma conferido e de um certo capital cultural, possível de ser auferido pelo sujeito, socialmente, por direito de classe ou sucessão”. (p.09-10).

Ao conferir ao capital cultural possuído por determinado agente um reconhecimento institucional, o certificado escolar permite, além disso, a comparação entre os diplomados e, até mesmo, sua ‘permuta’ (substituindo-os uns pelos outros na *sucessão*); permite também estabelecer taxas de convertibilidade entre o capital cultural e o capital econômico, garantindo o valor em dinheiro de determinado capital escolar. Produto da conversão de capital econômico em capital cultural, ele estabelece o valor, no plano do capital cultural, do detentor de determinado diploma em relação aos outros detentores de diplomas e, inseparavelmente, o valor em dinheiro pelo qual pode ser trocado no mercado de trabalho — o investimento escolar só tem sentido se um mínimo de reversibilidade da conversão que ele implica for objetivamente garantido. (BOURDIEU, 1999, p. 78-79. Grifos do autor).

Álbum de Recorte...

Em vista disso, Nietzsche já dizia que o “direito natural” é o direito dos fortes, e o direito da igualdade é o direito dos fracos. Por exemplo, tudo o que um magnata acumulou e que ele

entende que é natural, ele vai passar para o filho dele, para este ter um direito natural a ser um vencedor sobre o outro. Notamos assim que o direito da democracia é um mito, e o direito da igualdade, uma mentira.

Dessa forma, o fracasso escolar, que, na maioria das vezes, tem sido concebido como o fracasso do aluno ante as demandas escolares, no discurso de Carvalho (1998), como em outros discursos de hoje, constitui provavelmente, o maior empecilho á democratização das oportunidades de acesso da grande massa da população a nossas instituições escolares e de sua permanência nelas.

Álbum de Recorte...

Com isso, podemos dizer que o “direito natural” está garantido no capital cultural da família. E, mesmo assim, continuamos com o mito da igualdade, dizendo que a nossa escola é igualitária, quando, na realidade, o que existe é um direito natural do uso do capital cultural, para fazer com que a pessoa vença na vida. Ou seja, vence na vida quem já está programado para vencer.

Esse era o fracasso anterior, e ele era cruelmente mostrado pela reprovação. Porém surge uma forma de mascarar isso, aprovando todo mundo e dizendo: “No Brasil, 100% da população têm o 1º grau”. A impressão que nos passa é que toda população teve a mesma escola do 1º grau, mas sabemos que isso não é verdade, pois, dependendo da casa em que se nasceu, já se está com sua vida (escolar) condicionada.

Retornamos ao dilema: reprovar ou não reprovar?

Em vista do que foi discutido e apresentado, a respeito do fracasso na aprendizagem de Matemática, é útil lembrar que alguns depoentes atribuem as causas do fracasso ao aluno, ao professor e à família, concepção considerada até hoje conservada, já que estão em discussão desde a década de 70. E quatro depoentes enfocam como causa desse fracasso, a aprovação automática, assunto que indica, no meu ponto de vista, uma mudança no modo de pensar sobre o fracasso escolar.

Portanto nota-se que o assunto em questão não se constitui ainda como uma tendência, mas, sim como algo que **está em luta, em movimento**, ou seja, pode ainda regredir, tornando-se uma tendência de conservação, como pode avançar, manifestando-se como uma tendência de mudança.

CAPÍTULO 4

(RE)SIGNIFICANDO A TEORIA DE HISTÓRIA ORAL

Neste capítulo, apresento algumas considerações a respeito da opção em utilizar, como método de investigação, nesta pesquisa, a História Oral.

Meu primeiro contato com a História Oral ocorreu quando decidimos aplicar as autobiografias aos alunos do primeiro ano do Ensino Médio, visto que, para isso, me apoiei em alguns referenciais teóricos específicos da História Oral, os quais dissertavam sobre o uso das autobiografias, principalmente nos estudos voltados a apresentar a história de vida de determinados sujeitos.

Conseqüentemente, a partir dessas leituras, apropriei-me de algumas “formas” e “cuidados” que o pesquisador deve ter, no momento da entrevista, como, por exemplo, a aplicação e a elaboração do roteiro de perguntas. Além disso, a fim de tornar os depoimentos mais agradáveis para a leitura, após a transcrição, busquei utilizar alguns processos de registro como a textualização e a transcrição, os quais novamente me colocaram em contato com autores como Meihy (1996), Gattaz (1996), Thompson (1998), que apresentam tais processos em literaturas específicas da História Oral.

Por último, iniciei uma primeira familiarização com os depoimentos, buscando, naquele momento, “enquadrá-los” em tendências de conservação e tendências de mudança, o que me levou a ter contato com Phillipe Ariès e a assumir sua definição de História.

Contudo, apesar de as autobiografias, de as tendências e, principalmente, de as entrevistas se apresentarem como alguns dos procedimentos utilizados em trabalhos de História Oral, não necessariamente podemos apontar que uma pesquisa seja de História Oral por utilizar tais processos; há outros motivos específicos que precisam estar presentes.

Em vista disso, até o momento da qualificação, este trabalho inseria-se na linha de pesquisa do cotidiano escolar, visto que considerávamos que seus objetivos nos direcionaram a um estudo antropológico.

Entretanto, tendo estudado alguns teóricos e alguns trabalhos da História Oral, os quais nos deixavam cada vez mais com vontade de conhecer e nos aprofundar nas questões

referentes a esse método, decidimos, diante dos dados e dos objetivos desta pesquisa, levar a seguinte questão aos membros da banca de qualificação: O presente estudo pode se apresentar como uma pesquisa que tem como método de investigação, a História Oral?

A banca, composta por um educador matemático que, no momento, se dedicava exclusivamente a trabalhar com projetos referentes à História Oral, e um antropólogo que, coincidentemente, desenvolveu sua tese através da História Oral, respondeu positivamente à questão acima, ressaltando, inclusive, que o estudo traria uma “história do presente”.

Porém, mesmo após essa decisão, deparávamo-nos com alguns questionamentos que, a princípio, nos impediam de concordar com a resposta acima. Um deles referia-se a idade dos sujeitos que participam desta pesquisa, uma vez que pesquisamos a vida escolar de adolescentes de 14 e 15 anos de idade. Assim, questionávamos se era possível fazer História com sujeitos que vivenciaram um pequeno intervalo de tempo. Porém, fomos contemplados com os estudos de autores como Meihy (2000) e Thompson (1988) que, em suas obras, apresentam relatos e considerações de pesquisas de História Oral, feitas com crianças e jovens.

Assim, a partir desta e de outras pontuações contempladas ao longo deste estudo, aponto que esta pesquisa seja de História Oral, principalmente porque o objetivo dela parte de um problema histórico, que é compreender a relação existente entre a escola, a família e a Matemática. Através dos depoimentos dos sujeitos que compõem essa relação (alunos, famílias, professores de Matemática e coordenadores da escola), busco caracterizar este problema, tecendo algumas tendências de conservação, de mudança e de movimento, que surgem no discurso desses participantes. Ou seja, diante desse objetivo, a História Oral apresenta-se como geradora de um diálogo mais amplo sobre a importância e o significado deste problema no presente.

Essa relação, inclusive apresenta questões pertinentes para outro estudo, como, por exemplo, conhecer, através do depoimento dos próprios alunos, dos professores e dos pais, as causas que levam os estudantes a fracassarem na Matemática, ou então, saber das famílias, dos coordenadores e dos professores a forma como eles se relacionam, atualmente, ou mesmo como encaram, o uso do uniforme escolar, entre outras questões já apresentadas no capítulo anterior.

A questão central é que, através da História Oral, tivemos a possibilidade de tecer considerações referentes às táticas e às práticas das relações entre a escola, a família e a Matemática, pautadas nos discursos dos próprios integrantes da escola, do ensino de

Matemática e da família. O que mostra responsabilidade e compromisso para com nossos meios sociais e educacionais.

Contudo, pretendo, com este estudo, assim como Souza e Souza (2001) indicam no artigo “Cotidiano e Memória”, “propor uma história do cotidiano em Educação Matemática, onde o conhecimento e a aprendizagem não são desvinculados da prática social, imersa numa sociedade histórica e em uma dada cultura”. (p.68)

1. Tecendo considerações sobre a História Oral.

Estudando a História Clássica, percebe-se que ela apresenta as verdades que aparecem em todos os discursos. Os historiadores analisam os documentos oficiais e antigos (discurso de pessoas) e as idéias que coincidem são denominadas verdadeiras e tomadas como História, e os discursos que não coincidem não são tidos como História.

Tomando a História Clássica como Ciência e adotando como referencial as fontes utilizadas, entendemos que existem três procedimentos de pesquisa distintos, que dão origem à: **História Documental**, a qual possui uma metodologia específica para investigar e para estudar a história dos documentos e dos mortos; podemos ainda dizer que seus fatos são cristalizados e que os sujeitos foram, de algum modo, importantes social ou politicamente; **História Monumental**, a qual também utiliza uma metodologia própria que apresenta estudos voltados à análise de monumentos; e a **História Oral**, que, diante de uma metodologia específica, difere tanto da documental quanto da monumental, pois se apóia na criação de documentos orais por pessoas.

Desse modo, entendendo a História Oral como um dos três procedimentos de pesquisa, que dão origem a História, é importante lembrar que, assim como os demais, ela possui algumas características próprias, no que diz respeito a sua definição e à forma de proceder num determinado estudo.

Nesse contexto, podemos começar dizendo que a História Oral surge da necessidade de buscar outras fontes de informações, além dos documentos escritos e oficiais. O que nos permite ter acesso à experiência não-documentada, como, por exemplo, as histórias dos líderes, bem como dos marginalizados, representados por Thomson (2000) como “trabalhadores, mulheres, indígenas, minorias étnicas e membros de outros grupos oprimidos, ou excluídos”.(p.51).

Com isso, ela possibilita explorar aspectos da experiência histórica que, raramente, são registrados, ou seja, ela pode evidenciar os verdadeiros significados subjetivos, ou pessoais de eventos passados, já que os historiadores orais buscam evocar reminiscências e entendimentos anteriormente silenciados ou ignorados. Portanto, diferentemente da História Clássica, a História Oral busca apresentar as perspectivas de cada depoente, e, ainda, mostrar tudo o que os sujeitos dizem a respeito do tema sugerido, como as idiossincrasias, os lapsos etc.

Com efeito, se a história traçada por Marx é uma história econômica, para a qual o sujeito era inserido num grupo econômico e denominado, por exemplo, aristocrata, plebeu, burguês, ou seja, se a proposta dele não levava em conta o indivíduo em particular, a História Oral busca apresentar o inverso da história de Marx, pois ela dá ênfase à história particular de cada um. Além disso, ela não pretende apresentar uma história só de heróis, mas sim a história de todos os sujeitos.

Entretanto, de acordo com Thomson (2000), segundo a Associação Norte Americana de História Oral, “a história oral, como técnica moderna de documentação, foi estabelecida em 1948, quando Allan Nevins, historiador da Universidade de Colúmbia, começou a gravar as memórias de pessoas importantes da vida americana”. (p.47).

Segundo os estudos da autora, as motivações iniciais da História Oral propunham proporcionar evidências empíricas a respeito de experiências ainda não documentadas e potencializar grupos sociais que, de uma maneira ou outra, foram ocultados da história.

Thomson (2000), traçando uma perspectiva internacional da História Oral, indica-nos que esta vem sendo utilizada em diversos projetos, como projetos de desenvolvimento, para garantir que intervenções de ajuda externa, tais como novas tecnologias agrícolas, aproveitem o conhecimento local e complementem o uso tradicional da terra. Também é aplicada em programas de promoção da saúde, que utilizam cada vez mais as experiências dos clientes, para melhor compreender a experiência vivida na doença, e para desenvolver estratégias mais adequadas de tratamento ou de prevenção. Além disso, é aplicada em projetos que registram as histórias de vida dos oprimidos, não documentadas, e que tiveram, inclusive, objetivos e resultados políticos explícitos.

Com isso a História Oral tem se mostrado como uma importante fonte para grupos políticos e movimentos sociais, pois possibilita a reafirmação de histórias anteriormente silenciadas, que permitem a afirmação de grupos sociais, de indivíduos ou de sociedades inteiras.

Mais do que isso, segundo Thomson (2000), ela pode ajudar os indivíduos e as sociedades a melhor lembrar e entender passados traumáticos.

Refugiados, ou outras vítimas de opressão social e política que “dão testemunho”, podem se afirmar à medida que descobrem palavras e significados para suas experiências e estimulam o reconhecimento público e a potencialização de experiências que haviam sido anteriormente ignoradas ou silenciadas. (THONSON, 2000, p.59. Grifos do autor).

Inclusive, de acordo com a autora, nos últimos 50 anos, a prática da História Oral mostra-nos que:

a história oral combate qualquer tendência para isolar a prática e entendimento históricos da vida e das necessidades dos homens; mostra que as entrevistas fornecem mais que apenas outro conjunto de documentos, mas são uma maneira de promover a conscientização, histórica e social; demonstra que, conquanto a maneira de entrevistar possa variar em culturas e circunstâncias diversas, os historiadores orais podem aprender com o intercâmbio internacional sobre questões e debates comuns; e revela a extraordinária capacidade que tem de interagir com outras iniciativas e disciplinas, da antropologia à assistência na área de saúde, ou à cinematografia. (THOMSON, 2000, p.65).

Autores como Joutard (2000), Meihy (2000), Thomson (2000), entre outros, enfatizam que a força da História Oral é dar voz àqueles que normalmente não a têm, ou seja, os esquecidos, os excluídos ou os derrotados, e, assim, mostrar que cada indivíduo é ator da história.

Meihy (2000), em seus estudos, não deixa de ressaltar a importância de se fazer uma História Oral com um tom político, no sentido já expresso acima, de dar voz àqueles que não são ouvidos e que deveriam ser, visto que esta é a única forma de iniciar-se uma mudança política. O autor ainda salienta que a História Oral tem, por si só, um foco político muito forte, na medida que ela nos ajuda a entender melhor a nossa sociedade.

Com isso, alerta-nos que, ao mesmo tempo em que um trabalho de História oral deve ser local e regional, ele precisa ecoar nacionalmente, pois, necessariamente, traz consigo um problema que é consequência de problemas nacionais. Assim, um estudo regional deve lançar luz no âmbito nacional.

Nesse sentido, podemos apontar que, neste estudo, ao darmos o direito de voz aos sujeitos que efetivamente participam da relação escola-família-Matemática, estamos permitindo através da História Oral, que esse grupo (não só representado pelos alunos, pelos professores, pelas famílias e pelos coordenadores participantes desta pesquisa) encontre sua voz e que esta possa levá-los a uma nova visão da história local e regional e, ainda, que possa ajudá-los a criar um entendimento mais profundo das condições sociais e culturais que os afetam.

A história oral brasileira, principalmente quando assume sua função de **reveladora de microhistórias e de foco de situações específicas**, mostra o

potencial crítico da história oral como alternativa que dá voz aos grupos de uma forma ou outra silenciados. (MEIHY, 2000, p. 96. Grifos nossos).

Além disso, Meihy (2000), prezando a democracia, através do direito de voz a todos os sujeitos, aponta a importância de os estudos e de as pesquisas em História Oral reafirmarem as identidades dos grupos minoritários.

É o que fazem algumas pesquisas em Educação Matemática concluídas (OLIVEIRA, 1997; SOUZA, 1999, VIANNA, 2000; TEIXEIRA, 2000; LANDO, 2002; GUÉRIOS 2002, BARALDI, 2003) e em andamento, ao apresentarem o discurso de professores de Matemática, de alunos e de outros membros da escola e da sociedade.

Paralelamente, de acordo com Souza (2004), podemos utilizar a História Oral para recuperar memórias e práticas de professores de Matemática.

Consideramos que esse fato se deve, fundamentalmente, ao reconhecimento de que o conhecimento do sujeito é ‘em sua natureza obrigatoriamente parcial, oblíquo, perspectivo’. Desta forma, o conceito de “verdade histórica” passa a ter a dimensão distinta daquela usualmente utilizada por historiadores tradicionais, pois tal qual o sujeito do conhecimento, passa a ser também fragmentada, transversal e construída a partir de uma certa paisagem. Logo, a “verdade” só se apresenta a partir de uma enunciação em perspectiva de um sujeito. Assim, sujeitos da história, como os professores de Matemática, enunciam suas verdades, perspectivas, olhares, memória, cenários e paisagens, discutindo práticas docentes que constituíram sua identidade profissional. (SOUZA, 2004, p. 10. Grifos do autor.) (No prelo).

Com isso, podemos dizer que as autobiografias, apresentadas no Capítulo 1, também podem ajudar o historiador oral, inicialmente, a recuperar as fragmentações, as suturas, as perspectivas dos sujeitos, para, depois poder começar a (re)construir a história através dos tempos. Por exemplo, neste estudo, as autobiografias recuperaram os pedaços, as fragmentações dos alunos, das famílias, da escola, da Matemática, para, posteriormente, através dos questionários “personalizados”, construirmos a história desses sujeitos.

Salienta-se que, no início dos anos 60, começaram a surgir críticas aos relacionamentos (a pesquisa histórica exige um relacionamento humano) e ao uso da memória como evidência histórica. Tais críticas referiam-se, principalmente, às distorções da memória, em virtude da velhice, da nostalgia e de preconceitos pessoais. Entretanto, nos anos 70, historiadores orais começaram a encarar as “peculiaridades da história oral” como um ponto de força, em vez de fraqueza. Assim, a chamada não confiabilidade da história passou a ser um recurso, e não um problema, para a interpretação e para a reconstrução histórica. (Thomson, 2000).

Tais omissões, voluntárias ou não, suas deformações, suas lendas e os mitos que elas vinculam, são tão úteis para o historiador quanto as informações que

se verificam exatas. Elas nos introduzem no cerne das representações da realidade que cada um de nós se faz e são evidência de que agimos muito mais em função dessas representações do real do que do próprio real. (JOUTARD, 2000, p. 34).

Ainda na década de 70, surgiram algumas possibilidades para a interpretação e para o uso da memória; Thomson (2000) *apud* Michael Frisch, argumenta que:

Se as memórias forem tratadas como um objeto de análise histórica, a história oral pode se tornar “um poderoso instrumento para a descoberta, exploração e avaliação da natureza do processo de memória histórica – como as pessoas compreendem seu passado, como vinculam a experiência individual e seu contexto social, como o passado torna-se parte do presente, e como os indivíduos o utilizam para interpretar suas vidas e o mundo à sua volta”. (p. 53. Grifos do autor).

Porém, há historiadores que não reconhecem os relatos orais como fontes históricas. Eles apontam que a memória falha e que o presente recria lembranças que transformam o passado. Eis uma boa discussão que já vem sendo lançada: seriam os documentos escritos mais confiáveis que a História Oral?

Num primeiro momento, podemos dizer que ambos são subjetivos, na medida que foram escritos por pessoas que são, por natureza, parciais.

Discutindo essa questão, Garnica (2003) aponta que:

por um lado a não aceitação dos depoimentos orais como fontes para o desenvolvimento de pesquisa em História Contemporânea é, já discussão que causa pouca polêmica e, por outro lado, um rápido olhar sobre as modernas teorizações sobre a metodologia usada na pesquisa historiográfica e o depoimento de historiadores conceituados indicam-nos que o confronto entre memória e História é, também, uma pseudo-questão. Trata-se, no momento, de optar por conceber a História Oral como metodologia, disciplina própria ou técnica para formação de arquivos orais, sendo esse o ponto que, no momento, divide os teóricos. A História Oral, porém segundo critérios apontados por Miorin e Miguel (2001), já pode ser vista como campo autônomo de investigação. (GARNICA, 2003, p.15)

Nessa direção, partimos do princípio de que, nas pesquisas em História Oral, o que as pessoas contam é apenas aquilo que elas acham merecedor de ser lembrado. É importante, ainda, ressaltar que o que fica registrado não é todo o passado, e que, mais do que conferir as veracidades das informações, precisamos saber que nem tudo é conhecido e o que importa são as versões.

Por exemplo, nesta pesquisa, tomamos como campo da memória, aquilo que o depoente lembrou ou relembrou durante a entrevista. No caso dos alunos, adolescentes com 14, 15 anos de idade, vale ressaltar que eles também são fonte de memórias. Inclusive,

podemos dizer que se mostram mais “abertos” que os depoentes mais velhos, na medida que os jovens, por si sós, expressam, com menos censura, suas memórias.

Por outro lado, ao discutir memória, devemos lembrar que, na maioria das vezes, a memória é cultura e também poder. Por exemplo, os arquivos oficiais contêm as versões que mais interessam às classes sociais que dominaram e dominam as sociedades. E os livros, conseqüentemente, só reservam espaço para essas interpretações. (Revista Nova Escola, 2003). Paralelamente a essa idéia, Portelli (2000) afirma:

Acredito na história oral, precisamente porque ela pesquisa a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais. E penso que parte de nosso desafio é o fato de que realmente encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento. Encaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você “recorda” a história, mas memória “como” história. (PORTELLI, 2000, p.69. Grifos do autor.).

Uma relevante discussão sobre memória é feita no livro: “Memória e (Res)sentimento: Indagações Sobre Uma Questão Sensível”. Os artigos contidos na obra trazem indagações sobre a memória histórica, sobre o esquecimento e sobre como sua existência, voluntária ou involuntária (por exemplo, os sentimentos e as emoções), intervém sobre as ações dos homens, mais especificamente, sobre como pensam os acontecimentos presentes e passados. Entre os sentimentos, advindos das complexas relações entre lembrança e esquecimento, desdobra-se a temática do ressentimento, o qual é abordado de diferentes formas, no intuito de apresentar as possíveis relações dele com a história e a memória.

Levando em consideração que não há um único foco em História Oral para o pesquisador tecer observações sobre o tema proposto, aponto que os discursos apresentados nesta pesquisa também poderiam ser discutidos à luz de teorias que enfocam o ressentimento.

A questão dos ressentimentos nos defronta com uma dificuldade permanente das ciências históricas: a de restituir e explicar o devir dos sentimentos individuais e coletivos. (...) A dificuldade é redobrada quando se trata não somente de analisar os ódios, mas de compreender e explicar aquilo que precisamente não é dito, não é proclamado; aquilo que é negado e que se constitui, entretanto, como um móbil das atitudes, concepções sociais. (ANSART, 2001, p.28-29).

Outra questão fundamental que percorre os estudos em História Oral está relacionada ao conceito de Tempo. Isso porque consideramos o Tempo fator fundamental da História.

Particularmente, neste estudo, ele aparece nas entrevistas dos jovens, das famílias, dos professores e dos coordenadores. Com efeito, o Tempo pode ser registrado das mais variadas formas.

Tempo representa sucessão de horas, dias, meses, anos, fluxo no qual podemos estabelecer a noção de passado, presente ou futuro, sendo a cronologia o estudo da sua medida. A Memória é uma das formas de reconstruirmos – e darmos conta – do “nosso” Tempo. Damos conta da Memória – formal e duradouramente – na vida cotidiana, pela linguagem. O contar é um ato de Educação, no sentido lato e estrito (...) Assim, Tempo, Memória e Educação fazem parte de uma grande invenção da humanidade, do homem em sociedade: a História. (SOUZA, 1999, p. 37-38. Grifos do autor).

Ariès (1980), ao definir história, apoiava-se em tempos longos, visto que, ao optar por uma abordagem da história que preza a mudança e a diferença, inclinou-se a uma investigação que se acentuava no movimento, naquela época era tão lento, que mal se via, posto que comparado a hoje, era muito mais demorado. Atualmente, podemos dizer que o tempo passa mais rápido: por exemplo, o que, há três anos, era inviável hoje já é comum, uma vez que a tecnologia presente vem acelerando esses processos e tudo se movimenta mais rapidamente, fato que não acontecia no tempo histórico de Ariès.

Hoje, podemos dizer que o tempo passou a ter outra dimensão e outra conotação. Um simples disco do tamanho de um pires pode armazenar milhares de fotos e todas as informações de uma enciclopédia. E, com a mesma rapidez que aparecem, esses engenhos tornam-se supérfluos e substituídos por outros, de tecnologia mais avançada.

As novas tecnologias e teorias aplicadas ao trabalho histórico – na história econômica, política ou social; na das mentalidades, dos sem história, dos operários, dos camponeses, das classes subalternas, dos biografados no poder; dos assuntos de gênero; ou dos *ismos* que nos enquadraram, fossem eles cientificismo, positivismo, marxismo, estruturalismo etc. – nos levam a pensar, no fim do século e do milênio, em uma tarefa obrigatória e permanente: revisar a história aspirando a uma história total, integral, plena, inclusiva, que reconheça, em consequência, a história oral como um método de investigação, ferramenta que se integra em outras formas de recursos heurísticos para construir permanentemente a história. (MEYER, 2000, p.114. Grifos do autor.).

Em vista disso, considero que esta pesquisa tem, como método de investigação, a História Oral, não porque utilizamos as autobiografias, ou usamos gravador e transcrevemos as entrevistas, mesmo porque alguns desses métodos são apresentados na maioria das pesquisas qualitativas em Educação Matemática, mas porque estamos, principalmente, respeitando o tempo e o sujeito, fatores relevantes da História.

Inclusive, vale ressaltar que os participantes da pesquisa em História Oral são também denominados colaboradores, pois, no momento da conferência e da legitimação das entrevistas, eles podem opinar, validar e verificar seus discursos, fato que difere da pesquisa qualitativa, que não se utiliza desse processo.

Contudo, temos quem considere a História Oral uma técnica, quem a compreenda como uma metodologia, quem a tome por uma disciplina. Temos os interessados apenas nas informações que as entrevistas revelam; existem os interessados nas suas representações, bem como os interessados em ambas dimensões.

Porém, denomino a História Oral como um método de investigação, visto que, para mim, apontá-la como uma pesquisa que meramente se reduz a responder a uma pergunta implica a redução do seu potencial, uma vez que as pesquisas em História Oral costumam apresentar temas abrangentes, os quais não devem ser condicionados a uma pergunta, pois isso seria até uma forma de analisar o depoente: para responder a uma pergunta, temos que entrar no depoimento dos entrevistados e julgá-los, ou seja, o pesquisador não consegue fugir da análise do discurso dos participantes.

Nesse sentido, vale lembrar que a análise não é o mais importante nos trabalhos de História Oral, pois, quando entramos em contato com a história dessas vidas, torna-se antiético analisá-las. Entretanto, outro pesquisador pode apropriar-se dos depoimentos e, então, analisá-los. Com isso, enfatizo que a História Oral foge dos moldes fenomenológicos segundo os quais se deve responder a uma pergunta e analisar o depoimento.

Contudo, assim como Meyer (2000), considero que os silêncios, os esquecimentos, os desaparecidos, as vozes, as imagens e os gestos, que têm personalidade e força próprias constituem um acervo importante para se escrever a história dos séculos XX e XXI, a partir do presente.

Nesse sentido, esperamos ainda viver uma época em que, assim como disse Portelli (2000), não fiquemos convencidos de que os derrotados (representados, neste estudo, pelos alunos fracassados em Matemática, pelos relacionamentos mal sucedidos entre a escola e a família, pelo conservadorismo encontrado nas práticas de sala de aula de Matemática, pela desvalorização das escolas públicas, pelos professores mal remunerados, entre outros) irão permanecer derrotados para sempre. E assim, se optarmos pela História Oral como forma de privilegiar a classe discriminada e derrotada do nosso país, esperamos que, como historiadores, possamos proporcionar um melhor entendimento da estrutura, no caso desta pesquisa, social e educacional do presente e oferecer subsídios para uma crítica às “noções de senso comum” da realidade apresentada pelos nossos participantes.

Referências Bibliográficas

ANSART, P. História e Memória dos Ressentimentos. In: Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível/ Organizadoras: Stella Bresciani e Márcia Naxara. – Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001.

ARIÉS, P. A família. In: História social da criança e da família. Rio de Janeiro, LTC, p.195-271, 1981.

ARIÉS, P. A vida escolástica. In: História social da criança e da família. Rio de Janeiro, LTC, p.165-194, 1981.

ARIÉS, P. Uma Nova Educação do Olhar. In: História e Nova História, 3ª ed. Ed.Brasiliense, Trad. Carlos da Veiga Ferreira. 1980.

ARROYO, M.G. Fracasso-Sucesso: O Peso Da Cultura Escolar E Do Ordenamento Da Educação Básica. In: Para além do fracasso. Orgs. Anete Abramowicz e Jaqueline Moll. Campinas, SP: Papirus, 1997.

BALDINO, R.R. CARRERA, A.C.S. Manifesto sobre o cotidiano da escolaridade brasileira. in Formação do Educador: avaliação institucional, ensino e aprendizagem, V.4/ organizadores Maria Aparecida Viggiane Bicudo, Celestino Alves da Silva Júnior.- São Paulo: Editora UNESP, 1999. –(Seminários & Debates)

BARALDI, I.M. Retraços da Educação Matemática na Região De Bauru (SP): uma história em construção. 2003. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Rio Claro - Unesp.

BENCINI, R. O passado que não está nos livros de História. Revista Nova Escola, Edição 167, Novembro, 2003.

BHERING, E.; SIRAJ-BLATCHFORD, I. A relação escola-pais: um modelo de trocas e colaboração. Cadernos de Pesquisa, n. ° 106, p. 191-216. 1999.

BOURDIEU, P. Escritos de Educação, 2ª Ed. Editora Vozes. 1999.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quartos ciclos do ensino fundamental: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, MEC/ESF, p.47-131. 1998.

BRESCIANI, S., NAXARA, M. Memora e (Res)sentimento: Indagações Sobre Uma Questão Sensível. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001.

CANDAU, V.M. Mudanças culturais e redefinição do escolar: Tensões e buscas. Contemporaneidade e Educação, n. ° 3, p. 14-26. 1998.

CARRAHER, T. N. CARRAHER, D. W. SCHLIEMANN, A.D. Na vida, dez; na escola zero: os contextos culturais da aprendizagem da matemática, Caderno de Pesquisa. São Paulo (42): 79-86, Agosto 1982.

CARVALHO, M. E. P. A família enquanto objeto de política educacional: crítica ao modelo americano de envolvimento dos pais na escola. ANPED/ 1998.

CARVALHO, M. E. P. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. Cadernos de Pesquisa, n. ° 110, p. 143-155. 2000.

DIMENSTEIN. G. A escola das cinzas. Folha, São Paulo, 3 Dezembro, 2003.

FONTANA e FREY, The Interview From Structured Questions to Negotiated Text. in Denzin, N. & Lincoln, I. Handbook of Qualitative Research, Second Edition. Londres: Sage Publications, 2000.

FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1979. [Organização e Tradução de Roberto Machado.]

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1987. [Tradução de Lígia M. Pondé Vassalo]

FRAIMAN, L.P. A importância da participação dos pais na educação escolar. São Paulo, 1997. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

GARNICA, A.V.M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. ZETETIKÊ, Cempem, FE –Unicamp, v.11, n.19 – Jan/Jun.2003.

GATTAZ, A.C, Braços da Resistência uma história oral da imigração espanhola. São Paulo: Xamã V. M. Editora e Gráfica LTDA, 1ª Ed.,1996.

GOLDENBERG, M., A arte de pesquisar - Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

GOMES, J. V. Socialização primária: tarefa familiar? Cadernos de pesquisa, nº 91, p. 54-61. 1994.

GUÉRIOS, E. C. Espaços Oficiais e Intersticiais da Formação Docente: histórias de um grupo de professores na área de Ciências e Matemática. 2002. Tese (Doutorando em Educação) – Faculdade de Educação – Unicamp - Campinas.

IMENES, L.M.P. Um estudo sobre o fracasso do ensino e da aprendizagem da matemática. Dissertação de Mestrado - Rio Claro: PGEM/Unesp, 1989.

JOUTARD, P. Desafios à História Oral do Século XXI. In: FERREIRA, M. M., FERNANDES, T. M., ALBERTI, V. (ORGS), História Oral: desafios para o século XXI, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz /Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC-FGV, 2000.

LUDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, A. M. Avaliação e fracasso: a produção coletiva da queixa escolar in Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas/ coordenação de Júlio Groppa Aquino. – São Paulo: Summus, 1997.

MARQUES, R. Envolvimento dos pais e sucesso educativo para todos. In: Davies, D. Os professores e suas famílias: a colaboração possível. Lisboa, Livros Horizonte, 1997.

MEIHY, J. C. S. B. Desafios da História Oral Latino Americana: o caso do Brasil. In: FERREIRA, M. M., FERNANDES, T. M., ALBERTI, V. (ORGS), História Oral: desafios para o século XXI, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz /Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC-FGV, 2000.

MEYER, E. Balanço e Novos Desafios. In: In: FERREIRA, M. M., FERNANDES, T. M., ALBERTI, V. (ORGS), História Oral: desafios para o século XXI, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz /Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC-FGV, 2000.

NEDER, G. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: Kaloustian, S. M. Família brasileira, a base de tudo. São Paulo, Cortez; Brasília, UNICEF, p.26-46, 1998.

OLIVEIRA, L.C.F. A escola e a família sob o olhar de seus agentes: um estudo das representações de pais e professores em uma escola cooperativa. São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, M.A. G. O ensino de álgebra elementar: depoimentos e reflexões daqueles que vêm fazendo sua história. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – Unicamp.

PATTO, M. H. S. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.- São Paulo: T. A Queiroz, reimpressão, 1993.

PATTO, M. H. S. O fracasso escolar como objeto de estudo: anotações sobre as características de um discurso. Cadernos de Pesquisa. São Paulo (65): 72-77, maio 1988.

PEREIRA, D.J.R. O Papel do Significante “Família” no Discurso sobre o Ensino e Aprendizagem da Matemática na Escola. Dissertação de Mestrado – Rio Claro: PGEM/Unesp,1999.

PEREIRA, L.M.L. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias in História Oral, 3, p.117-27, 2000.

PINTO, H.D.S.de.; As fontes do erro. In: Erro e Fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas. Coordenação de Julio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1997.

PORTELLI, A. Memória e Diálogo: Desafios da História Oral Para a Ideologia do Século XXI. In: Ferreira, M. M., Fernandes, T. M., Alberti, V. (orgs), História Oral: desafios para o século XXI, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz /Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC-FGV, 2000.

QUEIROZ, M.I.P. DEMARTINII, Z.B.F. CIPRIANI, R. MACIOTI, M. I. Experimentos com histórias de vida. Itália-Brasil/ organização e introdução Olga de Moraes von Simson. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

QUEIROZ, M.I.P. Relatos Oraís: Do “indizível” ao “Dizível”. In: SIMSON, O.M.V.de. (Org), Experimentos com histórias de vida. Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

REALI, A M. M. R.; Tancredi, R. M. S. P. O que os professores pensam sobre as famílias de seus alunos: um estudo sobre as interações estabelecidas em uma comunidade escolar. São Carlos, DME/UFSCar, 2000./ relatório de pesquisa não publicado.

RIBEIRO, M.N. Análise das relações entre família e escola na cidade de Porto Velho/Ro. São Paulo, 2000.

ROMANELLI, G. Escola e família de classes populares: notas par discussão. / não publicado/

SACRISTÁN, J. G. Currículo e Diversidade Cultural. In: Silva, T. T. Moreira, A. F. (Org.). Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis, Vozes, p. 82-113. 1995.

SILVA, P. Formação de professores, a relação escola-família e o sucesso educativo. In: Davies, D. Os professores e suas famílias: a colaboração possível. Lisboa, Livros Horizonte. p.77-92, 1997.

SILVERMAN, D. in Denzin, N. & Lincon, I. Handbook of Qualitative Research, Second Edition. Londres: Sage Publications, 2000.

SOUZA, A. C. C. de, O sujeito da Paisagem: Teias de Poder, Táticas e Estratégias em Educação Matemática e Educação Ambiental. 2004. (No prelo)

SOUZA, A.C.C.de.; SOUZA, G.L.D, de. Cotidiano e Memória. Teoria e Prática da Educação, Maringá: UEM, 2001, 4 (8), 63-72.

SOUZA, G.L. D. Três décadas de educação matemática: um Estudo de caso da Baixada Santista no período de 1953-1980. Dissertação de Mestrado – Rio Claro: PGEM/Unesp,1999.

SZYMANSKI, Heloísa. A relação família/escola: desafios e perspectivas. Brasília: Plano Editora, 95p, 2001.

TEIXEIRA, A.M.R. A sinfonia dos números: Maria Fialho Crusius – uma vida dedicada À Educação Matemática na UPF. 2000. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade de Passo Fundo.

THOMPSON, P. A Voz do Passado, História Oral, São Paulo: Paz e Terra AS, 1998, 2ª Ed. [Trad. Lólio Lourenço de Oliveira]

THOMSON, A. Aos Cinquenta Anos: Uma Perspectiva Internacional da História Oral. In: Ferreira, M. M., Fernandes, T. M., Alberti, V. (Orgs), História Oral: desafios para o século XXI, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz /Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC-FGV, 2000.

ZABALA, A. A função Social do ensino e a concepção sobre os processos de aprendizagem: instrumentos e análise. In: A prática Educativa: como ensinar. Porto Alegre, ARTMED, p.27-52, 1998.